

Nancy Pearcey

A Busca da Verdade

"O melhor de Nancy Pearcey – profundo, persuasivo, mas, mesmo assim, prático. Leia-o com o seu marcador de texto em mãos!"

Lee Strobel, autor *best-seller* pelo *New York Times*

O que as pessoas estão dizendo sobre...

A BUSCA DA VERDADE

"Nancy Pearcey conseguiu mais uma vez. Ela escreveu mais uma importante obra que examina a importância dos pressupostos de visão de mundo. Eu gostaria que Nancy fosse parte da minha equipe de investigação como detetive. Ela percebe; ela entende quão importantes nossas crenças fundamentais são para qualquer investigação. O Princípio 5, por exemplo, descreve perfeitamente minha vida como ateu. Se eu tivesse lido este livro quando jovem, acho que teria sido desafiado a reexaminar meus pontos de vista muito mais cedo. O trabalho de Nancy tem sido importante para o meu crescimento como cristão, e seu mais recente livro ajudará aqueles que buscam compreender a importância da visão de mundo, ao mesmo tempo que ajuda os crentes a crescerem em autoconfiança."

J. Warner Wallace, autor de *Cold-Case Christianity: A Homicide Detective Investigates the Claims of the Gospels*

"Nancy Pearcey desmantela intelectualmente humanismo, ateísmo, reducionismo e todos os outros ismos que se levantam contra o conhecimento de nosso Senhor. A falha mais gritante de todos os ismos que Nancy aborda é que eles não oferecem nenhuma esperança. Seus argumentos, combinados com o Evangelho de Jesus, deixam todas as cosmovisões fora do Cristianismo sem pontos de sustentação."

Phil Robertson, *Duck Dynasty*

"O melhor de Nancy Pearcey – inteiramente profundo, persuasivo, mas, mesmo assim, prático. Leia-o com o seu marcador de texto em mãos!"

Lee Strobel, autor *best-seller* pelo *New York Times*

"Livro maravilhoso... Visões de mundo seculares tornaram-se o *fast-food* intelectual do nosso dia a dia – sabor agradável, mas nenhuma nutrição. Nancy Pearcey acende uma brilhante luz sobre as cosmovisões que competem com o Cristianismo e nos diz o que está errado com elas – quase tudo. Elas criam falsos ídolos. Levam ao desespero, ao despotismo e ao absurdo. Elas apagam Deus e reduzem o ser humano a um saco de proteínas. Elas não se encaixam com nossa experiência do que significa ser um ser humano. O livro de Pearcey deveria estar no kit de sobrevivência de todos os estudantes que estão indo para a faculdade. Quem me dera ter lido este livro em 1962."

John R. Erickson, autor da série *Hank the Cowdog*

"Este livro é fantástico! Vivemos em uma cultura assolada pelos dragões gêmeos do modernismo e pós-modernismo. Sob a inspiração de Romanos 1, Nancy Pearcey desenha uma espada e corta suas cabeças. Achei o trabalho de apologética de alto nível, mas totalmente legível para o homem comum."

Doug TenNapel, autor de *Tommysaurus Rex*, criador de *Earthworm Jim*

"Realmente um ótimo livro (...) Durante várias décadas, Nancy Pearcey tem sido para a igreja o que Francis Schaeffer foi para os crentes de seus dias: uma intelectual cultural que oferece críticas cuidadosas, atenciosas e bem pesquisadas, além de interações com as várias ideologias de visão de mundo que concorrem com o Cristianismo. *A busca da verdade* pode muito bem ser a melhor obra de Pearcey até hoje. É muito claramente escrita e vastamente abrangente. Com o objetivo de ajudar os cristãos a pensar criticamente sobre as teorias específicas que encontram na cultura ocidental, Pearcey extrai cinco princípios de Romanos 1, que ela usa para analisar várias cosmovisões existentes. Meu princípio favorito foi "Identificar o reducionismo do ídolo".

Toda pessoa que conheça visões de mundo contemporâneas reconhecerá que o reducionismo está no cerne dos rivais do Cristianismo. Recomendo insistentemente este delicioso livro e desejo que ele se espalhe por toda parte."

J. P. Moreland, professor de Filosofia na Universidade Biola

"Nancy Pearcey produziu outro vencedor. Aqui novamente encontramos o que passamos a esperar dela: legibilidade, pensamento claro, um faro afinado para citações notáveis, um grande respeito pela autoridade bíblica e uma paixão pelo engajamento cultural cristão."

Albert M. Wolters, autor de *Creation Regained*

"Pearcey conseguiu de novo. Quando um terço dos jovens está saindo da igreja por causa de dúvidas intelectuais, ela mostra como a verdade bíblica é mais *convincente* do que as demais cosmovisões, além de ser mais *atraente*. O evangelho é o maior amor por seres humanos. O evangelho é a chave que se encaixa na fechadura do universo."

Kelly Monroe Kullberg, autora de *Finding God Beyond Harvard*, fundadora de *The Veritas Forum*, fundadora e presidente de *The America Conservancy*

"Nancy Pearcey nos mostra que a apologética pode ser profunda *e* prática. Ela demonstra como a resistência a Cristo leva a uma única fonte: uma idolatria cognitiva que diviniza a criação e absolutiza as obras da mente humana. O resultado é uma variedade de esquemas redutores que falsificam os fatos, contradizem-se mutuamente e promovem duplicidade de ideias. Pearcey oferece não apenas um diagnóstico, mas uma cura: uma estratégia justa, respeitosa e *universalmente aplicável* para ajudar os incrédulos a enxergarem as

vantagens de uma cosmovisão bíblica. Todos aqueles que se preocupam com apologéticas eficazes e com evangelismo devem ler este livro."

Angus Menuge, PhD, presidente da Evangelical Philosophical Society, professor de Filosofia na Concordia University Wisconsin

"Este é um maravilhoso guia filosófico para os nossos alunos, para que possam levar a mensagem bíblica ao mundo, em vez de serem cativados pelos ídolos mentais seculares. Como Nancy bem observa, nossos semelhantes vivem com base em verdades que aprenderam com a revelação divina generalizada, mesmo que neguem totalmente a Deus. Por causa de seu conflito com o Criador, as pessoas são incuravelmente religiosas, mesmo que façam um substituto de Deus proveniente de alguma dimensão da boa criação divina. Este conflito interno do coração e da mente descrentes fornece o ponto de partida tanto para uma séria crítica da cosmovisão não cristã quanto uma porta aberta para apresentar o poder convincente das afirmações de verdades cristãs."

Thomas K. Johnson, conselheiro sênior da Comissão Teológica da Aliança Evangélica Mundial

"A professora Pearcey astutamente aplica a sabedoria filosófica de Romanos 1 a fim de refutar uma variedade de filosofias e religiões não cristãs. Para aqueles que procuram aterramento racional para a sua cosmovisão cristã, este livro é uma dádiva de Deus."

Douglas Groothuis, professor de Filosofia no Denver Seminary, autor de *Christian apologetics: a comprehensive case for biblical faith*

"Este livro maravilhosamente perspicaz ajuda os leitores a evitar tornarem-se 'intoxicados' com ídolos e falsas ideias. Os leitores deste trabalho serão

'domadores de leões' de muitas ideias, e o *reducionismo* é uma delas. E se precipitação e superficialidade foram as principais doenças do século 20, como disse Solzhenitsyn, então talvez o *reducionismo* seja um dos principais males no século 21. Neste volume, as pessoas são devidamente advertidas sobre as devastadoras consequências reducionistas da idolatria. Abstenções intelectuais não se aplicam."

David K. Naugle, professor na Dallas Baptist University, autor de *Worldview: the History of a Concept*

"O livro de Pearcey é uma ferramenta valiosa para expor os muitos ídolos que se mascaram como verdade. Ela dá aos leitores olhos para ver as cosmovisões não cristãs pelo lado de dentro, demonstrando que seus mais fortes defensores não podem viver com as implicações das ideias que transmitem – pelo menos não sem negar a vida como é vivida. O vasto intelecto de Pearcey e seu estilo de escrita claro e convincente fazem deste livro um decodificador de valor inestimável para os tempos em que vivemos."

Bill Wichterman, assistente especial do ex-presidente George W. Bush

"Um belo livro (...) O livro de Nancy Pearcey nos lembra de que visões de mundo são, em sua raiz, os compromissos do coração; assim, falsas visões de mundo ou filosofias de vida são exercícios de idolatria. Pearcey habilmente expõe as inconsistências e os fracassos de uma série de ídolos modernos e astutamente nos direciona para a luz e a verdade de Jesus Cristo, 'em quem estão escondidos todos os tesouros de sabedoria e conhecimento'."

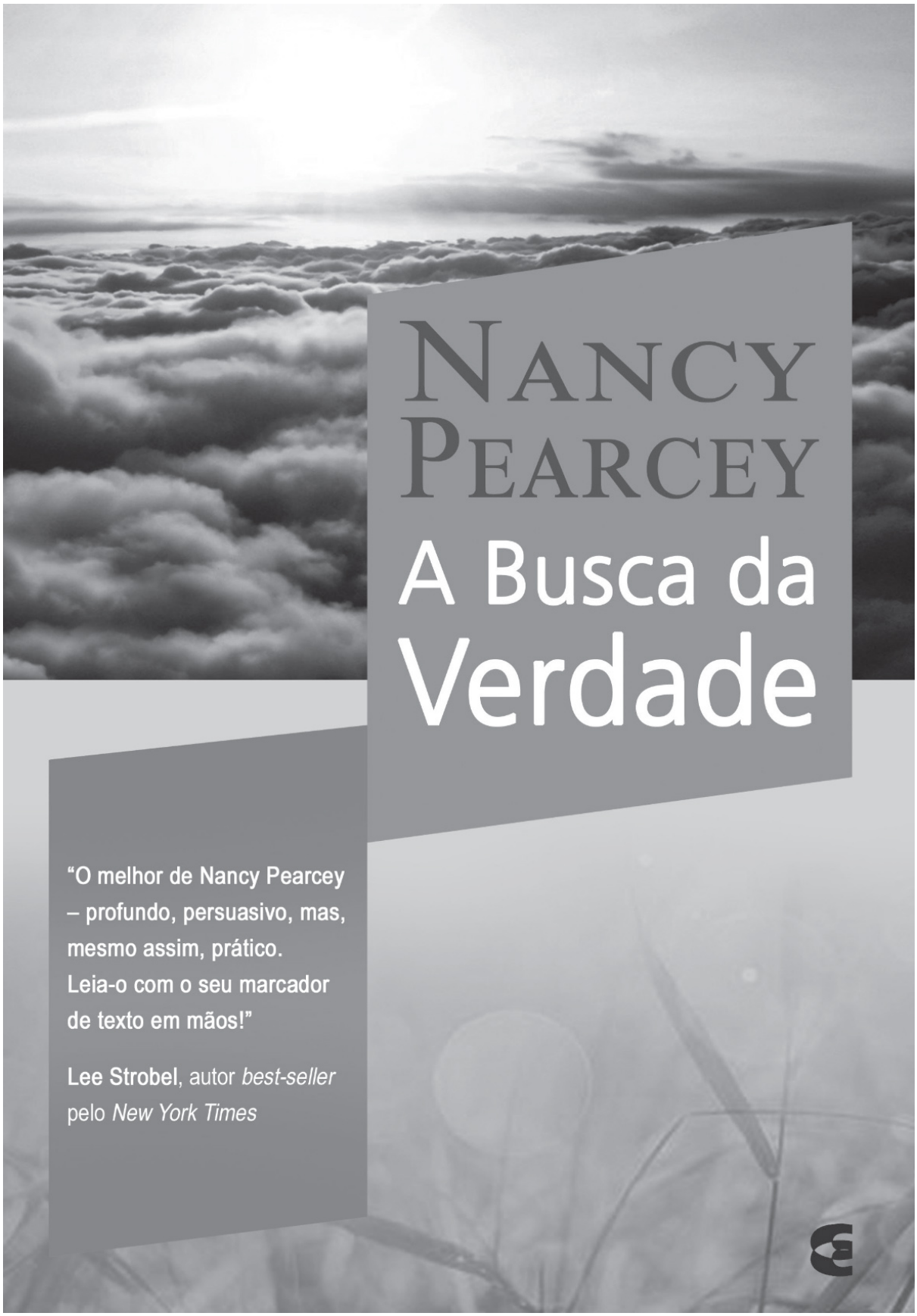
Paul Copan, professor e Pledger Family Chair de Filosofia e Ética na Palm Beach Atlantic University

"Maravilhoso (...) Nancy Pearcey tem a capacidade única de chegar ao cerne das coisas na discussão cultural. A penetrante crítica de Pearcey sobre os 'ídolos' da cosmovisão de nossa época é cheia de pedras preciosas. Melhor ainda, ela nos equipa com um plano de jogo fácil de ser seguido, para avaliarmos qualquer visão de mundo. Este é um daqueles livros que não só desafiam os críticos; ele também dá uma enorme dose de confiança para o cristão que vai pegar a si mesmo se afastando de suas páginas dizendo: 'meu Deus, este material realmente é verdadeiro'."

Gregory Koukl, presidente da Stand to Reason, autor de *Tatics: a Game Plan for Discussing Your Christian Convictions, and Relativism: feet Firmly Planted in Mid-Air*

"Fantástico! (...) Pearcey conseguiu novamente. *A busca da verdade* é um dos livros de apologética mais perspicazes que li nos últimos tempos. Ele traz uma crítica afiada da cultura secular e um guia útil para corrigi-la."

Sean McDowell, autor, palestrante e professor assistente de Apologética Cristã na Universidade Biola



NANCY PEARCEY

A Busca da Verdade

"O melhor de Nancy Pearcey – profundo, persuasivo, mas, mesmo assim, prático. Leia-o com o seu marcador de texto em mãos!"

Lee Strobel, autor *best-seller* pelo *New York Times*

A busca da verdade © 2018 Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado em inglês com o título *Finding Truth* © 2015 by Nancy Pearcey. Cook Communications Ministries, 4050 Lee Vance View, Colorado Springs, Colorado 80918 USA. Traduzido e publicado com permissão.

Conselho Editorial
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Hermisten Maia Pereira da Costa
Joel Theodoro da Fonseca Jr
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial
Tradução
Letícia Scotuzzi
Revisão
Vagner Barbosa Sandra Couto Wilton Lima Editoração
Fernando Simões Macedo
Editoração do e-book
Schäffer Editorial
Capa
Magno Paganelli

P359b

Pearcey, Nancy
A busca da verdade / Nancy Pearcey; traduzido por Letícia Scotuzzi. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2018

Tradução: *Finding Truth*
Recurso eletrônico (ePub)
ISBN 978-65-5989-009-5

1. Apologética 2. Cosmovisão I. Título

CDU 27-285.2

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.





EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fone: 0800-0141963 / (11) 3207-7099
www.editoraculturacrista.com.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

PREFÁCIO de J. Richard Pearcey

PARTE UM
"Perdi minha fé quando estava em uma faculdade evangélica"
Princípio 1 Identifique o ídolo
Princípio 2 Identifique o reducionismo do ídolo
Princípio 3 Teste o ídolo: ele contradiz o que sabemos sobre o mundo?
Princípio 4 Teste o ídolo: ele contradiz a si mesmo?
Princípio 5 Substitua o ídolo: faça uma defesa do Cristianismo

PARTE DOIS
Princípio 1 – Crepúsculo dos deuses
Princípio 2 – Como Nietzsche vence
Princípio 3 – Atos seculares de fé
Princípio 4 – Por que cosmovisões cometem suicídio
Princípio 5 – Ateus oportunistas

PARTE TRÊS
Como o pensamento crítico salva a fé

APÊNDICE – Romanos 1.1–2.16

AGRADECIMENTOS

GUIA DE ESTUDO

NOTAS

"Quase tudo aquilo que chamamos de História humana... [é] a longa e terrível história do homem tentando encontrar outro além de Deus para fazê-lo feliz."

C. S. Lewis, *Mere Christianity*

PREFÁCIO

Não é todo dia que um ateu confesso e um piedoso escritor de hinos concordam.

Primeiro, do famoso ateu Richard Dawkins: "A fé é o grande pretexto, a grande desculpa para fugir da necessidade de pensar e avaliar evidências. Fé é convicção apesar de, ou talvez até por causa da, ausência de evidências".

Segundo, estas palavras do compositor de um amado hino: "Você me pergunta como eu sei que ele vive? Ele vive dentro do meu coração". O pastor e músico Alfred Ackley escreveu o hino "Ele vive" quando desafiado pela pergunta: "Por que eu deveria adorar um judeu morto?". Sua resposta é que Jesus não está morto, mas é o Messias ressurreto. Como Ackley sabe? "Ele vive dentro do meu coração."

O que Dawkins condena Ackley aprova. Mas perceba: ambos, o ateu e o autor do hino, declaram que "fé" é uma questão de realidades internas.

Em contraste com essa definição internalizada de fé está o chamado libertador para "testar tudo" o que orienta a cosmovisão cristã e impulsiona o *A busca da verdade*. Nesta vibrante mentalidade, espera-se que as pessoas pensem por si mesmas, questionem autoridades, examinem evidências e se esforcem por obter respostas que fazem sentido em nosso mundo.

As palavras "teste tudo" estão na carta de Paulo à jovem igreja na cosmopolita cidade portuária de Tessalônica, na antiga Grécia (1Ts 5.21). O apóstolo exorta os cristãos a manterem uma distância crítica contra alegações de falar profeticamente por Deus. Afinal, qualquer um pode proclamar "Deus me deu uma visão", mas isso não torna o fato verdadeiro.

A posição humana, e a posição bíblica, é que os indivíduos não têm nenhuma obrigação de afirmar como verdadeiro algo que ainda não examinaram com precisão. Além disso, se, após um exame cuidadoso, uma afirmação for desmentida pela prova, deve ser rejeitada.

Não há alegações de verdades privilegiadas sob esta mobilização teísta da mente, e isso inclui uma afirmação tão central para o Cristianismo quanto o espaço-tempo da ressurreição de Jesus de Nazaré. "(...) se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé", diz 1Coríntios 15.17. Algumas pessoas podem hesitar em face do vínculo entre fato e comprometimento, mas a dinâmica visão de mundo estabelecida nos dados bíblicos abraça essa conexão.

Por exemplo, quando o cético discípulo Tomé recusou-se a concluir, independentemente de evidência empírica, que Jesus tinha ressuscitado fisicamente de entre os mortos, foi exatamente esse tipo de informação que lhe apresentaram (Jo 20.24-28). Tomé não foi persuadido a olhar para dentro, para o seu coração, mas a avaliar provas no mundo externo. Ele, então, fez um compromisso com base em fatos relevantes, não por causa de uma ausência de fatos e certamente não contra eles.

O mesmo realismo cabeça-dura é evidente em todo o registro das Escrituras. O Antigo Testamento relata, por exemplo, que, no êxodo do Egito, o povo hebreu foi conduzido por uma "coluna de nuvem" durante o dia e por uma "coluna de fogo" durante a noite (Êx 13.21-22). Estes eram fenômenos públicos visíveis a olho nu.

Quando os hebreus chegaram ao Mar Vermelho, atravessaram por terra seca em um ponto geográfico específico que, poucos momentos antes, estava profundamente sob a água. Este foi um evento milagroso que todo o povo de Israel observou e do qual todo o povo participou. O retorno da água, acabando com as tropas egípcias que os perseguiam, foi igualmente um evento aberto a observação (Êx 14).

No Monte Sinai, o povo de Israel viu os *flashes* de luz e ouviu os estrondos de trovões. Eles viram o fogo e ouviram seu crepitar; viram a fumaça e sentiram

seu cheiro também. Sentiram o tremor da montanha, um tremor que poderia ter sido medido por um sismógrafo moderno. Esse é o contexto empírico no qual os hebreus ouviram a voz audível de Deus enquanto ele transmitia os Dez Mandamentos a Moisés (Êx 19; Dt 4.9-13).

Observando agora os registros do Novo Testamento, os pastores de Belém foram capazes de verificar por si mesmos a real verdade física daquilo que anjos disseram sobre o nascimento de um bebê não muito longe dali – não apenas uma visão subjetiva, mas uma criança de carne e osso em uma manjedoura de verdade. "Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos", disseram eles. Depois, os pastores retornaram aos seus campos "glorificando e louvando a Deus." Por quê? Porque o que encontraram foi precisamente "como lhes fora anunciado" (Lc 2.15-20).

Quando João Batista estava na prisão e enfrentando pena de morte, ele enviou seguidores para perguntar se Jesus realmente era o Messias. A resposta de Jesus foi apresentar publicamente milagres observáveis que se alinhavam com os indicadores bíblicos previamente dados sobre como identificar o Messias que viria. "Anunciai a João o que estais ouvindo e vendo", disse Jesus. "Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres está sendo pregado o evangelho" (Mt 11.2-5). Por ter ocorrido em público, o *status* fatual de tudo isso podia ser confirmado por todos, amigos e inimigos.

Quando os líderes religiosos judeus ficaram indignados por Jesus reivindicar autoridade para perdoar pecados, ele não apelou para o "coração" ou fez uma simples afirmação de divindade. Em vez disso, ele forneceu provas físicas: "Para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse ao paralítico – Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. Então, ele se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos" (Mc 2.10-12).

Essas respostas robustas eram típicas de Jesus. Seu ministério foi uma obra pública de perguntas e respostas e dar e receber. Ele estabeleceu premissas que

podem ser consideradas e discutidas e convidou as pessoas a observarem milagres públicos que confirmam suas afirmações de maneira imediata.

É verdade que nem toda pessoa nos dias de Jesus teria observado cada milagre que ele fez, ouvido cada sermão enunciado ou encontrado Jesus de Nazaré fisicamente ressuscitado. No entanto, seja naqueles dias ou nos nossos, o somatório de suas ações e comunicados evidencia uma atitude de abertura ao exame, para que pessoas questionadoras sejam bem-vindas para explorar e investigar.

Foi nesse pano de fundo histórico que Paulo argumentou que os eventos nos quais se baseia a cosmovisão cristã não "se passaram em algum lugar escondido" (At 26.25-26). Pastores, reis, médicos e coletores de impostos, todos poderiam verificar os fatos que são fundamentais para a mensagem cristã. O que está sendo transmitido é uma descrição precisa da realidade, não um sistema de crenças sobre ela.

Esta orientação de realidade é o clima intelectual positivo no qual as premissas e eventos fundamentais do evangelho estão arraigados. É uma mentalidade em que as pessoas são libertas por verdades verificáveis para desafiar a tradição, questionar poderes e lutar por vida e cura contra a morte e a decadência.

Apesar dessa herança favorável, muitos de nossos contemporâneos encontram consolo no que Francis Schaeffer descreve como uma "fuga da razão". Eles aceitam a redefinição abafada da sociedade educada de que fé é algo totalmente privatizado – ou seja, um compromisso tão privado e tão pessoal que a avaliação e as provas são irrelevantes.

Este é um clamor distante do respeito holístico pela informação que caracteriza uma cosmovisão bíblica. Em parte alguma a Escritura encoraja a noção de que "fé" é o mesmo que compromisso apartado de evidências ou isolado da mente – a "ânsia de evitar conhecer o que é verdadeiro", como Friedrich Nietzsche menciona em sua obra *O Anticristo*.

Para refletir corretamente sobre a ênfase bíblica, devemos reconhecer que uma "fé" desmentida é justamente uma fé descartada. É uma fé inútil e, portanto, não vale a pena mantê-la. Mas este afiado desafio faz um corte de forma positiva também.

Nós também devemos dizer que a fé confirmada, ou melhor, uma *confiança* bem fundamentada, é de grande valia e pode ser abraçada de todo o coração. Na verdade, a palavra "confiança", em vez das agora privatizadas palavras "fé" ou "crença", capta melhor a compreensão de compromisso apresentada na Bíblia. A palavra grega no Novo Testamento muitas vezes traduzida como "crer" é mais precisamente representada por "confiar" (da palavra *pistis*, "confiança" ou "crença", enraizada na palavra *peitho*, "eu persuado"). A atitude bíblica é de persuasão, uma vontade de verificar e saber o que é verdadeiro e de reagir em conformidade com isso.

Mark Twain certa vez descreveu a fé como "acreditar no que você sabe que não é assim". Mas *essa* definição de fé "não é assim", pelo menos entre aqueles que trabalham sob a insistência bíblica de viver uma vida examinada.

Esta abordagem expressa um profundo respeito pelo ser humano como uma pessoa feita à imagem de um Deus cognoscível que afirma que a mente é boa e que compreende este mundo como uma legítima arena na qual avaliam-se as alegações de verdades.

Dentro deste cenário, *A busca da verdade* chega. Um chamado de princípios, oportuno e estratégico, para transcender a simples crença e a privatizada "fé", a fim de identificar a verdade que merece confiança. Você pode ser um estudante ou um trabalhador, um professor ou um funcionário público, um artista ou um cientista – todos que se envolverem com este livro encontrarão incentivo para pensar de forma humana e crítica sobre possíveis respostas a perguntas essenciais. Você será convidado a refletir sobre como o Cristianismo responde as grandes questões da vida de maneira incisiva, racional, e historicamente verificável. Verá como ele "supera todas as

cosmovisões concorrentes" e "satisfaz as maiores esperanças e os maiores ideais da humanidade", como afirma Nancy Pearcey neste livro.

A busca da verdade articula um conjunto de princípios estratégicos fundamentais pelos quais é possível avaliar a autenticidade de qualquer visão de mundo, onde quer que ela seja apresentada: numa sala de aula, no escritório, no jornal ou na rua. Neste livro você será equipado para examinar criticamente o secularismo e outros ídolos dos nossos dias, tendo em vista que já estão em desenvolvimento avançado nos campos da política, ciência, entretenimento ou religião.

Você também verá doutrinas de ateísmo e materialismo colocadas à prova, para avaliar se se sustentam sob pensamento crítico, e explorará crenças como o relativismo e o pós-modernismo, para ponderar se merecem a confiança informada do ser humano.

A vida das pessoas está em jogo. *A busca da verdade* argumenta que nenhuma visão de mundo secular explica adequadamente os fenômenos do homem e do cosmos – aquilo que sabemos da natureza humana e da natureza física – porque essas cosmovisões enxergam apenas uma fatia da realidade e então tentam guiar os seres humanos a medirem-se de acordo com essa estreita fatia e a viverem em conformidade com ela. Assim, materialistas negam a realidade da mente (enquanto usam sua mente para promover o materialismo), deterministas negam a realidade da escolha humana (enquanto escolhem o determinismo) e relativistas negam o fato de certo e errado (enquanto o julgam caso você discorde).

Essas teorias infelizes fazem mais mal do que bem. Elas rebaixam a mente e o raciocínio, a escolha e a liberdade, a verdade e os ideais morais. Então, inevitavelmente, as pessoas que colocam sua confiança em tais soluções começam a coordenar suas vidas de maneira desumana. Da mesma forma, as culturas dominadas por visões de mundo inadequadas começam a concretizar sociedades desumanas. Ideólogos podem promover seus ídolos sob bandeiras politicamente corretas de tolerância, diversidade e equidade, mas o impacto

real é de regresso, não progresso, de fragmentação, não de totalidade. As pessoas são esmagadas. O ser humano necessariamente se revolta contra deuses que falham.

Para muitos que estão caminhando através do século 21, perder a "fé" e dizer adeus a respostas vazias pode ser a chave para encontrar soluções confortáveis para as grandes questões da vida. *A busca da verdade* articula uma lógica e uma estratégia para avaliar criticamente as possíveis respostas para as grandes questões da vida e para buscar soluções que reconectem nossos desejos mais profundos com nossas maiores aspirações. Aqui está oferecida uma unidade humanizada de fato e significado, que pessoas de mentes abertas podem considerar e discutir, testar e analisar e, em seguida, concretizar com integridade pela vida toda. Isso é adeus à religião privatizada e olá para um Deus cognoscível e verificável. É confiança holística baseada em fatos da vida.

Um viajante sábio que sai do curso refaz seus passos para retornar ao caminho. Então, que não haja dúvida entre ateus, autores de hinos e outros sobre a jornada da vida: ser humano é escrever, compor, criar e sonhar. E também é pensar, testar e saber o porquê. Agora, em *A busca da verdade,* você tem um guia para ajudar a mostrar o caminho.

J. RICHARD PEARCEY
Editor e redator
The Pearcey Report
www.pearceyreport.com

* PARTE UM *

"PERDI MINHA FÉ QUANDO ESTAVA EM UMA FACULDADE EVANGÉLICA"

Certa vez, fui convidada para fazer uma apresentação no Capitólio sobre a aplicação dos princípios da cosmovisão cristã. Durante o período de perguntas, o público silenciou em surpresa quando um chefe de gabinete do Congresso se levantou e anunciou: "Eu perdi minha fé quando estava em uma faculdade evangélica".

Não em uma universidade secular, não em batalhas políticas no Capitólio – mas em uma respeitada faculdade evangélica.

Como isso aconteceu? Depois disso, procurei o chefe de gabinete para ouvir sua história. Bill Wichterman explicou que os professores de sua faculdade haviam ensinado as teorias predominantes em suas disciplinas – a maioria das quais eram seculares e, às vezes, explicitamente anticristãs. Todavia, pouco fizeram para oferecer uma perspectiva bíblica sobre o assunto.

Bill reuniu-se com vários de seus professores fora de sala de aula, sempre fazendo a mesma pergunta: "Como você relaciona sua fé com a sua disciplina acadêmica – com aquilo que ensina em sala de aula?" Tragicamente, nenhum deles pôde responder-lhe.

Por fim, Bill concluiu que o Cristianismo não *possuía* quaisquer respostas e decidiu abandoná-lo. "Fiquei triste por desistir da minha fé cristã", ele me disse. "Mas parecia não ter fundamento intelectual algum."

A história de Bill reflete um padrão que vemos com demasiada frequência hoje em dia. Quando jovens saem de casa, muitas vezes deixam para trás a religião em que foram ensinados também. No passado, muitos voltavam para o Cristianismo depois que se casavam e tinham filhos. Mas hoje, um crescente número está se afastando definitivamente.[1]

Existe esperança? Pode uma visão de mundo bíblica nos munir com os recursos para enfrentar o desafio, reverter o padrão e confiantemente estabelecer nossa posição em arena pública?

A resposta é um retumbante sim. *A busca da verdade* oferece uma estratégia nova e original para responder as questões levantadas pelos jovens – e por indagadores de todas as idades. Ele descompacta cinco poderosos princípios da Escritura que atingem diretamente o cerne de qualquer cosmovisão ou religião concorrente. Ele destaca as verdades vivificantes que todos desejam, mas só o Cristianismo pode dar.

Estude seu caminho de volta para Deus

Como é que a história de Bill acaba? Depois de se formar na faculdade, ele descobriu que há um campo chamado apologética, que emprega argumentos cristãos com lógica e raciocínio. Ele leu livros escritos por C. S. Lewis, Francis Schaeffer, Alvin Plantinga, William Lane Craig e muitos outros. Finalmente, foi convencido de que o Cristianismo possui, sim, recursos intelectuais para responder com êxito às concorrentes visões de mundo.

Ele me disse: "Meu caminho de volta a Deus foi pavimentado pelo estudo".

Minha história é semelhante à de Bill. Embora criada em uma família luterana, eu não conseguia obter respostas para as perguntas que borbulhavam em minha mente quando adolescente. No decorrer do ensino médio, abandonei completamente minha educação religiosa. Anos mais tarde, em um ministério chamado L'Abri, escondido em uma pequena aldeia nos Alpes

suíços, finalmente conheci pessoas que poderiam responder as minhas perguntas (conto a minha história no Princípio 5).

Meus próprios anos de pesquisa e luta como agnóstica me deixaram com uma intensa convicção de que os cristãos precisam levar questionamentos a sério. Eles precisam estar preparados para ajudar as pessoas a "estudarem seu caminho de volta para Deus".

A tarefa pode parecer assustadora. O tempo todo – desde a sala de aula ao local de trabalho e na internet – ideias contrárias ao Cristianismo estão clamando por nossa filiação. Aprender a responder ponderadamente a toda cosmovisão concorrente levaria uma vida inteira de estudo. E o que acontece quando nos deparamos com uma *nova* ideia? Temos de chegar a um novo argumento a cada vez? Ou é possível encontrar uma única linha de investigação que possamos aplicar universalmente a todas elas?

Essa foi uma pergunta com a qual pelejei por anos depois que me tornei cristã. O que eu descobri é que a própria Bíblia oferece uma poderosa estratégia para o pensamento crítico – cinco princípios que atingem a medula de qualquer visão de mundo. Ao dominar estes princípios, você estará equipado para responder a qualquer desafio – enquanto constitui fundamentos convincentes e atraentes para o Cristianismo.

Dê-me evidências

A passagem-chave é Romanos 1. Como o apóstolo Paulo estava escrevendo para uma congregação que não o tinha ouvido falar antes, ele apresenta a mensagem cristã de forma abrangente, adequada para um público que a escuta pela primeira vez. Na verdade, podemos pensar em Rm 1 como o manual de treinamento de apologética de Paulo. O texto fornece ferramentas eficazes para atribuir sentido a visões de mundo desde os tempos antigos até os nossos dias (se você não estiver familiarizado com Rm 1, pode querer folhear ali para frente, para o apêndice, e lê-lo primeiro).

Onde é que Paulo começa seu manual de treinamento? Seu primeiro ponto importante é que todas as pessoas – em todos os lugares e em todo tempo – têm acesso a provas da existência de Deus. Como? Através da ordem criada: "as coisas que foram criadas". Isso é chamado de revelação *geral* porque é evidência de que Deus está acessível a toda pessoa, inclusive àquelas que não possuem a Escritura escrita (a qual é chamada de revelação *especial*). Como o salmista escreve: "os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite" (Sl 19.1-2). Vamos começar com os versos em que Paulo explica o conceito de revelação geral:

Nós todos temos acesso a provas de Deus através da criação.

Romanos 1.19 – (...) o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou.
Romanos 1.20 – (...) os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas.

A afirmação de Paulo é que tanto a natureza física quanto a natureza humana fornecem evidências do Criador. "Toda a criação de Deus prega", como diz Jonathan Edwards.[2] Como a natureza física dá provas de Deus?

Pelo fato de a existência do universo não poder ser explicada unicamente como um produto de causas naturais. Isso é tão verdadeiro para nós quanto era para os leitores de Paulo, no século 1º. Vamos correr os olhos através de um levantamento rápido de algumas das áreas mais relevantes da pesquisa científica: a origem do universo e a origem da vida.

A origem do universo tem incrementado um enigma conhecido como o "problema da sintonia fina". As constantes físicas fundamentais do universo são perfeitamente equilibradas, como em um fio de navalha, para sustentar a

vida. Coisas como a força da gravidade, a força nuclear forte, a força nuclear fraca, a força eletromagnética, a razão entre a massa do próton e do elétron e muitos outros fatores têm precisamente o valor correto necessário para tornar a vida possível. Se qualquer um desses números críticos fosse alterado, mesmo que ligeiramente, o universo não poderia sustentar qualquer forma de vida. Por exemplo, se a força de gravidade fosse maior ou menor do que seu valor atual por apenas uma parte em 1060 (1 seguido de 60 zeros), o universo seria inabitável.[3]

Cosmólogos chamam isso de "dilema de Goldilocks" (cachinhos dourados): Por que esses valores numéricos são tão precisamente calibrados que não são nem altos demais nem baixos demais, mas exatamente corretos para sustentar a vida? Um artigo do *New York Times* diz: "Estes números misteriosos (...) são como os botões no console de controle de Deus e parecem quase milagrosamente ajustados para possibilitar a vida."[4]

O que torna o problema da sintonia fina tão intrigante é que não existe uma causa física que o explique. "Nada em toda a física explica por que seus princípios fundamentais devem conformar-se com tanta precisão à exigência da vida", diz o astrônomo George Greenstein. Na verdade, eles interagem de forma intrinsecamente coordenada para cumprir um objetivo ou propósito – que é a marca do padrão. Como o físico Paul Davies diz, "é quase como se um Grande Designer já tivesse tudo resolvido".[5]

Evidências extraídas da vida

A origem da vida é igualmente difícil de explicar por qualquer cenário naturalista. Cada célula do nosso corpo contém uma complexa mensagem codificada. Hoje, a origem da vida foi reformulada como a origem da informação biológica.

A parte central das informações explica por que os cientistas não conseguiram "criar vida dentro de um laboratório de química", diz Davies.

"A química trata de substâncias e de como elas reagem, enquanto a biologia apela a conceitos como informação" – o que claramente *não* é químico.

A informação genética pode ser descrita somente usando terminologia emprestada do mundo mental da linguagem e da comunicação: DNA é "um 'banco de dados' genético que contém 'instruções' sobre como construir um organismo. O 'código' genético tem de ser 'transcrito' e 'traduzido' antes que possa agir".

A analogia favorita dos biólogos para DNA é um computador: a própria molécula (a cadeia física de substâncias químicas) é o *hardware*. O DNA (a informação codificada) é o *software*. Na pesquisa da origem da vida, o foco está na construção do *hardware*. "As tentativas de síntese química focam exclusivamente no *hardware* – o substrato químico da vida", escreve Davies; elas "ignoram o *software* – o aspecto informacional".[6] Todavia, todo garoto de 12 anos de idade com um *laptop* sabe que construir um dispositivo eletrônico de cobre, plástico e silicone não tem nada a ver com escrever códigos para criar um programa de *software*.

A implicação surpreendente é que, mesmo que os cientistas obtivessem sucesso ao reunir todos os elementos químicos certos para conectarem-se e formarem uma molécula de DNA em um tubo de ensaio, *isso não contribuiria em nada para explicar de onde a informação genética codificada veio.*

Em toda a experiência humana (e a ciência deve ser baseada na experiência), a fonte de informação codificada é um agente inteligente. Portanto, é razoável inferir que um agente inteligente foi necessário na origem da vida.[7]

Mesmo assim, realmente não precisamos das mais recentes descobertas da ciência para reconhecer que uma mente é necessária para explicar o universo.

Em todas as épocas, as pessoas perceberam que um universo *inteligível* deve ser produto de *inteligência*. Na Roma antiga, os filósofos estoicos ofereceram um argumento do *design* inteligente que soa muito familiar aos ouvidos modernos.

No século 1º a.C., o grande orador romano Cícero escreveu: "Quando vemos algo movido por máquinas, como um modelo de planetário ou um relógio ou muitas outras coisas tais, não temos qualquer dúvida de que esses artifícios são obra da razão". Ele, então, tirou a conclusão lógica: "Quando, pois, vemos toda a extensão do céu movendo-se com revoluções de velocidade maravilhosa e (...) perfeita regularidade (...) como podemos duvidar de que tudo isso é efetuado não apenas pela razão, mas por uma razão que é transcendente e divina?"

Soando quase bíblico em sua linguagem, Cícero escreveu: "Você não vê a Divindade, mas (...) pela contemplação de suas obras, você é levado a reconhecer um Deus."[8]

Claramente, as pessoas na Antiguidade foram capazes de "ler" a mensagem da revelação geral na natureza. O tema de abertura em Romanos 1 é que toda pessoa pode concluir que a ordem criada é produto de um ser inteligente. As coisas criadas falam de Deus: "Por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo" (Sl 19.4).

Evidências extraídas da pessoalidade

Entretanto, ao falar de provas da criação, Paulo não se refere apenas à natureza física. Ele também se refere à natureza humana. Os seres humanos estão entre as coisas "que foram criadas" (Rm 1.20). Como escrevi sobre evidências da existência de Deus na natureza física em livros anteriores,[9] no restante deste livro me concentrarei na natureza humana.

Como é que os seres humanos constituem provas da existência de Deus?

Porque eles são agentes pessoais. Em terminologia filosófica, *pessoal* não significa caloroso e amigável. Um ser pessoal é um agente consciente com a capacidade de pensar, sentir, escolher e agir – em contraste com um princípio inconsciente ou substância que opera por forças cegas e automáticas (como as forças da natureza).[10] A existência de seres pessoais constitui uma prova de que eles foram criados por um Deus pessoal, não por qualquer causa não pessoal.

Discutiremos os detalhes desse argumento em capítulos posteriores, mas a essência é clara: uma vez que os seres humanos são capazes de saber, a primeira causa que os produziu deve ter uma mente. Uma vez que os seres humanos são capazes de escolher, a primeira causa deve ter uma vontade. E assim por diante. O filósofo Étienne Gilson capta perfeitamente o argumento: porque um ser humano é uma *pessoa* e não uma *coisa*, a fonte da vida humana deve ser também uma *Pessoa*.[11]

Muitos escritores da Bíblia usam o mesmo raciocínio quando falam contra a idolatria. Seu argumento implícito é que, apesar das aparências externas, um ídolo é uma *coisa*, não uma *pessoa.* "Têm boca e não falam; têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram" (Sl 115.5-6). Sendo assim, ídolos não podem ser a origem de seres que *sim*, falam, veem e ouvem. O profeta Jeremias diz ironicamente: eles "dizem a um pedaço de madeira: Tu és meu pai; e à pedra: Tu me geraste" (Jr 2.27).

É o cúmulo da falta de lógica pensar que os seres humanos se originaram a partir de qualquer coisa com funcionalidade menor do que si mesmos – a partir de algo que não seja uma Pessoa.

Às vezes se diz que uma mente capaz de formar um argumento *contra* a existência de Deus constitui uma prova *da sua* existência. Ou seja, um ser consciente com a capacidade de raciocinar, pesar evidências e argumentar logicamente deve vir de uma fonte que tem pelo menos o mesmo nível de capacidade cognitiva. "O que fez o ouvido, acaso, não ouvirá? E o que formou os olhos será que não enxerga?" (Sl 94.9). A causa deve ser capaz de produzir o efeito. A água não sobe acima de sua fonte.

Os filhos dos ateus e seu Deus

A revelação geral se enquadra na categoria de *graça comum*, as bênçãos que Deus concede a todas as pessoas, independentemente da sua condição espiritual (em contraste com *graça especial*, as bênçãos da salvação). O conceito de graça comum é derivado das palavras de Jesus dizendo que Deus "faz nascer

o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos" (Mt 5.45). A graça comum funciona como um testemunho constante da bondade de Deus. Quando Paulo pregou para um público de gentios em uma área que hoje é a Turquia, ele usou um argumento da graça comum: Deus "não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria" (At 14.17). A regularidade da ordem natural permite que os seres humanos produzam alimentos, criem famílias, inventem tecnologias e mantenham algum nível de ordem cultural e cívica. Todos os esforços humanos dependem da graça comum de Deus.

O resultado é que os humanos são cercados por evidências de Deus, simplesmente porque somos todos feitos à imagem de Deus, vivemos no universo de Deus e somos sustentados pela graça comum de Deus. "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas" (Rm 11.36).

Isso pode explicar por que crianças pequenas de todas as culturas têm um conceito de Deus. O psicólogo Paul Bloom, da Universidade de Yale, relata que "quando as crianças são diretamente questionadas sobre a origem dos animais e das pessoas, elas tendem a preferir explicações que envolvem um criador intencional, mesmo que os adultos que as criam não o façam".[12]

Em outras palavras, as crianças tendem a manter um conceito de Deus, mesmo que seus pais sejam ateus.

O psicólogo Justin Barrett, da Universidade de Oxford, relata resultados semelhantes. Evidências científicas têm demonstrado que "embutido no desenvolvimento natural da mente das crianças [está] uma predisposição para ver o mundo natural como projetado e proposital e que algum tipo de ser inteligente está por trás desse propósito". Mesmo que um grupo de crianças fosse colocado "em uma ilha e se criasse sozinho", Barrett acrescenta, "eu creio que elas acreditariam em Deus".[13] Parece ser necessário retirar de nós o conhecimento de Deus, através das escolas e mídias seculares.

Suprimindo a evidência

Essas descobertas da psicologia podem lançar nova luz sobre o que Jesus quis dizer quando exortou seus seguidores a "tornarem-se como crianças" para entrar no reino de Deus (Mt 18.3). Calvino ensinou que todas as pessoas têm um senso inato do divino (*sensus divinitatis*). Todavia, se a revelação geral incide sobre toda a consciência humana, por que nem todas as pessoas reconhecem a Deus? Qual é a resposta de Paulo? Ele diz que nós "detemos a verdade" ensinada pela revelação geral. Vamos ressaltar os versos que mostram como Paulo desenvolve o próximo ponto em seu argumento:

Todos nós suprimimos a evidência de Deus, desde a criação.

Romanos 1.18 – homens que detêm a verdade.
Romanos 1.21 – (...) tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças;
Romanos 1.28 – por haverem desprezado o conhecimento de Deus,

Por que as pessoas suprimem a evidência de Deus? O Deus descrito na Bíblia vai contra as atuais noções populares de espiritualidade. Muitas pessoas podem ser receptivas à ideia de uma força espiritual não pessoal que possam aproveitar. Elas podem estar dispostas a considerar um grande tanque panteísta de espiritualidade, do qual fazem parte, mas ficam muito menos confortáveis com o conceito de um Deus vivo, ativo e pessoal, que as conhece, quer interagir com elas e tem sua própria opinião sobre o que estão fazendo com suas vidas.

Deparar-se com este Deus pode ser como tropeçar no escuro contra algo morno e irregular, apenas para descobrir que esbarrou em outra pessoa que você não sabia que estava lá. Você pode ficar surpreso e talvez um pouco assustado. C. S. Lewis tece uma bela colocação. "Chega um momento em que as crianças que estavam brincando silenciam-se de repente: isso foi mesmo o

som de passos no corredor? Chega um momento em que as pessoas que foram se meter em religião ("a busca do homem por Deus!"), recuam de repente. Será que realmente o encontramos? (...) Ou, pior ainda, será que ele nos encontrou?"[14]

Suponha que o que você pensou ser uma força espiritual não pessoal, que seguramente poderia ser tratada como um objeto inanimado, acaba sendo uma pessoa transcendente – com uma exigência moral legítima para a sua vida. O que as pessoas fazem quando ouvem os passos do verdadeiro Deus?

Sua primeira reação, diz Paulo, é medo e negação. Elas "detêm a verdade" (Rm 1.18).

O conceito de negação ou supressão é considerado uma das descobertas mais marcantes da psicologia moderna. Pesquisas concluíram que os seres humanos tendem a suprimir pensamentos que são dolorosos, perturbadores ou traumáticos. Hoje, casualmente utilizamos o popular jargão da psicologia, "você está em negação", para significar que alguém está se recusando a admitir um problema ou a enfrentar um fato desagradável.[15]

No entanto, a ideia de que as pessoas frequentemente abafam ou reprimem aquilo que sabem não é nada nova. A Bíblia a ensina muito antes do surgimento da psicologia moderna. Romanos 1 diz que humanos caídos e pecadores têm uma forte tendência a negar o que sabemos sobre Deus – ou o que deveríamos saber.

Cabo de guerra

Pode parecer incomum dizer que há coisas sobre Deus que nós "devemos" saber, como se fosse uma exigência moral. Todavia, em muitas situações, somos moralmente responsáveis por aquilo que sabemos. Se você é uma testemunha em um tribunal de justiça, deve jurar solenemente dizer tudo o que sabe –"toda a verdade"– sobre o crime. Se omitir algo, você mesmo pode ser acusado de um crime (obstrução da justiça).[16] Ou, se for preso, não poderá argumentar que não conhece a lei. Tribunais operam a partir do princípio de que a ignorância

da lei não é desculpa. Se tentar evitar a responsabilidade fechando os olhos para os fatos, você pode ser acusado de "cegueira deliberada". Por exemplo, pessoas detidas por transporte de drogas ilegais afirmando que não sabiam o que estava no pacote. Os juízes decidiram que o réu *deveria* saber e era responsável por descobrir.[17]

Nós aplicamos o mesmo princípio fora do tribunal. Se um aluno afirma que não sabia que seu dever de casa devia ser entregue na quinta-feira, isso não é desculpa. Era sua responsabilidade conhecer a data de entrega.

O campo da filosofia que aborda a natureza do conhecimento é chamado de epistemologia. Temos um dever epistêmico de reconhecer o que sabemos e conformar nossa vida a isso. Quando falhamos neste dever, cometemos um "pecado epistemológico".

Esses exemplos esclarecem o que Paulo diz em Romanos 1. No cerne da condição humana, poderíamos dizer, há um pecado epistemológico – a recusa em reconhecer o que pode ser conhecido a respeito de Deus e, então, em responder ou reagir de forma adequada: "Tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças" (Rm 1.21). Eles se envolveram em cegueira deliberada.

O grande drama da História é o cabo de guerra entre Deus e a humanidade.

Por um lado, Deus se aproxima da humanidade a fim de tornar-se conhecido.

Por outro, os humanos desesperadamente procuram evitar conhecê-lo. Nas palavras do teólogo Thomas K. Johnson, "podemos assumir a conta de Adão e Eva se escondendo de Deus atrás de um arbusto ou uma árvore como uma metáfora para a história da raça humana".[18]

Como os seres humanos se escondem

Como os seres humanos tentam se esconder de Deus?

Qual é o próximo ponto na dissecção que Paulo faz das motivações humanas?

Eles evitam Deus através da invenção de ídolos. Aqueles que rejeitam o Criador tentam encontrar um substituto de Deus na criação. Paulo destaca esta inerente dinâmica usando a palavra *mudaram*:

Todos nós criamos ídolos para tomar o lugar de Deus.

Romanos 1.23 – (...) mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.
Romanos 1.25 – (...) mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador.

A decisão mais fundamental que todos nós enfrentamos ao longo da vida é o que vamos reconhecer como a realidade definitiva, a fonte sem causa e a causa da nossa existência. Todo o restante de nossa visão de mundo depende dessa decisão inicial. A Bíblia fala dessa escolha fundamental em termos de a quem ou ao que nós adoramos. Todos nós devemos responder o desafio que Josué fez aos israelitas quando estavam prontos para entrar na Terra Prometida: "Escolhei, hoje, a quem sirvais" (Js 24.15).

Os Dez Mandamentos também começam abordando a questão da adoração: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êx 20.3). Por que este mandamento é o primeiro? Porque todos os demais mandamentos dependem dele. Eles explicam o que *significa* adorar o Deus bíblico, vivendo sua verdade por toda a vida. Os mandamentos soletram o tipo de pessoa que nos tornamos quando estamos em um relacionamento com Deus.

Certa vez, um professor ateu me disse que a Bíblia ensina politeísmo, porque o primeiro mandamento fala de "outros deuses". Ele disse que o Deus bíblico só queria ser o deus máximo sobre uma panóplia de outras divindades. Mas a frase hebraica *diante de mim* significa, na verdade, *na minha presença*, ou

à *minha vista*. Deus está dizendo: "Mantenha seus ídolos fora da minha vista! Não traga seus deuses falsos à minha presença!"

O primeiro mandamento pode parecer ultrapassado, se pensarmos em ídolos como estátuas de madeira ou pedra. Mas a Escritura trata o tema da idolatria muito mais sutilmente. Um ídolo é qualquer coisa que queremos mais do que a Deus, qualquer coisa em que confiamos mais do que em Deus, qualquer coisa em que buscamos maior satisfação do que em Deus.

A idolatria é, portanto, o pecado oculto que guia todos os demais pecados.

Por exemplo, por que mentimos? Porque tememos a desaprovação das pessoas mais do que queremos a aprovação de Deus. Ou porque valorizamos mais a nossa reputação do que o nosso relacionamento com Deus. Ou porque estamos tentando manipular alguém para nos dar algo que achamos que precisamos de mais do que de Deus. O pecado mais visível (a mentira) é impulsionado por uma virada invisível do nosso coração em direção a algo diferente de Deus como a fonte suprema de segurança e felicidade.

Isso explica por que, como diz o psicólogo David Powlison, "a idolatria é, de longe, o problema mais frequentemente discutido nas Escrituras".[19] No Antigo Testamento, o profeta Habacuque descreve um povo cujo ídolo é o seu poder militar, "cujo próprio poder é o seu deus". Pintando com palavras um vívido quadro do exército do inimigo como um "arrastão" por varrer sociedades inteiras, Habacuque diz que ele "oferece sacrifício à sua rede e queima incenso à sua varredoura" (Hc 1.11,16).

No Novo Testamento, Paulo trata a idolatria com a mesma percepção psicológica penetrante. Escrevendo para os membros da igreja em Éfeso, exorta-os a não serem sexualmente imorais, impuros, ou avarentos – e então adiciona o que pode parecer uma reviravolta surpreendente: Pois essa "pessoa é idólatra, adorando as coisas deste mundo" (Ef 5.5, tradução da autora). O pecado oculto sob os outros é a tendência de fazer das "coisas deste mundo" um ídolo. Nós pecamos porque queremos algo no mundo criado mais do que queremos o Criador.[20]

Quando boas dádivas são deuses falsos

Tendemos a associar ídolos a coisas que são proibidas ou intrinsecamente más. Mas coisas que são intrinsecamente boas também podem tornar-se ídolos – se permitirmos que assumam qualquer uma das funções de Deus em nossa vida. "Apenas a confiança e a fé do coração fazem tanto Deus quanto um ídolo", escreveu Martinho Lutero. "Aquilo em que o seu coração se apega e confia é, digo eu, realmente, o seu Deus." [21]

Certa vez, fui convidada para fazer uma apresentação a um grupo de artistas cristãos sobre como as artes têm muitas vezes funcionado como uma religião substituta. O poeta do século 19 Arthur Symons observou que a literatura tornou-se "uma espécie de religião, com todos os deveres e responsabilidades do ritual sagrado".[22] As artes são um bom dom de Deus, mas, como qualquer outra coisa boa, podem ser utilizadas como um substituto para Deus.

Depois, os artistas presentes na conferência começaram a revelar seus ídolos pessoais. Um disse: "Eu percebi que minha família era meu ídolo. Nós sempre dizíamos uns aos outros: 'a família é tudo.'" Outra contou: "Para mim, foi meu casamento; meu relacionamento com meu marido tinha se tornado a coisa mais importante na minha vida." Casamento e família são bons; são parte da criação original de Deus. Mas não são suficientes para fornecer o completo sentido e propósito de nossa vida.

Para algumas pessoas, a maior fonte de segurança e autoestima pode vir de realização profissional, atração sexual ou prazer físico. Escrevendo para a igreja de Filipos, Paulo descreve pessoas cuja mente está preocupada "com as coisas terrenas", cujo "deus é o ventre" (Fp 3.19). Elas são movidas por puro apetite físico, mesmo quando cobrem seus desejos sob um verniz de sofisticação.

João Calvino define idolatria como adorar "os presentes em lugar do próprio Doador".[23] A maneira de descobrir ídolos em sua vida é perguntar se qualquer dádiva tornou-se mais importante para você do que o Doador.

Ídolos têm consequências

Então aqui está o diagnóstico de Paulo sobre a condição humana até agora: Deus está constantemente se achegando a pessoas com evidências de sua existência através da revelação geral. Mas os seres humanos estão constantemente suprimindo essas verdades criando ídolos.

Este padrão de supressão cria uma tensão interna aguda. Por um lado, as pessoas estão conscientes da evidência do Deus bíblico da revelação geral. Porém, continuam com a criação de deuses substitutos, em uma tentativa desesperada de suprimir essas provas. Tomando emprestado um termo da psicologia, os humanos estão presos em dissonância cognitiva, o estresse mental de abrigar conceitos que contradizem uns aos outros.

Como Deus nos livra da armadilha? Ele responde de uma forma que talvez não esperamos: aumentando a tensão. Ele nos permite viver as consequências de nossos ídolos, a fim de intensificar a dissonância cognitiva – e, finalmente, nos pressionar ao ponto de tomar uma decisão. Nas palavras de Paulo, Deus "os entregou" para experimentarem as consequências de suas escolhas:

Deus entrega-nos às consequências de nossos ídolos – a uma disposição mental "reprovável".

Romanos 1.21 – (...) tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios.

Romanos 1.28 – (...) por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável.

Quais *são* as consequências de servir a ídolos? A resposta de Paulo começa com a vida interior: "Se tornaram nulos em seus próprios raciocínios"; "Deus os entregou a uma disposição mental reprovável" (Rm 1.21,28). A palavra grega para mente é *nous*, que possui um significado muito mais rico do que a palavra em português. Ela pode ser traduzida como razão, compreensão ou intuição intelectual (a mesma palavra está na raiz do termo grego para arrependimento, *metanoia*, que significa mudar de *nous* – não apenas a mente,

mas uma transformação de toda a pessoa). Os pais da igreja muitas vezes traduziram *nous* como a capacidade de avaliar e direcionar o curso da vida: "o olho da alma." Então não é nenhum grande exagero traduzir a palavra como visão de mundo, as convicções pelas quais direcionamos nossa vida.

Hoje em dia, a palavra *reprovável* tem uma conotação essencialmente moral, ou seja, mau ou degenerado. Mas, no original grego, a palavra significava dinheiro falso. Assim, uma visão de mundo reprovável é aquela que oferece um deus falso. Ela faz falsas promessas, dá respostas enganosas às questões da vida.[24]

No idioma original, este texto (Rm 1.28) contém um jogo de palavras fascinante. A palavra *desprezado* na primeira cláusula tem a mesma raiz de *reprovável*. O paralelo pode ser expresso assim: assim como as pessoas desprezam o conhecimento de Deus, Deus as entregou a uma cosmovisão desprezível. E uma visão de mundo molda não só os pensamentos, mas também as ações. "Eles seguiram ídolos sem valor, tornando-se eles próprios sem valor" (Jr 2.5 NVI). Veja como Paulo expressa a conexão:

Deus nos entrega às consequências de nossos ídolos – ao comportamento "desonroso".

Romanos 1.24 – Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si.
Romanos 1.26 – Os entregou Deus a paixões infames.
Romanos 1.28 – Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes.

Mais uma vez, a ligação é capturada pela palavra *trocaram*. Primeiro, Paulo diz que as pessoas "trocaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem" de coisas criadas (Rm 1.23; veja também Rm 1.25).[25]

Depois, Paulo mostra o que essa troca faz ao comportamento humano:

"As mulheres trocaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza", e os homens fizeram o mesmo (Rm 1.26-27). Nessa época em que Paulo estava escrevendo, tanto na cultura greco-romana quanto na cultura judaica helenística, "contrário à natureza" era uma frase padrão que se referia ao comportamento homossexual.[26]

Naquele tempo, o termo *natureza* não era utilizado da forma como as pessoas o empregam hoje, para significar comportamentos observados no mundo natural. Em vez disso, *natureza* significava comportamento que é normativo para a *natureza humana*: o comportamento que se encaixa na maneira como os humanos foram originalmente criados, que está de acordo com o propósito de Deus para a humanidade, que coincide com o padrão ideal do que significa ser plenamente humano.

Nesse sentido do termo, todo pecado é contrário à natureza humana, e Paulo passa a enumerar uma amostragem representativa: "[Eles estavam] cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia" (Rm 1.29-31). Todos esses comportamentos – e muito mais – são contrários ao que significa ser plenamente humano.

Nesse capítulo, Paulo relata uma análise altamente sensível da relação entre mente e comportamento. Ele descreve uma progressão clara e calamitosa: em primeiro lugar, "não o glorificaram (*honraram*) como Deus" (Rm 1.21). "Deus os entregou (...) para *desonrarem* seus corpos" (Rm 1.24).

"Deus os entregou a paixões infames (*desonrosas*)" (Rm 1.26). O princípio é que aqueles que desonram a Deus inevitavelmente desonram a si mesmos e aos outros. Para adaptar uma frase, ídolos têm consequências.

Cinco princípios estratégicos

Em Romanos 1, Paulo expôs um diagnóstico fascinante sobre ídolos.

Como podemos aplicar o que aprendemos para analisar cosmovisões? A partir do texto, podemos extrair cinco princípios estratégicos. Traduzido em termos modernos, esses princípios fornecem um plano de jogo básico para atribuir sentido a qualquer visão de mundo disponível – mesmo as ideias inovadoras do nosso tempo – e, em seguida, para elaborar uma defesa positiva e convincente para o Cristianismo. Vamos brevemente nos familiarizar com os cinco princípios. Depois, vamos explorá-los mais profundamente pelo decorrer do livro.

Princípio 1
Identifique o ídolo

Tendo em vista que todos os que rejeitam a Deus elegem um ídolo, este é o ponto estratégico para começar. Um ídolo é qualquer coisa na ordem criada que é colocado no lugar de Deus. Esta definição não só nos dá ferramentas para identificar nossos ídolos pessoais, como provê uma percepção sobre o mundo das ideias. Filosofias e cosmovisões também podem operar como deuses falsos.

Pense nisso desta maneira: por uma questão de pura lógica, qualquer explicação da vida deve ter um ponto de partida, deve traçar o universo de volta até algo que funcione como a realidade primordial, a causa autoexistente de todo o restante. Como Paulo diz em Romanos, se você rejeitar o Deus da Bíblia, irá deificar algo dentro da ordem criada. Aqueles que não honram ao Deus transcendente *além* do cosmos, devem divinizar algum poder ou princípio imanente que *pertence* ao cosmos.

E quanto à matéria? A matéria faz parte da ordem criada? Claro que sim.

Assim, a filosofia do materialismo qualifica-se como um ídolo. Ela alega que a matéria é a realidade máxima – a causa primária não criada de todo o restante. Ela nega a existência de qualquer coisa além do mundo material, como alma, espírito, mente ou Deus, e nos exorta a colocar nossa mente "nas

coisas terrenas", não nas coisas do alto (Cl 3.2). Novos ateus gostam de pensar em si mesmos como não crentes, mas acreditam piamente na matéria (ou na natureza) como sua religião substituta.

E quanto à razão? Ela pode ser um ídolo? Certamente. A filosofia do racionalismo coloca a razão humana em lugar de Deus como fonte e norma de toda a verdade. Albert Einstein uma vez descreveu a si mesmo como "um racionalista que crê". Ele resumiu seu credo dizendo: "eu creio no Deus de Spinoza", referindo-se a um filósofo que usou *Deus* apenas para se referir ao princípio de ordem racional dentro do universo.[27] O racionalismo se recusa a aceitar qualquer fonte de verdade *além* da razão humana, como informações comunicadas pelo Criador. É dogmático em adorar o ídolo da razão humana "autônoma" e "sem auxílio".

Isso explica por que a Bíblia não contrasta o Cristianismo com o ateísmo, mas sim com a idolatria. Os "escritores da Bíblia sempre se dirigem a seus leitores considerando que eles (os leitores) já acreditam em Deus ou em algum substituto de Deus", observa o filósofo Roy Clouser.[28] Os seres humanos têm uma tendência a buscar algum poder, princípio ou pessoa para atribuir sentido à vida e dar-lhe significado. E é *isso* que constitui sua verdadeira religião, quer usem linguagem teológica ou não.

Princípio 2
Identifique o reducionismo do ídolo

Romanos 1 nos diz que a idolatria leva a uma visão de mundo "reprovável", que abre portas para opressão, injustiça e todos os demais males listados no final do capítulo. Qual é a conexão entre os ídolos e o comportamento imoral?

A ligação é que os ídolos sempre levam a uma visão inferior da vida humana. A Bíblia ensina que os seres humanos são feitos à imagem de Deus. Quando uma cosmovisão troca o Criador por algo da criação, também trocará

uma visão elevada dos seres humanos feitos à imagem de Deus por uma visão menor dos seres humanos, feitos à imagem de algo da criação.

Podemos dizer que todo conceito de humanidade é criado à imagem de *algum* deus.

Para traduzir o argumento de Paulo em linguagem moderna, é preciso dominar um termo filosófico: *reducionismo*. Significa *reduzir* um fenômeno a partir de um nível mais elevado ou mais complexo da realidade a um menor, mais simples e menos complexo – geralmente, a fim de desmascará-lo ou desacreditá-lo.

Por exemplo, você provavelmente já ouviu alguém dizer que o Cristianismo não passa de uma igreja emotiva, ou que ideias nada são além do resultado de reações químicas em nosso cérebro, ou que os seres vivos podem ser explicados unicamente pela física e química.[29]

Tudo isso são formas de reducionismo.

Dizer que os ídolos sempre levam ao reducionismo, então, é outra maneira de dizer que eles levam a uma visão reduzida da vida humana. Você pode imaginar o reducionismo como alguém tentando enfiar o universo inteiro dentro de uma caixa. Quando alguma parte da criação é absolutizada, tudo é redefinido em seus termos. Os humanos são reformulados à sua imagem.[30]

Lembre-se de que, no materialismo, o ídolo é a matéria. Todo o resto é reduzido a objetos materiais produzidos por forças materiais. Qualquer coisa que não se encaixa na caixa materialista é rejeitada como uma ilusão, incluindo espírito, alma, vontade, mente e consciência. Podemos dizer que os humanos são redefinidos na imagem da matéria, são privados de suas qualidades exclusivamente humanas e reduzidos a máquinas bioquímicas, sem vontade livre, determinados por forças naturais.

Em contraste, uma cosmovisão bíblica começa com um Deus transcendente e, por isso, não é reducionista. Ela não tenta enfiar tudo em uma caixa definida por uma parte da criação. Em vez disso, o Cristianismo oferece uma visão elevada da pessoa humana, criada à imagem de uma pessoa

transcendente. Ele afirma todas as características que nos tornam plenamente humanos.

Princípio 3
Teste o ídolo: ele contradiz o que sabemos sobre o mundo?

Uma vez que tenhamos identificado o ídolo e seu reducionismo, estamos prontos para fazer a pergunta mais importante: essa visão de mundo é verdadeira? Ela se encaixa no que sabemos sobre o mundo?

Romanos 1 ensina que algumas coisas são cognoscíveis por todos – as verdades da revelação geral. Graças a isso, qualquer pretensão de verdade deve estar em sintonia com a revelação geral. Poderíamos dizer que o propósito de uma *visão de mundo* é explicar o que sabemos sobre o *mundo*. Se determinada visão de mundo contradiz o que sabemos sobre o mundo através da revelação geral, ela fracassa.

Podemos estar confiantes de que toda cosmovisão baseada em ídolos *irá* falhar. Por quê? Exatamente porque leva ao reducionismo. Se o reducionismo é como tentar colocar o universo inteiro em uma caixa, podemos dizer que, inevitavelmente, alguma coisa vai ficar fora da caixa. Uma caixa que diviniza uma *parte* da criação será sempre muito limitada para explicar o *todo*.

Qualquer coisa que não se encaixe na caixa será denegrida, desvalorizada ou descartada como irreal.

Pense novamente no exemplo do materialismo, uma vez que é o ponto de vista dominante na academia de hoje. Quando se reduz o ser humano a máquinas bioquímicas complexas, o que fica para fora da caixa? A vontade, o poder de escolha, a capacidade de tomar decisões. Tudo isso é descartado como ilusão. No entanto, na prática, não podemos viver sem fazer escolhas a partir do momento em que acordamos todas as manhãs. A vontade é parte da inegável e inevitável experiência humana – o que significa que é parte da

revelação geral. Portanto, a visão materialista da humanidade não reflete a realidade como nós a experimentamos.

Os próprios materialistas, por vezes, reconhecem o problema. Escrevendo no *New York Times*, o jornalista científico John Horgan relata que muitos neurocientistas rejeitam conceitos, como o de *vontade,* como um mito. Mas, surpreendentemente, Horgan conclui, quase desafiadoramente: "Independentemente do que meu intelecto decida, sou compelido a acreditar na vontade."[31]

Não importa o que diz a cosmovisão de qualquer pessoa, todos nós somos "compelidos a acreditar" nas verdades da revelação geral.

Outro exemplo é o filósofo John Searle, que abraça o materialismo, mas admite que não podemos viver por seus princípios. Em uma entrevista, ele explica que o materialismo retrata o universo como uma vasta máquina, na qual toda ação humana está determinada; porém, a experiência mostra que somos agentes capazes de tomar decisões. "Podemos *dizer* 'tudo bem, eu acredito no determinismo'", diz Searle, mas "a convicção de liberdade está construída em nossas experiências; não podemos simplesmente abandoná-la. Se tentássemos, *não conseguiríamos viver com isso*." E conclui: "*Não podemos abandonar* nossa convicção da nossa própria liberdade, mesmo que não haja nenhum motivo para isso."[32]

Nenhum motivo, isto é, dentro da própria filosofia materialista de Searle.

Ele está reconhecendo que a caixa da sua visão de mundo é muito pequena para explicar a realidade como *ele mesmo* a experimenta. Ele "não pode abandonar" sua convicção de liberdade. Ele "não consegue viver" com sua própria filosofia.

Searle está preso em dissonância cognitiva – o que sua visão de mundo diz a ele contradiz o que ele sabe a partir da revelação geral.

O que os materialistas fazem quando percebem que sua caixa de visão de mundo é pequena demais para comportar as provas? Eles suprimem a

evidência, assim como Paulo diz em Romanos 1. Eles não podem negar que o conceito de vontade está intrinsecamente inserido no pensamento humano.

O que eles *podem* fazer, no entanto, é reduzir esse conceito a uma ilusão.

Uma ficção útil.

Você pode pensar no reducionismo como uma estratégia de supressão.

Se um materialista reconhecesse a realidade do livre-arbítrio, isso geraria provas de que os humanos são seres pessoais, cuja origem deve ser um Ser pessoal. Portanto, os materialistas têm de suprimir as provas da revelação geral. Caso contrário, ela falsificaria sua visão de mundo.

Em algum momento, toda cosmovisão baseada em ídolos contradiz a realidade. Isso cria uma oportunidade para elaborarmos argumentos positivos para o Cristianismo, pois ele não é reducionista, não descarta partes importantes da experiência humana como ilusões, não cria uma lacuna ou dicotomia no pensamento, não leva à dissonância cognitiva. Em vez disso, o Cristianismo é totalmente verdadeiro – consistente, coerente e abrangente.

Ele pode ser vivido na cosmovisão real sem contradizer nossa mais básica experiência humana.

Princípio 4
Teste o ídolo: ele contradiz a si mesmo?

Visões de mundo centradas em ídolos não só deixam de corresponder ao mundo externo, mas também entram em colapso internamente. Elas são autorrefutáveis. O termo técnico é autorreferencialmente absurdo, o que significa que propõem um padrão para a verdade que elas próprias não conseguem atender.

Por exemplo, uma pessoa pode propor relativismo cultural, que afirma não existir uma verdade universal. Mas essa declaração em si já é uma afirmação universal. Assim ela se contradiz.

O argumento do absurdo autorreferencial é uma ferramenta padrão no arsenal de todo apologeta. Mas *por que* funciona? Novamente, a chave é o reducionismo. A visão de mundo reducionista conduz a uma visão inferior da humanidade – e, portanto, da mente humana. Ela reduz a razão humana a algo menor do que a razão. Todavia, a única maneira de qualquer cosmovisão poder debater seu *próprio* caso é usando a razão. Ao desacreditar a razão, debilita seu próprio ponto. É autodestrutivo.

Para ilustrar como o argumento funciona, vamos usar o exemplo do materialismo mais uma vez. O materialismo reduz o pensamento a processos bioquímicos do cérebro, semelhantes às reações químicas na digestão. Mas a digestão não é algo que pode ser verdadeiro ou falso. É apenas um fato biológico. Se o pensamento é reduzido a processos cerebrais, então nossas ideias também não são verdadeiras ou falsas. Mas, neste caso, como pode o materialista saber que o *materialismo* é verdadeiro? A filosofia é autorrefutável.

Uma vez mais, o Cristianismo oferece uma resposta melhor. Considerando que os seres humanos são feitos à imagem de Deus, a razão humana tem a grande honra de refletir a razão divina. Assim, o Cristianismo confirma a confiabilidade das capacidades cognitivas humanas (sem tornar-se racionalista, transformando a razão em um deus). Ele não é autorrefutável.

Ironicamente, então, adeptos de cosmovisões reducionistas têm de ignorar seu próprio reducionismo – pelo menos enquanto discutem seu argumento. Eles precisam tomar emprestada a alta consideração da razão do Cristianismo, a fim de fundamentar sua própria visão.

Princípio 5
Substitua o ídolo: faça uma defesa do Cristianismo

O passo final é propor uma alternativa bíblica para cosmovisões seculares e pagãs. Para criar uma abordagem que seja mais relevante para nossos dias, devemos partir exatamente daqueles pontos em que as demais visões de mundo

falham. Lembre-se do Princípio 3, no qual encontramos materialistas que reconhecem abertamente que "não podem viver" com as consequências de sua própria visão de mundo, que são "compelidos a acreditar" na vontade. Lembre-se do Princípio 4, em que aprendemos que adeptos de visões de mundo reducionistas não podem sequer confirmar suas próprias reivindicações, a menos que tomem emprestada do Cristianismo a alta visão que temos sobre mente humana.

Que poderosa imagem esta, de pessoas presas em dissonância cognitiva, esticando-se para agarrar verdades que suas próprias visões de mundo negam – verdades que somente uma cosmovisão bíblica suporta logicamente.

Neste princípio, exploraremos vários exemplos reais de pensadores seculares que "sugam" o que mais gostam do Cristianismo. Eles acham a cosmovisão bíblica tão atraente que continuam fazendo empréstimos dela (consciente ou inconscientemente). Ao admitir que não podem viver dentro de sua própria visão de mundo, mostram que estão com fome de respostas mais satisfatórias do as que seus ídolos lhes dão. E, por sugarem do Cristianismo, estão mostrando que precisam daquilo que só o Cristianismo pode oferecer.

Os cinco princípios derivados de Romanos 1 constroem um argumento poderoso para mostrar que as visões de mundo baseadas em ídolos falham em dar respostas adequadas para as perguntas básicas que todas as pessoas precisam responder. Ao mesmo tempo, os cinco princípios demonstram que o Cristianismo oferece respostas melhores – respostas que se encaixam no mundo real e são coerentes entre si. Porque uma cosmovisão bíblica começa com um Criador transcendente, ela não deifica qualquer coisa na criação.

Por isso, não é necessário entulhar tudo dentro de um conjunto limitado de categorias derivadas de uma parte da ordem cósmica. O Cristianismo nos liberta de qualquer reducionismo de negação à vida, que desonra e degrada a humanidade. Ele reafirma a grande honra dos seres humanos como pessoas completas, feitas à imagem de um Deus pessoal.

Não é surpresa que Paulo proclame que "não se envergonha" do evangelho (Rm 1.16). O Cristianismo detém maior poder explicativo do que qualquer outra cosmovisão ou religião. Ele se encaixa melhor nos dados da revelação geral, e isso leva a uma visão mais humana e libertadora da pessoa humana.

Na escola, no trabalho

Os cinco princípios do manual de treinamento de apologética de Paulo podem ser aplicados em sala de aula, no local de trabalho ou em conversas com os vizinhos, em um fim de tarde na calçada. Para dar-lhe a prática, no restante deste livro aplicaremos os princípios às filosofias mais difundidas de hoje.

Por exemplo, o materialismo não é exatamente uma única filosofia. É mais como uma família de teorias inter-relacionadas. Pense em como ela permeia apenas um campo: a psicologia. Conceituados pensadores, como Ivan Pavlov, Sigmund Freud, B. F. Skinner, Erich Fromm e Albert Ellis propuseram teorias bem diferentes. No entanto, todos estavam comprometidos com o materialismo e o ateísmo. Assim, quando revela as falhas no materialismo, você desacredita não apenas uma filosofia, mas uma família inteira de teorias materialistas.

Tendo em vista que as filosofias agrupam-se em famílias, aprender a analisá-las é mais fácil do que você poderia ter pensado antes de ler *A busca da verdade*.

Algumas famílias de visão de mundo são tão difundidas que vamos examiná-las mais de uma vez. Cada vez, porém, estaremos avançando para o próximo princípio estratégico e aprendendo uma nova habilidade. Este livro não é elaborado para ensinar os ensinamentos de várias visões de mundo.

Em vez disso, o objetivo é dominar as técnicas que lhe permitirão "cortar as pernas" de qualquer conjunto de ideias, usando as mais comuns cosmovisões apenas para ilustrar cada passo do caminho.

Mentes libertas

Aprender pensamento crítico é importante não só para falar com pessoas *de fora* da igreja, mas também para educar as pessoas em seu *interior*. Elas muitas vezes absorvem ideias da atmosfera cultural e, portanto, precisam de ajuda para libertar sua mente de suposições seculares.

No corredor de uma faculdade cristã onde eu ensinava, notei um estudante lendo um livro sobre o pós-modernismo. "O que você está aprendendo?" perguntei.

"Ele está me mostrando a mim mesmo!", disse o estudante. "Eu finalmente entendi por que penso da maneira que penso."[33] Ele tinha absorvido elementos do pós-modernismo sem nem saber.

Certa vez, uma mulher me enviou um *e-mail* dizendo que foi criada em um lar onde a regra era que os cristãos nunca devem se expor a formas não bíblicas de pensar. "Mas quando li seu livro *Total Truth*, descobri que tinha inconscientemente absorvido as ideias de pensadores seculares como Rousseau e Kant", escreveu ela. Como nunca havia estudado tais ideias, ela não tinha uma base crítica para reconhecê-las e rejeitá-las.

A lição é que os cristãos nunca devem tratar análise de ídolos como uma questão de abordar apenas o modo como as *outras pessoas* pensam. A Escritura não nos dá esse luxo. No original grego, não há quebras de capítulo; o primeiro capítulo de Romanos flui imediatamente para o segundo capítulo, no qual Paulo se volta para o leitor – a pessoa que possui a revelação escrita de Deus – e diz: "Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas" (Rm 2.1).

Em todo o decorrer de Romanos 1, parecia que Paulo estava dirigindo seu ensinamento a adoradores de ídolos pagãos. Mas agora, em um movimento surpresa, ele coloca seus leitores no mesmo nível dos pagãos. Ele até mesmo repete a mesma palavra citada em 1.20, "indesculpável."

A partir dessa ligação verbal, Paulo envolve todos sob a acusação de suprimir a verdade e de criar falsos deuses. Os cristãos não estão imunes. A

Escritura se dirige aos cristãos em versos como "fugi da idolatria" e "guardai-vos dos ídolos" (1Co 10.14; 1Jo 5.21). Devemos estar comprometidos a nos afastar de ídolos e nos aproximar de Deus como a suprema fonte de verdade em todas as áreas da vida. Para evitar nos conformar "com este século", devemos nos "transformar pela renovação da nossa mente" (Rm 12.2).

O maior objetivo de aprender uma estratégia apologética bíblica é amar a Deus "de todo o seu entendimento" (Lc 10.27). Quer você já seja um cristão ou esteja apenas começando a aprender sobre Deus, você pode ser surpreendido pela alegria quando descobrir que a verdade bíblica é brilhante e resistente o suficiente para ser "lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho" (Sl 119.105), iluminando todas as áreas da vida.

Vamos começar aperfeiçoando nossas habilidades de identificação dos ídolos do nosso tempo. Como podemos aprender a reconhecer os falsos deuses, especialmente quando estão escondidos sob rótulos seculares e são ensinados no sistema de educação secular?

* PARTE DOIS *

PRINCÍPIO 1
.....
CREPÚSCULO DOS DEUSES

Dylan não era o típico intelectual. No ensino médio, era um atleta.

Futebol, basquete, corrida – fosse qual fosse o esporte, Dylan estava em todos. Como capitão do time de futebol, recebeu o título de melhor jogador e foi cortejado pelas melhores faculdades. Espirituoso e extrovertido, era um líder nato.

Então, em seu último ano do ensino médio, a vida de Dylan sofreu uma reviravolta inesperada. Suas conquistas começaram a parecer vazias e ele se perguntava se não havia algo mais para esta vida. Através de um grupo Young Life [conhecido no Brasil como Alvo da Mocidade] e uma igreja local, ele ouviu o evangelho e tornou-se um cristão. Imediatamente, ele sabia que queria viver uma vida completamente entregue a Deus.

Mas quando começou a faculdade no ano seguinte, Dylan de repente achou-se em uma batalha feroz, com dúvidas e decepções.

Em suas aulas de ciência, o naturalismo darwinista foi assumido como dogma inquestionável. Em suas aulas de psicologia, a maioria das teorias – desde a psicanálise de Freud ao comportamentalismo de Skinner – promovia visões negativas do Cristianismo. Em uma aula de ciências humanas, o professor lhe disse que o Cristianismo era apenas uma "escolha de valores" –

algo que pode ser significativo para ele pessoalmente, mas não era objetivamente verdadeiro.

A igreja de Dylan havia lhe ensinado a mensagem básica do evangelho, mas não o tinha preparado para enfrentar os desafios que agora enfrentava em sala de aula. Não tinha lhe ensinado a "destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus" (2Co 10.4b-5a).

Dylan se juntou a um grupo evangélico do *campus*, mas, quando levantou algumas questões lá, os líderes essencialmente disseram: "Você tem a Bíblia; por que tem dúvidas?" Eles o encorajaram a redobrar seus esforços devocionais – orar mais, evangelizar mais, memorizar mais a Escritura. Porém, Dylan já era bem ativo no intenso programa de discipulado dali, mesmo morando e trabalhando com outros membros do grupo. Quando suas perguntas se recusaram a ser silenciadas, os líderes do grupo o acusaram de ser orgulhoso, de pensar muito, de ser demasiadamente intelectual.

"Tendo sido um atleta toda a minha vida, foi a primeira vez que alguém me acusou de ser um intelectual, um *nerd*", Dylan recordou mais tarde, com estupefação. Frustrado por não conseguir encontrar respostas, ele finalmente decidiu que o caminho intelectualmente honesto a seguir seria começar de novo e reconsiderar o Cristianismo da estaca zero. Ele embarcou em uma séria investigação de filosofia, teologia, ciência e crítica bíblica.

Durante a faculdade, Dylan viajou para a Europa para visitar o país onde nasceu e decidiu fazer um pequeno desvio até L'Abri, na Suíça. O "desvio" se transformou em uma visita prolongada. Lá, pela primeira vez, Dylan conheceu pessoas que não tinham medo de perguntas. Ele ouviu argumentos favoráveis ao Cristianismo que eram tanto intelectualmente persuasivos quanto praticamente viáveis. Depois de quase um ano de estudos e discussões com Francis Schaeffer e outros membros da equipe L'Abri, ele finalmente estava convencido de que uma cosmovisão cristã oferece, sim, ótimas respostas para as perguntas da vida.

Em vez de uma atitude escapista de *evitar* o mundo, refugiando-se em atividades puramente devocionais, Dylan descobriu que agora poderia *envolver* o mundo com confiança.

A devoção derrota a dúvida?

É um erro grave que pais, professores ou igrejas cristãs descartem dúvidas e perguntas dos jovens ou pensem que elas podem ser superadas apenas por cultivar uma vida devocional mais intensa. Por sermos criados à imagem de Deus, somos todos dotados de uma mente e um desejo natural de atribuir sentido à vida.

Minha experiência como adolescente foi tão desanimadora quanto a de Dylan. Percebi ser impossível encontrar adultos na igreja que levariam minhas perguntas a sério. Não ajudava o fato de eu ter longos cabelos loiros como os de Alice no País das Maravilhas. As pessoas constantemente me perguntavam se eu era uma líder de torcida.

Estereótipos como esses têm feito enormes danos, roubando dos jovens boas oportunidades de encontrarem respostas para suas perguntas. Atletas e líderes de torcida são tão intelectualmente curiosos quanto qualquer outra pessoa e precisam de fatos e razões da mesma forma. Todos os cristãos são convidados a "ter a mente de Cristo" (1Co 2.16).

Por sermos criados à imagem de Deus como seres racionais e responsáveis, todos nós temos uma filosofia – não necessariamente uma aprendida de um livro, mas uma visão global da vida pela qual atribuímos sentido ao mundo.

A visão bíblica da natureza humana sugere que somos "incapazes de manter opiniões puramente arbitrárias ou de tomar decisões totalmente sem princípios", escreve Albert Wolters. "Nós precisamos de algum credo para guiar nossas vidas, algum mapa pelo qual traçar nosso curso."[1]

Se levamos a sério o conceito da Bíblia sobre a pessoa humana, precisamos levar perguntas a sério.

Deixando adolescentes vulneráveis

Pesquisas recentes enfatizam quão importantes são as perguntas dos adolescentes. Em um estudo sociológico, eles foram questionados por que se afastaram da religião na qual foram criados. A questão foi aberta, sem respostas sugeridas. Quase um terço (32 por cento) disse que deixou a igreja por causa de dúvidas e perguntas. Os adolescentes disseram aos pesquisadores:

"Não fazia mais sentido algum"; "Algumas coisas são muito exageradas para eu acreditar"; "Eu penso cientificamente, e não há nenhuma prova real"; "Muitas perguntas que não podem ser respondidas.[2] "

Um estudo do grupo Barna trouxe resultados semelhantes. Em *You Lost Me: Why Young Christians Are Leavin g Church... and Rethinking Faith*, David Kinnaman relata que 36 por cento dos adultos jovens sentiram que não poderiam fazer "as mais urgentes perguntas da vida na igreja". Como resultado, 23 por cento disseram que tinham "significativas dúvidas intelectuais" sobre os ensinamentos cristãos.[3]

Na pluralista e multicultural sociedade de hoje, os adolescentes precisam navegar através de uma complexa rede de cosmovisões concorrentes e suas afirmações. Um estudo descobriu que a idade em que a maioria das pessoas deixa a igreja é durante os anos de ensino médio e universidade.[4] Mesmo assim, grupos de jovens da igreja raramente ensinam apologética, dando preferência a jogos e guloseimas. O objetivo parece ser o de projetar eventos que engrenem compromisso emocional, como se a pura intensidade da experiência fosse compensar as dúvidas intelectuais. Mas intensidade emocional não é suficiente para bloquear os questionamentos dos adolescentes. Se isso tem algum efeito, é o de levá-los a redefinir o Cristianismo em termos puramente emocionais – o que os deixa ainda mais vulneráveis quando finalmente enfrentarem suas questões.[5]

Se meus próprios alunos forem um bom parâmetro, adolescentes consideram táticas emocionais como manipuladoras de alguma forma. Eles sabem que é fácil fabricar um sentimento de pertencimento artificial utilizando

música alta, guerras de balões d'água e campeonatos de futebol. Mas eles também sabem que esses sentimentos escoam rapidamente. Como um estudante me disse: "o que eu ouço na minha igreja são, na sua maioria, mensagens para 'se sentir bem'. Mas eu não quero me sentir bem. Eu quero enfrentar questões difíceis."

Não é de se admirar que a revista *Christianity Today* tenha anunciado: "A apologética volta com tudo entre os jovens."[6]

Os pais estão justificadamente preocupados com os riscos envolvidos em expor seus filhos a perspectivas não bíblicas. Mas também há um risco na criação de filhos que pensam que a única forma como podem testar sua coragem e seu valor é rompendo com sua família e igreja. Cosmovisões concorrentes muitas vezes parecem mais atraentes quando adquirem o fascínio do proibido. A única maneira pela qual os adolescentes tornam-se verdadeiramente preparados para responder "a todo aquele que lhes pedir a razão" (1Pe 3.15) é lutando pessoalmente com as perguntas.

O perigo me foi apresentado quando conversei com uma mãe cristã que me disse: "Todas as respostas que precisamos estão na Bíblia. Nós não devemos ter de ler qualquer outra coisa." No próximo fôlego, ela confidenciou que seu filho tinha recentemente ido para a faculdade, onde prontamente se juntou a um grupo de Novo Ateísmo e rejeitou com veemência sua educação cristã. Essa mãe pensou que estava protegendo seu filho ao evitar discussões sobre dúvidas e dificuldades. Em vez disso, ela o deixara indefeso. Paulo adverte que Satanás pode ter "vantagem sobre nós", cristãos, caso ignorarmos "os desígnios" (2Co 2.11).

É muito melhor os jovens explorarem o fascinante mundo das ideias tendo os pais, professores e líderes da igreja como guias que podem dar-lhes as ferramentas para pensar criticamente e pensar bem. Como um dos meus alunos disse: "expor a mente a ideias é como expor o corpo a germes. É o caminho para criar imunidade".

Nunca se é muito jovem para começar. O filho de 8 anos de um amigo meu lhe perguntou: "Pai, pessoas com outras religiões acreditam que estão certas sobre seus deuses, e nós acreditamos que estamos certos sobre o nosso Deus.

Como é que sabemos quem está *realmente* certo?" Até mesmo as perguntas daqueles que estão no segundo ano da escola básica precisam ser levadas a sério.

Princípio 1
Identifique o ídolo

Por onde começamos? De acordo com Romanos 1, aqueles que rejeitam o Criador criarão um ídolo. Eles vão absolutizar algum poder ou elemento imanente dentro do cosmos, elevando-o a um princípio decisivo – um falso absoluto.[7] Ao avaliar uma visão de mundo, o primeiro passo é identificar seu ídolo. O que é configurado como um substituto de Deus?

Apesar da grande diversidade de religiões e filosofias, todas elas começam colocando algo criado no lugar de Deus. Em *Culture and the Death of God*, o crítico literário Terry Eagleton lista vários ídolos da idade moderna: racionalistas do Iluminismo fizeram um deus da razão; românticos deificaram a imaginação; nacionalistas idealizam a nação; marxistas oferecem uma versão econômica de pecado e salvação.

"Não acreditar em Deus é um assunto muito mais árduo do que se poderia imaginar", Eagleton conclui. Deus não pode ser rejeitado sem colocarmos outra coisa em seu lugar. A história da filosofia é, em grande parte, uma história da criação de substitutos para Deus.[8]

É uma história de invenção de ídolos.

Uma das maneiras mais eficazes para entender a História, então, é identificar os ídolos predominantes. Como Timothy Keller escreve: "cada personalidade, comunidade, forma de pensamento e cultura humana será baseada em alguma grande preocupação ou alguma máxima lealdade – seja a

Deus ou a algum substituto de Deus". Assim, "a melhor maneira de analisar culturas é identificando seus ídolos corporativos".[9]

Em seus ensinamentos sobre ídolos, a Escritura deu-nos a chave para abrir toda a história.

Esta é uma visão empolgante porque significa que a Escritura fornece ferramentas conceituais não só para as ideias que são normalmente rotuladas como "religiosas", mas também para as ideias rotuladas como "seculares".

No Antigo Testamento, Ezequiel chama-os de ídolos do coração (Ez 14.3).

Hoje, quando falamos do coração, queremos dizer as emoções. Mas, em hebraico, a palavra significa o eu mais profundo, incluindo a vontade, a mente, o caráter moral e o compromisso espiritual. "O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (1Sm 16.7).

No Novo Testamento, a palavra grega para coração (*kardia*) também significa o centro ou núcleo do ser de uma pessoa.[10] Portanto, ídolos do coração são as convicções que nos envolvem mais profundamente e dirigem o nosso comportamento.

Muitas vezes contrastamos "crentes" com "não crentes", mas isso pode ser enganoso. Todo mundo acredita em algo, no sentido de que deve adotar algum princípio como fundamentalmente verdadeiro. Os ateus muitas vezes não conseguem reconhecer que estão no mesmo barco que todos os outros.

Um mantra comum em *sites* ateus diz assim: "O ateísmo não é uma crença.

O ateísmo é simplesmente a ausência de uma crença em Deus ou deuses."

Mas isso é impossível de se pensar sem algum ponto de partida. Se você não começar com Deus, deve começar em algum outro ponto. Você deve propor alguma outra coisa como a realidade definitiva, eterna, incriada, que seja a causa e a fonte de todo o restante. A questão importante não é quais os pontos de partida são religiosos ou seculares, mas quais afirmações passam nos testes.

A vantagem de usar o termo bíblico ídolo é que ele nivela o campo de jogo. Pessoas seculares muitas vezes acusam os cristãos de ter "fé", enquanto afirmam

que elas mesmas baseiam suas convicções puramente em fatos e razão. Não é assim. Se você começar a cavar qualquer conjunto de ideias fundo o suficiente, a certa altura chegará a um ponto de partida fundamental – algo que é considerado como a realidade autoexistente da qual tudo depende.

Essa hipótese inicial não pode ser baseada em raciocínios anteriores porque, se fosse, você poderia perguntar onde *esse* raciocínio começa – e assim por diante, em uma regressão infinita. Em algum momento, todo sistema de pensamento precisa dizer: "Este é o meu ponto de partida". Não há nenhuma razão para que ele exista. Ele apenas "é".

Se as premissas iniciais não repousarem sobre razões, como podem ser testadas? Embora você não possa discutir *regressivamente*, às suas razões anteriores, você pode argumentar *adiante,* ao explicitar suas implicações e, então, testar essas implicações usando a lógica e a experiência. Esta é a estratégia que seguiremos por todo o restante de *A busca da verdade*. Ela comprovará ser extremamente eficaz, demonstrando que o Cristianismo supera todas as cosmovisões concorrentes.

Religião sem Deus

Outra vantagem de usar o termo ídolo é que ele evita uma espécie de intelectualismo seco, como se as pessoas escolhessem uma filosofia de vida do jeito que resolvem um enigma lógico. Quando as pessoas se comprometem com certa visão da realidade, passam a explicar tudo por meio dela. Ela serve para interpretar o universo, orientar suas decisões morais, dar significado e propósito à vida e desempenhar todas as outras funções normalmente associadas a uma religião.

Podemos até pensar em filosofias como religiões seculares. Isso pode parecer um paradoxo, mas faz sentido, uma vez que sabemos o significado genérico do termo *religião*. Qual é a única característica compartilhada por todas as religiões? Não é o que você provavelmente imagina.

Uma religião precisa afirmar a existência de um deus pessoal ou criador?

A maioria dos ocidentais diria que sim. Um amigo ateu argumentou certa vez em minha página do Facebook que "a religião é a crença numa divindade. Não havendo divindade, não há religião". Contudo, muitas crenças que classificamos como religiões não identificam o divino com um ser. Nas religiões panteístas, como o Hinduísmo, o conceito de divino não é um ser pessoal, mas uma substância ou essência espiritual não pessoal, não cognitiva – semelhante à energia, à eletricidade, ou à força, nos filmes de *Star Wars*.

Em suas formas populares, o panteísmo geralmente inclui a adoração de deuses e deusas locais. Mas o que os ocidentais costumam não entender é que esses deuses locais não são identificados com a realidade final. Eles são apenas seres nos quais a essência divina compartilhada por todos os seres humanos é mais altamente intensificada ou concentrada.

O Budismo vai ainda mais longe, referindo-se ao divino com termos como *o Vazio* ou *o Nada*. É por isso que, por mais estranho que possa parecer, o Budismo é, às vezes, chamado de uma religião ateísta, assim como o Taoísmo e o Confucionismo. Como um filósofo explica, os fundadores dessas religiões "não são os próprios deuses; eles não identificam nenhuma divindade, nenhuma revelação, nenhum Criador pessoal ou transcendente de qualquer tipo".[11]

Religião sem moralidade

Se uma divindade pessoal não é necessária para caracterizar uma religião, que dizer da moralidade? Mais uma vez, a resposta é não. Muitas religiões orientais são *a* morais. Elas ensinam que tudo deve ser aceito como partes do Um, do Todo – tanto o *yin* quanto o *yang*, tanto o bem quanto o mal. O objetivo é o equilíbrio ou a união dos opostos. Os rituais associados com essas religiões não visam alcançar a santidade, mas a iluminação: o reconhecimento de que tudo é igualmente parte do Todo.

Quando eu era estudante universitária durante os anticulturais anos de 1970, fiquei profundamente impressionada pelo romance de Hermann Hesse

chamado *Siddhartha*, sobre o filho de um brâmane que passa por uma busca da sabedoria espiritual. No final, ele descobre que "tudo o que existe é bom – a morte bem como a vida, o pecado bem como a santidade, a sabedoria bem como a loucura".[12] O panteísmo ensina que é um erro fazer qualquer distinção moral. Tudo se funde no Um. O resultado final, porém, é que você não consegue distinguir o bem do mal – o que significa que não tem base alguma para lutar contra o mal.[13]

O mesmo panteísmo é promovido nos dias de hoje em filmes como *Avatar*. No mítico planeta Pandora, toda a flora e a fauna são conectadas por uma vasta rede neural que funciona como uma espécie de inconsciente coletivo, personificada por uma deusa parecida com Gaia, chamada Eywa.

Relevantemente, Eywa é retratada como sendo além do bem e do mal. Um dos nativos diz: "Nossa grande mãe não toma partido. Ela protege apenas o equilíbrio da vida".

E quanto a religiões pagãs ou politeístas? Elas também são tipicamente amorais. Religiões politeístas podem exigir rituais para acalmar os deuses e garantir boa saúde e boas colheitas, mas muitas vezes não dizem nada sobre moralidade. A antropóloga Mary Douglas descobriu em sua pesquisa que não há "relação intrínseca entre a religião e a moralidade: povos primitivos podiam ser religiosos sem serem morais e morais sem serem religiosos".[14]

De fato, os deuses pagãos são, com frequência, abertamente imorais. Os deuses gregos e romanos eram propensos a ganância, adultério, brigas, ciúmes e engano. O filósofo Xenófanes reclamou que "Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses todos os [atos] que são de pessoas indignas e vergonhosas: roubar, cometer adultério e enganar uns aos outros". Agostinho repetiu a mesma crítica aos deuses pagãos: "O hábito deles é serem instigadores e instrutores nos vícios, não os seus vingadores".[15]

Algumas religiões até mesmo requerem que os adoradores se envolvam em rituais que são imorais, como a prostituição no templo ou o sacrifício de crianças. Na antiga Cartago, pais sacrificaram seus filhos em holocaustos aos

deuses. Arqueólogos descobriram túmulos contendo minúsculos ossos carbonizados de crianças enterradas sob lápides com inscrições agradecendo aos deuses que "ouviram a minha voz e me abençoaram".[16]

Então, todas as teologias pelo menos envolvem algum tipo de ritual de adoração? Não, de novo. Na Grécia antiga, os epicureus ensinavam que os deuses existem, mas não possuem nenhum interesse em assuntos humanos.

Eles não se importam se são temidos ou adorados. Aristóteles concebeu o Primeiro Motor como uma mente perfeita e imutável, que, portanto, só pensa sobre o que é perfeito e imutável – ou seja, em si. Ele não conhece nem se importa com o que os humanos fazem. Outras religiões que não praticam nenhum culto incluem o Hinduísmo brâmane e o Budismo theravada.

A busca pelo divino

Então existe *alguma* característica compartilhada por todas as religiões?

Surpreendentemente, apenas uma. De acordo com Clouser, o único aspecto compartilhado por todas as religiões é que reconhecem algo como divino – e usam essa palavra para significar a realidade eterna e autoexistente que é a origem de todo o restante. Obviamente, elas não concordam sobre *o que* se caracteriza como divino; concordam apenas que *algo* é divino. Nenhum outro fator é verdadeiramente universal entre as religiões.[17]

Como resultado, as religiões são muito mais como as filosofias do que pensa a maioria das pessoas. E as filosofias são muito parecidas com as religiões. Estruturalmente, ambas começam com um conjunto de postulados sobre o que é, verdadeiramente, real ou divino.

Pense no divino como tudo o que está mais no fundo, além ou atrás de todo o restante. Por exemplo, no politeísmo, os deuses e deusas pessoais não são a realidade definitiva, porque derivam de alguma substância primordial pré-existente – e *isso* é o que realmente age como o divino (mesmo que o termo não seja usado).

Por exemplo, na antiga mitologia grega, de onde vieram os deuses? A linha histórica essencial é que o universo começou como uma substância primordial divina chamada *caos* – um vazio ilimitado e indefinido. A partir deste estado inicial surgiram os primeiros deuses. A deusa da terra (Gaia) se relacionou com o deus do céu (Urano) para produzir os Titãs e, do acasalamento de dois Titãs, vieram os deuses do Monte Olimpo – Zeus, Apolo, Atena, Poseidon e todos os outros.[18]

Em nossos dias, é crucial para os cristãos compreender o paganismo não apenas por razões históricas. Em nações ocidentais, o paganismo está novamente crescendo em popularidade: wicca, druidismo, xamanismo e as religiões americanas nativas. Na Islândia, que se converteu ao Cristianismo no século 11, o "Heathenry" da era pré-cristã voltou a ser uma religião reconhecida nacionalmente. Na Grã-Bretanha, algumas escolas públicas agora ensinam paganismo em seus cursos de educação religiosa, incluindo "feitiçaria, druidismo e o culto aos deuses antigos, como Thor".[19] Apenas algumas semanas atrás, enquanto escrevo, uma mãe entrou em contato comigo, desesperada para saber como falar com seu filho que tinha se juntado a um grupo wicca.

A maioria das versões reavivadas do paganismo envolve alguma forma de panteísmo combinada com politeísmo, em que os deuses são considerados como aspectos ou emanações de um espírito universal da Terra. Consulte um típico *site* wiccano, por exemplo, e lerá textos como este: "A divindade se manifesta através de todos os seres vivos. A própria natureza é divina".[20] O ídolo no paganismo é a própria natureza, ou uma substância espiritual que interliga toda a natureza.

Os filósofos e seus deuses

Ao identificar o ídolo, chegamos ao núcleo de qualquer religião, seja antiga ou moderna. Também encontramos o cerne de qualquer filosofia. Os primeiros filósofos do Ocidente, os pré-socráticos, ignoraram os deuses do Olimpo e

voltaram para a substância primordial original – o que chamavam de *arché*, a fonte ou a primeira causa. Na época, quatro elementos eram reconhecidos (água, fogo, ar, terra), e muitos dos primeiros filósofos selecionaram um deles como o mais básico e, então, reduziram todo o mais a esse elemento único, para chegar a uma unidade fundamental.

Tales de Mileto observou que todos os seres vivos precisam de água e propôs que o princípio fundamental de origem, a *arché*, era a água. Heráclito observou que todas as coisas vivas geram calor e propôs que a *arché* era fogo.

Para Anaxímenes, a substância divina era o ar: "Ar é Deus". Outros foram além dos quatro elementos. Pitágoras descobriu que a ordem na natureza pode ser representada pela geometria e matemática e concluiu que a *arché* era o número: "Deus é número; número é Deus."[21]

Será que o conceito grego de *arché* cabe na definição bíblica de um ídolo? Claramente. Onde a Escritura afirma que "tudo subsiste" em Cristo (Cl 1.17), os primeiros filósofos procuraram identificar algum princípio imanente no cosmos que fornecesse uma unidade estrutural – que funcionasse como seu explicador definitivo. Embora rejeitassem os deuses do Olimpo, os pré-socráticos ainda mantinham um conceito do divino.

Os nomes mais conhecidos entre os filósofos gregos são Platão e Aristóteles. Eles ensinaram que o princípio formativo fundamental dentro do universo era o que chamavam de formas racionais. Você pode pensar em formas como ideias ou conceitos abstratos que tornam possível categorizar o mundo.

Ainda que exista uma grande variedade entre os cães domésticos, desde um Dogue Alemão até um pequeno Chihuahua, reconhecemos que pertencem à mesma categoria, porque se encaixam no conceito abstrato de "cão".

Platão ensinou que as formas existem em uma esfera ideal separada da matéria, ao passo que Aristóteles afirmou que elas são inerentes à matéria. No entanto, ambos conceberam as formas como eternas, incriadas, imutáveis, universais e autoexistentes. Será esta uma reivindicação de divindade?

Certamente. As formas foram invocadas para explicar a natureza das coisas – o motivo pelo qual as coisas são o que são. A natureza humana é a forma compartilhada por todos os seres humanos e é o que os torna humanos. A justiça é a forma compartilhada por todas as ações justas e é o que as torna justas.[22] As formas são o explicador final.

Ambos os filósofos até mesmo usaram a linguagem da divindade. Falando da esfera das formas, Aristóteles diz: "Aqui certamente deve ser o divino, e este deve ser o primeiro e mais dominante princípio [a *archê*]." Para Platão, a forma preeminente é a forma do bem; ver o bem envolve "uma conversão, uma reviravolta da alma" das trevas para a luz. O verdadeiro filósofo é a pessoa que contempla essa "ordem divina".[23]

Em Romanos 1, aprendemos que os ídolos resultam da divinização de algo imanente dentro da ordem cósmica. Essa descrição certamente se aplica às formas. Elas não são pessoais. E embora transcendam o mundo *material*, elas não transcendem a ordem cósmica como um todo. Como um teólogo explica, "a Forma do Bem de Platão não é divina" no sentido cristão; "é divina porque é a mais elevada estando *dentro* do cosmos". Aristóteles ainda definiu Deus como forma pura, o que significa que ele é uma coluna na forma/matéria dialética que constitui o cosmos.[24]

A igreja da física: ídolo da matéria

E as filosofias modernas? Será que se qualificam como ídolos, também?

A visão predominante entre os novos ateus, juntamente com grande parte do mundo acadêmico, é o materialismo científico. A realidade mais fundamental é a matéria – moléculas em movimento. O materialismo está comprometido com o dogma de que a física explica toda a química, a química explica toda a biologia e a biologia explica a mente humana, sem deixar nada para trás. Portanto, a física por si só explica a mente humana. A física é o explicador final.

Não surpreendentemente, essa visão é às vezes chamada de fisicalismo.

Um porta-voz preeminente é o biólogo E. O. Wilson, da Universidade de Harvard, que insiste que todos os fenômenos, "desde o nascimento de estrelas até o funcionamento das instituições sociais, são baseados em processos materiais que são, em última análise, redutíveis (...) às leis da física". O biólogo Jerry Coyne define o fisicalismo como "a visão de que todas as ciências são, *em princípio,* redutíveis às leis da física". Este ponto de vista, diz ele, "deve ser verdadeiro, a menos que você seja religioso".[25]

Mas esse ponto de vista é, em si mesmo, religioso? É uma reivindicação de divindade? Sem dúvida.

Alguns materialistas admitem isso. John Searle diz: "Há uma ideia de que o materialismo é a religião do nosso tempo". Um jornalista de ciências que escreve para o *The Scientist* é igualmente franco. Em um artigo sobre a origem da vida, ele diz: "Eu acredito que uma explicação material será encontrada, mas que a confiança vem da minha fé de que a ciência está preparada para a tarefa de explicar, em termos puramente materiais ou naturalistas, toda a história da vida." E conclui: "Minha fé é bem fundada, mas ainda é fé."

O credo materialista foi bem capturado pelo falecido filósofo Dallas Willard: "Existe uma realidade, o mundo natural, e a física é o seu profeta."[26]

A popular série de televisão *Cosmos* tornou-se a atual clássica expressão deste credo. Estreou com Carl Sagan entoando, em cadências litúrgicas: "O Cosmos é tudo o que existe, ou que já houve, ou que haverá." Quando a série foi reiniciada em 2014, com o Dr. Neil deGrasse Tyson como o novo apresentador, os fãs criaram uma página no Facebook para promover o que chamam de "Tysonismo", definido como "uma religião secular baseada na filosofia do astrofísico Dr. Neil deGrasse Tyson". A página está listada sob a categoria de "Igrejas/Organizações Religiosas".[27]

Como anteriormente vimos, o materialismo é, na verdade, um conjunto ou uma família de filosofias relacionadas. É uma religião, podemos dizer, com várias denominações. Por exemplo, quando aplicado à esfera econômica, o materialismo dá origem a teorias como o Marxismo. Quais são os passos

lógicos que levam do materialismo ao Marxismo, com o seu determinismo econômico? Tenha em mente que a natureza humana é sempre definida por sua relação com a realidade primordial. Se esta é a matéria, então os seres humanos são definidos pelo modo como se relacionam com a matéria. E como é que as pessoas se relacionam com a matéria? Elas fazem coisas a partir dela. Moldam e manipulam para fabricar os itens que precisam para sobreviver – roupas, casas, mesas, carros.

No Marxismo, as ferramentas que usamos para moldar a matéria são chamadas de "meios de produção". Assim, a história das civilizações depende de quem detém os meios de produção. A classe dominante mantém seu controle e protege seus interesses por meio da estruturação do restante da sociedade a seu favor – leis, política, moralidade, religião e assim por diante. Desta forma, as relações econômicas determinam tudo em uma sociedade. No Marxismo, as condições econômicas são o explicador final.[28]

Hume encontra os klingons: ídolo dos sentidos

Outro ídolo amplamente defendido hoje em dia é o empirismo, a alegação de que a única forma válida de conhecimento consiste em fatos empiricamente verificados. Talvez você não conheça muitas pessoas que dizem: "Oi, eu sou um empirista". Todavia, entre aqueles que já passaram pelo sistema de educação pública, muitos sustentam o empirismo como uma espécie de suposição não examinada. Eles presumem que só podemos realmente confiar em fatos empíricos – aquilo que podemos ver, sentir, pesar e medir. Eles relegam todo o restante ao reino da opinião pessoal ou preferência. Afinal de contas, conceitos morais e teológicos não podem ser colocados em um tubo de ensaio ou estudados sob um microscópio. Como resultado, o empirismo não considera esses conceitos nem próximos de verdade, mas os vê apenas como valores e preferências individuais.

O *enfant terrible* do empirismo foi o filósofo do século 18 David Hume, que declarou que, se um livro contiver qualquer coisa além de ciência empírica,

deve ser queimado. “Examine todos os livros sobre a prateleira da biblioteca, ele escreveu. Se abrangerem assuntos como metafísica ou teoria moral, condene-os às chamas! Pois não podem conter nada além de sofismas e ilusões.”[29]

É esse outro ídolo? Certamente. O empirismo faz da esfera sensorial um ídolo. Tudo o que não for suscetível de verificação empírica não é real.

Hume não é um nome familiar, mas, entre as elites intelectuais de hoje, é enormemente influente. Há alguns anos, uma pesquisa entre filósofos das principais universidades questionou com qual filósofo já falecido mais se identificavam. O vencedor disparado foi David Hume.[30]

Filosofias também ultrapassam a sala de aula e invadem a cultura popular.

Em um episódio de *Star Trek: The Next Generation*, o enredo gira em torno de saber se um personagem chamado Kahless é o messias Klingon que voltou da morte em cumprimento da profecia. O oficial de segurança Klingon da *Enterprise*, o tenente Worf, precisa decidir se o messias ressuscitado é real. O androide Data pede evidência empírica que suporte as afirmações do messias.

“Não é uma questão empírica”, Worf responde. “É uma questão de fé.”

“Fé”, responde Data. “Então você acredita que Kahless pode ter atributos sobrenaturais. Como um androide, sou incapaz de aceitar o que não pode ser provado através de meios racionais.”

Que suposições são tecidas através desse diálogo? Que alegações sobre o sobrenatural “não podem ser provadas através de meios racionais”. Que “uma questão de fé” não pode ser suportada por evidência empírica.[31]

Por outro lado, se pedir aos cristãos evidências empíricas de que Jesus era o Messias, eles provavelmente listarão provas históricas para a ressurreição, provas factuais para as reivindicações do Novo Testamento, provas dos manuscritos para a confiabilidade do texto bíblico, provas arqueológicas para os eventos citados nas Escrituras e assim por diante. A mensagem cristã repousa sobre eventos que poderiam ser vistos, ouvidos e apalpados (1Jo 1.1).

Entretanto, os roteiristas de *Star Trek* capturaram uma tendência generalizada – de que qualquer declaração sobre o sobrenatural é, por definição, "irracional". Você encontrará o mesmo viés, o mesmo preconceito em exibição na seção de comentários sob praticamente qualquer artigo na internet sobre o Cristianismo. Não importa quanto a evidência seja forte, qualquer alegação de que existe algo além do que pode ser conhecido pela ciência empírica é atacada como "irracional".

Contudo, definir o que é racional somente baseado em se aquilo cabe nos princípios da sua própria visão de mundo é um movimento inválido, porque exclui todas as outras alegações de verdade por definição. Você sequer tem de investigar a evidência. Uma busca séria pela verdade não começa pela manipulação da informação.

Dentro da matrix

Até aqui, o empirismo soa como outro caminho para o materialismo.

E muitas vezes é exatamente isso. Se o que é real é definido em termos do que pode ser conhecido pelos cinco sentidos, então a realidade parece incluir apenas o mundo material. Mas se acompanharmos o empirismo até sua conclusão lógica, veremos que há uma surpreendente virada para dentro, para a mente. Ele sinaliza um importante movimento no pensamento ocidental do materialismo para o mentalismo – partindo da matéria como a realidade primária para a mente como primária.

Pense nisso da seguinte maneira: o empirismo diz que a única fonte de conhecimento genuíno são as impressões sensoriais – o que vemos e ouvimos. Mas como é que sabemos se nossas impressões sensoriais são verdadeiras e precisas? Afinal, sabemos que os nossos sentidos podem nos enganar. Todos estamos sujeitos a ilusões de ótica. Coloque uma colher em um copo de água e o cabo certamente *parece* torto. Como podemos testar nossas experiências sensoriais?

A resposta é que, para o empirista rigoroso, não podemos testá-las. É impossível sair da minha própria cabeça para comparar minhas imagens internas com o mundo externo para ver se coincidem.[32] Como, então, posso ter certeza de que meus sentidos estão me dizendo a verdade?

Os próprios filósofos empiristas logo reconheceram o problema. No século 19, John Stuart Mill concluiu que, na verdade, não sabemos nada sobre o mundo externo. Se examinarmos uma mesa, podemos ver que é da cor marrom, sentimos que é lisa, batemos na superfície e ouvimos que é sólida e assim por diante. Mas tudo isso são sensações – borrões de cores e tons sonoros em nossa cabeça.

De acordo com o empirismo, nossa mente constrói o conceito de uma mesa a partir de um conjunto de sensações. Mas não podemos sair da nossa mente para descobrir como o mundo externo é em si mesmo. Mill concluiu que o mundo material não é nada além das "possibilidades permanentes de sensações".[33]

Nesse caso, porém, como sabemos que um mundo externo existe mesmo?

O mais radical dos empiristas admite que, dadas as suas premissas, não podemos saber. Não há maneira de excluir a possibilidade de sermos personagens em *Matrix*, conectados a um computador que está criando a ilusão de um mundo físico.[34] Os feixes de percepções sensoriais que interpretamos como objetos físicos podem não ser nada além de (...) feixes de percepções sensoriais.

O empirismo termina afirmando que a única coisa que os seres humanos são capazes de conhecer é uma sucessão de sensações – como uma película cinematográfica passando em nossa cabeça.

Como diz Morpheus em *Matrix*, "como você define 'real'? Se está falando sobre o que você pode sentir, o que pode cheirar, o que pode saborear e ver, então 'real' são simplesmente sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro".

Hume parece ter aceitado essa conclusão bizarra. Ele escreveu: "Vamos perseguir nossa imaginação até os céus, ou até os limites extremos do universo;

nós nunca realmente avançamos um passo além de nós mesmos".

Nós vivemos dentro do "universo da imaginação".[35]

A mesma conclusão radical foi compartilhada pelo físico Ernst Mach (de quem obtivemos o termo "Mach 1" para a velocidade do som). "O mundo consiste apenas de sensações", escreveu ele. Entidades físicas fundamentais que não podem ser observadas, como átomos e elétrons, ele descartou como nada além de "ficções úteis".[36]

O desfecho é que, se *começarmos* apenas com impressões sensoriais, vamos *terminar* com impressões sensoriais. Usando a experiência sensorial por si só, não há maneira alguma de construir uma ponte entre imagens mentais internas e o mundo externo. Estamos presos no cárcere de nossa mente. Este é o resultado lógico de lidar com a sensação como algo divino – o único ponto de partida e o padrão do conhecimento.

Bacon sensacionalista, Descartes duvidoso

Historicamente, o principal rival do empirismo foi o racionalismo.

Mas este, também, acaba preso dentro da mente. O racionalismo afirma que a única fonte e padrão de conhecimento são ideias na mente conhecidas pela razão. Mas é impossível sair de nossa razão para testar se essas ideias estão corretas. Assim como o empirismo, ele não dispõe de uma forma para transpor a lacuna existente entre as ideias internas e o mundo externo.[37]

Como é que tanto do pensamento ocidental acabou encalhado na mente? Precisamos voltar imaginativamente na História e recriar o intenso caos intelectual no final da Idade Média. O rompimento da igreja medieval depois da Reforma desencadeou um século de guerras religiosas. Milhares de refugiados religiosos fugiram de suas casas, enquanto cristãos literalmente derramavam o sangue uns dos outros em divergências sobre interpretações da doutrina bíblica. Na mesma época, ocorreu a Renascença, estimulada pela redescoberta dos textos clássicos – Platão, Aristóteles, Demócrito, Epicuro.

E todos *eles* discordavam uns com os outros também.

Esse confronto de ideias eclodiu no que os historiadores chamam de "crise cética".[38] A questão urgente do dia foi: "Como podemos ter certeza de *qual* destas alegações de verdade concorrentes é realmente verdadeira?" Os filósofos começaram a buscar por alguma fonte mais profunda de verdade – *não* em qualquer uma das autoridades teológicas, denunciando uns aos outros, não em qualquer um dos livros sagrados ou tradições antigas que competiam por aceitação e certamente não em qualquer uma das instituições civis envolvidas na luta armada com as outras.

Na verdade, não em qualquer tipo de fonte externa. Sua esperança era encontrar um método localizado exclusivamente dentro do indivíduo, enraizado nos dados imediatos da consciência. Eles queriam começar de novo a partir do zero e reconstruir todo o edifício do conhecimento em bases seguras dentro da mente individual.[39]

Essa esperança foi a motivação por trás do empirismo e do racionalismo.

O fundador do empirismo foi Francis Bacon. Ele esboçou um programa projetado para limpar nossa mente de todas as noções populares obtidas da nossa educação e meio ambiente e para "começar de novo a partir dos alicerces".[40] Quais foram esses alicerces? Em sua opinião, as formas mais simples e diretas de conhecimento eram as percepções sensoriais – visões e sons. Bacon propôs reconstruir o conhecimento sobre o alicerce de sensações.

O fundador do racionalismo foi René Descartes. Ele propôs um sistema para limpar nossa mente de toda ideia difusa ou imatura, tudo aquilo que pode ser colocado em dúvida, até chegarmos a uma fundação da qual não se pode duvidar. O que era essa fundação? A única coisa que Descartes não pôde duvidar foi, bem, seu próprio processo mental de duvidar. Mesmo se todas as minhas ideias forem delírios, ele argumentou, ainda há um ego que está experimentando essas ilusões. Este é o significado de sua famosa frase "penso, logo existo" (*cogito, ergo sum*). Ele esperava que ideias claras e distintas na mente fossem o alicerce sobre o qual reconstruiríamos o conhecimento.

Bacon e Descartes expressaram algum nível de convicção cristã.[41] No entanto, as filosofias que propuseram não tratam Deus como a fonte final da verdade. Em vez disso, substituíram Deus pela consciência individual. Como um filósofo diz, eles transformaram "o ponto de vista da primeira pessoa" no único caminho para a certeza; eles montaram o "ego como o localizador e árbitro do conhecimento".[42]

Este é o núcleo do projeto modernista: a ideia de que, se nos despirmos de detritos culturais suficientes – tradições a nós transmitidas, filosofias especulativas, declarações religiosas – resumindo, qualquer coisa sobre a qual os humanos podem estar errados, vamos finalmente chegar a algo que não pode estar errado. Por que não? Porque tal coisa é conhecida não por inferência ou raciocínio, mas pela introspecção nos dados imediatos da consciência. Assim, seria imune a qualquer crítica ou desafio externo.

Como a fundação de uma casa, forneceria uma base sólida e infalível para a construção do edifício do conhecimento.

Sinalizações ou becos sem saída

É claro que pensadores iluministas foram à procura de um substituto de Deus. Assim como Romanos 1 diz, eles se agarraram a alguma coisa de dentro da criação para colocar no lugar de Deus como sua fonte certa e segura da verdade, seu explicador final, a base fixa de conhecimento.

É por isso que o filósofo Karl Popper fala do "caráter religioso" das epistemologias do Iluminismo. A autoridade da revelação divina foi simplesmente substituída por outra forma de autoridade, escreve ele. O empirismo baconiano apelou para "a autoridade dos sentidos", enquanto o racionalismo cartesiano apelou para "a autoridade do intelecto".[43] No entanto, ambos esperavam encontrar um método que renderia uma verdade que fosse tão certa e universal quanto a revelação divina. Ambos esperavam encontrar um método pelo qual o indivíduo poderia transcender seu limitado nicho no espaço e tempo para chegar ao conhecimento absoluto e divino – o que os

filósofos chamam de percepção da realidade através dos olhos de Deus. Como escreve o filósofo John Herman Randall: "eles estavam tentando chegar a esse completo e perfeito entendimento e à explicação do universo que só um Deus poderia ter".[44]

No final, ironicamente, essa busca pelo conhecimento divino estava restrita ao universo minúsculo do eu.

A maioria das filosofias nasce quando alguém tropeça em um dos fatos inegáveis da experiência humana e então afirma ter descoberto o definitivo e infalível fundamento de todo o conhecimento. Bacon reconheceu que, na prática, ninguém pode negar o testemunho dos sentidos. Não podemos funcionar no mundo, a menos que confiemos na credibilidade básica do que vemos e ouvimos. Todo o empreendimento científico é baseado no pressuposto de que as nossas sensações fornecem uma imagem confiável da realidade. Mas o empirismo eleva este fato da experiência e o absolutiza – tenta fazê-lo suportar um peso filosófico que é de mais para ele. Assim, atinge um beco sem saída. Se você começar somente com informações provenientes dos sentidos, acabará com as mesmas informações – nada além de uma película cinematográfica passando em sua mente.

Descartes tropeçou em outra inegável experiência – nosso senso de ego ou existência pessoal. Mesmo se nos induzirem a duvidar de tudo o que sabemos, ainda existe um eu, um ego que está praticando o ato de duvidar.

O racionalismo eleva esse fato da experiência e o absolutiza, buscando construir uma filosofia completa sobre ele. Mas se você começar com ideias na mente, é aí onde vai acabar. Ficará preso no cárcere da sua própria mente.

Toda filosofia não bíblica agarra-se a algo na criação – algo conhecido pela revelação geral – e tenta construir um sistema de verdades sobre essa base.

Inevitavelmente, porém, tal base é sempre muito limitada para suportar tal edifício. Nossas experiências do mundo criado são apenas dados que precisam ser explicados, são sinalizações que apontam para um Criador transcendente.

Interpretamos mal os sinais se os tratamos como fontes de verdades fundamentais em si mesmos. Invariavelmente, eles se transformam em becos sem saída.

A prisão mental de Kant: ídolo da mente

Se tanto o empirismo quanto o racionalismo nos deixam presos dentro da mente, o próximo passo consiste da alegação de que não há mundo externo – em vez disso, a mente cria o mundo. Esse passo foi dado por Immanuel Kant. Sua inovação foi sugerir que a mente não se limita a *refletir* a estrutura do mundo; em vez disso, ela ativamente *impõe* a estrutura e a ordem para o mundo. Para Kant, a realidade tal como a conhecemos é, em grande parte, uma construção da mente humana.

Afinal, onde é que vamos buscar nosso conhecimento do mundo material? De acordo com Kant, as matérias-primas do conhecimento são as impressões sensoriais, que inundam a mente através de nossos olhos e ouvidos em um confuso caos. E como essas percepções se organizam em um todo coerente e inteligível? Pela ação criativa da mente humana. Kant propôs que a mente fornece os princípios ordenadores necessários, como antes e depois, causa e efeito, espaço e tempo, e assim por diante. O mundo parece ser regrado e ordenado apenas porque a mente humana cria essa ordem, como pressionar argila em um molde. Nas palavras de Kant, "a mente é o legislador da natureza".[45] A mente humana assumiu o papel de Deus como legislador da criação.

Esse conceito foi revolucionário, e Kant sabia disso. Ele o chamou de sua própria revolução copernicana. No nascimento da ciência moderna, Copérnico tinha movido o sol para o centro do sistema planetário. Agora Kant moveu a consciência humana para o centro da realidade. A realidade primária não é a matéria, mas a mente, ele disse; o mundo dos objetos é, em grande parte, moldado em forma e caráter pela consciência humana. Como o filósofo Alvin Plantinga explica, "o impulso fundamental da Revolução Copernicana de Kant

é que as coisas no mundo devem sua estrutura fundamental e talvez sua própria existência à atividade noética de nossa mente".[46]

E se a mente impõe até mesmo as categorias de espaço e tempo, então ela deve estar *fora* do tempo. Kant chamou essa mente atemporal e imutável de ego transcendental. Não era o ego comum, experiente – seu senso de identidade pessoal – mas uma espécie de ego mais elevado, uma mente universal.

A etiqueta filosófica para essa visão é idealismo. O termo não é usado no sentido comum de ter altos ideais. Em vez disso, significa que a realidade fundamental é a esfera das *ideias* – a esfera mental. Em lugar de endeusar a matéria, o idealismo diviniza a mente. Em vez de fazer da matéria a base da consciência, ele alega que a consciência é que estrutura a matéria como a conhecemos. O idealismo faz da consciência o explicador final.

Kant afirmou que seu sistema "repousa sobre uma base totalmente segura, estabelecida para sempre".[47] Quando você ouvir frases como *base segura* e *estabelecida para sempre*, seu detector de ídolos deve começar a apitar. Qualquer coisa na criação que seja proposta como a eterna e imutável base da realidade é um ídolo. Assim como Bacon e Descartes, Kant era um teísta. Mas o que realmente fez o papel de divino em seu sistema não foi Deus, mas a mente humana. Foi concedido à própria mente o poder criativo divino.

Livros didáticos costumam dizer que a filosofia de Kant combinou o empirismo e o racionalismo e, por isso, não é de se surpreender que compartilhe a mesma grande fraqueza. Em suas próprias instalações, não há maneira alguma de sair da mente humana e testar se as nossas ideias correspondem à realidade externa. A consequência lógica é o solipsismo, a doutrina de que a única coisa que posso saber com certeza é a existência de minha própria mente.

"Comum ao empirismo e ao idealismo é a doutrina de que a mente não tem conhecimento direto de qualquer coisa a não ser seu próprio conteúdo", escreve o filósofo Anthony Kenny. "A história de ambos os movimentos mostra

que levam na direção do solipsismo."[48] Eles nos deixam presos dentro da mente.

O artista como Deus: ídolo da imaginação

Apesar das falhas, o idealismo foi recebido com entusiasmo pelo Romantismo. Muitos românticos eram artistas e foram atraídos para o idealismo pela deificação da mente ou imaginação criativa. Se a mente é o poder que impõe a ordem no mundo – criando ordem a partir do caos – então o artista não é mais apenas um artesão, mas um criador.

Para os românticos, então, o alicerce fundamental da verdade não era nem os sentidos (empirismo), nem a razão (racionalismo), mas a imaginação criativa. Eles conceberam a imaginação como um poder autônomo "imune a qualquer força externa", explica Alan Jacobs, da Universidade de Baylor; ela "gera seu próprio tipo distinto de verdade incontestável por outros tipos de verdade". Palavras como *autônomo*, *imune* e *incontestável* devem soar o sinal sonoro do detector de ídolos. Os românticos alegavam que a imaginação gera a verdade suprema. Ela "executa uma série de funções anteriormente reservadas para o próprio Deus", diz Jacobs.[49] É um substituto de Deus.

Poetas começaram a dizer que a arte reencena a própria obra de Deus ao criar outro mundo a partir do nada. Samuel Coleridge descreveu a criação artística como "uma repetição na mente finita do eterno ato de criação no infinito EU SOU". Johann Gottfried Herder escreveu: "O artista se tornou um deus criador."

Foi assim que nasceu a agora popular noção do artista como um profeta ou visionário. William Wordsworth sentiu que seu espírito tinha sido "vestido em um manto sacerdotal" e o salientou "para serviços sagrados". William Butler Yeats disse que a arte tornou-se para ele "uma nova religião, quase uma igreja infalível da tradição poética". Um livro sobre o Romantismo é intitulado *The Imagination as a Means of Grace,* refletindo o *status* religioso atribuído à imaginação criativa.[50]

Diz-se frequentemente que os dois movimentos que deram início à era moderna foram o Iluminismo e o Romantismo – e ambos foram construídos sobre ídolos.

A cura para filósofos cegos

O primeiro capítulo de Romanos nos dá um poderoso método que se aplica às religiões, bem como às filosofias, antigas e modernas. O Princípio 1 nos diz que a maneira de atingir o cerne de qualquer alternativa ao Cristianismo é identificar seu ídolo. Cada uma esculpe algum aspecto da criação e eleva-o a um absolutismo falso – um único e crucial princípio. Esta propensão a absolutizar uma parte da criação é "a fonte de todos os ismos", escreve o filósofo cristão Herman Dooyeweerd.[51]

Uma parte da ordem criada é tratada como o todo. Uma peça de um quebra-cabeça é considerada o quadro completo. Uma cor no espectro é declarada como sendo todo o arco-íris.

Visões de mundo são muito parecidas com os personagens do famoso poema "Os cegos e o elefante". O cego que segurou o tromba que se movia insistiu que todo o elefante era como uma cobra. O que agarrou a presa alegou que o animal inteiro era como uma lança. O homem que encontrou a cauda insistiu que o animal era semelhante a uma corda. E assim por diante. Cosmovisões baseadas em ídolos operam de maneira muito similar. Cada um agarra-se a uma parte da realidade e a declara como o espetáculo inteiro. Essa parte é tratada como o conjunto de categorias conceituais que explica toda a experiência humana, a chave que abre o universo. Qualquer coisa que ela *não* explique é negada, redefinida ou descartada como irreal.

Em contraste, o Cristianismo não começa com qualquer coisa da criação. Ele começa com o Criador transcendente. Portanto, seu alcance não é limitado. Não é necessário reduzir toda a realidade a um único conjunto de categorias. Ele não vê apenas a tromba, a presa ou a cauda. É um ponto de vista transcendente que vê todo o elefante – a visão através dos olhos de Deus que os

filósofos e místicos sempre procuraram. Embora você e eu sejamos limitados em nossas perspectivas individuais, temos acesso à perspectiva da eternidade.

A alegria do pensamento crítico

As filosofias que estamos mostrando neste livro formam a espinha dorsal de todo o pensamento ocidental – as ideias que regem cada área temática, cada disciplina acadêmica, cada profissão. Quando nosso filho cursou uma matéria na universidade sobre história da psicologia, abri o livro dele e podia jurar que era para um curso de filosofia. Começava com os pré-socráticos, passando para Platão e Aristóteles, cobria o empirismo, o racionalismo e Kant, e continuou todo o caminho até os movimentos filosóficos mais recentes. O livro queria realçar que toda teoria *psicológica* é decorrente da aplicação de uma *filosofia*.[52]

Outras áreas de interesse jorram água desse mesmo poço. Quando dominar os cinco princípios de Romanos 1, você estará equipado para pensar crítica e criativamente sobre qualquer teoria em qualquer campo de estudo ou trabalho. Como disse um dos meus alunos, usar este método "é como a diferença entre dirigir na cidade de São Paulo apenas com um conjunto de instruções (vire à esquerda, vire à direita) em comparação a ter um mapa de toda a cidade. O mapa lhe dá a perspectiva geral". Os cinco princípios fornecem um mapa para navegar em qualquer sistema de ideias.

Por algumas vezes, já ouvi dos alunos que a principal mensagem que recebem ao ler livros sobre apologética é que "todos os outros estão errados".

Uma abordagem baseada em Romanos 1 oferece uma alternativa inovadora.

Considere que um deus falso é algo dentro da criação, o que leva as pessoas a se concentrarem sobre aquele determinado aspecto da criação – o que significa que estão propensas a revelar algumas verdades genuínas. Analise os ídolos que identificamos:

Materialismo - está parcialmente correto, porque Deus criou um universo material. Ele mesmo o declarou "muito bom" (Gn 1.31). Assim, não devemos nos surpreender que os cientistas que adotam o materialismo possam nos dizer bastante sobre o universo físico.

Racionalismo - acerta em alguns pontos, porque Deus criou o mundo com uma estrutura racionalmente cognoscível. Ele também criou a mente humana com uma estrutura correspondente. Um bom raciocínio conduz a Deus. Em *The Screwtape Letters,* de C. S. Lewis, o demônio experiente adverte o mais jovem para que evite discussões: "No próprio ato de argumentar, você acordará a razão do paciente: e uma vez acordada, quem poderá prever o resultado?"[53]

Empirismo - encontra algumas respostas, porque Deus criou um mundo com uma dimensão sensorial e deu aos humanos seus cinco sentidos para operar neste mundo. O próprio Jesus validou a necessidade de evidência empírica. Se vocês não acreditarem em minhas palavras, ele disse aos seus discípulos, então acreditem "por causa das obras" (Jo 14.11).[54] Quando os fariseus questionaram sua autoridade para perdoar os pecados de um homem paralítico, Jesus respondeu: "Para que *saibais* que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados (...) ". Ele deixou a frase em suspense, virou-se e curou o paralítico (Mc 2.9-11). Jesus confirmou sua identidade dando evidência empírica de que estava disponível para toda pessoa que o buscasse.

Quando os apóstolos proclamavam o evangelho, tratavam sua mensagem como verdade pública, com base em depoimentos de testemunhas oculares, aberta a interrogatórios e testes – "o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam" (1Jo 1.1). Eles não pregavam "fábulas engenhosamente

inventadas", mas foram "testemunhas oculares" de eventos que ocorreram no tempo e no espaço (2Pe 1.16). O que eles testemunharam eram "muitas provas incontestáveis" da ressurreição de Cristo dentre os mortos (At 1.3). Além do mais, como Paulo relembrou aos governantes romanos, esses eventos não se passaram "em algum lugar escondido" (At 26.26). Foram eventos públicos, testemunhados por muitas pessoas que ainda estavam vivas naquele tempo – e que potencialmente poderiam, portanto, refutar as afirmações dos apóstolos, se tivessem qualquer prova contrária para apresentar.[55]

Romantismo - estava certo ao se opor às cosmovisões do Iluminismo, que reduzem os seres humanos a mecanismos complexos. Estava correto ao fazer valer a liberdade e a criatividade humanas. Por serem feitos à imagem de um Criador, os cristãos devem estar mais empenhados do que ninguém em apoiar as artes criativas. A imaginação deve voar alto.

A cosmovisão bíblica permite aos cristãos que abordem cada ponto de vista com uma atitude livre e respeitosa, sabendo que praticamente todas as perspectivas oferecem algo de valor. Podemos recolher o que é bom onde quer que o encontremos. Podemos desfrutar das melhores obras de qualquer cultura. Podemos nos deliciar com o talento e a beleza encontrados nas obras clássicas da arte e da literatura. Podemos aprender com as descobertas da ciência e da filosofia. Não devemos permitir que boas palavras, como *empírico* e *racional,* sejam dominadas por visões de mundo seculares. Em vez disso, devemos trabalhar para preencher esses termos com conteúdo bíblico equilibrado.

Ao mesmo tempo, devemos confirmar o argumento de que aquilo que é realmente bom e verdadeiro encontra seu verdadeiro lar dentro do Cristianismo. Todo ismo isola um fio do rico tecido da verdade. Somente o Cristianismo fornece o que os maiores filósofos e sábios têm buscado o tempo

todo: um quadro coerente e transcendente que abrange todo o conhecimento humano.

O bom, o verdadeiro e o pagão

Em todas as épocas, os cristãos têm enfrentado a tarefa de identificar o que é bom e verdadeiro na cultura circundante. A igreja cristã nasceu em um clima intelectual moldado pela filosofia grega. O desafio para os pais da igreja era desenvolver uma estratégia para abordar essa cultura altamente culta, mas pagã. Peneirando as ideias predominantes, descobriram que havia muita coisa contrária à Bíblia para rejeitar. Mas também descobriram outras que eram boas e corretas, as quais eles poderiam integrar a uma visão de mundo bíblica. Assim, cunharam uma frase que ainda está em circulação hoje em dia: "Toda a verdade é verdade de Deus, onde quer que seja encontrada."

Os pais da igreja também transmitiram uma frase que tomaram emprestada do Antigo Testamento. No êxodo dos israelitas do Egito, Deus os exortou a "despojarem os egípcios" (Êx 12.36). Metaforicamente, a frase passou a significar apropriar-se do melhor da sociedade pagã, incluindo sua arte e conhecimento acadêmico.[56]

O próprio Paulo fornece um exemplo impressionante quando cita a literatura da sua época ao falar com os líderes culturais gregos no Areópago, em Atos 17. Quando o texto relata que Paulo "arrazoou" com os filósofos de Atenas, a palavra em grego é *dialegomai*, a raiz da palavra *diálogo*. Em outras palavras, onde Paulo está não é uma via de sentido único. Ele começa por reconhecer que seus ouvintes pagãos tinham algum discernimento sobre a verdade, mesmo que seu tatear em direção ao divino fosse obscuro: "Encontrei também um altar no qual está inscrito: 'Ao deus desconhecido.' Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio" (At 17.23).

Paulo, então, recita poesia pagã: "Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração" (At 17.28). Paralelos muito similares a essas linhas são encontrados

em várias fontes literárias antigas, o que significa que Paulo estava tocando em pressupostos generalizados na época. Ele estava disposto a apelar para as intuições e percepções válidas de seu público grego, mesmo ao corrigir e transformar essas informações, incorporando-as no universo bíblico de significado. Paulo estava declarando a afirmação espantosa de que o Cristianismo oferece o contexto de significado para os gregos entenderem *sua própria* cultura.

A cosmovisão bíblica é tão rica e multidimensional que os cristãos podem aprender e beneficiar-se do que é verdadeiro em todas as filosofias de vida enquanto, ao mesmo tempo, podem criticar suas falhas e transcender suas limitações.

Antes, porém, precisamos ajudar as pessoas a reconhecerem essas limitações.

No Princípio 2, aprenderemos a mostrar quão entulhadas e desumanas são as visões de mundo baseadas em ídolos.

PRINCÍPIO 2
.....
COMO NIETZSCHE VENCE

"Por que Deus permite que as pessoas passem pelos 'anos estúpidos'?"

John Erickson estava me contando, em tons autodepreciativos, a história do que ele chama de seus "anos estúpidos" – o tempo gasto dando as costas à igreja e em busca de um credo mais sofisticado para reger a vida. É uma trajetória comum, pela qual muitos jovens adultos passam.[1]

"Eu cresci em uma cidade pacata, dentro de um lar clássico, piedoso, frequentador de Igreja Batista tradicionalíssima", contava-me John. "Mas, durante meu último ano do ensino médio, comecei a ler Darwin e Freud.

Mergulhei nos poetas franceses, como Rimbaud e outros decadentes. Quando eu fazia perguntas sobre estas ideias seculares, a resposta parecia ser que os bons batistas não fazem esse tipo de perguntas. Isso não me satisfez."

Chegando à idade adulta na contracultura dos anos de 1960, John foi atraído pelo idealismo inebriante da época. Sentia-se moralmente indignado com os mais de cinquenta mil americanos mortos no Vietnã, enquanto, de acordo com sua opinião, a igreja envolvia-se na bandeira. Como um sulista dos Estados Unidos, John também sentia repulsa pelo papel histórico da igreja na escravidão e opressão racial. Assim, deu uma guinada à esquerda em sua política e teologia, deixou o cabelo crescer e juntou-se a marchas de protesto contra o racismo e contra a guerra do Vietnã.

Após a faculdade, John foi premiado com uma bolsa Rockefeller para frequentar o curso de Teologia da Universidade de Harvard. Lá, estudou com

as principais personalidades liberais da época, como H. Richard Niebuhr e Harvey Cox. Também lecionando em Harvard na época estava Joseph Fletcher, autor de *Situation ethics*, um livro que alienou os estudantes da ideia de que há princípios inflexíveis de certo e errado. Para estudantes como John, parecia que Fletcher tinha alcançado uma façanha intelectual, tinha "colocado um brilho acadêmico sobre o que, durante séculos, havia sido considerado mera fantasia adolescente – que somos livres para fazer as regras à medida que avançamos e então denominá-las cristãs".

Somente quando John estava prestes a se formar, ele finalmente encontrou um desafio ao seu liberalismo teológico – não ao ler a Bíblia, mas lendo Nietzsche.

"Ateu vociferante"

A reviravolta começou quando John escreveu um artigo sobre Nietzsche para uma de suas disciplinas. "Eu sabia que Nietzsche era um ateu vociferante e um inimigo da fé cristã, mas gostei muito de vê-lo golpear a face do flácido Cristianismo burguês. Imaginei que seria divertido treinar algumas rodadas com ele em minha monografia."

Mas a rodada de treino transformou-se em uma goleada. Para surpresa de John, ele se viu concordando com grande parte da mordaz crítica de Nietzsche ao Cristianismo cultural de classe média, tão comum no Ocidente. Nietzsche denunciou a religião que havia se degenerado em uma respeitabilidade burguesa com certa imbecilidade semelhante à de uma ovelha.

"Enviei meu texto e marquei um horário com o professor para discuti-lo", John me disse. "Eu não conseguia nem olhar nos olhos dele. Olhando para baixo, eu disse: 'Nietzsche ganhou. Eu não consegui responder aos seus argumentos."

Talvez você esperasse que um professor de uma escola de teologia preeminente submetesse um dos ateus mais notórios da História a uma robusta

revanche. Mas, para o espanto do estudante, o professor não tinha nada a oferecer, exceto um número "oito" esboçado no papel.

Anos mais tarde, John veio a se arrepender dos anos que passou cativado pelo ateísmo e niilismo de Nietzsche. Como estudante universitário rebelde, ele achava muito fácil açoitar a igreja por suas falhas, ignorando as contribuições positivas do Cristianismo. John acabou descobrindo que muitas das liberdades e dos direitos humanos apreciados no Ocidente são fruto de sua herança cristã; que a ciência moderna é, em grande parte, um produto do conceito das leis da natureza inspirado na Bíblia; que a doutrina da guerra justa, desenvolvida por teólogos medievais, muito fez para pôr fim a intermináveis matanças, estupros, roubos e escravizações; que uma série de ideais morais, desde antiescravidão até direitos das mulheres, tem suas raízes no Cristianismo.

"Como estudantes, não reconhecemos ou valorizamos nada disso, como o oxigênio em uma sala de aula, e afogamos o Ocidente cristão em severo julgamento", lembrou John. "Mas nós raramente perguntamos:

'Comparado a quê?' O 'quê' era sempre alguma forma de ideal utópico. Mas ideais utópicos não se saíram tão bem. No século 20, os idealistas utópicos seculares presidiram o extermínio de cem milhões de pessoas, mortas por 'um bem maior' pelos apóstolos de Darwin, Marx e Nietzsche. A História nunca produziu um conjunto mais eficiente de carniceiros."

John passou a torcer para que seus professores de Harvard fossem muito mais severos com o niilismo caprichoso de seus alunos. "Meu professor não deveria ter me liberado tão facilmente. Não deveria ter me permitido sair de seu escritório pensando que Nietzsche tinha obliterado mil e novecentos anos de conquistas cristãs intelectuais e morais. Ele deveria ter dito algo como:

'Nietzsche era um gênio atormentado e brilhante que nos deu o rascunho para a desintegração espiritual e o inferno na terra. Ele o venceu porque você é fraco, rebelde e ignorante. Pior, você tem orgulho disso. Leve seu texto daqui e escreva-o novamente."

No fim das contas, John ficou desiludido o suficiente para fazer as malas e deixar Harvard, retornando para o Texas, onde reconectou-se com sua família e suas raízes. Com o passar dos anos, ele repensou sua teologia e tornou-se um cristão comprometido. Hoje, é um escritor de livros infantis de grande sucesso, autor da querida série *Hank, the Cowdog*.

Faça do seu jeito

Por que Deus permite que as pessoas passem por aquilo que John Erickson chama de "anos estúpidos"? Para responder a isso, devemos ouvir novamente a mensagem de Romanos 1. O texto repete uma pungente frase que dói nos ouvidos: "Deus entregou tais homens (...) os entregou Deus (...) Deus os entregou" (Rm 1.24,26,28). A frase não significa que Deus desiste das pessoas.

Exatamente o contrário. Significa que ele tenta alcançá-las permitindo-lhes que esgotem as consequências negativas de suas escolhas idólatras.

Essa estratégia divina pode ser vista em toda a Escritura. Quando os antigos israelitas resolveram seguir os ídolos, Deus disse: "Assim, deixei-o andar na teimosia do seu coração; siga os seus próprios conselhos" (Sl 81.12).

Da mesma forma, no Cântico de Moisés, Deus disse: "Esconderei deles o rosto, verei qual será o seu fim" (Dt 32.20). Na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento), a palavra usada para *ver* significa mostrar, apontar, exibir, ensinar, demonstrar, dar a conhecer. Claramente, o propósito de Deus é se aproximar e se comunicar. Basicamente, Deus está dizendo: "Ok, faça do seu jeito e veja por si mesmo quanto ele é destrutivo."

Essa estratégia tem paralelos óbvios na vida cotidiana. Às vezes, os pais precisam permitir que as crianças façam más escolhas e sofram as consequências.

Os professores podem ter de deixar que os alunos falhem em razão de maus hábitos de estudo. Conselheiros sabem que viciados precisam chegar ao fundo do poço antes que estejam dispostos a mudar. Do mesmo modo, Deus entrega as pessoas para que percebam as consequências nocivas de seus ídolos. A partir

do versículo 26 até o final do capítulo, Romanos 1 ilustra essas consequências com uma longa lista de comportamentos destrutivos e autodestrutivos. Deus usa essas experiências negativas para pressionar as pessoas até o ponto de decisão: será que vão continuar adorando um deus falso que está destruindo-as, ou será que vão se arrepender e voltar ao verdadeiro Deus?

Princípio 2
Identifique o reducionismo do ídolo

Por que razão os ídolos invariavelmente levam a um comportamento destrutivo? Qual é o vínculo? A ligação é que os ídolos sempre conduzem a uma visão inferior da vida humana. Em Romanos 1, essa conexão é capturada pela palavra *mudaram*: Eles "mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis" (Rm 1.23). Quando uma visão de mundo substitui o Criador por algo na criação, também substitui uma visão superior dos seres humanos, feitos à imagem de Deus, por uma visão inferior dos seres humanos, feitos à imagem de algo na criação.

Os humanos não são autoexistentes, autossuficientes ou auto-determinadores. Eles não criaram a si mesmos. São seres finitos, dependentes e incertos. Como resultado, sempre buscam sua identidade e sentido fora de si mesmos e definem a natureza humana de acordo com a sua relação com o divino – dependendo da maneira como definem a divindade. Aqueles que não obtêm sua identidade a partir de um Criador transcendente irão buscá-la em alguma coisa na criação.

Podemos dizer que todo conceito de humanidade é criado à imagem de *algum* deus. E, como tal divindade será sempre menor do que o Deus bíblico, sua visão da humanidade também será inferior. Aqueles que desonram a Deus desonrarão aqueles feitos à imagem de Deus. Aqueles que criam ídolos acabam por "tornarem-se semelhantes a eles" (Sl 115.8).

Em termos filosóficos, isso é chamado reducionismo – o processo de reduzir algo de um nível de realidade superior e mais complexo a um nível menor, mais simples e menos complexo. Quando um ídolo absolutiza alguma parte da criação, todo o restante deve ser explicado em termos dessa determinada parte limitada – tudo é diminuído a este nível máximo, medido com base nesse critério, reduzido ao mínimo denominador comum.

O Princípio 1 nos apresentou o primeiro passo para entrar em contato com qualquer cosmovisão não bíblica: identificar o seu ídolo. Agora vamos passar ao Princípio 2: identificar seu reducionismo. Quando Deus entrega as pessoas aos seus ídolos, o resultado é sempre uma visão reducionista da humanidade – a qual acaba por desencadear um comportamento prejudicial e destrutivo. Quando reduzimos as pessoas a qualquer posição menor do que plenamente humanas, nós as *tratamos* como menores que plenamente humanas.

Quando definimos Deus como um *algo* em vez de um *alguém*, tendemos a tratar o ser humano como *algo* também.

Desumanize o seu próximo

Pode ser mais fácil reconhecer o reducionismo iniciando em um nível pessoal. Examine quais são os ídolos a que muitos de nós dedicam a vida.

Você vive para o sucesso financeiro? É esse o objetivo mais importante em sua vida? Se assim for, você avaliará cada atividade pelo seu retorno econômico. Você vai dimensionar as outras pessoas perguntando se lhe são úteis para avançar em seus interesses econômicos. Sua visão sobre a vida será unidimensional e utilitária.

Ou a coisa mais importante em sua vida são os seus relacionamentos? Sua aparência física? Suas conquistas profissionais? Não importa qual é o seu ídolo, você se sentirá pressionado a medir toda e cada parte da vida baseando-se nesse critério. Um ídolo sempre leva a uma atitude reducionista que desumaniza os outros e justifica usá-los para alcançar seus próprios objetivos.

O reducionismo é muitas vezes demonstrado pela frase "nada além de". Pense em alguns exemplos nas conversas diárias. Todos nós já não ouvimos dizer que a religião não é nada além de uma expressão de necessidade psicológica? Uma projeção de uma figura paterna no céu?

Um mito inventado por povos primitivos para amenizar o medo das forças naturais? Em um curso de faculdade comum ou em programa científico de televisão, uma teoria reducionista da religião é simplesmente implícita sem discussão ou resistência.

Ou todos nós já não ouvimos que o amor não passa de um mero produto resultante de reações químicas? As teorias atuais da neurociência transmitem a impressão de que o amor pode ser reduzido a neurotransmissores e circuitos no cérebro. Um artigo do *Wall Street Journal* sugere que os cartões de Dia dos namorados não deveriam figurar corações, mas imagens de uma massa mole e cinzenta – o cérebro. "E, em vez de dizer 'eu te amo', o amante experiente diria: 'Querida, a dopamina inunda meu núcleo caudado' toda vez que olho para você."[2]

Todos nós já não encontramos cínicos que insistem em dizer que a moralidade não passa de interesse próprio disfarçado? Na Grécia antiga, os sofistas argumentavam que as pessoas fazem o que serve à sua própria vantagem e depois inventam um código moral para justificar seu comportamento. Hoje, uma versão atualizada do sofismo vem conquistando as salas de aula de faculdades, uma teoria chamada psicologia evolutiva, a qual alega que o comportamento altruísta foi programado em nossos genes pela seleção natural por causa de seu valor para a sobrevivência. Somos gentis com os outros apenas para que eles sejam bondosos para conosco em troca (altruísmo recíproco). Ou somos gentis com aqueles que compartilham de nosso patrimônio genético porque temos um interesse biológico oculto de passar nossos próprios genes para a próxima geração (altruísmo parental).

A psicologia evolutiva reduz todo o comportamento humano a interesse próprio mascarado.

Na prática, as pessoas frequentemente encontram maneiras de evitar as implicações reducionistas de suas visões de mundo. Como os humanos são feitos à imagem de Deus, eles muitas vezes tratam os outros com dignidade e respeito, envolvem-se em projetos humanitários e defendem os direitos humanos. O problema é que as cosmovisões não bíblicas não fornecem base lógica alguma para tal comportamento altruísta. Por exemplo, o falecido Richard Rorty foi reverenciado como um filósofo da democracia, porém, escreveu: "Eu não sei como 'justificar' ou 'defender' a democracia social (...) de maneira grandemente filosófica."[3] Ele estava reconhecendo que não havia base alguma para seus próprios ideais mais elevados.

Na evangelização, pode ser bem eficaz guiar as pessoas através das consequências de sua visão de mundo para mostrar que ela não fornece base para *seus próprios* maiores ideais morais e humanitários.

A ciência de trapacear

O reducionismo é a chave para explicar por que os ídolos levam a um comportamento imoral – e por que Romanos 1 termina com uma lista de comportamentos destrutivos e autodestrutivos. Quando desumanizamos as pessoas em nossa mente, acabamos maltratando-as, oprimindo-as, explorando-as e abusando delas com nossas ações.

A conexão entre pensamento e comportamento já foi investigada cientificamente. Um artigo na revista *Scientific American* descreve uma engenhosa série de estudos destinados a testar as consequências práticas de seguir a filosofia do materialismo, com sua lógica de que os seres humanos não têm vontade. Um grupo de pesquisadores empreendedores decidiu testar se uma visão tão reducionista da humanidade causa qualquer impacto sobre o comportamento moral.

Os resultados mostraram um claro "sim". Um experimento envolveu um questionário desenvolvido de maneira que fosse fácil trapacear. Alguns participantes foram aleatoriamente designados para o que foi chamado de uma

condição de *determinismo*. Foi-lhes pedido que lessem afirmações como "a crença na vontade livre contradiz o sabido fato de que o universo é regido por princípios científicos legítimos". Outros participantes foram aleatoriamente designados para o que foi chamado de uma condição de *vontade livre*. Estes leram declarações como "evitar a tentação exige que eu exerça a minha vontade livre".[4]

Qual grupo de participantes mais trapaceou no teste? O grupo do *determinismo*, cujos membros foram encorajados a pensar que não possuíam a capacidade de escolha moral – e, portanto, nenhuma responsabilidade moral. Em contrapartida, o grupo da *vontade livre*, cujos membros foram induzidos a exercer sua escolha moral, era menos sujeito a trapacear.

Outro experimento envolveu administrar dinheiro. Mais uma vez, o grupo do *determinismo* foi mais propenso a roubar. A revista resume: "Uma das descobertas mais impressionantes a surgir recentemente na ciência da vontade livre é que, quando as pessoas acreditam – ou são levadas a acreditar – que a vontade livre é apenas uma ilusão, elas tendem a tornar-se mais antissociais."[5]

Quando uma pessoa aceita o materialismo como uma filosofia de vida, seus efeitos não ficam ordenadamente contidos dentro da esfera mental, mas levam a um comportamento pessoal destrutivo e a consequências públicas nocivas.

Nesses experimentos, a ciência alcança o que Paulo disse há dois milênios: sua visão de mundo afeta o modo como você trata os outros. Uma visão de mundo reducionista leva a um comportamento destrutivo. Aqueles que desonram a Deus acabarão desonrando a si próprios e aos outros.

A psicologia da supressão

Dadas as consequências negativas de uma cosmovisão reducionista, você pode se perguntar por que alguém adotaria tais posicionamentos. Qual é o atrativo? Paulo dá uma pista: lembre-se de que a natureza humana é parte da revelação geral, dando evidência de Deus. A existência de seres com a

capacidade de raciocinar, amar, planejar e escolher é prova de que a primeira causa que os criou deve ter, pelo menos, as mesmas capacidades.

A causa deve ser suficiente para produzir o efeito. A origem de seres pessoais é mais bem explicada por um Ser pessoal.

Como seres humanos pecadores e caídos buscam evitar essa conclusão?

Paulo diz que eles "detêm a verdade" (Rm 1.18). É isso o que o reducionismo faz; nega uma ou mais dimensões da natureza humana – de modo que a evidência da natureza humana não aponte claramente para o Deus bíblico.

Se o reducionismo é como tentar enfiar toda a realidade dentro de uma caixa, poderíamos dizer que o problema é que a caixa é sempre muito pequena.

Ídolos divinizam alguma parte da ordem criada. Mas, independentemente da parte escolhida, uma *parte* é sempre limitada demais para explicar o *todo*.

O universo é complexo e multidimensional demais para caber em uma caixa composta de apenas uma parte. Invariavelmente, alguma coisa ficará para fora. Algo não se encaixará em suas restritas categorias conceituais.

E o que acontece agora? Tudo o que não se encaixar na caixa será desprezado, desvalorizado ou totalmente negado. O pensamento reducionista pode ser resumido em: se minha visão de mundo não explica X, então sinto muito por X. Os ídolos são populares exatamente porque diminuem a realidade para um tamanho em que pode ser colocada em uma caixa e controlada. Eles eliminam aquelas dimensões da realidade que falsificam a visão de mundo. Você pode fazer qualquer cosmovisão parecer bem-sucedida simplesmente por negar qualquer coisa que não se encaixa em sua caixa.

Para usar o termo bíblico, as pessoas detêm qualquer coisa que ameace sua visão de mundo favorita. Se a revelação geral é prova de Deus, então todas as religiões substitutas terão de negar essa evidência.

No entanto, essa supressão cria um abismo profundo – um dualismo ou dicotomia – às vezes em teoria, mas sempre na prática.[6] De um lado do abismo estão as coisas que se encaixam dentro da caixa, as quais são aceitas como reais

e objetivas. Do outro lado estão as que ficam para fora da caixa, as quais são reduzidas à condição de ilusões subjetivas ou construções mentais.

Para mudar as metáforas, os filósofos às vezes retratam a dicotomia utilizando a imagem de dois andares de um edifício. Os reducionistas tentam viver apenas em um dos pisos. Por exemplo, os materialistas tentam ficar estritamente no andar de baixo, o universo material. Tratam a matéria e a energia como as únicas coisas que são reais, cognoscíveis e objetivamente verdadeiras. O piso superior torna-se uma espécie de sótão, onde jogam tudo aquilo que não cabe na caixa materialista – alma, espírito, mente, moralidade, liberdade, amor, Deus.

Você pode dizer que essas coisas estão guardadas no sótão em velhos baús empoeirados, com rótulos que dizem "superstição", "pensamento positivo" e "pessoas educadas sabem mais". Podemos ilustrar a divisão dos dois andares com um simples diagrama. Se você leu as obras de Francis Schaeffer ou os meus próprios livros anteriores, reconhecerá este diagrama:

Materialistas tentam viver no andar de baixo

MUNDO NÃO MATERIAL

Subjetivo, supersticioso, construções mentais

MUNDO MATERIAL

Objetivo, científico, fatos cognoscíveis

Todavia, na prática, pelo fato de as pessoas serem feitas à imagem de Deus, elas não podem viver estritamente em um andar. Não podem livrar-se completamente desses velhos e problemáticos baús do sótão. Mas isso é saltar à frente, para o Princípio 3, que argumenta que ninguém pode viver dentro da limitada caixa de uma visão de mundo baseada em ídolos.

Antes de elaborar esse argumento, precisamos ver quão difundido é o reducionismo. Como existem muitos ídolos diferentes, há muitas formas de

reducionismo, e reconhecê-las é vital para aprimorar nossos detectores de ídolos. Por ser mais fácil identificar o impacto desumanizador quando as cosmovisões são desenvolvidas até suas conclusões mais lógicas, vamos considerar duas delas em suas versões mais recentes – o materialismo e o pós-modernismo. Então, identificaremos o reducionismo inerente a duas religiões – o panteísmo e o Islã. Por fim, como as consequências negativas são especialmente visíveis quando visões de mundo são expressas nas políticas públicas, arremataremos com duas teorias políticas.

Crick: "nada além de um bloco de neurônios"

Nos últimos anos, uma versão radicalmente reducionista do materialismo tem sido desenvolvida, chamada materialismo *eliminativista*, que vai além da tradicional alegação materialista de que as condições materiais determinam o mundo mental para a mais surpreendente afirmação de que o mundo mental não existe – que todos os nossos pensamentos, convicções, desejos, intenções, percepções e decisões são ficções, são ilusões resultantes da subjacente química cerebral, sem impacto causal próprio, como a espuma formada pelas ondas do mar ou faíscas produzidas por uma máquina.

"Nossa suposição inicial como cientistas deveria ser que, em algum nível, a consciência tem de ser uma ilusão", diz Nicholas Humphrey, psicólogo de Cambridge. "A razão é óbvia: se nada no mundo físico pode ter as características que a consciência parece ter, então a consciência não pode existir como uma coisa no mundo físico."[7] Em sua opinião, aparentemente, se algo não é "uma coisa no mundo físico", então não pode existir.

Mas se a consciência é uma ilusão, então como Humphrey está consciente desse fato? E por que deveríamos confiar no pensamento de cientistas que nos dizem que pensamento não existe? Como observa um filósofo, o materialismo eliminativista "refuta a si mesmo uma vez que até mesmo uma ilusão é a presença de uma experiência" dentro da consciência de alguém.[8]

Apesar dessas contradições lógicas (que discutiremos no Princípio 4), o mesmo reducionismo radical é adotado por vários líderes pensadores.

Francis Crick, mais conhecido por decifrar o código de DNA, mais tarde, comprometeu-se a refutar a existência da alma ou do ego. Ele escreve: "'Você', suas alegrias e tristezas, suas memórias e ambições, seu senso de identidade e vontade são, na verdade, nada mais do que o comportamento de um vasto conjunto de células nervosas e suas moléculas associadas."

Fazendo um trocadilho com uma frase de *Alice no país das maravilhas*, ele conclui: "Você não é nada além de um bloco de neurônios."

Em uma linha de raciocínio similar, o psicólogo Daniel Wegner, de Harvard, argumenta que o livre-arbítrio é uma ilusão e que todas as nossas ações são, na verdade, os efeitos de causas físicas inconscientes. Seu livro é apropriadamente intitulado *The Illusion of Conscious Will*. Em uma entrevista, ele admite que a vontade é "uma ilusão muito persistente, que continua voltando". No entanto, ele a encara como nada mais do que um truque de mágica: "Mesmo que saiba que é um truque, você se deixa enganar toda vez.

Os sentimentos não apenas desaparecem."[9] (Talvez você pense que, quando uma teoria é contradita pelas experiências persistentes que "não apenas desaparecem", tal persistência deveria contar como prova contra a teoria. Desenvolveremos este argumento no Princípio 3.)

A maioria das pessoas entende como extremista a afirmação de que os seres humanos não possuem vontade, consciência ou identidade pessoal.

Por que alguém desenvolveria uma teoria tão contrária à experiência normal? O raciocínio se baseia em uma metáfora popular entre os cientistas cognitivos: que o cérebro é um computador. Por exemplo, um neurocientista de Harvard chamado Steven Pinker qualifica o cérebro humano como uma máquina complexa para "processamento ou computação de informação".

Pois bem, sabemos que os computadores funcionam perfeitamente sem serem conscientes. Então, por que *nós* somos conscientes? A resposta reducionista é: não somos. A ideia de que existe um eu interior que unifica

nossos pensamentos e experiências é uma ilusão. Nas palavras de Pinker, "há evidências consideráveis de que um ego unificado é uma ficção".[10]

E de onde é que vem tal ficção? A teoria afirma que a seleção natural a programou em nossos genes, pois nos permite prever e controlar nosso ambiente mais facilmente. Por exemplo, podemos mais facilmente prever que Maria vai até a geladeira se soubermos que ela *quer* uma bebida e *pensa* que tem uma caixa de leite na geladeira. Na realidade, porém, diz a teoria, estados internos como *querer* e *pensar* não existem. A linguagem comum é apenas uma abreviação conveniente que usamos, pois um relato preciso, invocando as leis da física que governam os neurônios ativados no cérebro de Maria, seria impossivelmente complexo.[11]

"A irracionalidade mais profunda"

Temos de dar crédito ao materialismo eliminativista por ser absolutamente lógico: tendo feito um ídolo da matéria, ele rejeita qualquer coisa fora da esfera material. No entanto, nem todos os materialistas estão felizes com esse desfecho e apontam para o fato óbvio de que somos seres conscientes. De alguma forma, dizem eles, a consciência deve emergir da matéria. Este ponto de vista é chamado emergentismo.[12]

Todavia, a alegação de que propriedades mentais emergem de estados do cérebro é altamente implausível. Afinal de contas, estados mentais não são nada parecidos com estados físicos. Um objeto físico, como uma rosa, pode ser vermelho e espinhoso, mas seu pensamento sobre a rosa não é nem vermelho nem espinhoso. Os objetos físicos são públicos, podem ser observados por outras pessoas, mas estados mentais (como sentimentos de dor ou de alegria) são privados, não podem ser diretamente observados por nenhuma outra pessoa. Explicamos os estados físicos invocando uma lei causal geral (como na ciência). Mas explicamos estados mentais invocando intenções, desejos e escolhas pessoais. Enfim, os estados mentais são sempre *sobre* algo, dirigidos a um objeto (você pensa sobre uma pessoa, você se preocupa com um problema).

Mas os objetos físicos não são *sobre* nada. Eles simplesmente "são".[13]

Parece que a consciência e a matéria diferem em espécie (qualitativamente), não apenas em grau (quantitativamente). Portanto, alegar que, de alguma forma, a consciência emerge da matéria parece tentar obter algo do nada – como tirar um coelho de uma cartola. O filósofo Evan Fales chama isso de um mistério: "A evolução darwinista implica que os humanos surgiram por meio de cega operação de forças naturais. É misterioso como essas forças poderiam gerar algo não físico."[14]

Já o filósofo Colin McGinn chama isso de milagre: "Não sabemos como a consciência poderia ter surgido por processos naturais a partir de coisas materiais previamente existentes. Somos tentados, embora com relutância, a buscar auxílio divino: (...) Seria necessário um mágico sobrenatural para extrair consciência da matéria." Recorrendo a uma analogia bíblica, McGinn questiona: "Como é que a evolução converteu a água do tecido biológico para o vinho da consciência?"[15]

O filósofo Mark Bedau diz que o emergentismo "é desconfortavelmente como mágica". Assim, "causará desconforto às formas razoáveis de materialismo".[16] Formas mais "razoáveis" de materialismo sustentam que se os humanos *vieram* da matéria, então são *compostos* exclusivamente de matéria – e a mente é uma ilusão.

Por que a maioria das pessoas acha difícil aceitar esta "razoável" conclusão? Porque vai contra a nossa mais urgente experiência cotidiana.

Nas palavras do filósofo Galen Strawson, a negação da consciência "é certamente *a coisa mais estranha que já aconteceu em toda a história do pensamento humano*". Isso mostra "que o poder da credulidade humana é ilimitado, que a capacidade da mente humana de ser agarrada pela teoria, pela fé, é verdadeiramente ilimitada". Tal negação revela "a mais profunda irracionalidade da mente humana".[17]

Essa é uma crítica impressionante. Strawson está dizendo que o materialismo eliminativista é uma "fé" – uma fé que é profundamente

“irracional” quando mensurada contra o que sabemos pela experiência de senso comum.

Thomas Reid, filósofo do século 18, argumentou que tamanha consistência lógica em face de fatos contrários é uma forma de insanidade. Quando você se permite ser ludibriado naquilo que já sabe pelo senso comum simplesmente porque certo sistema filosófico exige, escreveu ele, “podemos chamar isso de loucura metafísica”.[18]

Afinal, o objetivo da filosofia é *explicar* os fatos da experiência, não negá-los. Qualquer coisa abaixo disso é esquivar-se da questão. O problema com o reducionismo é que, em vez de puramente explicar as coisas, ele tenta explicar por que tais coisas devem ser descartadas.

Fora da torre de marfim, as pessoas comuns não estão interessadas em uma visão de mundo que gira fora de um sistema logicamente coerente e ainda contradiz a experiência humana. Elas estão à procura de uma cosmovisão que atribua sentido ao mundo em que realmente habitam e que explique os fatos inegáveis da experiência humana, não uma que suprima esses fatos para o bem de sua própria consistência lógica interna.

Além disso, os fatos suprimidos pelo materialismo são exatamente as coisas que mais nos importam – toda a esfera da experiência consciente.

A maior parte do que torna a vida digna de ser vivida é composta por experiências: amor, felicidade, realização, ideais morais, um senso de propósito e assim por diante.[19]

Resumindo, pessoas comuns são sensíveis às consequências práticas e morais das visões de mundo. Visões radicalmente reducionistas da pessoa humana não são apenas especulações inofensivas – ociosas diversões para filósofos. Aquilo que as classes dominantes consideram como verdadeiro tende a determinar as práticas sociais e políticas. Se as elites defendem um materialismo que reduz os seres humanos a computadores, então tratarão as pessoas como computadores. O pensamento será reduzido à computação: a neuroelectrofisiologia do cérebro. As pessoas serão julgadas exclusivamente por

quão bem executam as funções que lhes foram atribuídas. E quando pararem de funcionar serão jogadas no latão de lixo com o restante do entulho eletrônico.

A vingança dos românticos

Em uma universidade comum, essa forma radical de reducionismo é provavelmente defendida no departamento de ciências, onde a expectativa é que a maioria dos professores abrace o materialismo. Porém, se você der uma andada no campus e chegar aos prédios de humanas e artes, descobrirá que ali a maioria dos professores abraça o pós-modernismo. Em muitos aspectos, as duas visões de mundo são diametralmente opostas. No entanto, ambas levam a um reducionismo desumanizante.

Para muitas pessoas, o termo *pós-moderno* parece um tanto arcano, mas fica mais fácil de entender se traçarmos como ele se desenvolveu. Suas raízes remontam ao movimento romântico, sobre o qual falamos brevemente no Princípio 1. Um dos heróis do Romantismo foi Schopenhauer, que disse: "O materialismo é a filosofia do sujeito que se esquece de considerar a si mesmo."[20] Ou seja, um materialista olha para fora, para o mundo físico, como se isso fosse a única realidade, e "esquece" de olhar para dentro, para si. Todavia, o mundo interior da consciência é igualmente parte da realidade que as visões de mundo devem explicar.

Contudo, os românticos não estavam interessados somente em recuperar a mente individual. Eles estavam encantados com a ideia de Kant de um ego transcendental ou uma mente universal, com seus poderes divinos para criar o mundo da experiência. Para muitos, foi um trampolim para o panteísmo. O teólogo Ian Barbour diz que, para os românticos, "Deus não é o criador externo de uma máquina impessoal, mas um espírito que permeia a natureza".[21]

Os românticos queriam derrubar a imagem do universo como uma vasta máquina que o Iluminismo havia pintado e substituí-la por uma imagem

orgânica – o universo como organismo. Na visão deles, explica Randall, "o mundo não era uma máquina. Estava vivo. E Deus não era somente seu Criador, mas principalmente sua alma, sua vida".[22]

Como vimos, o rótulo filosófico para isso é "idealismo", a alegação de que o verdadeiro poder causal no universo é a esfera mental das ideias. Os românticos queriam derrubar o ídolo do materialismo (a realidade fundamental é material), então propuseram o ídolo do idealismo (a realidade fundamental é mental). Eles queriam contrariar visões de mundo que absolutizassem a matéria, então absolutizaram a mente. O romancista Walker Percy diz que o materialismo enfia tudo na "caixa das coisas", enquanto o idealismo coloca tudo na "caixa da mente".[23] Ou, para retornar à metáfora dos dois andares em um prédio, cada movimento tenta morar em um piso.

A filosofia ocidental se divide em duas "famílias" filosóficas

ROMANTISMO

A caixa da mente

ILUMINISMO

A caixa das coisas

Cada uma dessas duas correntes evoluiu a uma rica rede interligada de filosofias, que hoje são chamadas de tradição analítica e tradição continental.

A tradição analítica tem suas raízes no Iluminismo e tende a destacar a ciência, a razão e os fatos. A tradição continental possui suas raízes no movimento romântico e procura defender a mente, o significado e a moralidade.[24]

Cosmovisões não são uma bagunça de ideias desconexas; elas tendem a se reunir em grupos ligados por semelhanças de família. Quando aprendemos as temáticas que ligam cada família, torna-se mais fácil identificar sua forma de reducionismo.

A superalma de Emerson

Quando os românticos buscaram ferramentas conceituais para defender sua concepção espiritualizada do mundo, eles despertaram o neoplatonismo, uma versão do idealismo com raízes no século 3º. Frequentemente, os cursos universitários de Filosofia pulam o neoplatonismo (não estudei nada sobre ele até a pós-graduação). Mesmo assim, tal teoria teve uma significativa influência sobre a história ocidental.[25]

Como o nome sugere, o neoplatonismo começou com o pensamento de Platão, que foi remendado com pedaços e trechos de outras escolas gregas de pensamento e, em seguida, temperado com o panteísmo oriental. A partir dessas fontes diversas, o neoplatonismo formulou uma visão de mundo num estilo "grande tenda". Podemos encará-lo como o movimento da Nova Era do mundo antigo, combinando elementos do Oriente e do Ocidente.

O princípio central do neoplatonismo era que o mundo é uma emanação de uma substância espiritual chamada de Um ou o Absoluto. Como a água de uma fonte desce em cascata por diversos degraus, assim o Um emanou uma série descendente que flui por vários níveis: de entidades espirituais a seres humanos, depois a criaturas sensíveis (animais), coisas vivas (plantas) e, por fim, coisas materiais (pedras). Isso foi chamado de escada da vida ou a grande cadeia da existência. O objetivo da vida espiritual era subir a escada novamente, escapar da matéria e se reunir com o Um.[26]

O que atraiu os românticos ao neoplatonismo foi a ideia de que a natureza é permeada por alma ou espírito. Para os idealistas, diz Eagleton, o Absoluto servia "como uma forma de divindade secularizada". Este não era um Deus pessoal que pensa, sente, deseja e age. Era uma essência ou substância espiritual não pessoal. Ralph Waldo Emerson o chamou de Superalma: "a alma do todo (...) o eterno UM."[27]

A divindade evolutiva de Hegel

O filósofo Hegel deu um toque inovador ao neoplatonismo quando acrescentou o conceito de evolução ou desenvolvimento histórico. Até então, a escada da vida tinha sido estática. Definia-se como uma lista fixa ou um inventário das coisas que existem no universo. Mas, com Hegel, a escada se tornou dinâmica. Para imaginar a mudança, pense numa simples escada de mão modificando-se até tornar-se uma escada rolante, com todo o universo progredindo para cima através de uma série de etapas. Hegel chamou sua divindade panteísta de Espírito Absoluto ou Mente Universal. E, como este era a alma do mundo, acreditava-se que evoluía juntamente com o mundo.[28]

O que Hegel estava oferecendo era uma versão espiritualizada da evolução. (Nietzsche chegou a dizer que, "sem Hegel, não teria havido Darwin".) A diferença é que Hegel aplicou o conceito de evolução não à biologia, mas ao mundo das ideias. Ele alegava que todas as nossas ideias – leis, moralidade, religião, arte, ideais políticos – resultam da gradual "atualização da Mente Universal" ao longo do curso da História. Tudo está incluído em um vasto processo histórico que avança em direção a um perfeito estado final.[29]

Para muitas pessoas, a lei do progresso histórico funcionou como um substituto para a providência divina. "Quando a ciência parecia tirar Deus do universo, os homens precisavam deificar alguma força natural, como a 'evolução'", explica Randall.[30] Uma versão de evolução baseada em objetivos confortou as pessoas com a esperança de que todo evento tem uma razão, uma finalidade, dentro do progresso ascendente do universo como um todo.

A filosofia de Hegel é uma forma de historicismo, a doutrina de que todas as ideias são produtos de forças históricas – aquilo que é "verdadeiro" em uma fase da história dará lugar a uma verdade mais elevada na próxima fase.[31] Em essência, Hegel pesquisou todas as filosofias e visões de mundo conflitantes, todas as afirmações religiosas concorrentes, todas as culturas e lugares beligerantes, e propôs superar a contenda tratando cada item como uma verdade parcial e relativa na progressão ascendente da mente, a evolução da consciência.

Qual é a falha lógica no historicismo? É autorrefutável. A declaração de que cada ideia é uma verdade parcial e relativa deve incluir sua *própria* afirmação.

Como qualquer outra ideia em evolução, é relativa ao seu próprio momento na História e, portanto, não é verdadeira em qualquer sentido trans-histórico.

Como diz o filósofo John Passmore, você não pode "afirmar, como uma verdade filosófica atemporal, que não existem verdades filosóficas atemporais".[32]

Hegel evitou essa conclusão devastadora apenas fazendo uma exceção para si mesmo, implicitamente. Escreveu como se só ele estivesse misteriosamente apto a subir acima do processo evolucionário – como se somente ele fosse capaz de ter uma visão objetiva, atemporal e completa de todo o processo histórico.

Mas, claro, fazendo uma exceção para si mesmo, Hegel insinuou que havia algo que seu sistema não cobria – a saber, seu próprio pensamento.

Desta forma, ele introduziu uma inconsistência lógica em seu sistema. E, naturalmente, qualquer inconsistência dentro de um sistema de pensamento o deixa desacreditado (muitas cosmovisões estão sujeitas a esta mesma falha lógica. Investigaremos mais profundamente no Princípio 4).

Triunvirato de raça, classe e gênero

Em nossos dias, progredimos muito além da era romântica, mas a tradição continental continua a exercer enorme influência. Ela passou do idealismo a uma série de sucessores (como o existencialismo), que não teremos tempo para discutir. Nas últimas décadas, tal tradição deu à luz o pós-modernismo. A trágica ironia é que, embora o Romantismo tenha sido adotado para combater o reducionismo do Iluminismo, o pós-modernismo tornou-se igualmente reducionista e desumano.

Na vida cotidiana, nos deparamos com o pós-modernismo na maioria das vezes sob a forma de correção política, multiculturalismo, políticas de

identidade, códigos de discurso. Regras para o discurso politicamente correto tornaram-se obrigatórias na maioria das instituições sociais: escolas, jornais, fóruns, câmaras. Um professor de Harvard reclama que, em muitos campi universitários, os estudantes são "amordaçados por códigos de discurso que não passam no teste do riso em caso de contestação com base na Primeira Emenda Americana".[33] Essas regras definem as formas aceitas para falar sobre raça, classe, gênero, etnia, identidade sexual e assim por diante. O pós-modernismo praticamente define a identidade de uma pessoa em termos dos grupos a que ele ou ela pertence.

Como passamos de Hegel ao pós-modernismo? Para Hegel, o verdadeiro agente na História não é o indivíduo, mas a Mente ou Espírito Absoluto, que se expressa através de leis, moralidade, linguagem e relações sociais de uma comunidade. Hegel aceitou o idealismo de Kant, no qual o mundo é constituído por consciência, mas, para ele, era uma consciência coletiva.

Como um filósofo explica, a Mente Absoluta cria o mundo "através dos aspectos comuns de uma cultura, uma sociedade e, sobretudo, através de uma linguagem compartilhada".

De fato, para Hegel, indivíduos sequer *possuem* ideias originais de autoria própria. Seus pensamentos são apenas expressões da Mente Absoluta. Nas palavras dele, os indivíduos "são, o tempo todo, as ferramentas inconscientes da Mente do Mundo, trabalhando dentro deles".[34]

Com o passar do tempo, o panteísmo de Hegel foi secularizado e seu Espírito Absoluto foi reduzido a uma metáfora – o espírito da época, o Zeitgeist[35] (em alemão, *zeit* significa tempo ou época; *Geist* significa espírito). O que permaneceu, porém, foi a ideia de que os indivíduos são "ferramentas inconscientes" do Zeitgeist, não são tanto *produtores* de cultura, mas são *produtos* de determinada cultura.[36] Indivíduos são moldados pelas comunidades às quais pertencem, cada uma com suas próprias perspectivas, valores, hábitos, linguagem e formas de vida compartilhadas.

Hoje em dia, isso levou à conclusão extremista de que as ideias de todos são meras construções sociais costuradas por forças culturais. Os indivíduos são pouco mais que porta-vozes de comunidades baseadas em raça, classe, gênero, etnia e identidade sexual.

Qual é o ídolo aqui? O pós-modernismo absolutiza as forças da cultura ou da comunidade. Dooyeweerd chama isso de "ideologia da comunidade".[37]

A verdade tem sido redefinida como uma construção social, de modo que cada comunidade tem sua própria visão da verdade, baseada em sua experiência e perspectiva, que não pode ser julgada por ninguém de fora da comunidade.

Um teórico pós-moderno argumenta com as seguintes palavras: "Não há nenhuma verdade absoluta: em vez disso, a verdade é relativa à comunidade da qual participamos." Rorty diz que a verdade é meramente um "acordo intersubjetivo" entre as pessoas de dentro de determinada comunidade.[38]

O pós-modernismo é, portanto, uma forma de antirrealismo, a doutrina de que a realidade depende de nossa mente para obter suas características e, possivelmente, até mesmo sua existência O termo *antirrealismo* foi cunhado por Nietzsche para descrever sua própria visão, a qual resumiu no bordão "não existem fatos, apenas interpretações". Ou, como um escritor pós-moderno coloca, "a realidade tornou-se agora um mero apanhado de interpretações díspares e voláteis, uma inconstante e grosseira coalizão de pontos de vista em contínuo debate uns com os outros".[39]

Se a realidade tem se partido em interpretações conflitantes, o mesmo se passa com o conceito de identidade pessoal. O pós-modernismo diz que não existe um ego unificado. Em vez disso, o ego é simplesmente onde se encontram os volúveis pontos de vista absorvidos de várias comunidades interpretativas, cada um definindo sua própria "verdade". Lembre-se de que o Iluminismo tratava o indivíduo como uma mente desencarnada, capaz de transcender o tempo e o espaço para alcançar uma percepção através dos olhos de Deus (veja no Princípio 1). Em resposta, o pós-modernismo conecta

fortemente a consciência individual às comunidades cujas perspectivas são condicionadas pela história e geografia.

Nem mesmo a ciência, o bezerro de ouro do modernismo, é considerada verdadeira em qualquer sentido universal. Como todas as outras formas de conhecimento, a ciência é uma construção social. Os pós-modernistas concordam com Nietzsche, que escreveu: "Toda aquela conformidade com a lei, a qual nos impressiona tanto nas estrelas e nos processos químicos, coincide basicamente com aquelas propriedades que *nós* trazemos às coisas."[40] Se a ciência é apenas mais uma criação da mente humana, por que deveria receber qualquer qualificação especial em relação às outras formas de pensamento?

E se não existe uma verdade objetiva ou universal, então qualquer *alegação* de posse da verdade objetiva será tratada como nada além de uma tentativa de uma comunidade interpretativa de impor a sua própria perspectiva limitada e subjetiva a todos os demais. Um ato de opressão. Uma tomada de poder.

Raízes do politicamente correto

Como outros ídolos, o pós-modernismo acerta em alguns pontos. Tem feito um bom trabalho na luta contra o individualismo solitário do autônomo ego do Iluminismo. Rejeita o projeto modernista de pensadores como Bacon e Descartes de recomeçar a história do zero, dentro da consciência individual isolada. Ele nega que possamos chegar a um alicerce infalível de conhecimento através do instinto direto dos conteúdos da mente individual.[41]

Durante o processo, os pós-modernistas desmistificaram afirmações do Iluminismo, substituindo-as por conhecimento neutro, atemporal e isento de valores. Eles insistem que indivíduos vivos e reais sempre trazem consigo uma complexa panóplia de compromissos anteriores, interesses, objetivos e ambições – mesmo em campos como a ciência, em que a objetividade é a norma esperada.

Porém, a mesma percepção foi oferecida por pensadores cristãos há muito tempo. A própria Escritura está repleta de advertências de que a idolatria leva a

uma espécie de cegueira espiritual e intelectual. Romanos 1 nos diz que, quando nos recusamos a reconhecer a Deus, nossa mente se torna "nula" e nosso coração é "obscurecido" (Rm 1.21). Os teólogos chamam isso de efeitos *noéticos* do pecado, da palavra grega *nous*, que, como vimos anteriormente, significa não apenas a mente, mas o núcleo do nosso ser. Os reformadores protestantes ensinaram que, quando nos afastamos de Deus de coração, tudo o que fazemos em seguida é afetado, inclusive o nosso pensar. Chegamos em nossos escritórios ou laboratórios com um conjunto complexo de motivações e pré-disposições já em vigor e que pré-determinam em algum grau o que aceitamos como plausível ou verdadeiro. Longe de ser um neutro papel em branco, nossa mente está pré-disposta a interpretar novos dados à luz das convicções que já possuímos – o que *queremos* que seja a verdade.

No entanto, o pós-modernismo normalmente ultrapassa essa visão bíblica amplamente aceita, atingindo a afirmação muito mais radical de que não *existe* verdade fora da mente. Ele reduz as alegações de verdade a construções sociais e reduz as pessoas a marionetes das forças sociais.

Assim, deixa implícito que as pessoas possuem certas opiniões não porque têm bons motivos, mas porque são negras ou brancas, um homem ou uma mulher, asiáticos ou hispânicos, ou o que quer que seja.

Isso é radicalmente desumanizante e sugere que os indivíduos não têm poder algum de colocar-se acima das comunidades às quais pertencem. É uma forma de reducionismo que dissolve a identidade individual em identidade de grupo. E a lista de identidades de grupo continua crescendo. A Escola de Políticas Públicas da Universidade de Harvard, a Kennedy School of Politics, anunciou recentemente a exigência de que todos os novos estudantes recebam "um treinamento obrigatório de poder e privilégio que examina os componentes de raça, gênero, classe socioeconômica, orientação sexual, capacidade, religião, situação internacional e diferenciais de poder".[42]

Em muitas universidades, os departamentos de artes liberais não ensinam mais os clássicos, mas imergem os alunos em trabalhos contemporâneos sobre

políticas raciais e sexuais. E se livros clássicos da literatura e da filosofia *são* ensinados, provavelmente incluem "alertas de gatilhos". Uma edição composta da coletânea das três Críticas de Kant inclui uma etiqueta de aviso na página de título: "Este livro é um produto de seu tempo e não reflete os mesmos valores que teria se fosse escrito hoje. Os pais podem querer discutir com os seus filhos como pontos de vista sobre raça, gênero, sexualidade, etnia e relações interpessoais foram alterados desde que este livro foi escrito antes de permitir-lhes a leitura desta obra clássica." A ironia é que Kant teve enorme influência no desenvolvimento do conceito antirrealista da verdade. Mas não é com isso que os educadores estão preocupados, e sim com as violações de Kant do politicamente correto.[43]

O pós-modernismo está muito longe do materialismo desenfreado do departamento de ciências, mas é igualmente desumanizante. O materialismo reduz os seres humanos a produtos de forças *físicas*. O pós-modernismo os reduz a produtos de forças *sociais*. Sempre que uma filosofia absolutiza algo menor que Deus – independente do que seja – o resultado é reducionismo, uma visão inferior da pessoa humana. Os próprios pós-modernistas rotulam sua visão como "anti-humanista", termo que usam para dizer que o sujeito humano não tem poder de transcender condições sociais e históricas – o Zeitgeist.

Nesse caso, porém, o indivíduo não pode ter uma postura independente para *criticar* o Zeitgeist. Como Dallas Willard observa, "o pós-modernismo mal possui fundamentos lógicos que o sustentem para se opor (...) ao espírito da época".[44]

O Cristianismo, por sua vez, oferece uma verdade transcendente – uma perspectiva não vinculada ao espírito da época. Ele liberta os indivíduos para pensarem criticamente sobre as éticas predominantes.

A queda do pós-modernismo

Eu estava discursando em uma faculdade evangélica quando um aluno perguntou: "Vivemos em uma era pós-moderna em que ninguém se importa mais com a verdade. Como é que vamos conversar com pessoas que não são convencidas por fatos e raciocínios?" É verdade que os pós-modernos podem não ficar impressionados com a apologética baseada em fatos. Mas *podem* ser alcançados por argumentos que usam sua própria linguagem conceitual.

Comece com a visão deles da verdade. Os pós-modernistas rejeitam qualquer alegação de uma verdade que seja universal, objetiva ou eterna. Eles insistem que a perspectiva de todos está "situada" dentro de um contexto que é particular, local e historicamente contingente. Mas, claro, a mesma crítica se aplica às próprias declarações pós-modernistas – elas, também, estão "situadas" dentro de um contexto particular e histórico. Afinal, de onde vem o pós-modernismo? Como vimos, é um desdobramento da cultura europeia moderna.

É decorrente da filosofia pós-hegeliana continental, com sua noção de que os indivíduos são socialmente constituídos por suas comunidades e formas de vida.

Com frequência, os pós-modernos acusam os cristãos de terem a mente pequena e fechada. Mas o pós-modernismo é em si limitado dentro de determinada vertente da história intelectual ocidental. Assim, os pós-modernistas são tão restritos por seus próprios horizontes históricos quanto as pessoas mais tradicionais que eles tendem a olhar com tanta superioridade e são tão exclusivos quanto qualquer outro em insistir que a visão *deles* capta a verdadeira maneira como as coisas realmente são.

Em suma, o mesmo raciocínio que os pós-modernistas usam para desmascarar os conceitos tradicionais de verdade se aplica a seus próprios pontos de vista.

Alguns pós-modernistas atualizaram o historicismo de Hegel, ligando-o às teorias baseadas na ciência da evolução. Um exemplo é Rorty, que argumenta, com base na evolução darwiniana, que não existem verdades eternas – que

todas as nossas ideias são "um produto do tempo e do acaso".[45] Mas sua conclusão se apoia na suposição de que a evolução darwiniana é verdadeira – exatamente no sentido que ele nega que qualquer coisa possa ser verdade.

Certa vez fui convidada a um programa de rádio para debater com um professor de seminário que se descreveu como pós-moderno. A minha pergunta era por que um cristão iria *querer* adotar o pós-modernismo. Sim, ele esvazia as reivindicações modernistas de verdade universal, mostrando que o modernismo é um ponto de vista limitado e historicamente condicionado. Mas, sendo assim, o pós-modernismo também é. Como cristã, por que eu gostaria de me comprometer com qualquer ideia que é apenas uma construção social?

A Bíblia descreve os ídolos como invenções humanas, "obra das mãos de homens" (Sl 115.4; 135.15). Seus "artífices não passam de homens" (Is 44.11). Aqueles que adoram ídolos "adoram a obra das suas mãos, aquilo que os seus próprios dedos fizeram" (Is 2.8). Por que os cristãos iriam querer construir sua vida sobre *qualquer* ideia que seja um produto do pensamento humano – "a sabedoria do mundo" (1Co 1.20)? O coração humano anseia por uma verdade que é transcendente e eterna. Deus "pôs a eternidade no coração do homem" (Ec 3.11).

O finito não pode alcançar o infinito, então a única maneira possível de se conhecer a verdade eterna é se Deus a comunicou à raça humana – dando sua própria perspectiva transcendente. E é exatamente essa tremenda afirmação que o Cristianismo faz: que a Escritura é a comunicação de Deus, dando-nos informações sobre si mesmo, o cosmos e a história. Até mesmo os cristãos costumam não reconhecer o valor que o conceito carrega, já que equivale à afirmação surpreendente de que temos acesso a uma visão através dos olhos de Deus, uma perspectiva que vai além de mero conhecimento humano, uma verdade eterna e transcendente.

Naturalmente, nossa compreensão dessa verdade nunca é completa ou finalizada. Nosso entendimento é filtrado através de nossa mente humana caída e falível, influenciado pela nossa cultura e circunstâncias. Todavia, existem

janelas para a transcendência. A Palavra de Deus na Escritura nos dá acesso a verdades que "não são de origem humana" (Gl 1.11 NVI).

Contrapondo-se ao historicismo e ao relativismo pós-moderno, o Cristianismo faz a libertadora afirmação de que os seres humanos têm acesso a verdades *trans*-históricas porque o próprio Deus tem falado.

Em uma passagem marcante, Rorty admite que o próprio conceito de verdade objetiva está baseado na convicção cristã de que o universo foi "criado por uma pessoa". A ideia de uma verdade além da subjetividade humana, escreve ele, "é um remanescente da ideia de que o mundo é uma criação divina, a obra de alguém que (...) ele mesmo falava algum idioma em que descreveu seu próprio projeto".[46] Em outras palavras, a verdade objetiva somente é possível se o Criador falou com a raça humana, dando-nos sua eterna e transcendente perspectiva – não apenas sobre questões de salvação, mas também acerca da História e do cosmos. Fazendo uso dos títulos dos livros de Schaeffer, não é suficiente que Deus esteja lá; também é crucial que ele não esteja em silêncio.

Somente é possível libertar-se se Deus tiver se comunicado, o infinito descendo até o finito – não mais presos em nossas mentes individuais, como estavam os pensadores do Iluminismo, ou presos em uma mente comunal, como os pensadores pós-modernos estão. A estratégia apologética bíblica irá capacitá-lo a ajudar a libertar aqueles que foram levados cativos por "sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens" (Cl 2.8). Ela o ensinará como "desmascarar os ídolos temporais"[47] e redirecionar as pessoas no caminho à verdade eterna.

O panteísmo contra você

Até aqui, traçamos duas formas muito diferentes de reducionismo, resultantes de duas difundidas filosofias: o materialismo e o pós-modernismo.

A estratégia apologética de Romanos 1 também nos dá ferramentas para diagnosticar o reducionismo proveniente da religião. Vamos praticar a

aplicação dessas ferramentas no panteísmo oriental e no Islã.

Mais cedo, aprendemos que pensadores românticos abraçaram uma versão ocidental do panteísmo. Portanto, não é de se surpreender que eles também estivessem abertos para versões orientais. No final do século 19, Schopenhauer tornou-se o primeiro filósofo a importar o completo Budismo para o Ocidente. Em nossos dias, o movimento Nova Era tem elevado religiões orientais a posições de elegância, ao estilo de Hollywood.

Normalmente, o panteísmo é resumido como a doutrina de que deus é o universo e o universo é deus (*pan* significa tudo; *teísmo* significa deus). Deus é chamado de o Um ou o Todo. O mundo é visto como uma manifestação ou emanação da essência divina.

Esse é um ídolo? Obviamente.

Panteístas costumam argumentar que o ensino bíblico de um Deus transcendente alienou-nos da natureza – que foi esta a causa de a cultura ocidental saquear e violentar a Terra. Se cultivarmos um senso de unidade espiritual com a natureza, afirmam eles, teremos maior reverência por todo tipo de vida.

Essa alegação é verdadeira? De modo nenhum. A razão é que, como todos os ídolos, o panteísmo é reducionista e leva a uma visão inferior da vida.

Qualquer coisa que uma visão de mundo identifica como divino torna-se a lente através da qual se enxerga tudo, a peneira que ela usa para separar o que é real. No panteísmo, o divino é uma unidade espiritual subjacente, o Um. O que passa pela peneira, então, é a diversidade, a diferença, a individualidade. No Hinduísmo, sua identidade individual é, na verdade, chamada de *maya*, que significa ilusão. É considerada como a causa do mal, do egoísmo, da ganância e da guerra. O objetivo da meditação é dissolver a sensação de ser um ego separado, por meio da fusão com o Um cósmico, o indiferenciado Todo, como uma gota de água se dissipa no oceano. No Budismo, a palavra *nirvana* significa, literalmente, "tornar-se extinto".[48]

A perda do ego é expressa em um poema do poeta chinês Li Po. O poema é sobre a chegada da noite, e termina com estas palavras:

Sentamos juntos,
a montanha e eu
até que apenas
a montanha permaneça.

Esse poema é citado muitas vezes em livros sobre meditação, como uma comovente expressão de nossa unidade com a natureza. Mas note que, nesta unidade, o "eu" se perde – dissolvido na rocha da montanha. Como um poeta contemporâneo explica, a montanha representa o eterno Um: "Assistindo durante tempo suficiente a esta 'montanha' de presença eterna, em profunda quietude, você descobre que está longe de ser visto. Você está surpreso ao descobrir que tudo aquilo que reflexivamente chamava de 'eu' nunca esteve realmente lá desde o princípio."[49]

A mensagem implícita é que o ego individual tem tão pouco valor que deveria se dissolver no Um. Já que ele "nunca esteve realmente lá desde o princípio", era uma ilusão.

Outra razão pela qual o panteísmo gera uma visão inferior da vida humana é que o divino não é pessoal. No panteísmo clássico, o conceito de divino não é uma divindade pessoal que pensa, deseja, sente e age. Em vez disso, é um substrato espiritual impessoal, que não pensa e não age, subjacente a todas as coisas. Um ex-budista zen (que se converteu ao Cristianismo) explica que, no panteísmo, o divino é "uma essência inconsciente e impessoal, a qual pode ser chamada de Deus, Natureza, o Absoluto, a Unidade".[50]

Como resultado, surpreendentemente, o panteísmo não é tão diferente do materialismo. É o outro lado da mesma moeda. O materialismo afirma que tudo consiste de coisas *materiais*. O panteísmo afirma que tudo é composto de coisas *espirituais*. Ambos são impessoais. Assim, nem um e nem outro leva em

conta as dimensões pessoais da natureza humana. E o que eles não podem explicar, irão suprimir e, finalmente, negar.

Este é o padrão reducionista. Toda visão de mundo baseada em ídolos procura colocar toda a realidade dentro de uma caixa. Inevitavelmente, porém, alguma coisa ficará para fora da caixa. Algo deixará de caber dentro de suas categorias conceituais. Tanto o materialismo quanto o panteísmo definem a realidade fundamental em termos não pessoais – e, portanto, ambos desconsideram a personalidade humana. Assim, acabam negando, denegrindo e desvalorizando as características únicas das pessoas. Os seres humanos são reduzidos a produtos de forças não pessoais. O indivíduo se dissolve na rocha da montanha.[51]

Qualquer sistema que comece com forças não pessoais acabará por suprimir a personalidade humana. Ele reduzirá pessoas a componentes de uma matrix cega e inconsciente do ser. A água não pode subir acima de sua fonte.

A questão intrigante é: por que essas visões de mundo são populares?

Afinal, o que desejamos mais do que tudo é sermos conhecidos e amados por quem somos, como pessoas únicas – desejo este que só pode ser alcançado se o divino for uma Pessoa. O Deus do Cristianismo não apaga nossa identidade individual, mas a confirma. Ele nos chama a ser cada vez mais plenamente os indivíduos únicos que fomos criados para ser. Ao contrário do misticismo oriental, o objetivo não é *reprimir* nossos desejos, mas *direcioná-los* para o que realmente satisfaz – a um relacionamento de amor apaixonado com a maior Pessoa transcendental.

O Islã contra a dignidade humana

Todas as religiões de que já tratamos – seja oriental ou pagã – encaixam-se no diagnóstico de Romanos 1. Elas adoram a criatura em vez do Criador.

Absolutizam algo imanente no cosmos. Porque seu deus é menor que o Deus da Bíblia, levam a uma visão inferior da pessoa humana. Como diz o Princípio 2, elas levam ao reducionismo.

As exceções a essa regra são as outras religiões monoteístas, o Judaísmo e o Islamismo, que partilham com o Cristianismo o conceito de um Criador transcendente. Eles também aceitam pelo menos algumas das mesmas Escrituras. Vou deixar o Judaísmo de lado por causa de sua complexa relação com o Cristianismo. Os cristãos afirmam que doutrinas como a Trindade são encontradas no Antigo Testamento, mesmo que ensinadas mais explicitamente no Novo Testamento. É por isso que o evangelho foi "primeiro do judeu" (Rm 1.16). O termo "judaico-cristão" enfatiza as muitas continuidades e semelhanças.

E o Islã? Hoje em dia, o Islã tornou-se uma poderosa força geopolítica, e os cristãos estão à procura de formas melhores de compreendê-lo. O Islamismo aceita segmentos da Escritura cristã como divinamente revelados (a Torá hebraica, os salmos de Davi e os Evangelhos).[52] Porém, o conceito de Deus difere em aspectos importantes da teologia cristã clássica – faz isso claramente ao rejeitar o conceito de Trindade.

O Corão ensina que Jesus não é divino, mas é "apenas um mensageiro de Alá".[53] O erudito islâmico Seyyed Hossein Nasr escreve: "O Corão enfatiza continuamente a Unidade e a Unicidade de Deus, e pode-se dizer que a própria razão de ser do Islã é afirmar de forma definitiva e categórica a Unicidade de Deus e a insignificância de todos perante a Majestade deste Um." Em razão desta ênfase na unicidade de Deus, alguns estudiosos até mesmo declaram que o Islamismo está mais próximo do panteísmo presente no neoplatonismo e no hinduísmo do que do Cristianismo.[54]

Como consequência, certos elementos-chave da pessoalidade estão ausentes no conceito islâmico da divindade. Por exemplo, considere as qualidades associadas com relacionamentos. Somente dentro de um relacionamento Deus pode expressar atributos interpessoais, como amor, compaixão, intimidade, dedicação e comunicação. Somente entre pessoas distintas pode haver dar e receber, iniciativa e reação, compartilhamento e revelação pessoal, união e comunhão.

Para Deus ser totalmente pessoal, e, assim, capaz de amar e conviver, deve haver pluralidade genuína dentro do próprio ser divino. A teologia cristã histórica ensina que esses atributos interpessoais foram expressos desde toda a eternidade entre as três Pessoas da Trindade. Desta forma, o Cristianismo consegue manter dentro da Divindade o mais alto conceito do que significa ser um ser pessoal.

"Todos os tipos de pessoa gostam de repetir a afirmação cristã de que 'Deus é amor'", escreve C. S. Lewis, "mas elas parecem não perceber que as palavras 'Deus é amor' não têm significado real a menos que Deus contenha, pelo menos, duas pessoas. O amor é algo que uma pessoa tem por outra pessoa. Se Deus fosse uma única pessoa, então, antes de o mundo ser feito, ele não era amor"[55] ou, se ele tinha a capacidade de amar, não teria nenhuma maneira de exercê-la. Para cumprir sua natureza, ele *precisaria* criar um mundo – e, nesse caso, seria dependente da criação, o que não é o tipo de divindade ensinado nem no islã nem no Cristianismo.

Apenas um Deus de amor é totalmente pessoal. Assim, a Trindade é crucial para manter um conceito totalmente pessoal de Deus. Como diz o teólogo Robert Letham, "somente um Deus que é trino pode ser pessoal (...) Uma mônada solitária não pode amar e, uma vez que não pode amar, também não pode ser uma pessoa". Assim, "não há como explicar ou mesmo afirmar a pessoalidade humana".[56]

Surpreendentemente, a enciclopédia de filosofia *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* relata que o Islã não tem sequer um conceito de pessoa: "Não há conceito algum equivalente ao conceito filosófico ocidental de 'pessoa' em árabe e na filosofia islâmica clássica." Este fato parece "confirmar a importância das origens do termo, especificamente cristãs".[57]

Se é verdade que o Islamismo não possui sequer um conceito claro de pessoa, isso explicaria por que tende a ser fatalista, enfatizando a pura submissão à vontade de Alá (*islã* significa submissão). Como Udo Middelmann explica, "o Islã é uma religião de resignação (...) Alá fez o mundo,

e você deve aceitar a forma como o mundo interage com você, mesmo que o mate. Você não está autorizado a fazer quaisquer perguntas, não pode ter dúvidas e não possui responsabilidade individual. A negação de si mesmo é a sua salvação".

Isso também explica por que boa parte do culto muçulmano consiste em rituais quase mecânicos: os adoradores recitam o Corão, em uníssono, palavra por palavra, de cor, no árabe original (a palavra *Corão* significa "aquilo que é recitado"). Para citar Middelmann novamente, "sua espiritualidade é repetitiva e impessoal, não um amor a Deus por escolha e deliberado, com todo o seu coração, mente e alma".[58]

Os muçulmanos sequer precisam compreender o que recitam. Muitos não são árabes e não falam a língua. Um livro escrito por dois autores muçulmanos diz: "Não é incomum encontrar pessoas que têm grande parte do texto memorizado, mas não fazem a menor noção da visão de mundo que o permeia". Mas isso é aceitável, dizem os autores, porque no Islã "o entendimento é secundário" à recitação e ao ritual.[59]

Assim, o Islã prova o princípio reducionista mais uma vez – que uma visão inferior de Deus conduz a uma visão inferior do valor, da condição e da dignidade da pessoa humana.

Dos ídolos seculares aos campos de extermínio

Uma das mais poderosas formas de envolver-se com os curiosos e os céticos é ajudá-los a identificar seus próprios ídolos. E os ídolos são mais fáceis de reconhecer quando vividos na prática – especialmente quando estão incorporados nas políticas públicas. Já aplicamos o Princípio 2 a filosofias e religiões; agora vamos mostrar o impacto do reducionismo quando executado por duas teorias políticas – o Nazismo e o Comunismo. Ambos ilustram o poder obscuro e destrutivo dos ídolos.

A história ocidental é frequentemente recontada sob a forma de uma epopeia religiosa, diz o antropólogo Richard Schweder. "A história do

Iluminismo tem sua própria versão do Gênesis, e os temas são bem conhecidos: o mundo despertou do sono da 'idade das trevas', finalmente entrou em contato com a verdade e tornou-se bom cerca de 300 anos atrás, ao norte e oeste da Europa." Essa fé secular oferece sua própria versão de salvação: "Enquanto as pessoas abriam os olhos, a religião (equiparada com ignorância e superstição) deu lugar à ciência (equiparada com verdade e razão)."

Durante séculos, esse mito iluminista foi tido como o modelo para o progresso e a liberdade. Todavia, "como uma teoria da História", comenta Schweder secamente, a "narrativa tem tido uma utilidade de previsão de aproximadamente zero".[60] A ascensão do secularismo *não* levou a uma crescente liberdade. Pelo contrário, transformou o século 20 em um banho de sangue de morte e destruição. A maior parte das atrocidades foi perpetrada por regimes dedicados a ideologias políticas, tais como o Nacional-Socialismo (Nazismo) e o Marxismo (Comunismo).

Os historiadores têm se perguntado com frequência como tamanha espantosa barbárie poderia emergir na moderna Europa civilizada. A resposta reside no poder dos ídolos. A doutrina nazista foi organizada em torno do ídolo da raça. Acreditava-se que a raça de um indivíduo (ariano, judeu ou eslavo) determinava os pontos de vista, o caráter e até mesmo o valor dessa pessoa. A ideologia comunista foi organizada ao redor do ídolo da classe econômica. A posição econômica de uma pessoa (capitalista ou proletário) era considerada o fator que determinava tudo.

Como temos visto, em todas as visões de mundo baseadas em ídolos, algumas partes da criação não caberão em sua caixa. Alguns fatos da revelação geral serão detidos. Mas quando cosmovisões centradas em ídolos são aplicadas no âmbito político, haverá algumas *pessoas* que não se encaixam na caixa estabelecida pelo Estado – e que serão, literalmente, detidas e até mesmo mortas. Sob o Nazismo, não se encaixavam na caixa de raças aceitas os judeus, ciganos, eslavos, sérvios, poloneses, ucranianos e outros. Estes foram transportados para campos de concentração, onde cerca de vinte e cinco

milhões de pessoas morreram, ou foram mortas a tiros. Sob o Comunismo, não se encaixavam na caixa fixa da classe econômica os capitalistas, cúlaques (fazendeiros russos prósperos no século 19) e outros. Estes eram submetidos a privação de alimentos, ou enviados para campos de trabalho forçado, onde estima-se que entre oitenta e cinco a cem milhões de pessoas morreram, ou foram mortas a tiros (ambos os regimes detinham cristãos dissidentes).[61]

Na Segunda Guerra Mundial, esses mesmos falsos absolutos resultaram em um conflito global. Como Gilson observou naquela altura, "milhões de homens estão morrendo de fome e sangrando até a morte porque duas ou três (...) abstrações divinizadas estão agora em guerra. Pois quando deuses lutam entre si, homens têm de morrer".[62]

A lição é que as ideologias baseadas em ídolos são invariavelmente desumanizantes e, se não forem controladas, levam a repressão, coação, opressão, guerra e violência. Somente no século 20 elas, sozinhas, tomaram muito mais vidas e causaram muito mais estragos do que os eventos de motivação religiosa como as caças às bruxas, inquisições, e guerras dos séculos anteriores.

"Os materialistas estão prontos para adorar suas próprias criações mal construídas como se fossem o Absoluto", escreve Aldous Huxley. Isso "torna possível que eles satisfaçam suas mais feias paixões com a consciência tranquila e com a certeza de que estão trabalhando para o Bem Maior".[63] Os campos de derramamento de sangue e morte produzidos por ideologias idólatras não eram uma violação de seus princípios (como as guerras religiosas eram violações dos princípios cristãos); eram desdobramentos logicamente consistentes da visão de mundo.

O filósofo John Gray, embora ele mesmo seja um ateu, escreve que "quando o ateísmo se torna um projeto político, o resultado invariável é uma religião substituta que só pode ser mantida por meios tirânicos"[64] – por meio da polícia secreta e campos de extermínio.

De libertadores a déspotas

O estudo das visões de mundo não é simplesmente um assunto teórico a ser discutido hipoteticamente em sala de aula. Ídolos possuem consequências de vida ou morte. Quando Romanos 1 diz que Deus entrega as pessoas ao impacto destrutivo de seus ídolos, isso não significa apenas o comportamento pessoal.

Visões de mundo também estão inseridas em salas de aula, salas de reuniões, tribunais, câmaras legislativas e no teatro de guerra.

O totalitarismo moderno ilustra o ensinamento de Paulo de que aqueles que não conhecem a Deus cairão sob o jugo dos ídolos. "Servíeis a deuses que, por natureza, não o são" (Gl 4.8).[65] Quando um grupo de famosos ex-comunistas escreveu um livro sobre a sua desilusão, deram o título de *The God That Failed*.

O historiador Isaiah Berlin observou que toda filosofia oferece um modelo de realidade que promete libertar as pessoas do erro "mas quase sempre acabam por escravizar essas mesmas pessoas, *ao não explicar a totalidade da experiência*.

Começam como libertadores e terminam em algum tipo de despotismo".[66]

Para criar uma sociedade humana, devemos identificar os ídolos que "não explicam a totalidade da experiência" – que prendem as pessoas em modelos de realidade parciais, unidimensionais. A única base para direitos humanos e dignidade genuínos é uma cosmovisão totalmente bíblica. Em vez de absolutizar uma peça do quebra-cabeça, o Cristianismo oferece o quebra-cabeça completo, com todas as peças em harmonia, criando uma imagem de beleza encantadora.

Isso gera uma perspectiva muito mais rica, completa e complexa da realidade do que qualquer outra visão de mundo. O Cristianismo inclui os conhecimentos válidos de todas as demais cosmovisões, enquanto evita seus pontos fracos.

Mais do que sonha a sua filosofia

Qual é o denominador comum a todos os exemplos neste capítulo?

Religiões e cosmovisões que negam o Deus da Bíblia precisam tratar alguma outra coisa como a realidade máxima e fundamental (Princípio 1). Com exceção das demais religiões monoteístas, elas deificam algo imanente no cosmos, absolutizam algum aspecto da criação como o explicador final. Em seguida, reduzem todo o restante a essa única categoria (Princípio 2). Reducionismo é como tentar ver o mundo através de uma única lente. G. K. Chesterton chamou o reducionismo de uma prisão mental, "a prisão de um pensamento".[67]

Qualquer coisa que não se encaixe nesta prisão é negada e reprimida.

O resultado é sempre uma visão de mundo mais estreita, mais pobre, mais escura e menos humana do que a imagem bíblica. O conceito de humanidade de uma visão de mundo não pode ser maior que o seu conceito do divino.

Romanos 1 começa seu ensinamento sobre ídolos dizendo que a "ira de Deus" se revela dos céus. Provavelmente não há nada que as pessoas modernas odeiem mais sobre a religião do que falar da ira de Deus. Tal tópico sugere uma imagem de uma divindade irritada e vingativa. Mas, com frequência, o conceito bíblico de ira refere-se simplesmente à oposição implacável de Deus contra o mal e a injustiça. Não significa necessariamente um evento catastrófico, como um raio descendo do céu. Na verdade, pode não ter absolutamente nada a ver com intervenção divina nos assuntos humanos. Como vimos no Princípio 2, o julgamento de Deus muitas vezes consiste em dar às pessoas o que elas querem e deixá-las experimentar as consequências autoprovocadas de suas escolhas.

Ele as permite escolher modos de pensar e de viver que são autodestrutivos, que arruínam a honra e a dignidade dos outros e de si mesmos.

Eu não consigo pensar em uma melhor descrição de visões de mundo reducionistas.

Quando Romanos 1 adverte que ídolos levam a comportamentos desonrosos, por vezes negligenciamos a implicação – a saber, que os homens

são destinados a *honrar* aos outros e a si mesmos. Como escreve Thomas Johnson, o texto sugere "que existem formas adequadas para as pessoas honrarem a si mesmas", ou seja, aceitar a perspectiva de Deus sobre elas. "Quando as pessoas aceitam sua posição de portadoras da imagem do Criador, colocadas neste mundo para cumprir seus mandados, há honra para todos." Mas, quando criam substitutos para Deus e reformulam a compreensão de si mesmas à imagem de um ídolo, há desonra e destruição para todos.[68]

Nosso coração deve se quebrantar por aqueles que mantêm visões de mundo escuras, desumanas, degradantes e desonrosas à pessoa humana.

Uma oportunidade está escancarada para apresentar o Cristianismo como radicalmente positivo e humano. Uma cosmovisão bíblica não diviniza qualquer aspecto da criação nem cria um falso absoluto. Como consequência, não gera um reducionismo que desvaloriza ou nega as demais dimensões da criação. Ele não precisa enfiar o universo em uma caixa e cortar fora tudo o que não se encaixa. Não é exclusivo, mas inclusivo, afirmando a bondade e a realidade de tudo na diversificada e multifacetada criação de Deus.

O Cristianismo concorda com Hamlet quando disse a Horácio: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a vossa vã filosofia." Visões de mundo reducionistas insistem que há *menos* coisas entre o céu e a terra.

Viver de acordo com tais teorias é como viver em um *bunker* de concreto sem janelas. Comunicar uma cosmovisão cristã deve ser como convidar as pessoas a abrirem a porta e saírem. Nossa mensagem deve expressar a alegria de guiar os cativos para fora de um mundo pequeno e apertado para um mundo que é extenso e libertador.

Agora compreendemos melhor por que Paulo podia se colocar diante do Império Romano e proclamar que "não se envergonha do evangelho".

Ele estava certo de que o Cristianismo não é apenas mais convincente do que qualquer outra religião ou visão de mundo, mas também é mais atraente. Nas Escrituras, o termo "envergonhar" não costuma significar estar psicologicamente constrangido, mas significa confiar em algo que o

decepciona, que não obtém sucesso. “Não seja eu envergonhado, nem exultem sobre mim os meus inimigos” (Sl 25.2). “Porque o Senhor Deus me ajudou (...) sei que não serei envergonhado” (Is 50.7). Então, quando Paulo diz que não se envergonha do evangelho, está dizendo que uma cosmovisão cristã não vai desapontá-lo. Não decepcionará.[69] O Cristianismo satisfaz a fome humana por uma visão de mundo unificada e completa para ser a base da vida e possui os recursos intelectuais para fornecer um holístico guia internamente consistente para a vida.

Claro, ser atraente não faz uma visão de mundo verdadeira. Para testar se é verdadeira ou falsa, temos de avançar para o Princípio 3. O que geralmente queremos dizer quando questionamos se certa ideia é verdade é: Ela se encaixa no mundo como nós o conhecemos? Confere com os fatos? No Princípio 3, veremos como Romanos 1 nos mune de um poderoso conjunto de ferramentas para testar as visões de mundo e descobrir a verdade.

PRINCÍPIO 3
.....
ATOS SECULARES DE FÉ

Há alguns anos, a CNN publicou um artigo intitulado "Why I Raise My Children Without God". Imediatamente, o texto tornou-se viral. A autora, uma jovem mãe chamada Deborah Mitchell, listou várias razões pelas quais resguardou os filhos de aprenderem sobre Deus – a maioria delas são variações sobre o problema do mal. Mitchell argumentou que um Deus amoroso não permitiria que fossem cometidos "assassinatos, abuso infantil, guerras, espancamentos brutais, tortura e milhões de atos hediondos em toda a história da humanidade".[1]

A clássica resposta cristã para o problema do mal é que Deus criou seres humanos com liberdade de decisões – e eles fizeram uma bagunça horrível.

Isso é chamado de defesa da vontade e reconhece a trágica realidade do pecado e do sofrimento, enquanto, ao mesmo tempo, afirma a dignidade humana. Ela retrata os humanos como agentes morais autênticos, cujas escolhas são tão significativas que alteram a direção da História, e até mesmo da eternidade.

Tendo rejeitado a resposta cristã, o que Mitchell ofereceu como alternativa?

Ela propôs uma visão de mundo materialista, na qual os humanos são completamente pré-fixados, sem vontade livre. "Somos apenas uma parte muito, muito pequena de uma grande, grande máquina", entoou ela, "e a influência que temos é minúscula". Precisamos aceitar "o fato da nossa insignificância".

É *isso* que deveria ser uma alternativa atraente ao Cristianismo? Que os seres humanos são pequenas máquinas presas em uma grande máquina? Que as suas ações são insignificantes? Mitchell afirmou que sua visão materialista leva à "humildade". Mas tal visão não provoca modéstia; na verdade, é desumanizante. Ela essencialmente reduz os seres humanos a robôs.

Mais importante ainda, não é verdadeira. Sua perspectiva da humanidade está em contradição com os dados da experiência humana. Todas as civilizações ao longo da História têm reconhecido que os seres humanos são agentes morais, capazes de fazer escolhas responsáveis. Não existe sociedade sem algum código moral. O que a experiência humana universal pode afirmar é que os seres humanos não são apenas pequenos robôs.[2]

Afinal, o que a visão de mundo pretende explicar? Espera-se que uma cosmovisão dê uma explicação sistemática daqueles inevitáveis e imprescindíveis fatos de experiência acessíveis a todas as pessoas, em todas as culturas, em todos os períodos da História. Em termos bíblicos, esses fatos constituem a revelação geral. Os filósofos às vezes se referem a eles coletivamente como o mundo da vida, ou a experiência vivida, ou experiência pré-teórica.[3] O principal objetivo de se construir sistemas *teóricos* é explicar o que os humanos conhecem por meio de experiência *pré-teórica*. Esse é o ponto de partida para qualquer filosofia. Esses são os dados que devem ser explicados. Se a teoria não consegue explicar os dados da experiência, então falhou no teste. É falsa.

A gravidade do fato

Considere isso como o teste prático de uma visão de mundo. Assim como os cientistas testam uma teoria levando-a para o laboratório e misturando produtos químicos em um tubo de ensaio para ver se os resultados a confirmam, testamos uma cosmovisão levando-a para o laboratório da vida comum. Ela pode ser vivida de forma consistente no mundo real, sem praticar violência à natureza humana? A vida funciona da forma como a visão de

mundo diz que deveria? Ela se encaixa na realidade? Está de acordo com o que sabemos sobre o mundo?

Podemos dizer que o propósito de uma *visão de mundo* é explicar o que sabemos sobre o *mundo*. Se uma cosmovisão contradiz nossa experiência fundamental do mundo – aquilo que conhecemos pela revelação geral – isso é um bom sinal de que ela deve ser descartada. Como colocado por Dooyeweerd, toda filosofia "deve ser confrontada com os dados da experiência ingênua a fim de testar sua capacidade de descrever tais dados de maneira satisfatória". Qualquer filosofia que "não pode explicar esses dados de maneira satisfatória deve ser errônea".[4]

O filósofo J. P. Moreland diz que provamos as visões de mundo pela avaliação de quão bem elas explicam "fatos recalcitrantes", aqueles fatos teimosos que toda teoria deve explicar – ou então deve ser considerada falsa.[5]

E podemos ter a certeza de que todas as cosmovisões centradas em ídolos *serão* comprovadas como falsas. Todas falharão ao responder pelo menos alguns desses fatos teimosos. Por quê? Porque, como aprendemos no Princípio 2, elas são reducionistas. Tentam definir o todo em termos de uma parte. Inevitavelmente, suas categorias conceituais serão estreitas e limitadas demais. Algumas partes da realidade ficarão para fora da caixa.

Reflita sobre o artigo da CNN que se tornou viral. Ele propôs uma filosofia materialista que reduz o ser humano a máquinas, determinado por forças materiais. O que fica para fora dessa caixa? A liberdade humana. O fato inegável é que humanos fazem escolhas. Este fato serve como prova de que uma pessoa *não* é "uma parte muito, muito pequena de uma grande, grande máquina". Em vez disso, são seres pessoais capazes de vontades e escolhas – o que significa que sua origem deve ser um Ser pessoal, e não as cegas forças da natureza.

Lembre-se de que, em filosofia, *pessoal* não significa caloroso e amigável; significa um ser com a capacidade de pensar, sentir, escolher e agir, em contraste com uma substância que não pensa, cuja ação é automática.

Considere o que acontece quando sódio é combinado com cloro: os átomos reagem uns com os outros para produzir cloreto de sódio (sal de cozinha). Os átomos não tomam uma decisão consciente para interagir. Não optam por transferir elétrons para formar uma ligação iônica. O processo ocorre por forças físicas puramente automáticas. O materialismo sugere que o comportamento humano também pode ser explicado unicamente por forças físicas trabalhando em nossa química cerebral. A existência da vontade contraria tal teoria. Ela constitui evidência de que os humanos não foram criados por forças físicas automáticas, mas por um Agente pessoal.

É irônico que as pessoas que rejeitam o Cristianismo – que pensam que sem Deus podem finalmente ser livres – acabam em filosofias que negam a liberdade humana.

Para se familiarizar com o teste prático, percorreremos vários exemplos.

A vantagem de trabalhar com exemplos é que você vai aprender a analisar a própria terminologia e raciocínio usados por pensadores seculares em situações do mundo real. A coisa mais surpreendente que descobriremos é que, quando pressionados, muitos deles na verdade reconhecem que sua visão de mundo não se encaixa nos fatos. Os exemplos deste capítulo o ajudarão a vencer os debates, utilizando as próprias palavras deles.

Eu, robô – nós, máquinas

Não fique tentado a pensar que perguntas sobre visões de mundo como essas são esotéricas – irrelevantes para pessoas comuns. Na minha adolescência, eu já estava lutando com as mesmas questões suscitadas pela jovem mãe que escreveu para a CNN. Depois de rejeitar a minha educação luterana, abracei o determinismo físico e social. Eu vi isso como mais um prego no caixão do Cristianismo, pois a Bíblia claramente ensina que os seres humanos exercem responsabilidade moral: "Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal (...) escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência" (Dt 30.15,19).

Claro, teólogos debatem a natureza exata da liberdade humana. Os reformadores Lutero e Calvino enfatizaram que o homem não pode fazer nada para contribuir para a salvação. A mensagem libertadora do evangelho é que não temos de merecer ou trabalhar pela salvação; que tanto a justificação quanto a santificação são "pela pregação da fé" (Gl 3.2). Mas os reformadores não quiseram dizer que não podemos escolher se teremos presunto ou peito de peru em nosso sanduíche. Na contramão, o materialismo afirma que os humanos somente *pensam* que estão escolhendo presunto ou peru. Na realidade, seu comportamento é impulsionado por forças naturais, como neurônios disparando no cérebro – exatamente como sódio reage com cloro.

Todos os cristãos concordam em rejeitar essa concepção materialista de seres humanos como sendo meros robôs ou máquinas feitas de carne.[6]

A Bíblia ensina que os homens são pecadores caídos, mas a queda não nos fez menos do que humanos, não nos transformou em máquinas.

Obviamente, não somos livres para fazer qualquer coisa que possamos imaginar, porque somos criaturas, não o Criador. Nós também estamos inseridos em um universo físico e num mundo social; cada um carrega uma história pessoal que afeta suas escolhas. No entanto, dentro desses parâmetros, temos alguma variedade de escolha e responsabilidade genuínas.

Nossas ações não são simplesmente elos em uma corrente fechada de eventos físicos causalmente conectados. Temos a capacidade de ser primeiras causas, começando uma nova cadeia de causa e efeito.

Só quando fui a L'Abri, porém, ouvi argumentos convincentes em favor da vontade, argumentos centrados na universalidade da experiência humana.

O testemunho de todas as culturas conhecidas ao longo de toda a História registrada é que os seres humanos exercem liberdade e responsabilidade moral. De tempos em tempos, indivíduos peculiares têm levantado objeções, mas as civilizações como um todo não podem sobreviver sem a convicção de que as pessoas podem ser responsabilizadas por suas ações.

Mesmo os materialistas costumam admitir que, na prática, é impossível para o homem viver de outra maneira. Um filósofo brinca dizendo que, se as pessoas negam a vontade, então, ao fazer o pedido em um restaurante, deveriam apenas dizer: "Traga-me o que quer que as leis da natureza determinem que vou comer."[7]

Parece que somos forçados a aceitar a realidade da vontade. Os seres humanos são constituídos de tal modo que não podem funcionar sem ela. É um daqueles fatos teimosos que devem ser levados em conta por qualquer cosmovisão.[8]

Esses foram alguns dos argumentos que encontrei enquanto estudava na L'Abri. Como resultado, comecei a considerar seriamente se minha visão de mundo determinista poderia estar enganada. Era como se os seres humanos realmente não tivessem liberdade moral. E se a minha visão de mundo não incluía isso, bem, eu precisava buscar alguma que incluísse. Era o início de uma reviravolta intelectual. O Cristianismo começou a soar muito mais plausível.

Como podemos tornar o Cristianismo mais plausível para os nossos próprios amigos e membros da família que são curiosos, agnósticos, ou céticos?

Princípio 3

Teste o ídolo: ele contradiz o que sabemos sobre o mundo?

Temos trabalhado através de dois princípios na análise de visões de mundo.

Em primeiro lugar, identificamos seu ídolo. Em segundo lugar, identificamos seu reducionismo. Agora questionaremos se as visões de mundo baseadas em ídolos enquadram-se no mundo real.

Vamos continuar com as questões sobre a vontade, porque ela é algo muito central para a dignidade humana. A capacidade de escolher entre alternativas torna possível uma série de outras capacidades distintivamente humanas – criatividade e resolução de problemas, amor e relacionamentos (robôs não amam), até mesmo a própria racionalidade (se nossas mentes são pré-

programadas para adotar uma ideia, então não é uma decisão racional). "A menos que os seres humanos sejam moralmente responsáveis", diz o professor de direito Jerome Hall, "a justiça é apenas uma miragem". A menos que os homens possuam liberdade de decisões, não desenvolveremos uma noção de identidade ou autoestima (porque, nesse caso, tudo o que *eu* faço é, na verdade, o trabalho de forças inconscientes e automáticas).[9]

O que está em jogo é nada menos do que o nosso "*respeito pelas pessoas*", diz um filósofo. Porque, se o determinismo estiver correto, então "nós somos, no cômputo final, meros joguetes da sorte".[10]

Assim, a vontade tornou-se um substituto para toda a gama de qualidades humanas que dependem dela. Se você cursar uma matéria de Filosofia básica, muito provavelmente seu livro incluirá um capítulo sobre vontade *versus* determinismo. Nos últimos anos, o tema passou a estar no centro do palco da filosofia.[11] Por isso, é um dos fatos mais salientes da revelação geral que podem ser usados para testar visões de mundo.

Por que secularistas não conseguem viver com o secularismo

Vamos praticar a aplicação do Princípio 3 a vários exemplos, usando as próprias palavras e escritos dos secularistas. Um exemplo especialmente claro é Galen Strawson, um filósofo que afirma com grande bravata: "A impossibilidade da vontade (...) pode ser provada com absoluta certeza."

Todavia, em uma entrevista, Strawson admite que, na prática, ninguém aceita sua visão determinista. "Para ser honesto, eu mesmo não posso aceitá-la", diz ele. "Na realidade, não posso viver com este fato no dia a dia. Você consegue, de verdade?"

Mas se os humanos "não podem viver com" as consequências de uma visão de mundo, será que ela é um mapa confiável para a realidade? Esteja atento a frases como esta, ao ler os outros exemplos. Muitas vezes, elas são indícios de que alguém está tentando viver uma visão de mundo que não se encaixa no

mundo real – de que essa pessoa tenha dado de frente contra um dos fatos incontroláveis que apontam para o Deus bíblico.

Além disso, Strawson insiste que não está sozinho, que até mesmo cientistas cognitivos que publicam livros e artigos favorecendo o determinismo não o aceitam como uma teoria viável para se viver. Eles "podem aceitá-la em seus jalecos brancos, mas tenho certeza de que são exatamente como o restante de nós quando estão no mundo lá fora – convencidos da realidade de radical vontade livre".[12]

Resumindo, suas *práticas* contradizem o que *professam*. Estão presos em dissonância cognitiva.

Strawson relata o conflito em termos marcantes: "Poderosas razões lógicas ou metafísicas para supor que não podemos ter forte vontade continuam a aparecer contra igualmente poderosas razões psicológicas de por que *não podemos deixar de acreditar* que nós a possuímos (...) Parece que *não podemos viver* ou experimentar nossas escolhas como sendo determinadas, mesmo se o determinismo for verdade."[13]

Quais são as frases reveladoras aqui? Que existem ideias que "não podemos deixar de acreditar"; que "não podemos viver" à base de ideias contrárias, mesmo se pensarmos que são verdadeiras. Quando um conceito (como a vontade) continua borbulhando inescapável e irresistivelmente até mesmo na mente de alguém que o rejeita – e cuja visão de mundo declaradamente nega – é um bom indício de que esta é uma verdade da revelação geral que está sendo suprimida. A ordem criada recusa-se a caber dentro da caixa de qualquer visão de mundo baseada em ídolos.

Não importa quanto as pessoas se esforcem para suprimir seu conhecimento de Deus, a própria criação continua desafiando-as. "A vida humana é uma contínua luta com Deus e sua ordem criada", escreve Thomas Johnson.[14] Ao falar com os céticos e agnósticos, podemos mostrar que sua visão de mundo não consegue explicar a realidade como *eles próprios* a

experimentam. No final das contas, as verdades da revelação geral não podem ser detidas.

Uma visão de mundo é como um mapa interno que guia nossa navegação pela realidade. Uma vez que os ídolos deificam uma *parte* da criação, produzem mapas que cobrem apenas *parte* da realidade. Como resultado, no curso da vida comum, os seres humanos acabam afastando-se do mapa. Isso acontece sempre que são "obrigados a acreditar" na vontade ou na responsabilidade moral ou em qualquer outra coisa não abrangida pelo seu mapa cognitivo – sempre que "não puderem viver" dentro das apertadas fronteiras do mapa. A própria vida continua empurrando-os para fora de seus próprios mapas. Ninguém consegue viver de forma consistente com base em um mapa de visão de mundo tão limitado assim.

Secularistas indecisos

Considere mais alguns exemplos da vida real. Em *What Science Offers the Humanities*, Edward Slingerland identifica-se como um materialista e reducionista ousado. Um revisor da revista *Science* expressou esperança de que o livro vai "dar início a experiências de conversão" para uma visão de mundo materialista (experiências de conversão? E você se perguntava se o materialismo poderia realmente ser rotulado como uma religião?).

Slingerland argumenta que o materialismo darwinista leva logicamente à conclusão de que os seres humanos são robôs – que nossa sensação de ter uma vontade, um ego ou uma consciência é uma ilusão. Todavia, ele admite, é uma ilusão da qual é impossível nos livrarmos. Ninguém "pode evitar *agir* como se fosse livre e em algum nível *realmente sentir* que é livre". Nós somos "constitucionalmente incapazes de *experimentar* a nós mesmos e outros membros da mesma espécie [os humanos] como robôs".

Uma seção em seu livro é até mesmo intitulada "Nós somos robôs projetados para não acreditar que somos robôs".

Você reconhece a linguagem da revelação geral? Ela é composta por essas verdades fundamentais que o homem "não pode evitar" experimentar e sentir, mesmo quando essas verdades contradizem sua própria visão de mundo. Em uma passagem, Slingerland escreve: "Nós somos constituídos de tal maneira" que "inevitável" e "imprescindivelmente" experimentamos a "realidade vivida" de sermos agentes morais.

Como Slingerland propõe resolver a contradição entre sua "realidade vivida" e sua filosofia determinista? Ele sequer tenta. Em vez disso, diz que "precisamos realizar o truque de (...) viver com uma consciência dupla, cultivando a capacidade de visualizar os seres humanos sob duas descrições simultaneamente: como sistemas físicos e como pessoas".[15] Em outras palavras, ele explicitamente recomenda a construção de uma dicotomia mental, uma divisão de dois andares:

Cultivando uma "consciência dupla"

PESSOAS

Agentes livres

SISTEMAS FÍSICOS

Robôs

Tal pensamento compartimentado é o que George Orwell famosamente chamou de "pensamento duplo" e que funciona aqui como um mecanismo de defesa filosófico. Quando uma visão de mundo não dá conta de toda a realidade, o que os adeptos fazem? Será que dizem "é, parece que provaram que a minha teoria é falsa; é melhor eu jogá-la fora"? A maioria das pessoas não desiste tão facilmente. Em vez disso, elas suprimem os itens que sua visão de mundo não pode explicar, isolando-os em uma área conceitual separada da realidade – um andar superior de ficções úteis, realização de desejos, ilusões.

A dupla consciência é um sinal de que a evidência contrária da revelação geral está sendo suprimida. Como vimos no Princípio 2, *toda* cosmovisão não bíblica acaba com alguma forma de "dupla consciência" ou dualismo.

Sempre haverá uma contradição entre as realidades que reconhece (o que se encaixa na caixa) e as realidades que nega (o que fica fora da caixa), um conflito entre aquilo que professa e aquilo que suprime.

Perdendo a verdade completa

Porém, o preço por se aceitar uma dicotomia tão incisiva é a perda de uma verdade unificada. As duas visões de Slingerland da pessoa humana são logicamente contraditórias. Porque, se realmente somos robôs operando por causas puramente materiais, então a liberdade é impossível. Não há visão de mundo logicamente coerente e unificada que possa abranger essas perspectivas contraditórias da pessoa humana.[16]

Desde tempos imemoriais, as pessoas têm mantido o ideal da unidade da verdade. O próprio universo é um todo integrado e coordenado e, portanto, a verdade*sobre* o universo deve ser um todo integrado e coerente. Podemos ainda não ser capazes de ver como tudo se encaixa, mas sabemos que duas afirmações contrárias não podem ser ambas verdadeiras.

Até aproximadamente a década de 1930, o ensino superior americano tinha como base o que era explicitamente chamado de "a unidade da verdade" – "a convicção de que todas as verdades concordam e podem estar fundamentalmente relacionadas umas com as outras em um único sistema", escreve Julie Reuben, historiador de Harvard.[17] Ainda hoje, mesmo as pessoas bem-educadas têm passado a aceitar uma perspectiva da verdade de dois andares, contraditória e fragmentada. Por um lado, abraçam uma visão de mundo que é radicalmente reducionista. Por outro, não conseguem negar as verdades que as pressionam por meio das experiências do dia a dia – as verdades da revelação geral. Então, fizeram o que as gerações anteriores achariam impensável: desistiram do ideal da unidade da verdade.

Um ato de dúvida

Os pensadores que cobrimos até agora são surpreendentemente francos.

Eles reconhecem a aguda contradição entre o que praticam e o que professam.

Porém, é incomum que as pessoas sejam tão lúcidas. Muitos logo param de refletir sobre todas as opiniões e consequências de sua visão de mundo.

Eles simplesmente vivem com uma colcha de retalhos de ideias conflitantes.

Uma estratégia eficaz em apologética é ajudar as pessoas a enxergarem mais claramente até onde sua visão de mundo realmente leva. Quando percebem que cosmovisões centradas em ídolos falham no teste prático, essa descoberta pode abri-las para os argumentos de uma cosmovisão bíblica.

Considere Marvin Minsky, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), que ficou conhecido por sua concisa frase de que o cérebro humano não passa de "um computador de um quilo e meio, feito de carne".

Obviamente, os computadores não possuem o poder de escolha; a insinuação é que os seres humanos também não têm tal poder. Surpreendentemente, porém, Minsky, então, pergunta: "Isso significa que devemos abraçar a visão científica moderna e colocar de lado o antigo mito da escolha voluntária?

Não. Nós *não conseguimos* fazer isso."

Por que não? Minsky continua: "Não importa que o mundo físico não proporcione espaço para a liberdade da vontade; esse conceito é essencial para os nossos modelos de esfera mental." Nós não podemos "desistir dele, jamais. Somos praticamente forçados a manter essa crença, *mesmo que saibamos ser falsa*".[18]

Quer dizer, falsa de acordo com a visão de mundo materialista de Minsky.

Este é um caso sensacional de pensamento duplo orwelliano. Minsky diz que as pessoas são "obrigadas a manter" a convicção da vontade, mesmo quando sua própria visão de mundo lhes diz que "é falsa". Claramente, ele não

está se referindo aos costumes ou tradições meramente culturais, que podem diferir de sociedade para sociedade, mas há verdades que os humanos não podem *não* saber.

O inescapável fato de que somos seres pessoais constitui evidência de que a nossa origem é um Ser pessoal. Como Minsky escapa da força dessa evidência? Ele a reduz à categoria de uma mentira necessária e a move para o andar de cima:

"Mitos antigos" que somos "obrigados a manter"

MENTIRAS NECESSÁRIAS

Liberdade da vontade

VISÃO CIENTÍFICA

Computador feito de carne

Trata-se, pura e simplesmente, de um ato de fé secular. Materialistas começam descrevendo o andar de baixo como um relato do que é real e verdadeiro, mas, quando os fatos da experiência deixam de caber em sua visão de mundo, executam um ato de fé e acrescentam o andar superior, abraçando esses fatos de forma ambígua, como crenças falsas – porém necessárias.[19]

Devemos enfatizar que isso está muito longe do conceito bíblico de fé.

A Bíblia *não* define a fé como uma ação, um salto para algo que não possui fundamento lógico dentro de sua própria visão de mundo – uma mentira útil.

Quando Paulo escreve que "andamos por fé e não pelo que vemos" (2Co 5.7), alguns cristãos parecem pensar que ele está falando metaforicamente e que quis dizer "pela fé, não pela *razão*". Mas Paulo está falando literalmente e quis dizer "pelo que vemos" mesmo, a visão. Realidades imateriais são invisíveis. Elas não podem ser vistas. A fé é "a convicção de fatos que não se veem" (Hb 11.1). Pode ser necessária tremenda fé para agir com base em realidades que não podemos ver, mas não é uma contradição lógica. Dada a

evidência, tais ações podem até mesmo ser eminentemente razoáveis, assim como é razoável para os físicos contar com a realidade de forças e campos que não podem ver.

O projeto secular leva ao suicídio do intelecto e à desintegração da pessoa.

Em contraste, a cosmovisão cristã é incrivelmente positiva, afirmando tanto a unidade da verdade quanto o compromisso holístico da pessoa pensante.

O ateísmo contra a civilização

Em Romanos 1, Paulo adverte que os ídolos levam a um comportamento destrutivo, a um colapso moral e social. Surpreendentemente, alguns pensadores seculares reconhecem a verdade da advertência do apóstolo.

O filósofo Saul Smilansky é um determinista que encara a livre agência como uma ilusão. No entanto, considera que seja uma "boa" ilusão, porque torna a vida civilizada possível. Ele incita as elites da sociedade a convencerem as pessoas de que são agentes responsáveis (embora, na realidade, não o sejam), a fim de manter um saudável senso de dever e responsabilidade moral. Caso contrário, a massa poderia justificar o comportamento hostil dizendo que não tinha escolha no assunto. A liberdade de decisão é uma ficção necessária – "moralmente necessária" – para embasar e fortalecer a ordem social.

Smilansky resume, dizendo: "Nós *não podemos* viver adequadamente com (...) uma consciência completa da ausência da liberdade de decisão".

Por isso, "devemos nos agarrar a essas crenças centrais, mas incoerentes ou contraditórias, no caso da vontade".[20]

Quais frases revelam que ele está sendo desafiado pela revelação geral?

Sua confissão de que "não podemos viver" com base naquilo que sua própria visão de mundo ensina, que "devemos nos agarrar" a uma crença contraditória na liberdade de decisão.

Claro, a visão de mundo materialista de Smilansky não provê base alguma para qualquer "dever" moral porque essa palavra sugere que os homens são capazes de fazer escolhas morais. Uma resenha sobre seu livro aponta que ele

está defendendo um sistema "de duas camadas": "Há aqueles que são conhecedores (predominantemente filósofos e cientistas), que percebem a verdade naturalista sobre nós mesmos, e há o restante de nós – a grande maioria que deve ser iludida quanto à nossa verdadeira natureza, a fim de não nos tornarmos seres sem moral."[21]

Quando ouvimos alguém falando sobre ideias que são falsas, mas necessárias para uma ordem social humana, é sinal de que tal pessoa deu de cara com a dura borda de uma realidade que não se encaixa em sua visão de mundo. Ela tropeçou sobre as verdades da revelação geral e está tentando suprimir essas verdades, rebaixando-as a ficções úteis. É impressionante como a descrição de Paulo sobre a dinâmica da supressão em Romanos 1 dá sentido às mais modernas visões de mundo.

A "insuportável" cosmovisão de Dawkins

O mais conhecido dos novos ateus é Richard Dawkins. Em seus livros, ele argumenta que os humanos são apenas "máquinas de sobrevivência – veículos robotizados cegamente programados" por seus genes. Portanto, não faz sentido alguém ser responsabilizado por aquilo que faz. Afinal de contas, diz ele, "quando um computador dá defeito, nós não o punimos. Nós rastreamos o problema e o corrigimos". Ele pede uma revisão de todo o sistema de justiça criminal: "Não é o assassino ou o estuprador apenas uma máquina com um componente defeituoso?"

Dawkins gosta de ilustrar com um episódio da comédia britânica de televisão *Fawlty Towers*. Quando o pequeno carro vermelho de Basil Fawlty não dá partida, primeiro ele repreende o carro, como um pai faz com uma criança desobediente. Em seguida, conta até três. Por fim, o homem pega um galho de árvore e dá uma boa surra no carro. "É claro que rimos", Dawkins escreve. Mas "por que não rimos de um juiz que pune um criminoso? (...) Uma visão verdadeiramente científica e mecanicista do sistema nervoso não torna absurda a própria ideia de responsabilidade?"[22]

Na mente de Dawkins, uma pessoa não tem mais liberdade do que um pequeno carro vermelho.

Contudo, quando um jovem insistiu com ele sobre a questão após uma palestra pública, Dawkins admitiu que não pratica o que prega, que não trata a própria ideia de responsabilidade como um disparate sem sentido. Ele considera, sim, que os humanos são responsáveis por suas ações: "Eu culpo as pessoas, eu dou crédito às pessoas."

"Mas você não enxerga isso como uma inconsistência em seus pontos de vista?" o jovem rapaz perguntou. Dawkins respondeu: "De certa forma, sim.

Mas é uma inconsistência com a qual precisamos conviver. *Caso contrário, a vida seria insuportável*."[23]

Esta foi uma confissão surpreendente de que, na prática, ninguém consegue viver pela visão de mundo naturalista que ele próprio promove – que as consequências seriam "insuportáveis".

O dilema de Einstein

O que aprendemos com esses exemplos é que muitos pensadores preeminentes vivem uma existência de dois andares ou bipolar. Em seu trabalho profissional, adotam uma filosofia reducionista que considera as pessoas essencialmente como pequenos carros vermelhos. Mas quando deixam seus laboratórios e vão para casa, precisam mudar para um paradigma contrário, a fim de tratar as pessoas de forma justa e humana – para evitar uma vida que seja "insuportável".

Até mesmo o grande Albert Einstein foi pego no mesmo dilema. Por um lado, ele escreve que "os seres humanos, em sua forma de pensar, sentir e agir, não são livres, mas são tão causalmente sujeitos quanto as estrelas em seus movimentos". No entanto, em contrapartida, ele disse: "Sou compelido a agir *como se* a vontade livre existisse, porque, se quero viver em uma sociedade civilizada, devo agir com responsabilidade."[24]

A expressão usada por Einstein, "como se", entrega que ele está falando sobre um ato de fé irracional. A fonte da expressão são os textos de Immanuel Kant. Por um lado, Kant pensava que a ciência levava à conclusão de que os humanos são elementos de uma vasta máquina operando pelas leis da física.

Contudo, disse ele, para salvar a moral, devemos agir *como se* fôssemos livres. E, para ratificar nossos padrões morais, devemos agir *como se* Deus existisse. E porque a moralidade não faz sentido a menos que a justiça prevaleça no final, temos de agir *como se* houvesse vida após a morte. Caso contrário, "todas as leis morais devem ser consideradas como sonhos vãos".

Na visão de Kant, é impossível *saber* se esses ensinamentos teológicos são verdadeiros. Mas, para incentivar o comportamento moral, afirmou que devemos viver*como se* fossem verdadeiros. A expressão *como se* sinaliza um conceito que foi transposto para o andar superior.[25]

Vivendo "como se" o Cristianismo fosse verdade

AQUILO QUE ACEITAMOS "COMO SE"

Liberdade, Deus, moralidade, vida após a morte

AQUILO QUE SABEMOS

Materialismo, determinismo

Desde Kant, a frase *como se* passou a sinalizar verdades que as pessoas são obrigadas a aceitar, mesmo que tais verdades não caibam dentro de sua própria visão de mundo. Vivem *como se* o Cristianismo fosse verdade, mesmo que sua visão de mundo o negue. Em lugar de desistir de suas cosmovisões em face de fatos contrários, elas suportam uma severa esquizofrenia mental.

O misticismo secular

Ainda vivemos à sombra de Kant. Em *What Is Thought?* , o informático Eric Baum defende que a mente é essencialmente um programa de computador produzido por processos evolutivos; sendo assim, a liberdade de decisão é uma ilusão. Baum insiste que o argumento lógico é "lacrado", sem margens para erro. Surpreendentemente, ele, então, acrescenta: "Mas, na prática, quem realmente se importa? É muito mais razoável e conveniente para os meus genes construir-me acreditando na liberdade da vontade, e para mim, agir e pensar *como se* eu a tivesse." É uma ficção útil.

Mas uma ficção útil ainda é uma ficção. E aceitá-la, quando sua própria visão de mundo a nega, é irracional. Podemos até chamar tal ação de uma forma de misticismo secular. Baum admite isso. "A liberdade da vontade é uma teoria muito útil" para descrever o comportamento humano, ele escreve.

No entanto, ainda está "errada". Para ser mais preciso, "nem mesmo está errada" – porque "não pode receber qualquer interpretação lógica" (pelo menos não dentro de sua visão de mundo). Assim, Baum conclui: "A crença é simplesmente mística."[26]

Um grupo de pensadores chegou a ser rotulado como "misterianos".

Eles argumentam que a inteligência humana simplesmente não está equipada para resolver o mistério da consciência – que evoluiu para resolver problemas puramente práticos, como obtenção de alimentos e fabricação de ferramentas.

Um representante desse grupo, Colin McGinn, escreve: "A consciência *deve* ter evoluído a partir da matéria de alguma forma, mas nada que possamos idealizar ou imaginar parece oferecer a mais tênue esperança de explicação (...) Nós simplesmente não possuímos as faculdades de compreensão que nos permitiriam eliminar a sensação de mistério."[27]

Francis Schaeffer, em *The God Who Is There,* observa que toda cosmovisão que contém um dualismo de dois andares leva, finalmente, ao "misticismo", no sentido de que os adeptos devem afirmar verdades que suas próprias visões de mundo não podem explicar racionalmente.[28] É irônico que muitos pensadores

que se orgulham de ser campeões da racionalidade aceitaram uma forma de misticismo – induzidos a essa posição extrema pelo impulso de suprimir os fatos que contradizem sua visão de mundo escolhida.

Psicopatas darwinianos

Romanos 1 diz que Deus "entrega as pessoas" para buscarem seus ídolos cada vez mais, aumentando o vão entre o que professam e o que praticam.

Podemos imaginar cosmovisões desmoronando ao longo de um *continuum*: quanto mais consistentemente as pessoas trabalharem fora da lógica de sua visão de mundo, mais reducionista será o resultado, maior será a distância e mais distante será o seu salto para dentro do misticismo irracional. A escolha que têm de enfrentar torna-se ainda mais clara: seguirão a evidência da revelação geral ou se apegarão ainda mais às suas teorias, mesmo diante de evidências contrárias?

Vamos seguir uma série de exemplos para ver com nossos próprios olhos como o vão vai ficando ainda mais largo – e mais perturbador.

Começamos com Slingerland; agora veremos onde ele termina. Como darwinista e um materialista, ele reconhece que sua visão reducionista dos humanos como sendo essencialmente robôs é contrária à experiência comum.

"É estranha e geralmente repugnante, por qualquer tipo de perspectiva humana normal." Apontando para sua própria filha, Slingerland escreve: "Em um nível importante e indelével, a ideia de minha filha como meramente um robô complexo levando meus genes para a próxima geração é tanto bizarra quanto repugnante para mim." Tal visão reducionista "inspira em nós uma espécie de resistência emocional e até repulsa".

De fato, ele escreve, se você *não* sente essa repulsa, algo está errado com você: "Pode muito bem haver indivíduos que não dispõem deste senso e que conseguem, com muita facilidade e precisão, compreender a si mesmos e a outros em termos puramente mecanicistas e instrumentais, mas nós rotulamos

tais pessoas como 'psicopatas' e, cobertos de razão, tentamos identificá-las e colocá-las em algum lugar para proteger o restante de nós."[29]

O que podemos dizer quando alguém nos exorta a adotar uma visão da humanidade que ele mesmo admite ser bizarra e repugnante? Uma visão que deve suscitar repulsa? Uma visão tão perigosa que, quando em ação, justifica que rotulemos as pessoas como "psicopatas" e as prendamos?

Há um severo choque entre o que o seu materialismo darwinista lhe diz (no andar de baixo) e sua experiência vivida diz (no andar superior). O que ele aceitará como verdade?

Para descrever este confronto, temos usado o termo *dissonância cognitiva*, mas esse termo pode ser muito suave. Isso é uma contradição lancinante. Paulo escreve que aqueles que constroem sua vida em ídolos tornam-se "nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato" (Rm 1.21). A palavra grega para *nulo* significa improdutivo, ineficaz, que não consegue alcançar seu objetivo. Como este exemplo mostra claramente, visões de mundo baseadas em ídolos não produzem aquilo que uma filosofia de vida deveria nos dar – uma cosmovisão coerente e logicamente satisfatória que atribua sentido a tudo na vida.

A palavra grega para *insensato* reforça o tema. Sua raiz (*syniemi*) significa sintetizar, organizar as coisas em conjuntos na mente, e, portanto, entender, ser sábio. Assim, ser insensato é deixar de conectar ideias ou de ligá-las em uma estrutura significativa, um conjunto coerente. A Escritura está dando uma descrição precisa das fragmentadas, fraturadas e internamente contraditórias visões de mundo de dois andares que resultam da adoção de ídolos.

Não admira que Paulo tenha escrito que aqueles que rejeitam o Criador "são indesculpáveis" (Rm 1.20). A frase significa "sem uma defesa" e originalmente se referia a uma defesa legal em um tribunal. Em grego, a palavra é *anapologétos*, que carrega a mesma raiz da palavra *apologética*. A passagem sugere que aqueles que adotam substitutos para o Criador acabam com visões de mundo de dois andares que não são defensáveis como sendo

logicamente consistentes, coerentes ou realistas. Suas cosmovisões não se encaixam na realidade como eles próprios a experimentam.

A força dessa abordagem reside na demonstração do motivo pelo qual as visões de mundo falham em seus próprios termos. Raramente é persuasivo criticar outros pontos de vista a partir de sua própria perspectiva. Tudo o que isso realmente mostra é que essas outras visões discordam de *você*. Em vez disso, você deve imaginativamente adentrar nas demais perspectivas para mostrar, de lá de dentro, onde elas são deficientes em poder explicativo.

Professor do MIT: meus filhos são máquinas

Quando Deus entrega as pessoas aos seus ídolos, elas experimentam um crescente conflito entre sua visão de mundo e sua realidade vivida. Quando ensino esses conceitos em sala de aula, um exemplo que meus alunos acham especialmente angustiante é *Flesh and Machines,* de Rodney Brooks, professor emérito no MIT. Brooks escreve que um ser humano não passa de uma máquina – um "grande saco de pele cheio de biomoléculas" interagindo pelas leis da física e da química.

Claro, no dia a dia é difícil realmente enxergarmos as pessoas dessa forma. Mas ele diz: "Quando olho para os meus filhos, eu consigo, quando me forço (...) enxergar que eles são máquinas."

Mas é assim que ele os trata? Claro que não: "Não os trato dessa forma (...) Eu interajo com eles em um nível completamente diferente. Eles têm o meu amor incondicional, o mais profundo capaz de ser obtido a partir de uma análise racional." Certamente, se o que conta como "racional" é uma visão de mundo materialista na qual os seres humanos são máquinas, então amar os seus filhos *é* irracional e não tem base alguma dentro de visão de mundo de Brooks. Fica para fora de sua caixa.

Como ele apazigua tamanha dissonância cognitiva de cortar o coração?

Ele não o faz. Brooks termina dizendo: "Eu sustento dois conjuntos de crenças inconsistentes."[30] Já desistiu de qualquer tentativa de reconciliar sua

teoria com sua experiência. Abandonou toda a esperança de uma visão de mundo unificada e logicamente consistente. Ele não tem defesa.

Esta é a tragédia da era pós-moderna. As coisas que mais importam na vida, que são necessárias para a sociedade humana – ideais como liberdade moral, dignidade humana e até mesmo o amor por nossos próprios filhos – foram reduzidas a nada além de ficções úteis. Foram jogadas no sótão, que se torna uma terra de despejo conveniente para qualquer coisa que um paradigma materialista não possa explicar.

A Bíblia ensina que, sem Deus, as pessoas estão moralmente perdidas.

Mas também estão intelectualmente perdidas, pois estão tentando viver dentro de limites de uma visão de mundo apertada e estreita demais para que possa explica*r a própria humanidade*. Assim, são obrigadas a depositar toda a sua esperança por dignidade e significado em uma esfera de um andar superior, o qual elas mesmas consideram irracional e incognoscível – nada além de mentiras necessárias.

Tragicamente, ao longo do tempo, esses ideais humanos acabam por perder a sua força. Afinal, somos feitos à imagem de Deus como seres lógicos; assim, tendemos a seguir as consequências lógicas de nossas premissas. É psicologicamente impossível aceitar conceitos que consideramos ficções, não importa quanto sejam úteis. Se alguém como Brooks realmente acha que seus filhos são apenas mecanismos operando por meio de motores e engrenagens, essa convicção acabará por corroer o "amor incondicional" que sente por eles. Se as classes de liderança de uma sociedade genuinamente considerarem que as pessoas são máquinas, essa convicção acabará por corroer a liberdade política. Ídolos têm consequências práticas.[31]

Chesterton: Cristianismo "bom demais para ser verdade"

Hoje, os cristãos têm uma oportunidade sem precedentes para apresentar a cosmovisão bíblica de forma positiva e vívida. Se você começar com a matéria operando por meio de forças cegas e mecânicas, então os seres humanos

logicamente não podem ser qualquer coisa *além de* mecanismos complexos. Seus pressupostos limitam as categorias disponíveis para você.

Mas se você começar com um Agente pessoal e transcendente, então possui uma explicação perfeitamente lógica para por que os humanos também são agentes pessoais. A causa é adequada ao efeito. Os próprios fenômenos que são tão problemáticos para o materialismo científico – como liberdade de decisão, consciência, amor – podem ser logicamente contabilizados dentro de uma cosmovisão cristã. Nenhuma parte da experiência humana está fora de suas categorias. Nada fica para fora da caixa. A pessoa humana não é mais um desajuste em um mundo determinista. Não há divisão em andares superior e inferior, porque você não precisa de um sótão místico para esconder as coisas que não se encaixam em sua visão de mundo. O Cristianismo continua a afirmar a unidade da verdade como um conjunto logicamente coerente. Em Cristo, todas as coisas ainda "subsistem" (Cl 1.17).

G. K. Chesterton aposta que secularistas rejeitam o Cristianismo não porque é uma teoria ruim, mas porque parece "bom demais para ser verdade". Para o materialista, "o universo é uma prisão universal" que algema o homem em uma cadeia interligada de causa e efeito. Assim, quando um secularista encontra o ponto de vista bíblico, "acreditar em tal liberdade é como acreditar no reino das fadas".

Se os secularistas acham o Cristianismo "incrível", Chesterton conclui, é por ser tão incrivelmente positivo em afirmar uma visão elevada da liberdade e dignidade humanas.[32]

Pensadores seculares criticam o Cristianismo com frequência por ser irracional. No entanto, ironicamente, hoje é uma cosmovisão bíblica que é coerente com um sistema logicamente consistente. Ele nos liberta da dissonância cognitiva, transmitindo profunda unidade e paz interior.

Ele está de acordo com o desejo natural do ser humano por uma vida de integridade e totalidade (a palavra *integridade* vem da palavra latina para

totalidade). Ao falar com as pessoas seculares, podemos mostrar-lhes como o Cristianismo cumpre *seus próprios* ideais e esperanças mais elevados.

Claro, nem todos que aceitam o materialismo ou o naturalismo passam a aceitar o determinismo. Mas eu sugiro que isso aconteça somente porque eles não são tão cuidadosos em desenvolver a conclusão lógica de suas premissas. Muitas vezes, as pessoas aceitam ideias que soam atraentes ou sofisticadas, mas não as acompanham até seus resultados finais. Dando exemplos de cientistas e filósofos como aqueles que estudamos no Princípio 3, podemos fornecer um confronto com a realidade dos fatos.

As pessoas estão mais propensas a serem persuadidas quando aprendem as consequências negativas do materialismo e do ateísmo a partir dos escritos dos próprios materialistas e ateus.

Saindo do mapa pós-moderno

Até agora, temos aplicado o teste prático às visões de mundo iluministas.

O que acontece quando aplicamos o Princípio 3 ao outro lado da moeda – a tradição continental que decorre do movimento romântico? Como vimos, em vez de absolutizar o andar de baixo (a matéria), o idealismo filosófico absolutiza o andar superior (a mente) e alega que a realidade fundamental é a esfera mental das ideias. Schopenhauer descreve o idealismo dizendo que a teoria reúne as "verdades eternas" que foram a fundação de toda a filosofia anterior, "investiga as suas origens, e, então, percebe que tal origem está situada dentro da cabeça do homem".[33]

Mas, se as verdades et MIT ernas estão realmente "dentro da cabeça do homem", logo, a conclusão lógica é que elas *não* são eternas, afinal. São meras construções humanas, relativas e variáveis. Em nossos dias, o pós-modernismo tem chegado a essa conclusão e sustenta que os seres humanos não têm acesso a um mundo objetivo ou extramental. Na sucinta frase de Rorty, a verdade é "construída mais do que encontrada".[34]

Se o materialismo guarda seus velhos baús no sótão, podemos dizer que o pós-modernismo armazena seus velhos baús no porão, rotulados com jargões pós-modernos como "logocêntrico", "pós-colonialista", "metanarrativo" e "falsa consciência".

Façamos a mesma pergunta apresentada às visões de mundo iluministas: o pós-modernismo dá conta dos fatos da experiência humana universal?

Ele pode ser vivido sem contradição no mundo real ou leva a um dualismo insustentável?

A resposta é que, na prática, os pós-modernistas não vivem de forma consistente com base em sua própria filosofia. Não tratam todas as ideias como construções humanas. Em vez disso, como toda pessoa normal, testam seus conceitos mentais contra situações extramentais em dezenas de maneiras. Eles *pensaram* que o pão estava na geladeira, mas descobriram que estava sobre o balcão. *Pensaram* que suas chaves estavam em cima da mesa, mas descobriram que estavam em um bolso. Como? Ao compararem seus pensamentos internos com uma situação no mundo externo.

Na vida cotidiana, os pós-modernistas são tão preocupados com a verdade objetiva quanto outra pessoa. Dallas Willard tece o seguinte comentário:

"Tenho notado que o mais enfático dos pós-modernos torna-se friamente moderno ao discutir seus benefícios adicionais ou outros assuntos que fazem grande diferença em sua vida prática."[35] Se usarmos a metáfora de que uma visão de mundo é um mapa mental, os pós-modernistas estão sempre saindo de seu mapa, pois é pequeno demais para dar conta de toda a geografia de quem eles são.

Como vimos no Princípio 2, o pós-modernismo é uma forma de antirrealismo, a visão que afirma que a realidade é uma construção social. Todavia, os homens não podem parar de agir como se o mundo externo fosse real e o conhecimento que temos dele fosse basicamente confiável. Aqueles que negam que temos acesso a uma realidade externa ainda olham para os dois

lados antes de atravessar a rua, evitam saltar do alto de varandas e prendem a respiração debaixo da água.

Em outras palavras, eles sabem que existe uma realidade extramental à qual devem adaptar o seu comportamento; caso contrário as consequências seriam desastrosas.

Todos nós aprendemos esta verdade básica desde que éramos pequeninos.

Quando crianças, ao nos chocar contra uma parede ou cair da cadeira no chão, descobrimos de forma dolorosa que o universo tem uma estrutura objetiva. Quando a caixa de brinquedos não continha determinado carrinho que queríamos, descobrimos que a realidade não se curva aos nossos desejos subjetivos. Tudo aquilo que somos obrigados a confirmar, simplesmente a fim de agir no mundo, faz parte da revelação geral.

O Cristianismo explica o *porquê* a verdade não é apenas uma construção humana. O mundo não é uma criação da minha própria mente. É a obra de Deus. A mente humana não pode usurpar o papel e a função do Criador. O conceito bíblico da criação dá fundamentos lógicos para apoiar aquilo que os humanos inevitavelmente concluem a partir da experiência adquirida no tempo em que são crianças.

Admiravelmente, Rorty admite que a própria ideia de verdade objetiva – uma verdade que está "exposta" – faz sentido apenas com base em uma cosmovisão cristã. "A sugestão de que verdade está exposta (...) é um legado de uma época em que o mundo era visto como a criação de um ser que possuía uma linguagem própria", uma "linguagem não humana" escrita no cosmos.[36] Rorty é remetido de volta a uma imagem que os cristãos adotaram desde os pais da igreja – a ideia de que existem dois livros: o livro da Palavra de Deus (a Bíblia) e o livro do mundo de Deus (natureza). E como o mundo é uma espécie de livro, há uma mensagem e significado escritos no próprio cosmos. Os seres humanos devem ser capazes de "ler" certas verdades fundamentais na criação. Devemos ser capazes de discernir evidências de Deus na revelação geral, assim como Romanos ensina.

Não imponha seus fatos

Anteriormente, aprendemos que todos os ídolos levam a uma dicotomia ou dualismo mental – e o pós-modernismo não é exceção. O filósofo William Lane Craig aponta que praticamente ninguém aplica o pós-modernismo de forma consistente em todas as áreas: "As pessoas não são relativistas quando se trata de assuntos da ciência, engenharia e tecnologia; antes, são relativistas e pluralistas em matéria de *religião* e ética."[37]

Em suma, elas aplicam o seu ceticismo pós-moderno seletivamente.

Considere isso da seguinte maneira: frequentemente ouvimos as pessoas dizerem: "não imponha sua religião a mim", mas nunca as escutamos dizer: "não imponha seus fatos a mim". Por que não? Porque presume-se que fatos sejam objetivos e universais, obrigatórios a todos.

O resultado é que a maior parte das pessoas age como modernistas *e* como pós-modernistas – dependendo da situação. Ao lidar com a religião e a moralidade, a maioria não pensa mais em termos de verdadeiro ou falso. Elas já não olham para a religião buscando um sistema explicativo que responda as questões cósmicas da vida. Em vez disso, escolhem uma religião da mesma forma que escolhem a estampa de um papel de parede ou um item no menu, diz o filósofo Ernest Gellner. A religião tornou-se uma área da vida em que é considerado aceitável agir puramente com base em sentimentos ou gostos pessoais. Em contrapartida, Gellner diz que, quando "questões sérias estão em jogo", como ganhar dinheiro ou satisfazer necessidades médicas, aí sim as pessoas querem soluções baseadas em "conhecimento real", querem saber os resultados dos testes das pesquisas da ciência objetiva.[38]

Isso significa que a maioria das pessoas tem vida fragmentada. No mundo privado do lar, da igreja e dos relacionamentos, operam sob uma percepção pós-moderna da verdade, vendo-a como subjetiva e relativa, mas, no mundo público do trabalho, dos negócios e das finanças, operam sob uma visão modernista da verdade como objetiva e verificável. Em poucas palavras, não

vivem mais como pessoas inteiras, com uma filosofia de vida consistente e coerente.

Não é de admirar que o filósofo Louis Dupré tenha dito que o desafio central do nosso tempo é a ausência de qualquer verdade que integre:

"Experimentamos nossa cultura como fragmentada; vivemos em pedaços de significado e não temos a visão geral que os une em um todo." Como resultado, as pessoas sentem uma intensa necessidade de autointegração. O Cristianismo tem o poder de completar nossa vida e criar uma estrutura de personalidade coerente, mas somente se o abraçarmos como a verdade com V maiúsculo, a verdade final e máxima, que reúne todas as verdades menores.

Nosso compromisso com a verdade cristã "não pode simplesmente continuar a ser uma parte discreta da vida", diz Dupré; ele deve "integrar todos os demais aspectos da existência".[39] Qualquer coisa abaixo disso não é bonita nem atraente o suficiente para acender nossa paixão e transformar nosso caráter.

A confissão de um professor de Harvard

Certa vez, apresentei uma palestra que incluiu vários dos exemplos neste capítulo. Ao final, um professor de Harvard veio até mim da plateia, visivelmente chateado. Afinal, eu tinha criticado o trabalho de professores universitários de lugares como Harvard – seus próprios colegas. "*Eles sabem* que suas teorias não explicam a vida comum fora do laboratório", disse ele enfaticamente. "Mas por que jogar na cara deles?"

A primeira coisa que me surpreendeu foi que ele tinha deixado escapar uma confissão surpreendente. Esses cientistas e filósofos *sabem* que suas teorias não se encaixam no mundo real? Em Romanos 1, Paulo diz que o testemunho da revelação geral é cognoscível por todos. Estava este professor inadvertidamente confirmando o que Paulo diz?

Quando lemos em Romanos 1 que aqueles que adoram ídolos são "indesculpáveis", tais palavras podem parecer duras. Porém, neste capítulo

encontramos vários estudiosos que reconhecem abertamente que suas teorias reducionistas colidem com os fatos da experiência. Eles estão conscientes de que, em algum nível, abrigam uma grave contradição. Derek Parfit diz que esse tipo de conflito interno é, de fato, bastante comum. Dirigindo-se a seus colegas filósofos, ele escreve: "Em um nível reflexivo ou intelectual, podemos estar convencidos de que determinada perspectiva é verdadeira; mas, em outro nível, um nível que envolva mais diretamente nossas emoções, podemos continuar a pensar e sentir *como se* alguma outra perspectiva fosse verdadeira." E conclui: "Muitos de nós, suspeito eu, carregam crenças inconsistentes sobre as questões metafísicas que mais nos preocupam", tais como a liberdade de decisão, a consciência e o ego.[40]

Como os filósofos justificam conviver com "crenças inconsistentes"?

Karsten Harries, filósofo de Yale, ousa dizer que muitos sustentam uma teoria de "dupla verdade". Eles são "programados" para manter certas ideias como verdadeiras em termos de experiências na primeira pessoa – mas consideram as mesmas ideias como falsas de acordo com a ciência. Veja como Harries coloca:

"Como agentes inteligentes, somos *obrigados a acreditar* em certas coisas, acima de tudo que a nossa vontade é livre; que somos seres que persistem ao longo do tempo; que há verdades morais que podem ser universalizadas; crenças que, como indivíduos comprometidos com a ciência, já *sabemos ser falsas*." Isto é, "falsas" de acordo com uma concepção materialista da ciência.[41]

Era de se esperar que, quando as pessoas percebessem que estão nutrindo crenças inconsistentes, procurassem outras melhores. Todavia, como vimos, muitos estudiosos se entrincheiram ainda mais profundamente em seu reducionismo. Reconhecer a evidência da revelação geral os apontaria na direção do Deus bíblico – então eles suprimem as provas.

Fascinantemente, existem até mesmo alguns que admitem que se livrar de Deus é o exato objetivo de suas teorias reducionistas. Vejamos Francis Crick, que se tornou um nome familiar depois que ele e James Watson descobriram a

estrutura de dupla hélice do DNA. Crick admite abertamente que procurou teorias reducionistas porque queria desacreditar a religião. “Me iniciei na ciência por causa dessas razões religiosas, não há dúvida alguma sobre isso”, disse ele em uma entrevista. “Eu me perguntava quais eram as duas coisas que parecem inexplicáveis e são utilizadas para apoiar crenças religiosas.” As duas coisas, ele decidiu, eram a origem da vida (natureza física) e da consciência (natureza humana). Seu objetivo era explicar ambas de uma vez por todas, reduzindo-as a causas físico-químicas.

Na mesma entrevista, Watson também expressou sua motivação religiosa.

A descoberta da dupla hélice, disse ele, dá “motivos para pensar que os poderes tradicionalmente considerados como propriedade exclusiva dos deuses poderiam um dia ser nossos”.[42]

Pelo menos para algumas pessoas o objetivo de propor teorias reducionistas é negar o Criador e expropriar o seu poder divino.

O secularismo é muito pequeno para os secularistas

A segunda coisa que me surpreendeu no comentário do professor de Harvard foi a caracterização de uma análise da visão de mundo de alguém como “jogar na cara”. A finalidade de se testar cosmovisões nunca deveria ser atacar aqueles que as detêm, mas abrir sua mente para uma alternativa melhor.

Com frequência, as pessoas abraçam ideias imaturas que rejeitariam caso entendessem com maior clareza seu desfecho. Então, erguem uma espécie de zona de segurança para evitar reconhecer as consequências ilógicas e desumanas de suas visões de mundo. Um método eficaz de apologética pode ser pressionar cuidadosamente as pessoas a pensarem mais criticamente e remover as camadas de proteção para que possam ver as repercussões de seus pontos de vista mais claramente. Só assim serão verdadeiramente livres para fazer escolhas difíceis sobre suas convicções fundamentais.

Porém, ao pressionar alguém até a lógica de suas conclusões, temos de agir com amor e empatia, uma vez que perceber toda a força de seus pontos de vista

pode ser profundamente perturbador.[43]

A Escritura diz que quando Paulo percebeu os muitos ídolos que pontilhavam a paisagem em Atenas, ele ficou "revoltado", uma palavra que também é traduzida como agitado, afligido, incomodado ou entristecido (At 17.16). A motivação do cristão na apologética deve ser uma angústia pelos perdidos, inspirada por Deus. Deveríamos estar com o coração partido perante os reducionismos desumanizadores que desonram e destroem nossos companheiros seres humanos. Deveríamos chorar pelas pessoas cujas escuras visões de mundo negam que suas escolhas de vida têm sentido ou significado moral. Deveríamos ser movidos por tristeza pelas pessoas cuja educação ensinou-lhes que seus mais profundos amores, sonhos e ideais são, em última análise, nada além de impulsos elétricos que saltam através das sinapses no cérebro. Deveríamos nos lamentar pelos pós-modernos que pensam que (como disse Schopenhauer) as "verdades eternas" estão apenas em sua cabeça.

Ao conversar com pessoas presas a uma visão de mundo secular, podemos ajudá-las a ver que tal teoria não provê base alguma para as realidades da vida que elas próprias mais prezam. O próprio fato de que não podem viver dentro dos apertados limites é um sinal de que foram feitas para viver em um universo conceitual mais rico e maior. O secularismo é muito pequeno para os secularistas. Devemos começar expressando solidariedade por seus desejos mais profundos de significado e importância – e, em seguida, mostrar que, em uma cosmovisão bíblica, esses anseios não são apenas ilusões ou ficções úteis, mas realidades vivas.

Ouvimos, repetidas vezes, estereótipos de que o Cristianismo é negativo e repressivo; que considera a natureza humana como corrupta e inútil; que atribui pouco valor à vida neste mundo. Mas, na realidade, a cosmovisão cristã tem uma perspectiva muito mais elevada da vida humana do que qualquer sistema concorrente. Ela dá uma base lógica para os fatos da experiência que são negados pelas visões de mundo seculares dominantes de nossa época: liberdade, criatividade, amor, significado pessoal, verdade genuína. Como

podemos ser qualquer coisa que não amorosos e alegres ao comunicar uma mensagem tão vivificadora?

Outro estereótipo negativo comum é que o Cristianismo é irracional e obscurantista. No próximo capítulo, você aprenderá como virar o jogo nestas acusações – para mostrar que, na verdade, são os ídolos que levam a visões de mundo irracionais e autocontraditórias. Aprenderá também uma estratégia simples, mas devastadora, para demonstrar como visões de mundo idólatras atiram no próprio pé.

PRINCÍPIO 4
.....
POR QUE COSMOVISÕES COMETEM SUICÍDIO

Os cristãos precisam reprimir a ciência ao entrar na igreja? Michael Egnor, um renomado neurocirurgião, costumava pensar assim. Depois de anos de rigorosa formação científica, ele estava certo de que uma visão de mundo científica era incompatível com qualquer forma de religião.

Ironicamente, foi a própria ciência que mostrou-lhe quão enganado ele estava.

"Fui criado como agnóstico e cresci praticamente como um materialista científico", Egnor me disse.[1] Ele passou a considerar o Cristianismo como um conjunto inspirador de contos morais – lições que eram espiritualmente inspiradoras, mas não verdadeiras.

Por que ele tinha tanta certeza? Porque, na sua opinião, a ciência havia decisivamente refutado todas as alegações teístas. "Cursando Ciências na faculdade", contou Egnor, "eu estava mergulhado na evolução darwiniana, que parecia demonstrar que a vida poderia ser perfeitamente bem explicada apenas por mecanismos materiais. Não havia razão alguma para invocar a Deus". A teoria de Darwin parecia ter desacreditado o clássico argumento do *design*.

Os estudos de Egnor também abrangeram Freud, cujas teorias convenceram-no de que "religião é realização de anseios – um produto da busca de uma figura paterna, uma forma de resolver nossos medos e desejos internos". Como resultado de seus estudos universitários, ele me disse: "Toda

vez que eu simplesmente considerava o Cristianismo, eu parava por conta do pensamento de que isso significaria abandonar a integridade científica."

Ao longo dos anos, Egnor subiu ao topo de seu campo. Foi nomeado professor e vice-presidente de neurocirurgia da Universidade Estadual de Nova York, Stony Brook, e se tornou um premiado neurocirurgião, apontado como um dos melhores médicos de Nova York, de acordo com a revista *New York Magazine*. Uma de suas especialidades é o tratamento de hidrocefalia.

Enquanto desenvolvia uma teoria sobre o fluxo sanguíneo no cérebro, sua pesquisa deu uma guinada surpreendente. Ele percebeu que o sistema cranial que estava estudando era como um dispositivo engenhosamente projetado. O filtro que protege as delicadas capilares da força pulsante do batimento cardíaco "é um mecanismo cuidadosamente regulado, análogo aos amortecedores de vibração amplamente utilizados na engenharia. Na verdade, a maior parte do que eu precisava saber não estava em livros de biologia, mas nos livros de *engenharia*".

E o que os engenheiros fazem, claro, é projetar as coisas.

No final das contas, Egnor percebeu que praticamente toda a pesquisa biológica opera sob o pressuposto do projeto. Por exemplo, um procedimento padrão em biologia é chamado de "engenharia reversa", o qual é definido de acordo com o tipo de raciocínio que você adotaria caso estivesse diante de um dispositivo e não soubesse como funciona. Você o desmontaria, peça por peça, prosseguindo retroativamente para reproduzir o processo de pensamento do engenheiro quando originalmente projetou tal dispositivo. É exatamente este o tipo de análise que os biólogos fazem no laboratório. Eles isolam moléculas, como proteínas ou genes, e perguntam o que cada parte faz e como interage para completar suas funções.

Em essência, os biólogos trabalham com base no projeto, no *design*, o tempo todo – na prática, pelo menos – independente da teoria em que creem.

O filósofo Michael Ruse, embora seja um darwinista assumido, diz que a biologia depende, inevitavelmente, do "raciocínio do *design*". Seres vivos são

mais bem explicados através da descoberta da finalidade de suas partes. A finalidade do coração é bombear o sangue. A finalidade do olho é ver. Barbatanas são projetadas para a natação, e as asas, para voar. Todos os componentes trabalham juntos em uma forma coordenada e coerente para alcançar um objetivo.

"Nós tratamos organismos – as partes, pelo menos – *como se* tivessem sido fabricados, *como se* tivessem sido projetados, e então tentamos compreender suas funções", escreve Ruse. "O raciocínio direcionado a um fim – o pensamento teleológico – é adequado na biologia porque, e somente porque, os organismos são *como se* tivessem sido fabricados, *como se* tivessem sido criados por uma inteligência e colocados para trabalhar."[2]

Surpreendentemente, nem mesmo Darwin negou que o mundo parece como se tivesse sido projetado. Ele simplesmente argumentou que a aparência do *design* é enganosa – que a mesma ordem teleológica pode ser criada por forças materiais como alternativa.[3]

Como vimos no Princípio 3, a expressão *como se* revela dissonância cognitiva e indica que certas ideias são inevitáveis na prática, não importa o que a visão de mundo de uma pessoa diga. Quando um conceito (como o *design*) precisa ser levado em consideração a fim de entender os sistemas vivos, esse é um indício de que ele é uma parte da revelação geral.

Não é nenhuma cirurgia cerebral... mas espere, é sim!

Trabalhando em um laboratório como pesquisador médico, Egnor se deparou com a mesma dissonância cognitiva várias e várias vezes. "Fiquei surpreso com quão pouco o paradigma darwinista contribuiu para o meu trabalho", ele me disse. "Por outro lado, o paradigma do *design* se alinhava bem com os aspectos mais importantes da minha pesquisa." Por fim, teve de tomar uma decisão.

Quando a teoria e os fatos se contradizem, qual dos dois ele seguirá?

O princípio orientador de Egnor foi acompanhar a evidência aonde quer que ela levasse. Ele decidiu que a melhor explicação para o porquê de as coisas vivas funcionarem como se tivessem sido projetadas é que elas *foram* projetadas. "Eu passei a ver que o Darwinismo é mais um viés filosófico do que uma ciência coerente. Processos darwinianos podem explicar alguns padrões e mudanças na frequência de genes em populações, mas a evidência não suporta, sequer remotamente, a alegação de que o acaso e a necessidade são plenamente responsáveis pela aparição do projeto complexo nas coisas vivas."

E Freud? "O conceito de Freud de que religião é realização de anseios pode se voltar contra a sua própria teoria", disse Egnor. "Na verdade, é muito mais plausível que o ateísmo, em vez do Cristianismo, seja uma forma de realização de desejos. Porque, se Deus não existe, então ninguém está olhando, não há responsabilidade moral e você pode fazer o que quiser (desde que consiga safar-se com isso)." Como o poeta polonês Czesław Miłosz observa, há grande alívio em "uma crença em nada após a morte – o imenso consolo de pensar que, por nossas traições, ganância, covardia, assassinatos *não seremos julgados*".[4]

Egnor finalmente percebeu que, se fosse seguir os fatos aonde quer que levassem, teria de aceitar o Cristianismo. E, tendo o respeito de um cientista pelos fatos, foi o que ele fez. Imediatamente descobriu um novo sentido de unidade e totalidade. O Deus bíblico provou ser um ponto de integração suficiente para unificar todas as áreas de sua vida, tanto profissionais quanto pessoais. O Cristianismo é uma cosmovisão conceitualmente rica o suficiente para explicar toda a experiência humana.

"Agora eu vejo a ciência como outra maneira de apreciar a beleza da criação de Deus", ele me disse. "Eu trago a ciência para a igreja comigo. A verdade é unitária."

Testes em busca da verdade

A história de Egnor ilustra as duas principais maneiras de testar uma filosofia ou uma visão de mundo: encaixa-se nos fatos? É logicamente

consistente?

Estas são as mesmas perguntas que levantamos ao testar qualquer ideia – seja em um laboratório de ciências, um tribunal de justiça, ou ao perguntar a uma amiga por que chegou atrasada. Em primeiro lugar, a explicação coincide com o que sabemos sobre o mundo? Esta é a pergunta que fizemos no Princípio 3. Em segundo lugar, a explicação mantém-se logicamente firme? Esta é a pergunta que estudaremos agora, no Princípio 4.

Contradições internas são fatais para qualquer cosmovisão, pois declarações contraditórias são necessariamente falsas. "Este círculo é quadrado" é contraditório, por isso tem de ser falso. A Escritura presume que contradições lógicas não podem ser ambas verdadeiras: "mentira alguma jamais procede da verdade" (1Jo 2.21); "o Deus que não pode mentir" (Tt 1.2); Deus "de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2.13).

Uma forma especialmente prejudicial de contradição é a absurdidade autorreferencial – que acontece quando determinada teoria estabelece uma definição de verdade que ela própria não cumpre. Dessa maneira, refuta a si mesma.

Você provavelmente já ouviu absurdidades autorreferenciais em conversas comuns do dia a dia, mesmo que não as tenha nomeado assim. Com o relativista, que diz que não há absolutos – não existe *absolutamente* nenhum absoluto? Com o cético, que diz que não podemos conhecer nada com certeza – você sabe *disso* com certeza? Em cada caso, o crítico está jogando a afirmação de volta contra si mesma, revelando sua própria fraqueza. É autodestrutivo.

O apologeta Greg Koukl gosta de dizer que é assim que uma filosofia comete suicídio. Quando seus próprios critérios são aplicados a si mesma, ela se mata, corta o próprio pescoço.[5]

Às vezes, as pessoas rejeitam esse tipo de argumento como se não passasse de uma crítica mal-humorada ou um jogo de palavras. Um estudante universitário que havia abandonado recentemente sua educação cristã disse a seus pais que agora percebia que não existem verdades absolutas. Quando lhe

perguntaram se essa declaração em si era absolutamente verdadeira, o rapaz descartou a resposta dos pais como sendo um truque retórico e recusou-se a discutir o assunto mais a fundo. No Princípio 4, descobriremos por que não se trata de um truque, mas de uma forma válida e poderosa de argumentação.

Na verdade, vamos descobrir que praticamente *todas* as visões de mundo baseadas em ídolos são autorrefutáveis. Por quê? Porque são reducionistas.

Quando o reducionismo é aplicado à mente humana, ele reduz a razão a algo *menor* do que a razão. Ele diz que as ideias em nossas mentes são produto da seleção natural (Darwinismo) ou de condições econômicas (Marxismo), ou de respostas eletroquímicas no cérebro (neurociência contemporânea).

Todavia, a única maneira pela qual uma visão de mundo pode argumentar a seu *próprio* favor é usando a razão. Assim, ao desacreditar a razão, mina seu próprio caso. É autodestrutivo.

Claro, a maioria das visões de mundo são atormentadas por uma série de dificuldades e contradições lógicas. Acompanhar cada uma individualmente parece uma tarefa interminável. Mas porque as cosmovisões centradas em ídolos são todas reducionistas, esta falha fundamental é previsível.[6] Aprender a identificá-la o munirá de uma estratégia certeira que pode ser aplicada a toda e qualquer visão de mundo que você encontrar.

Assim que nós, cristãos, levantarmos o problema das contradições, provavelmente encararemos resistência de pessoas que afirmam que o próprio Cristianismo contém contradições. Elas apontam para a doutrina da Trindade ou para declarações paradoxais de Jesus, como: "Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa salvá-la-á."

Mas não temos aqui verdadeiras contradições lógicas. Na lógica, a lei da não contradição declara que duas proposições antitéticas não podem ser ambas verdadeiras ao mesmo tempo e no mesmo sentido. A teologia bíblica não diz que Deus é Um no *mesmo sentido* em que Deus é Três. E Jesus estava usando uma linguagem paradoxal para demonstrar algo (um paradoxo é uma *aparente*

contradição). Suas declarações foram jogos de palavras para ch MIT amar atenção do povo, mas não eram contradições lógicas.

Mais especificamente, o Cristianismo não é autorreferencialmente absurdo. Por não ser reducionista em relação à razão humana, não é autorrefutável. Ele não comete suicídio.

Princípio 4
Teste o ídolo: ele contradiz a si mesmo?

Para ver por que o argumento da absurdidade autorreferencial não é apenas um truque retórico, vamos começar com um exemplo histórico.

Durante grande parte do século 20, a academia norte-americana foi dominada por uma forma extrema de empirismo chamada de positivismo lógico. Como vimos, o empirismo clássico coloca tudo na caixa dos sentidos. Qualquer declaração que não pode ser rastreada até impressões sensoriais é rejeitada como falsa. O positivismo lógico levou essa afirmação um passo além: insistiu que qualquer declaração não redutível a impressões sensoriais não é apenas falsa, mas cognitivamente sem significado – isto é, nem mesmo sujeita a normas de verdadeiro e falso.

Tomemos, por exemplo, uma declaração moral, como "a escravidão é injusta". A justiça não é algo que você possa colocar dentro de um tubo de ensaio ou estudar sob um microscópio. Os positivistas lógicos argumentaram que, portanto, a frase "a escravidão é injusta" não possui conteúdo cognitivo.

É meramente uma expressão de sentimentos ou preferências pessoais.

Afirmaram que, na verdade, ela significa "eu não gosto de escravidão". Esta percepção da moralidade é, às vezes, chamada de emotivismo, pois reduz enunciados morais a expressões de emoção, como dizer "buu!" ou "oba!", e "oba!" não é algo que pode ser verdadeiro ou falso. Uma declaração moral pode ser importante para a pessoa que a enuncia, mas, de acordo com o positivismo lógico, é cognitivamente sem sentido. É uma bobagem.

Esta percepção da moralidade penetrou todos os níveis da sociedade. Afinal, é muito mais fácil dispensar os pontos de vista de alguém dizendo: "isso é apenas um juízo de valor" e tratá-los como preferências subjetivas em vez de examiná-los com seriedade como válidos candidatos à verdade.

O que aconteceu, porém, quando o teste do positivismo lógico foi aplicado a si mesmo? Seu argumento central era que as declarações são significativas somente se forem empiricamente verificáveis. Mas *esta* declaração é empiricamente testável? Claro que não. Esta não é uma observação empírica.

É uma regra metafísica – uma definição arbitrária do que se qualifica como conhecimento. Assim, quando o critério do positivismo lógico foi aplicado a si mesmo, foi desacreditado. Foi autocondenado.

O positivismo lógico foi tão influente por tanto tempo que o seu colapso afetou todo o mundo intelectual. Sua queda "foi o evento filosófico mais importante do século 20", diz William Lane Craig.[7]

A estratégia de aplicar a uma filosofia seu próprio padrão de verdade provou não ser um mero truque retórico. É uma poderosa ferramenta para testar alegações de verdade e pode ser aplicada a muitas outras filosofias para mostrar que elas se autodestroem da mesma maneira.

Atingindo Marx

A chave para identificar onde uma visão de mundo comete suicídio é descobrir sua forma particular de reducionismo. Qualquer teoria que diga "afirmações de verdade não passam de X" é suscetível a autorrefutação.

Por exemplo, Karl Marx disse que as alegações de verdade não passam de racionalizações de interesses econômicos: as leis são criadas pelos ricos para proteger sua propriedade. A religião é o "ópio do povo", aplacando os pobres com falsas promessas de uma vida feliz após a morte.[8] Mas o que acontece se eu aplico a regra de Marx em sua própria teoria? Ele a criou apenas para racionalizar seus próprios interesses econômicos? Se assim for, podemos rejeitar sua tentativa de ser uma afirmação de verdade séria. A teoria comete suicídio.

Analisemos Friedrich Nietzsche. Ele declarou que toda ação humana é impulsionada pela sede de poder: a moralidade é inventada pelos fracos para dar-lhes vantagem sobre os fortes. A religião é uma "mentira santa" utilizada para controlar as pessoas.[9] Mas e a própria teoria de Nietzsche? Foi impulsionada por sua própria sede de poder? Então por que o restante de nós deveria dar qualquer atenção a ela? A teoria enfraquece a si mesma.

Sigmund Freud insistiu que nossos pensamentos são moldados por necessidades emocionais inconscientes: a personalidade é moldada por coisas como ser ensinado a usar o banheiro cedo demais. Muito do comportamento humano é resultado da repressão sexual. Mas o que isso sugere sobre a origem da teoria do próprio Freud? Sua vez no divã, Dr. Freud.

O behaviorista B. F. Skinner declarou que os homens não passam de mecanismos de estímulos-respostas, respondendo a recompensas e punições: seu comportamento é explicável em termos de condicionamento operante, como os pombos em seus experimentos, bicando nas alavancas para obter um pedacinho de comida.[10] Mas seria a teoria de Skinner um produto de seu próprio condicionamento? A teoria refuta a si mesma.

Todas essas filosofias compartilham a recusa em considerar as alegações de verdade em valor nominal. Em vez disso, interpretam-nas como encobrimentos por motivos ocultos e interesse pessoal disfarçado. Esta propensão a desacreditar tudo tem sido rotulada de "hermenêutica da suspeita" (hermenêutica é a ciência da interpretação). Aqueles que a praticam têm sido apelidados de "mestres da suspeita".[11] Porém, para ser logicamente consistente, os mestres devem aplicar o mesmo nível de suspeita em relação a seus próprios pontos de vista – o que raramente, ou nunca, fazem.

Como uma ferramenta de pensamento crítico, uma hermenêutica da suspeita pode ser útil para destacar falhas humanas comuns – para diagnosticar onde o nosso pensamento pode estar distorcido por coisas como interesses econômicos ou impulsos psicológicos. A Escritura ensina que nos enganamos o tempo todo sobre nossas verdadeiras motivações:

"Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas (...) quem o conhecerá?"

(Jr 17.9). Tomada em seus próprios termos, porém, uma hermenêutica da suspeita é radicalmente reducionista. Ela simplesmente abandona a questão da verdade, reduzindo-a a questões de poder e desejo.

Desacreditando os desacreditadores

Demonstrar como as teorias cometem suicídio é uma ferramenta essencial em qualquer caixa de ferramentas apologéticas. O que é único sobre a abordagem de Romanos 1 é que esse texto explica *por que* o argumento funciona: porque visões de mundo baseadas em ídolos são reducionistas.

Ao divinizar algo menor que o Deus bíblico, elas também reformulam o ser humano à imagem de algo menor. O processo de reducionismo inclui faculdades humanas cognitivas – como a razão, a lógica ou a racionalidade.

Ele reduz a racionalidade humana a alguma força ou processo *não* racional.

Todavia, uma vez que certa teoria alega que nossas ideias não são o produto de pensamento racional, essa alegação deve ser aplicada a *todas* as ideias – inclusive à própria teoria. Os desacreditadores acabam desacreditando suas próprias teorias.

Ou desacreditariam, se fossem consistentes. Para evitar desacreditar seus próprios pontos de vista, tais pensadores silenciosamente isentam-se da crítica que usam para desacreditar todos os outros. Agem como se *eles* não estivessem cegados pelas mesmas forças irracionais que distorcem e influenciam as percepções de todos ao seu redor – *eles* são misteriosamente capazes de superar as forças que escravizam todo mundo – somente *eles* são capazes de alcançar uma visão imaculada da realidade. Mesmo que tenham enfiado o universo inteiro em uma caixa, estranhamente eles próprios não estão presos dentro dessa caixa. De alguma forma, detêm o poder de flutuar acima da caixa, tornando suas próprias teorias objetivamente válidas e verdadeiras.

Mas, claro, ao criar uma exceção para si mesmos, eles introduziram uma inconsistência lógica em seu sistema. Afirmaram que há uma coisa (ou seja, seu próprio pensamento) que o sistema não cobre.

Sendo assim, de um jeito ou de outro, as visões de mundo baseadas em ídolos são logicamente contraditórias – o que significa que fracassam.

Em contraste, uma cosmovisão cristã não é reducionista. Ela não reduz a razão a algo menor do que a razão e, portanto, não se autodestrói.

A epistemologia cristã (teoria do conhecimento) começa com o Criador transcendente, que criou o universo inteiro com sua palavra: "Disse Deus" (Gn 1.3). "No princípio era o Verbo" (Jo 1.1). João usa uma palavra grega, *logos*, que significa não apenas "palavra", mas também razão ou racionalidade – o princípio subjacente que unifica o mundo em um cosmos ordenado, ao contrário de aleatoriedade e caos. Os gregos que ouviram o Evangelho de João entenderam que ele estava afirmando que Cristo é a fonte da ordem e coerência do universo.

Esta visão bíblica tem dois aspectos cruciais. Em primeiro lugar, a ordem inteligível do universo reflete a mente do Criador. Segundo, porque Deus criou os seres humanos à sua imagem, *nossa* mente corresponde a essa ordem também. Há uma congruência entre a estrutura do mundo e da estrutura da cognição humana – uma correlação entre o sujeito e o objeto no ato de conhecer. Como Plantinga escreve: "Deus criou a nós e ao nosso mundo de tal maneira que há certo encaixe ou correspondência entre o mundo e nossas faculdades cognitivas."[12]

Os medievais usaram a frase *adaequatio intellectus ad rem*, que significa que o intelecto é adequado à realidade. Claro, os homens são criaturas quebradas e caídas e, como resultado, nossos processos de pensamento são nebulosos e distorcidos. No entanto, mesmo após a queda, ainda somos humanos. Ainda mantemos a imagem de Deus. Ao longo da História, a Bíblia tem inspirado confiança na precisão essencial das faculdades cognitivas humanas.

No quesito das experiências, a epistemologia bíblica é apoiada pela revelação geral. Para funcionar no dia a dia, os humanos têm de presumir que *sabem* muitas coisas – que o mundo material é real (a cadeira em que estou sentada vai me segurar), que o universo opera por causa e efeito (se eu largar este computador, ele vai cair), que as verdades matemáticas valem universalmente (5 mais 7 sempre será igual a 12), que as nossas memórias são basicamente confiáveis (sim, eu comi um sanduíche no almoço hoje), que as outras pessoas têm mente (embora eu não possa vê-las diretamente) e que as leis da lógica são válidas (para desacreditar a lógica, preciso argumentar usando a lógica). Em nossas ações diárias, precisamos presumir a confiabilidade básica da cognição humana. Se fôssemos completamente céticos, estaríamos paralisados, incapazes de agir.

Qualquer coisa que devemos presumir a fim de agir no mundo faz parte da revelação geral. Os fatos inegáveis de experiência refletem a estrutura criada da natureza física ou da natureza humana, ou de ambas. São sinais que apontam para o Deus bíblico. Apenas uma cosmovisão bíblica explica por que é possível os seres humanos terem conhecimento confiável.

O resultado é que todas as visões de mundo têm de tomar uma epistemologia cristã emprestada – pelo menos no momento em que estão fazendo suas afirmações. Elas devem assumir tacitamente a confiabilidade da razão e da racionalidade, que só é suportada pela cosmovisão bíblica.

Elas precisam funcionar *como se* o Cristianismo fosse verdade, mesmo que o rejeitem.

C. S. Lewis desmascara o materialismo

Para praticar a habilidade de detectar absurdidades autorreferenciais, vamos dissecar mais alguns exemplos. Como o materialismo ou naturalismo é o pressuposto inquestionável em grande parte da academia, comecemos por ele. O materialismo afirma que meus pensamentos são produtos de eventos físicos. O que isso significa? Significa que, quando calculo que 5 mais 7 é igual a 12,

ou quando noto que uma rosa é vermelha, ou quando julgo que torturar pessoas é mau, o que realmente está acontecendo é que meu cérebro está fazendo coisas físicas, produzindo reações químicas e fazendo com que neurônios sejam ativados.

Como exemplo disso, um recente livro que expõe o materialismo afirma que as ideias são "estados físicos da matéria dentro do nosso cérebro".

Assim, um processo de pensamento é "uma série de estados cerebrais – uma série de configurações físicas da matéria – cada uma causando a seguinte em conformidade com as leis deterministas que governam as interações de objetos físicos".[13] Em outras palavras, o pensamento produzido pelo seu cérebro é semelhante ao suor secretado por suas glândulas ou o suco gástrico produzido pelo seu estômago.

O problema é que a digestão não é algo que pode ser verdadeiro ou falso; é apenas um fato biológico. Se nossos pensamentos também são fatos biológicos, determinados por leis biológicas, então também não são o tipo de coisa que pode ser verdadeira ou falsa.

Mas isso tem de incluir nossos pensamentos sobre materialismo – o que enfraquece sua reivindicação de verdade. Quando as implicações do materialismo são aplicadas a si mesmas, o suicídio da teoria acontece.

C. S. Lewis faz um argumento semelhante em vários de seus escritos.

Aqui está um exemplo: "Se as mentes são totalmente dependentes do cérebro, e o cérebro dependente de bioquímica, e a bioquímica (em longo prazo), do fluxo sem sentido dos átomos, eu não consigo entender como o pensamento dessas mentes deveria ter mais importância do que o som do vento nas árvores." Em seguida, Lewis mostra como essa perspectiva derrota a si mesma: "Mas se eu não posso confiar em meu próprio pensamento, é claro que não posso confiar nos argumentos que levam ao ateísmo e, portanto, não tenho razão alguma para ser um ateu, ou qualquer outra coisa."[14]

Como os ateus ou materialistas evitam essa conclusão autorrefutadora?

Eles fazem o que Lewis chama de uma "exceção tácita" para sua própria teoria – pelo menos no momento em que estão afirmando suas alegações.

Na construção de seu caso, eles devem, implicitamente, confiar em seu próprio pensamento. Devem se isentar de suas próprias categorias redutoras de análise. Como um filósofo diz, um materialista opera como se fosse um "observador angelical" que, de alguma forma, é capaz de flutuar acima da jaula determinista em que prende todos os outros.[15]

Em essência, os materialistas devem assumir tacitamente uma epistemologia cristã, pelo menos enquanto estão argumentando a favor de suas afirmações.

Na verdade, o simples ato de *afirmar* o materialismo se contradiz. Se eu disser que "tudo o que existe é material", esta própria declaração é material?

É apenas uma mera série de ondas sonoras? Se eu escrever a declaração, ela não é nada além de marcas em um pedaço de papel? Claro que não.

A declaração tem um significado linguístico. Tem propriedades lógicas.

Possui uma função social (comunicar aos outros) – e tudo isso transcende a dimensão material. Ironicamente, o materialismo não pode nem mesmo ser declarado sem refutar a si próprio.

Tendo em mente que os seres humanos são seres completos e integrados, devemos esperar que nossos pensamentos sejam *acompanhados* por eventos físicos no cérebro. Mas se *reduzirmos* os processos de pensamento a processos cerebrais, o resultado é uma contradição lógica.

A evolução não pode sobreviver a si mesma

Outro exemplo de absurdidade autorreferencial é uma teoria chamada epistemologia evolutiva, uma abordagem naturalista que aplica a evolução ao processo de conhecimento. A teoria propõe que a mente humana é um produto da seleção natural e sugere que as ideias em nossa mente foram selecionadas por seu valor de sobrevivência, não por seu valor de verdade.

Mas e se aplicarmos essa teoria a si mesma? Então ela, também, foi selecionada para a sobrevivência, não pela verdade – o que desacredita sua *própria* reivindicação de verdade. A epistemologia evolutiva comete suicídio.

Surpreendentemente, muitos pensadores preeminentes adotaram a teoria sem detectar a contradição lógica. O filósofo John Gray escreve: "Se a teoria da seleção natural de Darwin é verdadeira (...) a mente humana serve ao sucesso evolutivo, não à verdade."[16] Qual é a contradição nesta declaração?

Gray essencialmente disse que, se a teoria de Darwin é verdadeira, então ela "serve ao sucesso evolutivo, não à verdade." Em outras palavras, se a teoria de Darwin é verdadeira, então não é verdadeira.

A absurdidade autorreferencial é semelhante ao conhecido paradoxo do mentiroso: "Esta afirmação é uma mentira." Se a afirmação é verdadeira, então (como ela diz) ela não é verdadeira, mas uma mentira.

Outro exemplo é Francis Crick. Em *The Astonishing Hypothesis*, ele escreve: "Nosso cérebro altamente desenvolvido, no fim das contas, não foi evoluído sob a pressão de descobrir verdades científicas, mas apenas para nos permitir ser inteligentes o suficiente para sobreviver."[17] Mas isso significa que a própria teoria de Crick não é uma "verdade científica". Aplicada a si mesma, a teoria comete suicídio.

Claro que a mera pressão para sobreviver provavelmente produzirá *algumas* ideias corretas. Uma zebra que pensa que leões são amigáveis não viverá por muito tempo. Mas falsas ideias podem ser úteis para a sobrevivência. Os evolucionistas admitem isso: Eric Baum diz: "Às vezes, é mais provável que você sobreviva e se propague acreditando em uma mentira do que se acreditar na verdade." Steven Pinker escreve: "Nosso cérebro foi moldado para a adequação, não para a verdade. Às vezes, a verdade é adaptável, mas às vezes não é."[18] O resultado é que a sobrevivência não é garantia de verdade. Se a sobrevivência é o único padrão, nunca podemos saber *quais* ideias são verdadeiras e quais são adaptativas, mas falsas.

Para deixar o dilema ainda mais intrigante, os evolucionistas nos dizem que a seleção natural *tem* produzido todos os tipos de falso conceito na mente humana. No Princípio 3, lemos sobre materialistas evolutivos que sustentam que a liberdade de decisão é uma ilusão, que a consciência é uma ilusão e que até mesmo nosso senso pessoal, nosso ego, é uma ilusão – e que todas essas ideias falsas foram selecionadas pelo seu valor de sobrevivência.

Então, como podemos saber se a própria teoria da evolução é uma daquelas ideias falsas? A teoria se enfraquece.

Alguns pensadores, para seu crédito, reconhecem o problema. O crítico literário Leon Wieseltier escreve: "Se a razão é um produto da seleção natural, então quanta confiança podemos ter em um argumento racional a favor da seleção natural? (...) A biologia evolutiva não pode invocar o poder da razão ao mesmo tempo que o destrói."[19]

De modo semelhante, o filósofo Thomas Nagel questiona: "A hipótese [evolutiva] é realmente compatível com a confiança contínua na razão como fonte de conhecimento?" A resposta dele é "não": "Eu tenho de ser capaz de acreditar (...) que sigo as regras da lógica porque estão corretas – não *apenas* porque sou biologicamente programado para fazê-lo." Logo, "na medida em que a própria hipótese evolutiva depende da razão, isto seria autoenfraquecimento".[20]

O ceticismo seletivo de Darwin

Por vezes, as pessoas têm a impressão de que o próprio Darwin reconheceu o problema e normalmente citam a famosa passagem da "terrível dúvida" de Darwin, na qual ele questiona se a mente humana pode ser confiável, se é um produto da evolução: "Comigo, a terrível dúvida sempre surge, questionando se as convicções da mente do homem, que foi desenvolvida a partir da mente de animais inferiores, são de qualquer valor ou sequer confiáveis."

Mas, é claro, a própria teoria de Darwin foi uma "convicção da mente do homem". Então, por que ela deveria ser "sequer confiável"?

Surpreendentemente, no entanto, Darwin nunca confrontou esta contradição interna nesta teoria. Por que não? Porque ele expressou sua "terrível dúvida" seletivamente – somente quando se considera o caso de um Criador.

De tempos em tempos, Darwin admitiu que ainda achava persuasiva a ideia de Deus. Certa vez, confessou sua "convicção íntima (...) de que o universo não é resultado do acaso". Foi na frase seguinte que ele expressou sua "terrível dúvida". Assim, a "convicção" da qual desconfiava era sua persistente convicção de que o universo não é resultado do acaso.

Em outra passagem, Darwin admitiu: "Sinto-me compelido a olhar para a Primeira Causa como tendo uma mente inteligente em algum grau análogo à do homem." Porém, mais uma vez, ele imediatamente desvia para o ceticismo: "Mas então surge a dúvida – pode a mente do homem, que, como acredito plenamente, foi desenvolvida a partir de uma mente tão inferior como aquela possuída pelo menor animal, ser confiável quando chega a essas grandes conclusões?"

Ou seja, pode ser confiável quando chega a "grandes conclusões" sobre uma Primeira Causa? Talvez o conceito de Deus seja meramente um instinto programado em nós pela seleção natural, Darwin acrescentou, como o "instintivo medo e ódio de um macaco por uma cobra".

Em suma, foi em ocasiões em que a mente de Darwin levou-o a uma conclusão teísta que ele rejeitou a mente como indigna de confiança.[21] Ele falhou em reconhecer que, para ser logicamente consistente, era necessário aplicar o mesmo ceticismo à sua própria teoria.

Seguidores modernos de Darwin ainda aplicam a teoria seletivamente.

O paleontólogo de Harvard, Stephen Jay Gould, escreveu: "Darwin aplicou uma filosofia consistente de materialismo à sua interpretação da natureza", na qual "mente, espírito e também Deus são apenas palavras que expressam os resultados maravilhosos de complexidade neuronal".[22] Em outras

palavras, Deus é uma ideia que apareceu na mente humana quando o circuito elétrico do cérebro evoluiu a determinado nível de complexidade.

Todavia, para ser logicamente consistente, Gould deveria direcionar o mesmo ceticismo de volta às ideias de Darwin, coisa que nunca fez.

Gould aplicou seu ceticismo evolutivo seletivamente – para desacreditar a ideia de Deus.

Aplicado de forma consistente, o Darwinismo enfraquece não apenas a si mesmo, mas também todo o empreendimento científico. Kenan Malik, um escritor treinado em neurobiologia, escreve: "Se as nossas capacidades cognitivas fossem simplesmente disposições evoluídas, não haveria maneira de saber *quais* destas capacidades leva a crenças verdadeiras e quais levam a falsas." Assim, "enxergar os seres humanos como pouco mais do que animais sofisticados (...) mina a confiança no método científico".[23]

Simples assim. A própria ciência está em jogo. John Lennox, professor de matemática na Universidade de Oxford, escreve que, de acordo com o ateísmo, "a mente que faz a ciência (...) é o produto final de um processo descontrolado e irracional. Agora, se você soubesse que seu computador foi produto de um processo descontrolado e irracional, você não confiaria nele. Então, para mim, o ateísmo mina a racionalidade de que preciso para fazer ciência."[24]

Naturalmente, o ateu que conduz sua pesquisa não tem escolha a não ser confiar na racionalidade, assim como todo mundo faz. A questão é que ele não tem base filosófica para isso. Apenas aqueles que declaram um Criador racional possuem base para confiar na racionalidade humana.

O motivo pelo qual tão poucos ateus e materialistas parecem reconhecer o problema é que, como Darwin, eles aplicam seu ceticismo seletivamente.

Aplicam-no apenas para sabotar ideias que rejeitam, especialmente as ideias sobre Deus.[25] Eles fazem uma exceção tácita para compromissos de suas próprias visões de mundo.

Por que a ciência é um "milagre"

Agora está claro por que o Cristianismo desempenhou um papel significativo no lançamento da revolução científica. Somente uma cosmovisão bíblica fornece uma epistemologia adequada para a ciência. Primeiro, um Deus racional criou o mundo com uma estrutura inteligível e, segundo, criou os seres humanos à sua imagem. Nas palavras do historiador Richard Cohen, a ciência exigia o conceito de um "criador racional de todas as coisas", juntamente com o corolário de que "nós, seres menos racionais, podemos, em virtude dessa racionalidade divina, ser capazes de decifrar as leis da natureza".

O teólogo Christopher Kaiser afirma a mesma ideia de forma sucinta: os primeiros cientistas presumiram que "o mesmo Logos que é responsável por sua ordenação também é refletido na razão humana".[26]

Para os primeiros cientistas, a imagem de Deus não era uma doutrina seca para a qual deram um mero consentimento cognitivo nem uma "fé" puramente privada. Eles a trataram como uma verdade pública, o fundamento epistemológico para todo o empreendimento científico. Seu objetivo, segundo eles, era pensar os pensamentos de Deus depois dele.[27] Na época da revolução científica, a epistemologia bíblica era a garantia de que a mente humana é equipada para adquirir conhecimento genuíno do mundo.

E hoje ainda é. Um estudo de Eugene Wigner amplamente citado é intitulado "The Unreasonable Effectiveness of Mathematics in the Natural Sciences". Wigner pergunta por que as fórmulas matemáticas que elaboramos em nossa cabeça funcionam tão bem em descrever o universo externo. A correspondência existente aí "é algo que beira o mistério". De fato, "não há explicação racional para isso", isto é, dentro do materialismo científico.

"É difícil evitar a impressão de que um milagre nos confronta", considera Wigner. No mínimo, "é certamente difícil acreditar que nosso poder de raciocínio foi trazido, através do processo de seleção natural de Darwin, à perfeição que parece possuir".[28]

Em contrapartida, uma cosmovisão bíblica oferece uma explicação perfeitamente razoável para a eficácia da matemática – a saber, que um Deus

racional criou os seres humanos à sua imagem para pensarem seus pensamentos depois dele.

Na verdade, olhando para a História, descobrimos que uma confiança biblicamente inspirada na estrutura matemática do universo veio *primeiro*, antes de quaisquer descobertas científicas concretas. O matemático Morris Kline escreve: "Os primeiros matemáticos estavam certos da existência de leis matemáticas subjacentes a fenômenos naturais e persistiram na busca por elas, pois estavam convencidos *a priori* de que Deus havia incorporado tais leis na construção do universo."[29]

As pessoas devem, primeiro, estar convencidas de que *há* uma ordem matemática na natureza. Caso contrário, não vão buscá-la – e a ciência nunca decolará.

Isso significa que, mesmo hoje, toda pessoa que quiser buscar a ciência tem de adotar uma epistemologia derivada de uma visão de mundo bíblica – pelo menos na prática. Para fazer ciência, até mesmo o ateu mais cabeça-dura deve agir *como se* o Cristianismo fosse verdade.

Prisão pós-moderna

E o pós-modernismo? O que acontece com ele se aplicarmos o teste de absurdidade autorreferencial?

Como vimos, o pós-modernismo absolutiza o grupo social. Alega que os indivíduos são, em grande parte, constituídos por sua participação em uma comunidade. No decorrer do processo de absorver a linguagem da nossa comunidade, absorvemos também sua visão de mundo – o enredo ou a narrativa usada ali para explicar o mundo. Assim, quando falamos, estamos apenas exteriorizando uma narrativa que apreendemos.

Os pós-modernistas expressam essa ideia usando afirmações paradoxais, como "a linguagem nos fala, em vez a falarmos".[30] O ponto ao qual querem chegar é que não podemos sequer pensar fora da língua que assimilamos a

partir da nossa comunidade. Nietzsche, com sua elegância típica, escreveu que estamos presos na "prisão da linguagem".

Uma vez que as visões de mundo são transmitidas através da linguagem, os pós-modernistas utilizam a metáfora de "jogos de linguagem". Assim como o beisebol e o futebol são jogos com praticamente nenhuma regulamentação em comum, cosmovisões são tidas como jogos de linguagem, cada uma com seu conjunto único de regras. Cada comunidade tem seu próprio jogo de linguagem para dar sentido ao mundo – o que Jean-François Lyotard chama de pequenas narrativas. Mas não há nenhuma narrativa universal – nenhuma "metanarrativa" – que seja válida para todos os homens, em todos os momentos. Nas palavras de Lyotard, "não há possibilidade alguma de que jogos de linguagem possam ser unificados ou agregados em qualquer metadiscurso".[31]

Contudo, quais razões Lyotard pode nos dar para que aceitemos sua teoria?

Seu próprio ponto de vista não é apenas mais um jogo de linguagem como todos os outros? Ele não está preso no cárcere da sua própria língua, assim como todos os demais? Então por que deveríamos dar atenção a tal teoria?

O pós-modernismo é um exemplo do que é chamado de "contradição performativa", o que significa que uma posição é contradita no próprio ato de ser afirmada. [32] Exemplos cotidianos de uma contradição performativa incluem um brasileiro dizer, em português, "eu não consigo falar português", "eu não existo" (para fazer a declaração: eu preciso existir). Quando um pós-modernista diz que não existe uma verdade universalmente válida, está implicitamente admitindo que sua *própria* afirmação é universalmente válida e verdadeira. Para fazer a declaração, ele tem de ocupar a posição transcendental que o pós-modernismo diz não estar disponível para ser ocupada. Assim, toda vez que um pós-modernista declara sua posição, ele a contradiz. A posição é autorrefutável.

Barthes apanhado

Quando o pensamento pós-moderno foi aplicado à teoria literária, deu origem a uma ramificação chamada desconstrucionismo. Lembre-se de que, para o pós-modernismo, os indivíduos são constituídos mediante sua participação em uma comunidade. Isso implica a noção de que as pessoas não têm ideias originais ou criativas, apenas refletem as ideias de suas comunidades. Por exemplo, o crítico literário Roland Barthes diz que um trecho de escrita é um mero "lenço de citações" absorvido da cultura circundante.

O que tornou Barthes muito conhecido foi sua frase "a morte do autor" – com a qual faz referência à morte do conceito de criatividade individual. Em sua opinião, os escritores são semelhantes aos bardos ou xamãs de outrora, que não eram exatamente inventores de suas próprias histórias, mas sim transmissores dos contos de seu clã, tribo ou comunidade. Jacques Derrida sugere o mesmo com sua declaração paradoxal: "textos não possuem autores".[33]

Além disso, todos nós pertencemos a uma variedade de comunidades baseadas em atributos como raça, classe, gênero, etnia e identidade sexual – todos com panoramas e interesses conflitantes. Por conseguinte, cada autor, inconscientemente, refletirá mensagens sociais conflitantes. Para Barthes, um texto é uma composição "em que uma variedade de escritos, nenhum deles original, mistura-se e choca-se".[34] O objetivo do crítico literário é cavar abaixo da superfície do texto para desenterrar e desembaraçar esses significados conflitantes.

Isso é chamado de *desconstruir* o texto – daí o termo *desconstrucionismo*.

Qual razão Barthes dá por aceitar tal teoria? Como Alan Jacobs escreve: "assim que os desconstrucionistas começam a fornecer motivos, obrigatoriamente passam a fazer afirmações e, portanto, estão sujeitos à sua própria crítica".[35] O que acontece se sujeitarmos Barthes à sua própria crítica? Teremos de concluir que ele, também, é apenas um porta-voz para as forças sociais, tais como raça, classe e gênero. Seus "próprios" escritos não oferecem aspectos originais ou criativos, mas são meras colagens de citações conflitantes,

absorvidas inconscientemente das comunidades a que pertencem. A "morte do autor" deve incluir o próprio Barthes.

Na prática, a única forma de os desconstrucionistas se safarem é isentar-se tacitamente da crítica que aplicam a todos os outros. Julgam-se superiores à disputa, com uma perspectiva única para desconstruir as declarações de *todas as demais pessoas* como produtos de interesses e lutas de poder subjacentes, enquanto encaram seus próprios textos como imunes ao processo de desconstrução. Escrevem como se somente eles fossem capazes de transcender as forças sociais de raça, classe e gênero que tornam o restante do povo como vítimas de falsa consciência.[36]

Assim, ironicamente, os pós-modernistas contradizem seus próprios pontos de vista todas as vezes que escrevem um livro ou um artigo. Os desconstrucionistas esperam que seu trabalho seja tratado como uma séria contribuição vinda de uma mente criativa, não apenas uma repetição de mensagens culturais. Eles continuam a escrever livros argumentando que não há nenhum autor, que ninguém escreve nada.

O teólogo Mark C. Taylor, sendo ele mesmo um pós-modernista, explica que a morte do autor foi um resultado inevitável da morte de Deus:

"A morte de Deus foi o desaparecimento do Autor que tinha inscrito a verdade absoluta e o sentido unívoco na história mundial." E porque os seres humanos são feitos à imagem de Deus, Taylor conclui, "a morte de Deus implica o desaparecimento do autor".[37] Porque, se não há Criador, então os homens não têm a dignidade de ser subcriadores. São apenas produtos de forças sociais e históricas.

Pós-modernismo e terror

Para entender a fonte do pós-modernismo, temos de posicionar seus fundadores em seu contexto histórico. Por que foram tão contra as imponentes metanarrativas? A resposta é: porque as enxergavam como sendo a fonte dos regimes políticos brutais e opressivos. A maioria dos fundadores do pós-

modernismo era de europeus que testemunharam em primeira mão os sistemas políticos mais sangrentos e opressivos da História – o Nazismo e o Comunismo.

Como vimos no Princípio 2, estes dois sistemas eram centrados em um único princípio: raça (Nazismo) ou classe econômica (Comunismo). Ambos abraçavam uma grandiosa visão da História movendo-se inexoravelmente em direção a uma sociedade ideal. E ambos tornaram-se totalitários, usando suas perspectivas utópicas para justificar polícias secretas e campos de extermínio.

Após a Segunda Guerra Mundial, muitos pensadores europeus que haviam sofrido sob esses regimes opressivos decidiram que a fonte do totalitarismo estava em metanarrativas "totalizantes". Por "totalizante" eles queriam dizer uma visão de mundo que se concentra em uma única dimensão da experiência humana, elevando-a a um falso absoluto e subordinando tudo o mais às suas categorias. Quando uma visão de mundo unidimensional e totalizante ganha poder político, aqueles que discordam serão marginalizados, oprimidos, ignorados, silenciados, dominados, cooptados, controlados e coagidos. Serão estigmatizados como diferentes, percebidos como "os outros", trancados em campos de concentração. Todos devem se curvar ao ídolo imposto pelo Estado – ou queimados na fornalha ardente da opressão.

A visão pós-modernista sobre a dinâmica de falsos absolutos deve soar familiar. Temos feito uma crítica semelhante, mostrando como ídolos são criados quando alguma parte da criação é absolutizada. O erro que os pós-modernistas cometeram foi pensar que a fonte do problema era um compromisso com qualquer verdade abrangente. Em *The Postmodern Condition*, Lyotard diz que a convicção de que existe uma só verdade, a verdade completa, inevitavelmente leva ao "terror": "Os séculos 19 e 20 nos deram todo o terror que poderíamos aguentar. Pagamos um alto preço pela nostalgia da completa e única [verdade]."

Os pós-modernistas concluíram que a forma de desafiar as alegações de *poder* absoluto era desafiar as alegações de *verdade* absoluta. Como Eagleton

coloca, o pós-modernismo "comete o erro de supor que toda convicção apaixonada é incipientemente dogmática" e "acabará com o Gulag". [38]

Por que isso é um erro? Porque é autorrefutável. Ao rejeitar qualquer verdade universal, o pós-modernismo enfraquece sua *própria* reivindicação de verdade.

Além disso, sem algum padrão universal de justiça, não há maneira de se levantar contra a injustiça e a opressão – exatamente as mesmas coisas que preocupavam tanto os pós-modernistas. Como um filósofo escreve: "sem princípios morais universais e atemporais, parece que não podemos criticar os valores das diferentes culturas e épocas, não importando quão repugnante possam parecer."[39]

Entenda desta forma: se todas as alegações podem ser desconstruídas, então o que acontece com a afirmação de que os ricos não devem oprimir os pobres ou de que devemos resistir à intolerância e ao racismo? Essas declarações, também, podem ser desconstruídas. Assim, o pós-modernismo pode parecer radical, mas, como Jacobs escreve, "é, na verdade, incapaz de oferecer resistência à situação política vigente".[40] Vivido de forma consistente, o pós-modernismo leva à cumplicidade com o mal e a injustiça.

A tirania da diversidade

Vivida de forma consistente, a teoria também leva à supressão coercitiva da diversidade. Isso pode soar irônico a princípio, pois foi o pós-modernismo que fez da *diversidade* um chavão tão potente. Os pós-modernistas decidiram que, se o totalitarismo resulta de metanarrativas totalizantes, então o caminho para evitar concentrações de poder seria manter uma variedade de mininarrativas. Ao celebrar a diversidade das comunidades e seus jogos de linguagem, os pós-modernistas esperam evitar a coerção de uma sociedade organizada por uma única categoria absolutizada.

Contudo, na prática, apenas grupos selecionados são apontados para representar a "diversidade" – grupos de vítimas baseados em fatores como raça,

classe, gênero, etnia e identidade sexual. Raramente há um impulso pela diversidade intelectual, política ou teológica, quando esses pontos de vista contrariam o pós-modernismo. E a análise do problema é tipicamente derivada do Marxismo: algum grupo é tido como vitimado e oprimido, e o caminho para a libertação é revoltar-se contra os opressores, muitas vezes através de ativismo político.

Isso explica por que o campus universitário comum tornou-se completamente politizado. Em muitos departamentos de línguas, a crítica literária não lida mais com questões de estética, tais como estilo, estrutura e composição. Em vez disso, a tendência é aplicar crítica marxista ou crítica feminista ou qualquer outra teoria preferida pelo crítico. Escrevendo no *Chronicle of Higher Education*, um professor de inglês disse que o objetivo do estudo literário é ajudar os alunos a decidirem "de qual dos lados da histórica e mundial luta de classes eles ficarão: do lado dos proprietários dos meios de produção ou do lado dos trabalhadores. Isto e somente isto é a verdadeira questão na alfabetização textual".[41]

Frank Lentricchia, um crítico tão radical que já foi apelidado de "Dirty Harry da teoria literária", ficou finalmente desiludido quando observou seus próprios alunos desenvolvendo um senso sufocante de superioridade moral.

Eles julgavam autores como racistas, sexistas, capitalistas, imperialistas ou homofóbicos *antes mesmo de lerem suas obras*. Em desalento, Lentricchia disse: "Diga-me a sua teoria [literária] e lhe direi de antemão o que você dirá sobre qualquer obra de literatura, especialmente aquelas que não leu."[42]

Cursos universitários politicamente corretos não liberam os alunos para pensarem por si mesmos. Eles estão transformando os alunos em grupos de reacionários egocêntricos prontos para aceitar ordens provenientes do teórico da moda daquele momento.

Bruno Latour, um sociólogo da ciência, também passou a preocupar-se com o impacto opressivo da teoria crítica que ele mesmo ajudou a fundar. O atrativo da crítica pós-moderna, escreve ele, é que ela permite que você pose

como o pensador superior que humilha "ingênuos crédulos" ao desconstruir suas crenças.

"Você está sempre certo!", diz Latour. "Seu comportamento é inteiramente determinado pela ação de causalidades poderosas vindas de realidade objetiva que eles não veem, mas que você, sim, somente você pode ver."[43]

O pós-modernismo começou com o nobre objetivo de desmascarar o imperialismo implícito de visões de mundo modernistas. Mas, ironicamente, tem se tornado imperialista, insistindo que somente os pós-modernistas possuem a capacidade de desmascarar os interesses e motivos subjacentes de todos os outros – para desconstruí-los e desmascará-los. Desse modo, essencialmente silencia todas as demais perspectivas.

E pior, se você não compartilha da definição específica do pós-modernismo sobre diversidade, é possível que a imponham à força. Um artigo no *Atlantic* observa que o "politicamente correto se transformou em uma tirania de códigos de discurso, treinamentos de sensibilidade e proibições de livros".[44] A ânsia por diversidade, que deveria ser a proteção da liberdade, tem se tornado coercitiva e homogeneizadora. Diversidade tornou-se uma palavra substituta para denominar uma nova forma de tirania.

Perdendo seu ego

Recentemente encontrei-me com amigos que estavam sofrendo porque sua filha havia rejeitado sua educação cristã – surpreendentemente, em uma faculdade cristã conservadora. A moça cursava inglês, um tema que a maioria dos pais considera relativamente "seguro", em que os alunos leem Shakespeare e Dickens. Todavia, mesmo em faculdades evangélicas, muitos membros do corpo docente adotaram elementos do pós-modernismo e do desconstrucionismo. Dentro de pouco tempo, a filha dos meus amigos veio a questionar se a verdade realmente existia – incluindo a verdade bíblica que aprendera em sua casa e igreja.

Como podemos preparar os jovens para as teorias pós-modernas que encontrarão na sala de aula?

Como toda visão de mundo, o pós-modernismo oferece conhecimentos genuínos – especialmente em sua crítica ao modernismo. O Iluminismo nutria uma noção exaltada do indivíduo autônomo em posse da Razão desencarnada (frequentemente escrita com a primeira letra maiúscula), que supostamente levantou-o acima de sua pequenina fenda no tempo e no espaço para proporcionar uma verdade objetiva e atemporal. Por outro lado, o pós-modernismo insiste em que o conhecimento é sempre contextual. As pessoas não são consciências desencarnadas. São seres físicos situados no seio de comunidades, e suas cosmovisões são coloridas por tradições culturais, interesses econômicos e relações de poder.

No entanto, ao reagir contra o Iluminismo, o pós-modernismo tropeça em outro ponto e reduz o indivíduo a uma colcha de retalhos de forças históricas e sociais, sem identidade pessoal estável. A razão remonta ao historicismo de Hegel, à ideia de que a humanidade está cativa no fluxo incessante da evolução.

Pressupõe-se que não existe algo como a natureza humana – nenhum modelo estável e ideal que dite o que significa ser humano, nenhum padrão universal que nos diga quem somos e como satisfaremos nossa verdadeira natureza.

Como disse o existencialista Jean-Paul Sartre, "não há natureza humana, porque não há Deus para ter uma concepção dela".[45] Assim como as espécies estão constantemente mudando e evoluindo, os indivíduos devem deixar para trás todas as normas estáveis e mergulhar no fluxo incessante da vida, constantemente criando e recriando a si mesmos.

Para usar termos pós-modernos, o ego é fluido e fragmentado. Michel Foucault diz que seu objetivo é "a dissociação do ego" por meio da demonstração de que nosso senso de sermos um ego coerente é, na realidade, uma "síntese vazia" de eventos passados. O que exatamente isso significa?

Um filósofo explica que, para Foucault, "nossas identidades são fictícias de qualquer maneira – cada um de nós é plural, um amontoado de forças que puxam em muitas direções".[46]

Mas, se nossas identidades são "fictícias", então quem é Foucault? E quem está realmente falando em seus escritos? Quando um pós-modernista declara que é impossível atingir a objetividade, *isso* é uma declaração objetiva? A teoria enfraquece seus próprios enunciados.

Além disso, é contrária à experiência humana. Cada um de nós experimenta a sensação inescapável e irresistível de ser um ego coerente – um centro ativo de consciência – não apenas uma área passiva de forças sociais conflitantes.

Mesmo quando passamos por mudanças de vida, estamos cientes de uma identidade pessoal bem fundamentada. A universalidade desta consciência em primeira pessoa, mesmo entre aqueles cuja visão de mundo a nega, é um indício de que é intrínseca à experiência humana. Somos construídos de tal modo que não podemos viver consistentemente com base no reducionismo radical dos pós-modernistas. E nem eles. As verdades da revelação geral não podem terminar sendo detidas.

A Trindade para os pós-modernos

O problema de como equilibrar nossa identidade individual com nossa participação nas comunidades é uma questão perene conhecida na filosofia como o um e os muitos, ou unidade e diversidade. O Cristianismo oferece uma resposta surpreendente e única e ensina que a raça humana foi criada à imagem de um Deus, que é uma tri-unidade – três Pessoas tão intimamente relacionadas que constituem uma só Divindade. A própria natureza de Deus consiste em amor e comunicação recíprocos entre as Pessoas da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito). Tanto o um quanto os muitos, tanto a individualidade quanto o relacionamento, existem na natureza divina.[47]

O equilíbrio perfeito entre unidade e diversidade dentro da Trindade oferece um modelo para a vida social humana – e uma solução para os polos opostos do pós-modernismo e modernismo. Contra a dissolução do ego do pós-modernismo, a Trindade sugere a dignidade do ser individual. Assim como cada Pessoa dentro da Trindade é distinta e desempenha um papel único no drama da salvação, cada pessoa individual tem uma identidade e um propósito únicos.

Agora, contra o modernismo e seu individualismo radical, a Trindade sugere que não estamos desconectados e autônomos, mas que fomos criados para relacionamento. A sociabilidade é parte integrante da própria essência da natureza humana. Além dos efeitos do pecado, há uma harmonia intrínseca entre o que nos satisfaz como indivíduos e o que nos satisfaz em nossos relacionamentos – casamento, família, trabalho, igreja, grupo étnico. Não há conflito algum inerente entre ser fiel a si mesmo e participar nas relações ordenadas por Deus que nos ligam uns aos outros.

O Cristianismo concorda com a crítica pós-moderna da noção de consciência desencarnada do Iluminismo. A Bíblia ensina que Deus criou os seres humanos como seres encarnados, biologicamente ligados a famílias, vivendo em determinadas nações durante certos períodos da História. Estamos enraizados no mundo físico, material – e isso não é uma limitação negativa que deve ser transcendida. Pelo contrário, Gênesis afirma repetidamente que a criação material é intrinsecamente boa: "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom."

No livro de Atos, Paulo até mesmo ensina que nossa inserção em uma cultura, nos aspectos físico, social e histórico, foi planejada por Deus como um meio de nos atrair a ele. Falando sobre as nações (que vem do grego *ethnos*, a raiz de grupo *étnico*), Paulo diz que Deus havia "fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar" (At 17.26-27).[48] Nossa identidade

biológica e social tem a finalidade de ser uma bênção, de nos inspirar a buscar a Deus.

Ao mesmo tempo, o Cristianismo se recusa a reduzir os indivíduos aos seus grupos, como o pós-modernismo faz. Os cristãos são renascidos em uma comunidade redimida que transcende todas as comunidades naturais.

Nem a família, a mais básica comunidade biológica, determina nossa identidade essencial. Todos os que se tornam cristãos são filhos de Deus, "os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1.12). A mensagem libertadora da Bíblia é a promessa de que podemos transcender o pecado e o quebrantamento de nossas comunidades naturais, porque nossa identidade essencial é sermos filhos de Deus.

Essa visão trinitária produz um maravilhoso equilíbrio na prática. Dentro da igreja, a diversidade com base em origens físicas – nascimento, família, gênero, etnia, nacionalidade – pode ser comemorada com gratidão como presente de Deus. Ao mesmo tempo, estas coisas não são decisivas ao definir-nos: "Não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos" (Cl 3.11).

Admiravelmente, um filósofo ateu marxista escreveu de forma comovente sobre o legado libertador do evangelho. Slavoj Zizek diz que o Cristianismo ensina que não estamos "presos às correntes do nosso passado" – que podemos "nos desengatar da inércia que nos limita a nos identificarmos com a ordem particular na qual nascemos".[49] O Cristianismo oferece um equilíbrio único de unidade e diversidade, de particularidade e universalidade.

A própria igreja foi projetada para ser poderosamente apologética – uma expressão viva e visível do equilibrado panorama bíblico.[50] Cada igreja local é uma "carta de Cristo (...) escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente" (2Co 3.3). Quando uma pessoa de fora "ler" essa carta, deve enxergar a perspectiva trinitária de comunidade vivida – não perfeitamente, mas de uma forma crível. Jesus chegou a dizer que as pessoas julgarão se o Cristianismo é

verdadeiro com base no amor trinitário que testemunharem na igreja. Assim como o Pai e o Filho são um, Jesus orou para que todos os cristãos "sejam aperfeiçoados na unidade, *para que o mundo conheça* que tu me enviaste" (Jo 17.23).

Francis Schaeffer nomeou a visível manifestação do amor entre os cristãos de "a apologética final", a coisa que mais pode atrair a atenção de um mundo exausto.[51] A mensagem de nossas palavras dará frutos somente quando for confirmada pela mensagem de nossa vida.

Fuja do reducionismo

Entendendo o reducionismo, somos equipados com um poderoso meio para "destruir fortalezas, anulando nós os sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus" (2Co 10.4-5). No Princípio 3, identificar o reducionismo foi fundamental para mostrar como as visões de mundo baseadas em ídolos contradizem a realidade. No Princípio 4, identificar o reducionismo é a dica para demonstrar como cosmovisões se autodestroem.

À medida que derrubamos ídolos, é imperativo substituí-los por algo melhor. Se a falha central é o reducionismo, então o caminho para revelarmos um caso positivo para o Cristianismo é mostrar como ele *não* é reducionista.

Pelo fato de não deificar qualquer parte da criação, não é necessário amontoar tudo em um único conjunto de categorias. O resultado é que o Cristianismo possui uma riquíssima ontologia (teoria do que existe) e dispõe de um maior respeito pela criação do que qualquer cosmovisão concorrente. Considere quanto ele é mediante os seguintes comparativos:

Materialismo: para enfrentar o materialismo, podemos mostrar que uma cosmovisão bíblica ensina um respeito ainda maior pelo mundo material. O universo físico não é apenas um produto do acaso. A Terra não é uma pedra que gira pelo espaço vazio, sem nenhum grande propósito ou significado. Em vez disso, o universo físico foi trazido à existência por um

Deus de amor e beleza, é um produto de planejamento e projeto. Fascinantemente, a igreja primitiva também teve de defender uma visão elevada do mundo material, embora por razões diferentes. A antiga cultura grega era permeada por filosofias como o gnosticismo e neoplatonismo, que consideravam a esfera material como o reino da morte, decadência e destruição. O gnosticismo ensinava que o mundo era tão mau que não poderia ser a criação da mais alta e suprema divindade, mas devia ser o trabalho de uma subdivindade maligna. O supremo Deus não se rebaixaria gastando seu tempo com a matéria. O gnosticismo denegriu o corpo físico como sendo o "cárcere da alma". O objetivo da salvação era *escapar* do reino físico e deixá-lo para trás. >Neste contexto, o Cristianismo é simplesmente revolucionário. Ensina que há um só Deus e que ele criou a matéria. Ela é, portanto, intrinsecamente boa. O maior escândalo do Cristianismo, no entanto, era a encarnação – a afirmação de que o próprio Deus assumiu um corpo físico. Ele não era um avatar que apenas *parecia*ser humano (como os gnósticos ensinaram). Ele realmente *tornou-se* humano. A encarnação concede uma dignidade surpreendentemente alta para o mundo material. Ainda mais revolucionário, depois de Jesus ter "escapado" do mundo físico – depois que morreu – ele *voltou,* em uma ressurreição corporal. Para os gregos, isso não era progresso espiritual, era regresso. Por que alguém iria querer voltar para o mundo material, o reino do mal e da corrupção? A ideia toda era completa loucura para os gregos (1Co 1.23). Por fim, o que acontecerá no final dos tempos, de acordo com as Escrituras? Deus não vai acabar com a ideia de um universo físico e substituí-lo com um plano puramente etéreo de existência, como se tivesse cometido um erro na primeira vez. Em vez disso, ele o substituirá por "uma nova terra" (Ap 21.1), e eu e você vamos viver nessa nova terra em novos corpos físicos. No Credo Apostólico, os cristãos afirmam "a ressurreição do corpo". Esta é uma maravilhosa e elevada visão do mundo

físico. O Cristianismo dá mais valor à esfera material do que qualquer versão do materialismo.[52]

Empirismo: para combater o empirismo, os cristãos podem mostrar que uma cosmovisão bíblica oferece uma base melhor para confiarmos em nossos sentidos. Como anteriormente vimos, a falha no empirismo é não poder dar qualquer garantia de que aquilo que percebemos através dos sentidos é verdade. Não podemos sair da nossa cabeça para obter um ponto de vista independente para, a partir dele, testar os dados que sentimos contra o mundo externo. A única base adequada para a confiança no conhecimento sensorial é o ensino bíblico de que um Criador projetou nosso aparato sensorial para funcionar de forma confiável no mundo que ele criou. A doutrina da criação é a garantia epistemológica de que a constituição de nossas faculdades humanas está em conformidade com a estrutura do mundo externo. Faz parte do "plano de *design* humano", escreve Plantinga, confiar em nossas percepções sensoriais. Quando nossas faculdades perceptivas estão em bom estado de funcionamento e agindo no ambiente para o qual foram concebidas, naturalmente confiamos que as cores e formas que percebemos são objetos reais em um mundo real.[53] O alto valor atribuído ao conhecimento empírico foi uma das condições prévias cruciais para o surgimento da ciência moderna. Os cristãos tinham de se levantar contra uma longa tradição que remonta aos gregos antigos, que tinham denegrido o mundo empírico como um inconstante reino de sombras. Para Platão, era impossível adquirir conhecimento genuíno da esfera sensorial, porque era o território da "aparência", não da realidade. Muitos historiadores sugerem que essa visão inferior do mundo empírico é uma das razões que explicam por que os antigos gregos não desenvolveram a ciência moderna – e por que o Cristianismo foi necessário para estabelecer as bases da metodologia empírica da ciência.[54]

Racionalismo: para contrariar o racionalismo, podemos mostrar que o Cristianismo homenageia a racionalidade humana como parte da imagem de Deus. Não é por acaso histórico que a Idade Média, quando o Cristianismo floresceu, foi a idade de grandes construtores do sistema racional, como Anselmo e Tomás de Aquino. A confiança que depositavam na razão era insuperável, pois a consideravam um presente de Deus. Tinham a certeza de que o mundo é a criação de um Deus sensato e, portanto, tem uma estrutura inteligível, cognoscível pela razão. Ainda hoje, como vimos, o Cristianismo representa uma verdade unificada e logicamente coerente contra a divisão de andares superior/inferior, que fragmenta as visões de mundo modernas. O Cristianismo também se posiciona contra os "mestres da suspeita", que afirmam que a racionalidade humana está inundada por forças não racionais. O Deus bíblico nos convida a raciocinar juntos (Is 1.18). A santificação vem através da "renovação da vossa mente" (Rm 12.2), e seu objetivo é aprender a amar a Deus "de todo o teu entendimento" (Mt 22.37). A palavra *lógica* vem de *Logos*, a palavra usada para descrever Jesus em João 1.1, o que sugere que a lógica reflete a natureza da própria mente e caráter de Deus.

Pós-modernismo: para fazer frente ao pós-modernismo, o Cristianismo oferece uma visão ainda mais radical para a contingência do conhecimento humano. O pós-modernismo reduz as declarações de conhecimento a manifestações de interesse e poder baseadas em raça, classe, gênero, etnia e identidade sexual. Mas o ensino bíblico sobre ídolos vai muito mais fundo – até aos compromissos espirituais fundamentais, situados no núcleo da motivação humana. A Bíblia ensina que o fator primordial nas escolhas que fazemos é o nosso compromisso com um conceito do divino. Nossas vidas são moldadas pelo deus que adoramos – seja o Deus da Bíblia ou alguma divindade substituta.

Em toda e cada uma das áreas, o Cristianismo abrange os conhecimentos válidos de todas as demais cosmovisões, enquanto evita seus pontos fracos.

Ele incorpora as melhores noções das filosofias centradas em ídolos, sem cair em qualquer reducionismo limitado e abafador de vida. Esta é uma notícia realmente boa.

Na verdade, o Cristianismo é tão atrativo que os ateus repetidamente se achegam e fazem empréstimos dele. No próximo capítulo, descobriremos o que torna a verdade cristã tão atraente – e por que até mesmo ateus continuam tentando reivindicar partes dela para si.

PRINCÍPIO 5
.....
ATEUS OPORTUNISTAS

Alguns anos atrás visitei uma grande igreja urbana que atraiu estudantes de universidades de toda a cidade. O líder do grupo de faculdades e carreiras me contou que estava terminando um doutorado em química.

"Excelente!", eu disse. "Você já pensou nas maneiras como a química se relaciona com sua compreensão do Cristianismo? Por exemplo, já estudou teorias da evolução química e da origem da vida?"

"Ah!, não", respondeu ele. "É por isso que escolhi química *sintética* – para que eu não tivesse de lidar com essas questões."

Mais tarde, naquela noite, enquanto socializava com outros alunos, conheci uma jovem mulher com especialização em biologia. "Ótimo!", exclamei.

"Você já leu algo sobre algumas das questões controversas relacionadas ao seu campo, como a evolução e o *design* inteligente?"

Para minha surpresa, sua resposta foi quase idêntica ao jovem químico.

"Oh!, não. É por isso que escolhi pré-medicina – para não ter de lidar com essas questões."

Esses eram jovens adultos brilhantes, bem-educados, que poderiam estar usando seus dons para educar a igreja sobre como entrar em um discurso público com uma voz informada. No entanto, estavam se recusando a assumir o desafio.

Muitos cristãos parecem desorientados no desenvolvimento de uma cosmovisão bíblica apropriada para a arena pública. Normalmente, eles

simplesmente reafirmam a *teologia* bíblica. Por exemplo, George Barna conduz pesquisas para medir quantos cristãos mantêm uma visão de mundo bíblica. Sua definição, porém, consiste de afirmações teológicas: que a Bíblia é "totalmente precisa", que Jesus "viveu uma vida sem pecado", que Satanás é "real", que "as pessoas não podem ganhar sua entrada no céu tentando ser boas" e por aí vai.[1] Mas uma visão de mundo não é a mesma coisa que uma teologia. Uma cosmovisão *aplica* verdades teológicas a campos como filosofia, ciência, educação, entretenimento e política.

Princípio 5
Substitua o ídolo: faça uma defesa do Cristianismo

Uma das melhores maneiras de se elaborar respostas bíblicas é ouvir as perguntas com mais atenção. A mensagem cristã será mais relevante quando articulada com os pontos específicos nos quais as pessoas reconhecem as falhas e fracassos de suas próprias visões de mundo. No Princípio 3, por exemplo, encontramos pensadores que reconhecem que suas visões de mundo reducionistas trazem resultados que eles próprios consideram como "estranhos" e "repugnantes", resultados com os quais eles mesmos "não podem conviver". No Princípio 4, conhecemos pessoas que confiam implicitamente em uma visão bíblica da razão humana. Podemos dizer que reducionistas não conseguem viver dentro dos limites de sua própria caixa de visão de mundo, então contrabandeiam escadas de uma cosmovisão cristã para sair da caixa.

Estão famintos por uma visão de mundo mais ampla, mais humana do que a que seus ídolos lhes dão.

Por mais surpreendente que pareça, a cosmovisão cristã é tão atraente que mesmo aqueles que a rejeitam muitas vezes tomam emprestado dela, consciente ou inconscientemente.

Se fôssemos organizar os argumentos a favor do Cristianismo em todas as áreas, seria necessário escrever mais um livro. Mas podemos começar

identificando aqueles elementos que as pessoas contrabandeiam de uma cosmovisão cristã. Elas estão nos mostrando onde suas próprias visões de mundo entram em colapso e, ao mesmo tempo, o que acham de mais atraente sobre o Cristianismo. Tais elementos fornecem pontos de partida estratégicos para a formulação de uma cosmovisão bíblica em sintonia com as questões do nosso tempo.

Um relativista pode opor-se ao racismo?

Vamos começar com alguns exemplos generalizados. Hoje, muita gente afirma ser relativista moral, argumentando que não há lei moral universal e atemporal. Todavia, é bem provável que deem meia-volta e insistam que atos de racismo ou de abuso são errados – não apenas desagradáveis ou pessoalmente ofensivos, mas genuinamente errados. E protestarão vigorosamente caso sejam eles próprios enganados ou desrespeitados de alguma forma. Na verdade, as pessoas não conseguem funcionar, nem mesmo por poucas horas, sem fazer avaliações morais: *Ele não deveria dizer isso. Ela é muito* má.

Ironicamente, os relativistas morais chegam a se orgulhar de serem moralmente superiores aos outros. Afinal, *eles* são tolerantes e não julgam os demais. *Eles* não são como as outras pessoas, que são insuportavelmente intolerantes, fanáticas e de mente fechada, merecendo a mais dura condenação.

Cada pessoa traça uma linha na areia em algum lugar que permita que ela se sinta moralmente superior, como o fariseu da parábola de Jesus, que agradeceu a Deus por não ser como os outros ao seu redor (Lc 18.11).

O relativismo moral pode alegar ser a favor da tolerância e da humildade, mas, na realidade, promove com frequência uma atitude de condenação, altamente crítica.

O resultado é que muitas pessoas absorvem a *linguagem* do relativismo moral, mas suas palavras não se encaixam com quem realmente são como seres humanos plenamente funcionais. Em vez disso, é a cosmovisão cristã que se

encaixa em quem são. Tendo em vista que os homens são feitos à imagem de Deus, já são projetados com um senso moral intrínseco. Romanos 2 diz que aqueles que não têm a lei de Deus de forma escrita possuem a lei moral "gravada no seu coração" (Rm 2.15) e não podem deixar de fazer declarações morais – declarações que não têm base em suas próprias visões de mundo relativistas, mas que fazem sentido somente com base na cosmovisão bíblica que rejeitam.

Você poderia dizer que eles agem *como se* o Cristianismo fosse verdade.

O reconhecimento das verdades morais é um aspecto da revelação geral. Não importa quão vigorosamente as pessoas suprimam esse conhecimento, ele continua subindo à superfície.

Outro exemplo são as pessoas que se dizem céticas com relação ao conhecimento. Por um lado, afirmam que não podemos ter certeza de nada. Por outro, é provável que insistam que a ciência provou suas teorias favoritas. Na prática, elas provavelmente verificam seus extratos bancários para se assegurar de que os valores estão corretos. Em suma, vivem e agem como se tivessem acesso ao conhecimento genuíno.

Não importa quão cético alguém seja, algumas coisas são praticamente impossíveis de se duvidar – pelo menos na prática. Ninguém realmente duvida que o mundo material é real (todos nós olhamos para os dois lados antes de atravessar a rua). Ninguém duvida de experiências interiores, como prazer ou dor (se eu digo que estou com dor de cabeça, você não pergunta: "Como você sabe?"). Não duvidamos da realidade de causa e efeito (confiamos que o fogo vai aquecer e o gelo vai esfriar). Ninguém duvida de sua existência pessoal (usamos a palavra "eu"). Se alguém, de fato, negar esses fatos básicos, nós o chamamos de louco – ou de filósofo.

E até mesmo os filósofos negam tais fatos elementares apenas provisoriamente. Como vimos, David Hume é o garoto-propaganda do empirismo extremista, o qual o levou ao extremo ceticismo. Contudo, Hume

achava impossível manter seu ceticismo quando deixava seu estudo (quando se juntava a seus amigos para um jogo de gamão, como ele dizia).

Nas "ocupações da vida cotidiana", escreveu Hume, dúvidas céticas "desaparecem como fumaça e deixam o mais determinado cético na mesma condição que os demais mortais".[2]

Podemos dizer que não existem céticos nas trincheiras da vida real.

Quando precisam operar no mundo comum, seu ceticismo "desaparece como fumaça". São obrigados a agir *como se* tivessem acesso ao conhecimento genuíno de uma forma que sua própria visão de mundo nega ser possível.

Resumindo, devem agir *como se* a epistemologia cristã fosse verdadeira.

O Cristianismo ensina que os humanos são feitos à imagem de Deus. Nossa mente e nossos sentidos são projetados para funcionar no mundo de Deus.

Mesmo aqueles que sustentam extremo ceticismo são forçados pelas simples circunstâncias da vida a agir *como se* a visão bíblica da cognição humana fosse verdade.

Por que as pessoas nutrem ideias que não são suportadas por sua própria visão de mundo? A Escritura diz que todas as pessoas são feitas à imagem de Deus, vivem no mundo de Deus e experimentam a graça comum de Deus.

Como resultado, na prática, experimentam as verdades vivas da revelação geral, mesmo que seletivamente suprimam esse conhecimento. Como dizem os psicólogos, em algum momento, o conhecimento suprimido conseguirá chegar à superfície. E como Thomas Johnson diz, é aí que "as pessoas agem e falam de acordo com seus conhecimentos reprimidos, os quais recebem da revelação geral de Deus, em vez de agir de acordo com as crenças que dizem aceitar".[3]

O fato de que todo mundo tem de funcionar como se o Cristianismo fosse verdadeiro abre uma oportunidade criativa para abordar o mundo secular. O Cristianismo fornece a base para a forma como os humanos não podem deixar de se comportar. Ao argumentar a favor de uma cosmovisão bíblica, um lugar

estratégico para se começar é mostrando que ela, por si só, provê fundamentos para as maneiras como *todos* nós funcionamos, independentemente da visão de mundo que aceitamos.

A confissão de Richard Rorty

Um desafio ao discursar a favor do Cristianismo é que seus princípios estão na base de grande parte de nossa cultura compartilhada que já não reconhecemos como distintamente bíblica. Por exemplo, os ocidentais muitas vezes se orgulham de ter ideais nobres, como a igualdade e os direitos humanos universais. No entanto, ironicamente, como vimos em capítulos anteriores, as visões de mundo dominantes de nossa época negam a realidade da liberdade humana e não fornecem fundamento algum para ideais morais como os direitos humanos.

Então, de onde surgiu a ideia de direitos iguais?

Um pensador político do século 19, Alexis de Tocqueville, disse que a ideia veio do Cristianismo. "Os maiores gênios da Roma e da Grécia" nunca apresentaram a ideia de igualdade de direitos, escreveu ele. "Jesus Cristo teve de vir à Terra para esclarecer que todos os membros da espécie humana são naturalmente semelhantes e iguais."[4]

Friedrich Nietzsche, ateu do século 19, concordou: "Outro conceito cristão (...) passou ainda mais profundamente na trama da modernidade: o conceito da 'igualdade das almas perante Deus'. Este conceito envolve o protótipo de todas as teorias de direitos iguais."[5]

O ateu contemporâneo Luc Ferry diz a mesma coisa. Tendemos a tomar como garantido o conceito de igualdade; todavia, foi o Cristianismo que derrubou hierarquias sociais antigas entre ricos e pobres, senhores e escravos.

"De acordo com o Cristianismo, éramos todos 'irmãos', estamos no mesmo nível como criaturas de Deus", escreve Ferry. "O Cristianismo é o primeiro ethos *universalista*."[6]

Alguns ateus intrépidos admitem abertamente que precisam tomar emprestado o ideal dos direitos humanos do Cristianismo. Richard Rorty foi um darwinista comprometido; e, na luta darwiniana pela existência, os fortes prevalecem, enquanto os fracos são deixados para trás. Assim, a evolução não pode ser a fonte dos direitos humanos universais. Em vez dela, diz Rorty, o conceito veio de "afirmações religiosas de que os seres humanos são feitos à imagem de Deus".[7] Ele alegremente admite que se estica e toma emprestado o conceito de direitos universais do Cristianismo, e chega a chamar a si mesmo de um ateu "oportunista".

"Este elemento judaico-cristão em nossa tradição é solicitado com gratidão por ateus oportunistas como eu."[8]

No nascimento da nação norte-americana, seus fundadores julgaram evidente que os direitos humanos deveriam ser embasados em Deus. A Declaração da Independência dos Estados Unidos da América começa com aquelas brilhantes e ardentes palavras: "Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas – que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis."

No verão de 2013, uma empresa de cerveja gerou polêmica quando lançou um anúncio para o Dia da Independência que excluía as palavras cruciais "por seu Criador". A propaganda dizia: "Eles são dotados de certos direitos inalienáveis" (dotados por quem?). O anúncio é emblemático, relatando o que muitos secularistas fazem: tomam ideais emprestados de uma cosmovisão bíblica (como a igualdade e os direitos), mas os desligam de sua origem no Criador. São oportunistas. Os cristãos devem recuperar esses nobres ideais, argumentando que tais princípios são logicamente apoiados apenas por uma cosmovisão bíblica.

Os ateus frequentemente denunciam o Cristianismo como sendo duro e negativo. Mas, na realidade, ele oferece uma visão muito mais positiva da pessoa humana do que qualquer religião ou visão de mundo concorrente. Ele é

tão atraente que os adeptos de outras cosmovisões continuam a vir buscar as partes que mais gostam.

O que torna a ciência possível?

Outro elemento da cultura ocidental tão generalizado que já não reconhecemos como distintamente cristão é a própria empreitada científica.

O estereótipo comum é que a religião e a ciência estão em guerra uma com a outra. Mas os historiadores viraram esse papo de cabeça para baixo.

Considere, por exemplo, a ideia de "leis" na natureza. Hoje, essa ideia é tão familiar que nos parece senso comum. No entanto, os historiadores nos dizem que nenhuma outra cultura – oriental ou ocidental, antiga ou moderna – apresentou o conceito de leis da natureza, que apareceu apenas na Europa durante a Idade Média, um período em que a cultura ocidental foi completamente permeada por suposições cristãs. Como o respeitado historiador A. R. Hall observa, o uso da palavra *lei* no contexto de eventos naturais "teria sido ininteligível na Antiguidade, enquanto a crença hebraica e cristã em uma divindade que era, ao mesmo tempo, Criador e Legislador, o tornava válido".[9]

Claro, todas as sociedades reconheceram padrões de causa e efeito na natureza, o que lhes permitiu construir edifícios e pontes. A diferença é que consideravam esses padrões como meras regras práticas gerais e achavam que a ordem intrínseca da natureza era inescrutável para a mente humana.

E quando as pessoas não creem que *há* leis racionais por trás de fenômenos naturais, elas não as buscarão – e a ciência nunca terá início.

A filósofa Mary Midgley chega a descrever o Cristianismo como a cosmovisão da ciência. Ela escreve: "A ciência tem sua própria cosmovisão, que inclui pressupostos orientadores sobre a natureza do mundo. Os fundadores da ciência moderna os expressaram muito claramente para o seu tempo. A ordem cósmica (disseram eles) flui inteiramente de Deus, então a ciência redunda em glória a ele."[10]

Paul Davies afirma a mesma coisa, ainda mais fortemente. “Todos os primeiros cientistas, como Newton, eram religiosos, de uma forma ou de outra”, escreve. “Eles viram sua ciência como um meio de descobrir vestígios da obra de Deus no universo.” O que hoje chamamos de leis da natureza, eles consideravam como pensamentos na mente de Deus. “Assim, ao fazer ciência, criam eles, alguém pode ser capaz de vislumbrar a mente de Deus – uma declaração entusiasmante e audaciosa.”

Audaciosa talvez, mas uma afirmação que continua sendo um alicerce central para o empreendimento científico até hoje. A ciência ainda tem de presumir que o mundo tem uma ordem inteligível. Todavia, a visão de mundo materialista ou naturalista não pode ser responsável por essa ordem. Se o universo é o produto de processos não racionais, por que teria uma ordem racional? Se o universo não é produto de uma mente, por que é compreensível à mente humana? Entre a maioria dos cientistas atuais, “a ordem subjacente na natureza – as leis da física – é simplesmente aceita como determinada, como fatos brutos”, escreve Davies. “Ninguém pergunta de onde vem; pelo menos não na companhia de estudiosos. Porém, mesmo o cientista mais ateu aceita como um ato de fé que (...) há base racional para a existência física manifestada como uma ordem semelhante a leis na natureza.”

A ciência exige um “ato de fé”? Em que a “fé” se baseia? Davies chega a esta conclusão impressionante: “Assim, a ciência só pode prosseguir se o cientista adotar uma visão de mundo essencialmente teológica.”[11]

Em suma, todo ateu precisa adotar uma cosmovisão bíblica para exercer ciência.[12] Os cristãos devem confiantemente recuperar os princípios bíblicos que tornaram a ciência possível, em primeiro lugar – e que continuam a providenciar seus fundamentos filosóficos atualmente.

Um ateu denuncia o Humanismo

Para encontrar casos adicionais de oportunismo, podemos interceptar debates internos dos ateus. Por exemplo, John Gray constantemente castiga

seus companheiros ateus e materialistas por conta do hábito deles de tomar conceitos emprestados de outras visões. Logicamente, aponta ele, o materialismo leva ao reducionismo – a conclusão de que os seres humanos não são nada além de animais. Mas a maioria dos materialistas não quer aceitar esta sombria conclusão. Querem conceder à humanidade uma posição mais elevada e digna, querem acreditar que os homens têm "consciência, individualidade e liberdade de decisão", escreve Gray. Ele rotula esta alta perspectiva da humanidade de *humanismo* – e a denuncia como um excelente exemplo de oportunismo.

"Os humanistas nunca se cansam de pregar" o evangelho da liberdade humana, Gray reclama. Mas "Darwin nos mostrou que somos animais", e, portanto, "a ideia da liberdade de decisão não vem da ciência". Em vez disso, "suas origens estão na religião – não apenas qualquer religião, mas a fé cristã, contra a qual os humanistas insultam tão obsessivamente". Assim, o humanismo "é apenas uma versão secular" dos princípios cristãos.[13]

Poderíamos dizer que os humanistas não querem viver dentro dos limites de sua própria caixa materialista, por isso contrabandeiam escadas de uma cosmovisão cristã para sair da caixa.

Nagel: Darwin "quase certamente falso"

Agora vamos sorrateiramente escutar o outro lado do debate – as pessoas que Gray chama de humanistas, as quais não querem aceitar as consequências desumanas do reducionismo. Thomas Nagel é o autor de *Mind and Cosmos*, que traz o provocante subtítulo *Why the Materialism Neo-Darwinian Conception of Nature Is Almost Certainly False*. Ele argumenta que a teoria darwinista "é quase certamente falsa" exatamente porque leva ao reducionismo. E teorias reducionistas não conseguem explicar aquilo que sabemos sobre o mundo.

Considere uma simples calculadora de bolso. Digite "5 + 3 =" e o número "8" aparece na tela. O padrão de pixels do algarismo oito pode ser explicado

em termos puramente físicos, como o pulso de elétrons viajando através de terminais de microchips. Contudo, Nagel argumenta, não há explicação reducionista de como a calculadora foi programada para produzir o "8". *Isso* requer "a intenção do projetista".

Nagel é um ateu, então não está aludindo a um projetista divino. Ele está argumentando que a teoria darwinista não consegue explicar nem mesmo os projetistas humanos: "Algo mais é necessário para explicar como pode haver criaturas conscientes, pensantes."[14] Os seres humanos apresentam uma diferença em espécie, não apenas em grau.

Algo mais também é necessário para explicar o conhecimento moral e científico. Nagel diz que um conceito evolutivo da mente enfraquece "nossa confiança na verdade objetiva de nossas crenças morais", bem como "a verdade objetiva de nosso raciocínio matemático ou científico" (para lembrar-se do motivo pelo qual a epistemologia evolutiva enfraquece o saber humano, volte ao Princípio 4). No entanto, Nagel continua, não podemos simplesmente desistir do nosso conhecimento nestas áreas. Por que não?

Porque esse conhecimento é "baseado fundamentalmente no senso comum e no que é claramente inegável". [15]

Você reconhece as frases denunciadoras que apontam para a revelação geral? O Neodarwinismo contradiz o que é "baseado no senso comum" e "o que é claramente inegável".

Nagel está preso em dissonância cognitiva. Por um lado, não quer aceitar o reducionismo, o qual critica como um "triunfo da teoria ideológica sobre o senso comum". Ele enaltece os críticos do Darwinismo, incluindo teóricos do *Design* inteligente – ato que o fez alvo de ferozes ataques.[16]

Nagel até assume que uma visão de mundo teísta resolveria seus problemas – que a existência de Deus explicaria as exatas coisas que o Darwinismo não pode explicar, como mente e a moralidade. No entanto, rejeita a resposta teísta. Por quê? A razão não é tão intelectual, mas emocional:

"Eu quero que o ateísmo seja verdade (...) Não quero que haja um Deus; Não quero que o universo seja assim." Ele admite que sua motivação oculta é um "medo da própria religião", enraizada, enfim, em um "problema de autoridade cósmica".[17]

Então, tendo rejeitado a Deus, qual alternativa Nagel propõe? Nenhuma.

"Meu objetivo é apresentar o problema em vez de propor uma solução."[18]

Nagel é um exemplo esclarecedor de um ateu que está desesperadamente um lado, sustenta seu ateísmo. De outro, se recusa a abrir mão dos fatos "incontestáveis" do "senso comum" que somente o teísmo pode explicar.

Nagel está tentando reter os *benefícios* de uma visão cristã do mundo, enquanto rejeita suas bases no Cristianismo. Ele é oportunista.

Problemas de um "ateu orgulhoso"

Outro humanista que sofre de dissonância cognitiva grave é Raymond Tallis, um médico e autor de *Aping Mankind*. Tallis se gaba por ser "um ateu orgulhoso" e evolucionista. Ao mesmo tempo, argumenta que "algo muito importante sobre nós é deixado inexplicado pela teoria evolutiva". De fato, ele lista várias coisas importantes sem explicação:

- "Não há um problema em explicar como as forças cegas da física originaram (cognitivamente) seres humanos com visão, que são capazes de ver, identificar e comentar sobre as forças 'cegas' da física?" Como é que as forças da física criam seres que transcendem essas forças?
- Não existe um problema em explicar como as forças naturais criaram humanos que são capazes de voltar-se e usar essas forças "para se envolver com a natureza como se estivessem do lado de fora"? Por que os homens são capazes de superar as forças que supostamente os criaram? Pode um fantoche conquistar o controle sobre o marionetista?

- Não há um problema em explicar como o universo "nos trouxe à existência por processos irracionais que são totalmente sem propósito"? Como é que um processo irracional cria seres racionais? Como um processo sem propósito cria seres com propósito?
- Não existe um problema em explicar como um processo não projetado poderia produzir "uma espécie que é, de fato, projetista? *Como é que nós, seres humanos, conseguimos ser tão diferentes?* " Como é possível os homens serem "tão diferentes" das forças que supostamente os produziram? Como pode este limite ser ultrapassado?[19]

Um reducionista resolveria o dilema simplesmente decretando que os humanos não são tão diferentes no final das contas – que aquilo que parecem ser diferenças em espécie são, na verdade, apenas diferenças em grau. Mas Tallis rejeita o reducionismo. Aliás, ele está intensamente apreensivo, pois uma forma de reducionismo neurobiológico está conquistando uma cabeça de ponte em praticamente todos os campos.

Nas artes, a neuroestética afirma que somos atraídos por obras de arte porque certos padrões visuais estimulam os centros de recompensa do cérebro. Na literatura, críticos neuroliterários tentam explicar por que amamos a literatura, digitalizando o cérebro das pessoas enquanto leem Shakespeare. Na teoria jurídica, o neurodireito procura estabelecer culpa ou inocência usando ressonância magnética. Na filosofia, a neuroética afirma que "normas morais, práticas e políticas residem em nossa neurobiologia".

A neuroeconomia usa métodos de imagem cerebral para determinar como o cérebro dos consumidores responde a marcas e produtos.[20] A neuropolítica espera usar a ciência cerebral para orientar as pessoas na tomada de decisões políticas. E a neuroteologia utiliza a ressonância magnética para encontrar o "ponto de Deus", a parte do cérebro que supostamente leva as pessoas a conceberem a ideia de Deus e a passarem por experiências místicas.

Essas neuroteorias são mais uma moda passageira do que fatuais, reclama Tallis. Considere a tentativa de explicar o Cristianismo através da neurobiologia:

"Que tipos de impulso nervoso são capazes de transcender sua condição finita, local e transitória, a fim de conceber algo que é infinito, onipresente e eterno?"

Tallis até convida os teístas a se unirem a ateus como ele contra o "inimigo comum" do "reducionismo neuroevolutivo".

Todavia, embora busque aliados entre os cristãos, Tallis rejeita enfaticamente o Cristianismo propriamente dito. Então, qual resposta ele propõe para o reducionismo ao qual tão apaixonadamente se opõe? Nenhuma. "A verdade é que eu não sei."[21]

O que aprendemos espionando os ateus? Em primeiro lugar, muitos deles reconhecem as limitações e falhas de suas próprias visões de mundo.

Na verdade, um argumento convincente pode ser tecido contra o ateísmo *usando suas próprias palavras e argumentos*. Em segundo lugar, muitos ateus consideram elementos de uma cosmovisão cristã tão atraentes que os tomam emprestado inúmeras vezes. Eles são oportunistas.

Quando nos damos conta de quão extenso é o oportunismo, chegamos a uma maior valorização da atratividade da cosmovisão bíblica. Caso contrário, por que todo mundo estaria tentando cooptar as partes que mais gostam?

Não é de se admirar que Paulo diga que não se envergonha do evangelho (Rm 1.16). Lembre-se de que, na Escritura, ser envergonhado significa ser decepcionado ou desiludido. Paulo está dizendo que uma cosmovisão cristã não vai desapontá-lo. Ela satisfaz as maiores esperanças e ideais da humanidade. Esta é a boa notícia que atrairá ao evangelho as pessoas que estão fartas do fracasso e da desumanidade do reducionismo.

Dê-me daquela filosofia dos velhos tempos

Talvez o exemplo mais notório de oportunismo seja um movimento para sequestrar as dimensões explicitamente religiosas do Cristianismo. Por exemplo, há um novo campo que usa filosofia para tratar problemas psicológicos. Rotulado de Aconselhamento filosófico, tal tratamento está sendo apontado como uma alternativa para o atendimento prestado por terapeutas, clérigos e pastores.

Esses são ateus que querem o conforto psicológico do Cristianismo, enquanto rejeitam seu conteúdo.

Um livro sobre o assunto, intitulado *Plato, Not Prozac!,* tornou-se um sucesso internacional. Você pode até obter certificação para ser um conselheiro filosófico. Um artigo do *Washington Post* diz que os conselheiros são "como treinadores intelectuais da vida. Muito intelectuais. Eles têm um conhecimento aprofundado das teorias existencialistas de Jean-Paul Sartre sobre a natureza da vida e podem recitar trechos de explorações fenomenológicas de Martin Heidegger sobre a questão do ser. E os aplicam para ajudar os clientes a superar problemas de infância."[22]

O aconselhamento filosófico pode ser um novo campo, mas o conceito em si não é inovador. Filosofias nunca foram meras empreitadas acadêmicas. Elas começam com uma substituição para Deus e desenvolvem uma visão de mundo completa, exortando as pessoas a atribuírem sentido à vida e a se prepararem para a morte. A diferença é que, hoje, alguns ateus estão ativamente tentando "sequestrar o espírito religioso", como Terry Eagleton coloca.[23] Eles alegam que o secularismo pode nutrir a espiritualidade.

Um exemplo é *A Brief History of Thought: A Guide to Living Philosophy*, de Luc Ferry, que oferece espiritualidade para pessoas seculares: "Se as religiões podem ser definidas como 'doutrinas de salvação', as grandes filosofias também podem ser definidas como doutrinas de salvação (mas sem a ajuda de Deus)."[24]

Depois, temos *Philosophy as a Way of Life,* de Pierre Hadot, dizendo que aceitar uma filosofia é como uma conversão religiosa: envolve "uma transformação total da sua visão, estilo de vida e comportamento (...) Vira toda

a nossa vida de cabeça para baixo".[25] Você literalmente aposta sua vida – e sua eternidade – na veracidade de um conjunto de ideias.

No mundo antigo, quando a filosofia ainda era jovem, seu poder de transformação de vidas foi amplamente reconhecido. O filósofo não era considerado como um especialista em um campo acadêmico, mas reverenciado como um "guia espiritual", diz Hadot. "Ele exortava seus seguidores à conversão e, em seguida, dirigia seus novos convertidos (...) aos caminhos da sabedoria." [26]

Hadot busca recuperar esse papel espiritual para a filosofia secular.

Trabalhando para o mesmo fim está o filósofo Alain de Botton, autor de *Religion for Atheists.* Botton é fundador de uma escola em Londres, onde os alunos estudam filosofia não para obter um diploma acadêmico, mas para refletir sobre "as mais sérias questões da alma". Uma classe, intitulada "Preenchendo o vão em formato de Deus", ajuda as pessoas a preencherem o vazio em suas vidas quando abandonam religiões tradicionais.[27]

O ponto em comum desses exemplos é que todos são tentativas de preencher o buraco em forma de Deus com algo diferente de Deus. Um livro assume isso sinceramente em seu título: *The Little Book of Atheist Spirituality*.[28] Os ateus estão até mesmo fundando suas próprias igrejas.

A Grã-Bretanha tem agora sua primeira igreja ateísta. De acordo com informações da imprensa, "dezenas de reuniões apelidadas de 'megaigrejas ateístas' (...) estão surgindo por toda a parte nos EUA."[29]

Os ateus estão sugando as cerimônias de culto religioso. Eles querem cooptar os rituais do Cristianismo, embora rejeitem sua realidade.

Uma missa para Charles Darwin

Nem todos os ateus estão cientes do quanto sequestram do Cristianismo.

O padrão mais comum é a alegação de que o ateísmo é baseado estritamente em fatos e ciência.

No entanto, mesmo um compromisso com a ciência pode funcionar como um ídolo, um compromisso fundamental. Quando a ciência é tratada como a única fonte da verdade, passa a ser *cientismo* (ou cientificismo). O filósofo Wilfrid Sellars expressa um compromisso com o cientificismo quando diz que "a ciência é a medida de todas as coisas". Bertrand Russell revelou-se em seu comentário: "O que a ciência não pode descobrir, a humanidade não pode saber."[30]

Supõe-se que o que não pode ser conhecido pela ciência não é real.

Mas reflita: essa exata declaração é um fato descoberto pela ciência? Claro que não. Ela vai além de qualquer coisa que a ciência poderia estabelecer.

É uma suposição metafísica, uma definição arbitrária do que conta como conhecimento genuíno.

O cientificismo continua sendo um dos ídolos mais populares de hoje.

Qualquer alegação que começa com "agora, os cientistas sabem que" provavelmente derrotará todas as declarações concorrentes. Como John Gray escreve: "a ciência não nos permitiu dispensar mitos. Em vez disso, tornou-se um veículo para mitos – o principal deles, o mito da salvação através da ciência.

Muitas das pessoas que zombam da religião estão sublimemente confiantes de que, usando a ciência, a humanidade pode marchar adiante para um mundo melhor".[31]

Pesquisas mostram que possuir um compromisso com a ciência chegou a ter efeitos psicológicos semelhantes a um compromisso religioso. A revista *New Scientist* relata um estudo demonstrando que, sob estresse, ateus responderam com um compromisso maior em uma "crença na ciência". O artigo conclui: "É bem sabido que a fé religiosa pode ajudar os adeptos a lidarem com o estresse e ansiedade, fornecendo-lhes um senso de significado e controle em momentos de incerteza. Parece agora que a 'crença' na ciência e uma perspectiva racionalista podem fazer o mesmo para o não religioso."[32]

Mesmo a teoria da evolução, frequentemente citada como suporte para o ateísmo, pode funcionar como um substituto da religião. Na introdução de 1965 de *A origem das espécies,* de Darwin, W. R. Thompson observou que, para muitos biólogos, o conceito de evolução orgânica é "um objeto de genuína devoção religiosa, porque a consideram como um princípio integrador supremo".[33]

Mais recentemente, Michael Ruse chocou seus companheiros ateus, salientando que, por vezes, a evolução funciona como uma religião: "A evolução é promulgada como uma ideologia, uma religião secular – uma alternativa completa ao Cristianismo, com significado e moralidade."[34]

E com adoração, poderíamos acrescentar. Há alguns anos, uma missa (como gênero de música sacra) foi composta, intitulada "Missa Charles Darwin". A peça é baseada na estrutura de cinco movimentos da missa tradicional. Soa muito parecido com a música da igreja renascentista, mas os textos da Escritura foram substituídos por trechos de escritos de Darwin, incluindo *A origem das espécies* e *A descendência do homem*.[35]

Religião evolucionista

O Darwinismo não é a única versão de evolução no mercado. Aliás, a maioria das teorias alternativas é ainda mais abertamente religiosa. O biólogo Stuart Kauffman é muito conhecido por sua teoria da auto-organização. Mas ele não a considera meramente outra teoria científica: é uma nova visão de mundo" com "uma nova visão de Deus, não como transcendente e não como um agente, mas como a própria criatividade do universo em si". Em outras palavras, Kauffman trata *Deus* como uma palavra para o fluxo incessante do universo. Isso, diz ele, é "Deus o suficiente para mim".

Por que sequer manter a palavra *Deus*, a qual conota uma pessoa transcendente, solícita e inteligente, quando sua teoria realmente envolve um processo imanente, não solícito e não inteligente? Exatamente para contrabandear o poder emocional ligado ao termo. Kauffman não tem

problemas em ser aberto sobre suas intenções: "O que ganhamos ao usar a palavra Deus? Suspeito que ganhamos muito, pois a palavra carrega consigo temor e reverência. Se pudermos transferir esse temor e reverência não ao Deus transcendental de Abraão, da minha tribo israelita de muito tempo atrás, mas à realidade impressionante que nos confronta, concederemos permissão para uma espiritualidade renovada e respeito, reverência e responsabilidade por tudo o que vive, pelo planeta."[36]

Em resumo, Kauffman espera inspirar as pessoas a responderem emocionalmente a um universo puramente materialista, *como se* fosse o Deus pessoal da Bíblia. Ele é outro oportunista.[37]

Por fim, há o economista e futurista Jeremy Rifkin, que promove uma versão quase panteísta da evolução, descrevendo-a como um processo pelo qual uma "mente" imanente evolui subindo a escada da vida, a grande corrente do ser: "A evolução não é mais vista como um caso irracional, muito pelo contrário. Trata-se da mente ampliando seu domínio, subindo a cadeia das espécies." Nestas palavras, ouvimos ecos do conceito de Hegel, de uma Mente Absoluta em evolução ascendente através da História. Rifkin continua: "A certa altura, acaba-se com a ideia do universo como uma mente que supervisiona, orquestra e provê ordem e estrutura para todas as coisas."

Quais são as implicações desse modelo panteísta da evolução? Mais obviamente, ele elimina um Criador transcendente – algo que Rifkin considera ser uma coisa boa, pois significa que "já não nos sentimos como convidados na casa de outra pessoa". Por isso, já não nos sentimos "obrigados a manter nosso comportamento em conformidade com um conjunto de regras cósmicas pré-existentes". Em vez disso, somos livres para criar nossas próprias regras:

> É nossa criação agora. Nós fazemos as regras. Nós estabelecemos os parâmetros da realidade. Nós criamos o mundo e, por isso, já não nos sentimos em dívida com forças externas. Já não temos de justificar nosso comportamento, pois agora somos os arquitetos do universo.

Nós criamos o mundo? *Nós* somos os arquitetos do universo? Claramente, Rifkin está dizendo que, se não há Deus transcendente, então os humanos tomam o lugar dele. Os homens tornam-se minideuses. Rifkin termina com um hino à humanidade evoluída: "Não somos responsáveis diante de nada além de nós mesmos, pois somos o reino, o poder e a glória para sempre e sempre."[38]

Se isso não é um olhar teológico da evolução eu não sei o que é.

Reconhecer a natureza religiosa de cosmovisões seculares cria condições de concorrência equitativas, pois enfraquece as pretensões secularistas à neutralidade religiosa, que usam para alegar superioridade sobre religião.

Isto é, afirmam ser objetivos e baseados em fatos, enquanto desacreditam religiões como tendenciosas e "baseadas em fé". Todavia, nenhuma visão de mundo é neutra – nem mesmo o ateísmo ou o secularismo.

Em relação ao Deus bíblico, as pessoas seculares podem declarar serem céticas. Mas em relação aos seus próprios deuses substitutos, são verdadeiramente crentes. Para adaptar uma observação de C. S. Lewis, o ceticismo delas é apenas superficial. É para uso em crenças de *outras* pessoas. "Não chegam nem perto de serem céticos o suficiente" sobre suas próprias crenças.[39]

O que impulsiona variantes religiosas da evolução é uma sensação de que deve haver mais sobre a realidade do que a visão plana e unidimensional oferecida pelo materialismo. Os evolucionistas estão buscando dimensões mais altas para atender o anseio humano por maior significado para a vida.

Esses desejos são mais uma expressão da revelação geral. Eles são indicativos do Deus bíblico.

Perdendo fé, encontrando Deus

Uma forma de realçar características atraentes do Cristianismo é mostrar o que os secularistas pegam emprestado dele. Outra maneira é perguntar o que você perde quando desiste dele. Comecei a apreciar o Cristianismo somente

depois o abandonei. Como uma jovem que crescia em um lar cristão, eu era como o peixe proverbial que não sabe o que é a água. Às vezes, perder a fé é o caminho para encontrar a Deus.

Na época em que completei 16 anos, comecei a fazer perguntas básicas: Como podemos saber se o Cristianismo é verdade? Há boas razões para segui-lo? Nenhum dos adultos em minha vida parecia ter qualquer resposta. Certa vez, perguntei a um professor universitário por que ele era um cristão. Eu esperava que uma pessoa tão altamente educada oferecesse uma resposta ponderada. Mas tudo o que ele disse foi: "Funciona para mim!" E eu pensei: *não funciona para mim*.

Mais tarde, tive a oportunidade de conversar com um reitor de seminário.

Eu esperava que alguém altamente treinado em teologia pudesse ter respostas.

Mas tudo o que ele disse foi: "Não se preocupe, todos nós temos dúvidas às vezes" – como se eu estivesse apenas passando por uma fase psicológica.

Pensei: "*Então por que você não tem respostas para minhas dúvidas?*"

Finalmente, cheguei à conclusão de que esta versão pragmática e psicologizada do Cristianismo não tinha respostas sérias. Rejeitei-a e embarquei em uma busca intencional pela verdade.

A decisão me pareceu uma questão de honestidade intelectual: em princípio, se você não tem boas *razões* para seguir algo, como pode realmente dizer que acredita nisso – quer seja o Cristianismo ou qualquer outra coisa?

Em pouco tempo, tornei-me uma completa relativista e cética. Pode haver "pagãos felizes" que não sabem o que estão perdendo, mas eu estava bem consciente do que havia perdido.

Como cristã, sabia que a minha vida tinha um propósito: viver para Deus e "gozá-lo para sempre" (nas palavras do *Breve Catecismo de Westminster*).

Mas, se não há Deus e a vida é um produto fortuito de cegas forças materiais, que propósito tem a vida humana? Seria ela apenas um acidente químico sobre uma rocha flutuando através dos frios e vazios confins do

espaço? Enquanto ainda estava no colegial, comecei a encurralar meus amigos, perguntando: "O que você acha que é o propósito da vida?" Infelizmente, muitos dos meus colegas não estavam pensando muito além da festa daquele final de semana.

Como cristã, sabia que minhas ações carregavam um significado que perduraria até a eternidade. Mas se Deus não existe, então, quando morremos, apodrecemos. Em algum momento, o próprio universo terá uma morte por calor e todas as civilizações humanas virarão pó. As melhores e maiores conquistas da raça humana não terão nenhum significado duradouro.

Como cristã, eu sabia que a realidade definitiva por trás de todas as realidades temporais é o amor. O universo é a criação de um Agente pessoal, que pensa, sente, escolhe e age. Mas se não há nenhum Deus pessoal, então a realidade final não passa de cegas forças mecânicas. Não há ninguém "lá fora" que nos ame ou se importe com o que acontece conosco. Como Richard Dawkins escreve: "no fundo, não há projeto, nenhum propósito, nenhum mal, nenhum bem, nada além de impiedosa indiferença".[40]

Como cristã, eu tinha aceitado a existência de uma norma moral objetiva.

Quando fazia escolhas, poderia estar certa de que estava construindo minha vida sobre verdades eternamente válidas. Mas se não há Deus, verdades morais transcendentes sequer existem? Há alguma maneira de saber se estava construindo minha vida sobre coisas que realmente importam? Eu não conhecia a palavra *relativismo*, mas, entre meus amigos de colégio, eu era a única que argumentava que não podemos saber se algo é genuinamente certo ou errado. Experimentei o que Sartre quis dizer quando afirmou que estamos "condenados a ser livres" – condenados a agir em um vácuo moral, sem uma maneira de saber se suas escolhas irão revelar-se boas ou más, benéficas ou prejudiciais.

Minha angústia foi intensificada por ter vivido no exterior enquanto adolescente. Nossa grande família não podia pagar hotéis e, portanto, dormíamos em parques de campismo enquanto viajávamos pela Europa,

observando de perto diversas culturas e costumes. Certa vez, fomos até a Turquia, atravessando países então comunistas, como a Iugoslávia e a Bulgária (nunca testemunhei tamanha extrema pobreza como na Bulgária rural). A experiência me deixou com uma consciência indelével de que muitas das coisas que os americanos consideram como garantidas são culturalmente relativas. Comecei a me perguntar: "Existe alguma verdade além de todas as tradições culturais? Ou será que estamos presos dentro de perspectivas humanas limitadas e volúveis?"

Finalmente, como cristã, eu sabia que o próprio Deus falou com a raça humana através da Escritura. Muitas pessoas consideram a Bíblia como um apanhado de obras de autores humanos – um registro de experiências espirituais ou um conjunto de mitos antigos concebidos para transmitir lições de moral. Mas a Escritura assume a afirmação impressionante de que é um registro da comunicação de Deus, que age e fala na história humana. No Antigo Testamento, os profetas afirmavam falar a Palavra de Deus: "Assim diz o Senhor." No Novo Testamento, Paulo chama a Escritura de "os oráculos de Deus" (Rm 3.2). Pedro declara que os escritores da Bíblia foram inspirados pelo Espírito Santo (2Pe 1.21). Assim, a clássica teologia cristã considera a Escritura como a comunicação de um Deus pessoal. Os céus estão abertos.

Porém, quando abracei o agnosticismo, os céus estavam fechados. Eu estava trancada em minha própria mente, limitada à minha própria pequenina fresta na imensidão do tempo e do espaço. Parecia-me óbvio que, a partir dessa franzina perspectiva, era impossível conhecer quaisquer verdades transcendentes ou atemporais. Realmente, poderia ser impossível conhecer qualquer verdade.

Afinal de contas, eu não podia sair da minha própria cabeça a fim de obter uma postura objetiva para verificar as minhas ideias. A conclusão lógica não é apenas ceticismo, mas solipsismo, a ideia de que tudo o que realmente conhecemos é o "interior" de nossa própria experiência.[41] No meu caderno da

escola, comecei a rabiscar desenhos do universo inteiro como um balão de pensamento dentro da minha cabeça.

Bertrand Russell – minha referência

Os anos que passei lutando com o ceticismo moral e intelectual abrangeram um período obscuro e difícil da minha vida. Às vezes, quando as crenças religiosas de alguém se corroem, elas permanecem na igreja pelas amizades e apoio social. Elas mantêm o compromisso com a Bíblia a uma moralidade objetiva (pelo menos uma moralidade objetiva para *outras* pessoas, para que não a roubem ou enganem).

Mas minha posição era que, se o Cristianismo não era verdadeiro, então não quero nenhum de seus benefícios. Eu aspirava ser como Bertrand Russell, que disse que os ateus devem construir sua vida sobre "andaimes (...) de desesperança inflexível". Por que desesperança? Porque o ateísmo afirma que não há um propósito maior para a vida – "que o homem é o produto de causas que não tinham previsão do fim que estavam atingindo; que sua origem, seu crescimento, suas esperanças e medos, seus amores e suas crenças, não passam do resultado da colocação acidental de átomos."

Se o ateísmo era verdade, então eu não queria hesitar em aceitar suas pessimistas sugestões – as quais Russell descreveu com melancolia poética: que "todos os trabalhos de eras, toda a devoção, toda a inspiração, todo o reluzente brilho do gênio humano, estão destinados à extinção na vasta morte do sistema solar e que todo o templo da realização do homem deve inevitavelmente ser enterrado sob os escombros de um universo em ruínas".[42]

William Provine, um biólogo evolucionista da Universidade de Cornell, dispõe a conclusão sem rodeios: se Deus não existe, diz ele, então "não existem fundamentos máximos de ética, nenhum sentido final para a vida, e a liberdade de decisão é um mero mito humano".[43]

Durante meus anos como agnóstica, eu não estava apenas refletindo sobre questões como essas em minha mente, mas as vivia em minha vida.

C. S. Lewis disse que escreveu *Pilgrim's Regress* para ilustrar o impacto das visões de mundo sobre a experiência vivida. Na história, o personagem principal encontra uma variedade de substitutos de Deus, incluindo racionalismo, materialismo, idealismo e freudismo, em sua jornada para descobrir o verdadeiro Deus. Lewis escreveu que o livro ilustrava a "dialética *vivida*, não somente a dialética *alegada* do meu progresso filosófico".[44]

Eu, também, estava empenhada em uma "dialética vivida" – e cada passo do caminho parecia uma luta de vida ou morte. Enquanto ainda estava no colegial, comecei a frequentar a biblioteca, pegando livros da prateleira de filosofia. Se o Cristianismo não tinha respostas, pensei, talvez a filosofia seja o estudo em que as pessoas discutem as grandes questões, como "O que é a verdade? Qual o significado da vida?" Fui motivada a estudar filosofia não por mera curiosidade intelectual, mas por uma busca angustiante de respostas para a vida.

Mais tarde, quando estudava na Alemanha, peguei um trem para L'Abri, o ministério de Francis e Edith Schaeffer, situado em uma pequena aldeia entre os picos nevados dos Alpes suíços. Eu pretendia apenas me encontrar com parentes em uma visita rápida. Mas a abordagem ao Cristianismo que encontrei ali me pegou completamente de surpresa.

Foi a primeira vez que encontrei cristãos que poderiam discutir minhas perguntas – que se envolveram com o mundo intelectual e cultural mais amplo. Foi tão atraente que, por mais paradoxal que possa parecer, só fui embora depois de um mês. Para dizer a verdade, eu fugi: estava com receio de ser laçada pela atração emocional de L'Abri em vez de agir a partir de genuína convicção intelectual.

Todavia, enquanto estava lá, descobri a apologética e continuei lendo sozinha. A certa altura, eu estava intelectualmente convencida de que o Cristianismo é verdadeiro. Ou, como encarei naquele momento, admiti que Deus tinha vencido a discussão. Até então, eu não tinha conexão com uma igreja, então busquei L'Abri novamente. Um ano e meio depois, voltei para a

Suíça por vários meses adicionais de estudo para aprofundar minha compreensão de uma cosmovisão cristã.

Qual é a sua resposta?

As perguntas que eu tinha enquanto jovem não eram exclusivas. Muitos adolescentes e jovens adultos lutam com questões intelectuais, mesmo que não sejam intelectuais em um sentido estereotipado da palavra. Basta conversar com aqueles que rejeitaram o Cristianismo.

O sociólogo Bradley Wright, da Universidade de Connecticut, perguntou a ex-cristãos por que eles se desviaram. Os pesquisadores esperavam ouvir histórias sobre pessoas que saem da igreja porque foram magoadas ou emocionalmente feridas. Para sua surpresa, a razão mais frequentemente dada pelos entrevistados foi que não conseguiam obter respostas para suas dúvidas e perguntas. Na verdade, eles nem mesmo conseguiam que a igreja levasse suas questões a sério. Um ex-batista tradicional (obviamente, ainda com raiva) disse: "Os cristãos sempre usam a palavra 'fé' como sua última palavra quando são demasiadamente estúpidos para responder a uma pergunta."[45]

Finalmente, aqueles que tinham dúvidas concluíram que a igreja não oferecia respostas porque não *existem* respostas.

As igrejas têm a obrigação de equipar suas congregações para responder as perguntas que inevitavelmente surgem ao vivermos em uma sociedade pós-cristã. Jovens e adultos estão submetidos a um bombardeio constante de ideias seculares e pagãs. Igrejas, escolas e famílias devem assumir a responsabilidade de fornecer respostas convincentes, atraentes e coerentes.

Uma maneira eficaz de responder a céticos e curiosos é ajudá-los a enfrentar as consequências reais de suas próprias opiniões. Certa vez, tive uma conversa com uma adolescente que havia sido criada em uma família presbiteriana. "Eu acho que não vou mais seguir o Cristianismo", ela me disse.

"Isso é interessante", respondi. "O que você aceitou no lugar dele?"

"O quê?"

"Se Deus não existe, então o quê? O que você acha que é verdade e como é que você apoia isso?"

A adolescente estava sem palavras. Todo o seu foco tinha sido em reagir contra seus pais e a igreja. Não lhe ocorrera que agora ela carregava a responsabilidade de pensar nas opções por si mesma e de empreender uma busca coerente pela verdade.

Ao dar início ao estudo das alternativas, a jovem percebeu que abandonar o Cristianismo não era uma questão de simplesmente apagar alguns arquivos de doutrina de sua mente. O Cristianismo é uma cosmovisão completa, que sustenta muitos dos grandes ideais da cultura ocidental, desde a justiça à igualdade aos direitos humanos universais – ideais estes que a adolescente não queria deixar para trás.

Quando as pessoas questionam o Cristianismo, muitas vezes a melhor resposta não é detê-las, mas precisamente o contrário. Comece pressionando-as a levarem mais a sério as consequências de suas próprias posições. Por uma questão de integridade intelectual, elas devem parar de tomar conceitos emprestados do Cristianismo e elaborar um destemido inventário das conclusões lógicas e práticas das suas próprias convicções.

A aposta é grande; há muita coisa em jogo. O que Deus disse aos antigos hebreus continua sendo verdadeiro hoje: " (...) te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; *escolhe, pois, a vida*, para que vivas, tu e a tua descendência" (Dt 30.19). O Cristianismo é ou verdadeiro ou falso, mas não pode ser descartado como irrelevante.

Lição de *O sol é para todos*

Qual é o primeiro passo ao nos prepararmos para pressionar as pessoas à conclusão lógica de suas visões de mundo? Obviamente, precisamos *conhecer* suas visões de mundo. Precisamos nos educar sobre os sistemas de pensamento difundidos em nossa cultura.

Encare isso como treinamento missionário. Todos os cristãos são chamados a ser missionários (Mt 28.18-20). Como todo missionário, pastor ou professor sabe, a chave para uma comunicação eficaz é "conheça seu público". Quanto mais profundamente conhecermos a visão de mundo de nossa audiência, mais bem preparados estaremos para discutir suas perguntas, objeções e pressupostos ocultos. Como diz um personagem em *O sol é para todos*, "você nunca realmente entende uma pessoa até considerar as coisas a partir do ponto de vista dela – até que você se coloque no lugar dela".[46]

O que você pensaria de um missionário em um país muçulmano que se recusasse a aprender sobre a cultura muçulmana? Ele não seria muito eficaz em comunicar uma mensagem bíblica. Cultivar uma mentalidade missionária significa estar disposto a aprender o idioma e os padrões de pensamento do nosso campo missionário.

Quando Paulo disse "tornei-me tudo para com todos" (1Co 9.22), ele não quis dizer vestir-se como os locais nem estava abraçando o relativismo cultural.

Em vez disso, o apóstolo estava levando em consideração os pressupostos de sua audiência em sua abordagem e em seu falar. Ele tentou ver o mundo através dos olhos de seu público para que pudesse se comunicar mais persuasivamente.

Ravi Zacharias, que cresceu na Índia mas veio para o Ocidente ainda jovem, diz: "Ser capaz de falar em duas línguas de extremos opostos do mundo o ajuda a ser simpático e, creio eu, eficaz não apenas em escutar, mas em *ouvir*; em responder não a questão, mas o questionador."[47]

Aprender a ouvir é especialmente importante com os jovens. Hoje, a mudança cultural ocorre tão rapidamente que as crianças frequentemente absorvem suposições que são radicalmente diferentes da cultura adulta. Uma jovem escreveu um blog lamentando que nem sua família nem sua igreja lhe deram preparação alguma para frequentar uma universidade secular:

"Meus pais não tinham ideia absolutamente nenhuma do que se passava na universidade e, portanto, não faziam ideia de como ajudar a me preparar para

isso." Não a ensinaram a argumentar de forma convincente a favor do Cristianismo em um contexto pluralista: "A coisa mais perturbadora foi a quantidade de diferentes crenças e visões de mundo que encontrei, de professores e outros estudantes. Na época, pensei que eles tinham argumentos muito melhores do que eu para legitimar seus pontos de vista."[48]

Isso representa um fracasso impressionante por parte dos adultos presentes na vida dessa jovem – em primeiro lugar, uma falha de amor.

A motivação central de se aprender sobre visões de mundo deve ser a de "amar o próximo" (Mt 22.39). Os cristãos são chamados a amar as pessoas o suficiente para ouvir suas perguntas e cumprir o trabalho duro de encontrar respostas.

A Escritura nos chama a uma abordagem minuciosamente equilibrada "seguindo a verdade em amor" (Ef 4.15). Esse equilíbrio é explicitado no emblemático versículo da apologética: "Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós" – aqui está a verdade. "Fazendo-o, todavia, com mansidão e temor" – aqui está o amor (1Pe 3.15).

No original grego, Pedro usa *apologia* para a palavra responder, a partir da qual obtemos a palavra *apologética*. Mas ele não está falando apenas sobre dar respostas a perguntas intelectuais. O versículo aparece no final de uma carta que lidava, em grande parte, com o tema do sofrimento injusto.

Pedro tinha acabado de admoestar os cristãos a não executar sua própria vingança, mas a estarem dispostos a sofrer pela justiça. Por que ele fala de apologética *neste* contexto? Parece que Pedro está dizendo que o objetivo da apologética não é somente apresentar argumentos melhores, mas demonstrar um caráter melhor, especialmente ao sofrer hostilidade e oposição.

Em Romanos 1, Paulo também constrói sua mensagem no contexto do sofrimento. Aquele versículo que soa tão bem, "o justo viverá por fé" (Rm 1.17), é uma citação do livro de Habacuque, em que o profeta pergunta a Deus por que o mal parecia sempre vencer – por que Deus permite que seu povo seja

atacado, oprimido, explorado, escravizado e morto (Hc 2.4). A resposta do Senhor é que Habacuque deve "viver pela sua fé", confiante de que Deus é capaz de extrair bem do mal e da injustiça.

Se não cultivarmos a mesma confiança, é provável que ficaremos nervosos e entraremos em defensiva. Na cultura queixosa de hoje, parece que um novo grupo está sempre em evidência, reclamando que se sente ofendido. Pode ser fácil para os cristãos adotar a mesma linguagem vitimista.

Mas nossa motivação para erguer a voz não deve ser apenas que estamos ofendidos. Afinal de contas, somos chamados a compartilhar a ofensa da cruz. Somos chamados a amar o agressor. Os cristãos serão eficazes em alcançar os outros somente quando refletirem a verdade bíblica em sua mensagem, em seu método e em seus costumes.

A prática bíblica do amor pode atrair o mais improvável dos convertidos, até mesmo um jovem rapaz que levava uma vida selvagem de sexo, drogas e gangues, cuja história dramática veremos no final do próximo capítulo.

* PARTE TRÊS *

COMO O PENSAMENTO CRÍTICO SALVA A FÉ

"Pensamento crítico?" Explodiu o apresentador de rádio. "A maioria das pessoas na conservadora Direita Cristã diria que este é um dos maiores perigos que temos – esta ideia 'absurda' de pensamento crítico."

Eu era a convidada em um programa de rádio apresentado por Barry Lynn, diretor executivo da *Americans United for the Separation of Church and State*. Esta é uma organização que trabalha incansavelmente para remover todas as expressões de Cristianismo da esfera pública. No ar, Lynn perguntou sobre meu livro *Saving Leonardo*: "Por que você escreveu um livro sobre visões de mundo? Sobre filosofias?" Respondi que meu objetivo era dar às pessoas habilidades para compreender o mundo em que vivem, para ajudá-las a desenvolver o pensamento crítico.

Foi quando Lynn me interrompeu. Ele parecia incrédulo de que os cristãos se preocupariam com o cultivo da mente. Mais tarde, quando escrevi um artigo sobre a entrevista para a revista *Christianity Today*, meu marido (um editor) sugeriu o título "Como o pensamento crítico salva a fé."[1]

Radialistas hostis podem não entender, mas a própria Escritura encoraja os homens a usarem a mente para examinar alegações de verdade: "Julgai todas as coisas, retende o que é bom" (1Ts 5.21). Acontece que você precisa praticar a primeira parte do versículo – colocar todas as coisas à prova – a fim de desenvolver a sabedoria para reconhecer e reter o que é bom.

Hoje, a necessidade de pensamento crítico é maior do que nunca. Vivemos em uma era tecnológica, na qual informação de todos os tipos está disponível no clique de um mouse. Não há lugar "seguro" onde os jovens possam evitar o desafio de visões de mundo contrárias. Os cristãos devem tornar-se pensadores independentes com as ferramentas para pensar criticamente sobre diversos pontos de vista – pesando as provas e julgando a validade dos argumentos.

"O que começa o pleito parece justo, até que vem o outro e o examina" (Pv 18.17). Os cristãos devem aprender a examinar ambos os lados, a fim de desenvolver certa "resistência a ofertas" perante às muitas ideias duvidosas lançadas na mídia, política, educação, entretenimento, e, sim, igrejas.

Em nosso atual mundo pluralista e multicultural, ninguém pode sobreviver por muito tempo com ideias de segunda mão.

Alguns cristãos parecem pensar que a maneira de evitar ser "conformado com este mundo" (Rm 12.2) é evitando ideias "mundanas". Uma estratégia melhor é aprender as habilidades para avaliá-las criticamente. G. K.

Chesterton argumentou que as ideias são, na verdade, *mais* perigosas para aqueles que não as tenham estudado. Por não possuir um filtro mental, uma nova opinião "flutuará para a sua cabeça como vinho para a cabeça de um abstêmio".[2] A probabilidade de se intoxicar é maior.

A estratégia de Romanos 1 fornece as ferramentas básicas para evitar ser intoxicado. Seus cinco princípios nos capacitarão a chegar ao cerne de qualquer cosmovisão e pesar seus princípios centrais – a sermos "conhecedores da época" em que vivemos (1Cr 12.32). Com estudos em pensamento crítico, você estará preparado para interagir com qualquer ponto de vista de forma respeitosa e inteligente.

Neste capítulo, examinaremos diversos recursos básicos para mostrar como o pensamento crítico pode salvar *sua* fé. Concluiremos com a história do artista de hip-hop Lecrae para descobrir por que ele não está "envergonhado" do evangelho.

Igrejados, mas não preparados

Recentemente, uma mãe me disse com lágrimas nos olhos que seu filho havia perdido a fé em uma universidade estadual. O adolescente estudava psicologia e, desde Freud, a maioria das teorias psicológicas tem tratado o Cristianismo como uma forma de psicopatologia, um sintoma de neurose, uma regressão infantil. Embora o jovem viesse de uma forte família e igreja cristã, ele estava completamente despreparado para avaliar criticamente as teorias que estava aprendendo na sala de aula. Dentro de um semestre, tinha abandonado completamente sua educação religiosa.

Como podemos ajudar um estudante de Psicologia que está lutando para responder a acusação de Freud de que a religião é um sintoma de imaturidade emocional, ou um estudante de Letras que deve responder a acusação de Foucault de que afirmações de verdade são apenas jogos de poder, ou um estudante de Direito cuja professora diz à classe que a lei não tem relação com a moralidade? Uma característica única da estratégia de Romanos 1 é poder ser aplicada universalmente para analisar e responder a qualquer teoria.

Vamos relembrar seus elementos-chave. O Princípio 1 é identificar o ídolo.

Toda cosmovisão não bíblica começa com um ídolo, um substituto de Deus.

Romanos 1 diz que, se os homens não adorarem o Criador, divinizarão algo existente na ordem criada. Tal como os homens cegos e o elefante, eles se agarram a alguma parte da ordem criada e a declaram como a realidade fundamental.

O Princípio 2 é identificar o reducionismo. Quando uma parte da criação é deificada, as demais partes são depreciadas. Por quê? Porque uma parte é sempre pequena demais para explicar o todo. Alguma coisa sempre ficará fora da caixa, e esse item será suprimido – desvalorizado, desprezado ou negado. Caso contrário, contaria como evidência para provar como falsa a visão de mundo.

O reducionismo é sempre desumanizante. Ele troca uma visão elevada da humanidade feita à imagem de Deus pela imagem de algo na ordem criada. E como o ídolo é algo menor que o Deus da Bíblia, seu conceito de humanidade também será menor. Assim, negará os principais atributos que nos fazem distintivamente humanos. E quando cosmovisões reducionistas ganham poder político, as consequências são opressivas, coercitivas e desumanas.

O Princípio 3 é testar a visão de mundo contra os fatos da experiência, as verdades da revelação geral. Não importa quanto as pessoas tentem suprimir a evidência de Deus, a ordem criada em si continua desafiando-as. Tanto a natureza física quanto a natureza humana dão provas do Criador. Portanto, todas as visões de mundo baseadas em ídolos falharão ao tentar se encaixar na evidência e contradirão os fatos cognoscíveis da revelação geral.

Quanto mais autoconscientes as pessoas forem, mais claramente perceberão que não podem viver de forma consistente com base em suas próprias visões de mundo reducionistas. As verdades da revelação geral – as coisas em que elas não conseguem "deixar de acreditar" e de vivenciar – criam uma lacuna entre o que as pessoas professam e o que praticam. Como resultado, convivem com um dualismo mental, mantendo dois conjuntos de crenças inconsistentes.

O Princípio 4 é mostrar que toda visão de mundo reducionista é autodestrutiva, que comete suicídio. Isso acontece porque a razão é reduzida a algo menor. Porém, a única maneira de uma cosmovisão defender a *si própria* é através da razão. Assim, enfraquece-se. É autorrefutável.

Todos que propuserem uma visão de mundo reducionista devem fazer uma exceção tácita para seu próprio pensamento – pelo menos no momento em que estão declarando suas afirmações. Mas isso, também, cria uma inconsistência lógica. Estão admitindo que existe algo que a cosmovisão não cobre – a saber, a pessoa que a está propondo. Sendo assim, de um jeito ou de outro, visões de mundo reducionistas falham.

O Princípio 5 é argumentar a favor de uma visão de mundo cristã.

Centrando-se nos pontos em que as cosmovisões concorrentes falham, podemos ter a certeza de que estamos respondendo a perguntas que são realmente relevantes. Ao identificar os conceitos que os não cristãos nos tomam emprestado, podemos estar confiantes de que estamos tocando as áreas em que eles sentem necessidade de algo mais.

Secularismo oculto

As filosofias discutidas neste livro formam a espinha dorsal de todo o pensamento ocidental. Eu tive alunos de muitos cursos diferentes, e eles descobriram que a abordagem de Romanos 1 lhes dá ferramentas para analisar criticamente qualquer teoria, independentemente de suas áreas de atuação.

Um estudante me escreveu recentemente, dizendo: "O método de crítica que a senhora ensinou nesta classe tem sido incrivelmente útil para mim, e não apenas na sala de aula, mas em minha vida – ao ler livros ou assistir filmes."

Uma pós-graduanda escreveu: "Ao assistir televisão ou filmes com minha família, eu costumava ter receio de que ideias seculares se infiltrassem em minha psique, mas agora finalmente tenho a técnica para identificá-las e analisá-las criticamente. Meus filhos estão curiosos e encantados."

A questão sobre livros e filmes é especialmente importante. Afinal, esta é a forma como a maioria das pessoas absorve suas ideias sobre a vida. Não é comum que alguém pense "eu preciso de uma filosofia pessoal" e se inscreva para um curso de filosofia na universidade mais próxima. Em vez disso, costumam absorver suas ideias sobre a vida através dos livros que leem, dos filmes que assistem, das músicas que ouvem.

Em geral, visões de mundo não vêm com uma etiqueta de aviso pendurada para nos dizer o que estamos recebendo. Elas não pedem permissão antes de invadir o nosso espaço mental. Ao contrário, é o que poderíamos chamar de um secularismo "oculto", que usa imagens e histórias para contornar o senso crítico das pessoas e fisgá-las emocionalmente, às vezes, sem que saibam. Por esse motivo é imperativo aprender a técnica de decifrar visões de mundo

quando estas chegam até nós não em palavras, quando são mais fáceis de ser reconhecidas, mas no idioma da imagem, composição, enredo e caracterização.[3]

Tome, por exemplo, uma das mais influentes filosofias, coberta em capítulos anteriores: o materialismo ou o naturalismo. No século 19, surgiu um movimento que foi denominado naturalismo literário. Romances e peças começaram a aparecer retratando os seres humanos como meros produtos da natureza, sem liberdade de decisão, determinados por seus genes e pelo ambiente.

Praticamente todos os estudantes para quem lecionei já tinham lido livros de Jack London, como o *Call of the Wild*. Mas o que eles *não* sabem é que, quando jovem, London sofreu o que um historiador chama de "uma experiência de conversão" ao materialismo radical pela leitura das obras de Charles Darwin, das quais memorizou longas passagens e poderia até citá-las de cor (como cristãos que memorizam as Escrituras). Ele escreveu sobre cães para amenizar o golpe, mas sua real mensagem era que os *humanos* não passam de organismos evoluídos, sem liberdade de decisão, regidos pela seleção natural e pela sobrevivência do mais apto.

No conto de London chamado "The Law of Life", um velho esquimó é deixado para trás por sua família para morrer na neve. Enquanto os lobos se aproximavam para devorá-lo, o idoso pondera que a evolução atribui ao indivíduo apenas uma tarefa: reproduzir de modo que as espécies sobrevivam.

"A natureza não se importava. À vida, ela definiu uma tarefa, deu uma lei.

Perpetuar foi a tarefa da vida." Depois disso, se o indivíduo morre, "o que isso importa, afinal? Não era essa a lei da vida?"

A moral da história é que os seres humanos não possuem um propósito mais elevado além da pura existência biológica.

A cultura de alto nível é filtrada para baixo até a cultura pop, então temas materialistas aparecem também em filmes e na televisão. Em um famoso

episódio de *Star Trek*, os personagens discutem se o androide Tenente Comandante Data é uma máquina.

Ele é, claro, mas o Capitão Picard retruca: "Isso não é relevante. Nós [humanos], também, somos máquinas, apenas máquinas de um tipo diferente."

O naturalismo tenta atrair, colocando-se como duro e realista. Mas, ironicamente, a principal fraqueza é não ser realista o suficiente. Como vimos no Princípio 3, ele não se encaixa no mundo real, sustenta que os seres humanos são essencialmente máquinas, sem liberdade de decisão. Mas ninguém pode viver como uma máquina. Fazemos escolhas a cada momento do dia.

Críticos destacam que os próprios naturalistas literários não viviam por sua própria filosofia. Um historiador de Yale diz que eles aceitaram o "determinismo como uma teoria, mas não algo para guiar a vida". Eu sugeriria que é porque ninguém *consegue* viver por ela na prática. Não é verdadeira à vida.

A filosofia na pintura

Não apenas a literatura, mas também as artes visuais foram profundamente influenciadas pela filosofia.

Impressionismo

Todos conhecem a aparência de uma pintura impressionista, com suas pequenas pinceladas e traços de cor. Mas *por que* os impressionistas decidiram fragmentar imagens dessa maneira? Porque foram influenciados pela filosofia do empirismo, que afirma que o alicerce fundamental do conhecimento são as sensações. Para alcançar esse alicerce, segundo o empirismo, devemos descer até o nível de pura absorção sensorial. Não devemos sequer interpretar as sensações

em termos de objetos discretos posicionados em um espaço tridimensional, mas apenas como manchas de cor enchendo nosso campo de visão.

Foi por isso que o grande impressionista Claude Monet escreveu:

"Quando você sai para pintar, tente esquecer quais objetos você tem diante de si, uma árvore, uma casa, um campo ou o que quer que seja. Apenas pense 'aqui está um pequeno quadrado de azul, aqui um oblongo de rosa, aqui um traço de amarelo.'" Seu objetivo era chegar ao nível de dados sensoriais imediatos e crus. Pontos. Traços. Manchas de cor.

Lembre-se de que, de acordo com o empirismo, os humanos constroem mentalmente o mundo a partir de borrões de cor (veja o Princípio 1). Monet queria transmitir a mesma ideia visualmente. Claramente, ele não estava apenas interessado em pintar imagens bonitas, mas estava lutando com o problema filosófico do conhecimento (epistemologia) – não em termos filosóficos, mas em termos artísticos.

Para muitos de nós, é mais fácil compreender ideias abstratas quando estas são concretizadas em forma visual. Depois de aprender como o empirismo foi expresso visualmente, como você responderia a alguém que é um empirista – que diz: "Eu não posso aceitar o Cristianismo porque suas afirmações centrais não podem ser diretamente verificadas pela ciência empírica"?

Podemos responder perguntando: Por que você acha que o *empirismo* deve ser o teste para a verdade? Afinal, será que alguém realmente acha que a base fundamental para o conhecimento são manchas de cor? Alguém realmente rejeita tudo que *não* seja empírico, como o amor ou a justiça? Na prática, ninguém é um empirista totalmente consistente. Ele falha no teste prático. O Cristianismo respeita a dimensão empírica (veja os Princípios 1 e 4), mas como um fio em um rico tecido de verdade.

Cubismo

Vejamos outro exemplo. Todo mundo sabe como é uma pintura cubista, com seus pequenos quadrados e retângulos. Mas *por que* os cubistas decidiram

desmembrar imagens dessa maneira? Porque esses artistas foram influenciados pela filosofia do racionalismo. O ápice da revolução científica foi o desenvolvimento da física matemática. No famoso ditado de Galileu, o livro da natureza está escrito na linguagem da matemática – "e seus personagens são triângulos, círculos e outras figuras geométricas".

Assim, o racionalismo inspirou uma espécie de formalismo geométrico.

O trampolim intelectual para o cubismo foi uma observação feita por Cézanne, de que os artistas devem "interpretar a natureza nos termos de cilindro, esfera, cone" – praticamente uma paráfrase de Galileu. O objetivo dos cubistas era retratar a estrutura matemática que formava a base do cosmos. Fracionaram os objetos em pequenos quadrados e retângulos para refletir o desenho geométrico escondido da natureza.

Essas ideias racionalistas não ficaram trancadas dentro de galerias de arte. Na arquitetura, inspiraram o estilo internacional – as caixas de vidro e aço que se parecem com prédios cubistas – que ocupam muitas cidades hoje.

Arquitetos começaram a pensar em si mesmos como os reformadores sociais que liderariam o caminho na reestruturação da sociedade de acordo com um plano racional. Eles persuadiram muitas cidades a construírem grandes projetos habitacionais, prometendo resolver uma série de problemas sociais de uma vez só, da pobreza ao crime e ao consumo de drogas. O mais influente foi Le Corbusier, que chamou seus edifícios de "máquinas para se viver", porque tinham a eficiência funcional de máquinas. Os arquitetos aceitam a premissa racionalista de que os humanos são mecanismos complexos cujos problemas podem ser resolvidos simplesmente metendo-os em "máquinas para se viver".

Muitos dos projetos de habitação deterioraram-se em prisões de concreto – tristes e deprimentes canteiros de criminalidade e patologia social – até serem finalmente implodidos. Como um crítico social escreve, os projetos habitacionais decadentes ainda presentes em cidades ao redor do mundo continuam a ser uma expressão visível da "concepção materialista e racionalista da vida humana".

Quando as ideias saem da universidade e adentram as políticas públicas, é mais fácil identificar suas falhas. A "concepção materialista e racionalista da vida humana" não consegue dar conta de nossa humanidade completa; assim, suas consequências são desumanas. Pelo fato de o Cristianismo ter uma visão muito mais rica da natureza humana, suas consequências são humanas e a favor da vida.

Arte abstrata

O movimento artístico que talvez o público considere mais intrigante é arte abstrata. Por que alguns artistas pararam totalmente de pintar objetos?

Porque foram influenciados pelo panteísmo. O primeiro pintor abstrato foi Kandinsky, que abraçou uma mistura de misticismo oriental e ocidental, e argumentava que a maneira de se opor ao materialismo filosófico era se livrando de *objetos* materiais. Em suas palavras, a arte abstrata libertaria a mente da "severa tirania da filosofia materialista", tornando-a "um dos agentes mais poderosos da vida espiritual".

O propósito de uma pintura abstrata, então, é libertar a mente de sua preocupação com os objetos materiais e desenhar o espectador até o âmbito espiritual. O objetivo é transmitir uma sensação "do estado místico budista conhecido como *sunyata*, o grande vazio, ou vácuo".[4]

Francis Schaeffer propôs uma fascinante frase para descrever este tipo de experiência religiosa livre de conteúdo: ele a chamou de "misticismo com ninguém lá". Tal experiência pode nos tirar para fora do mundo comum, banal, mas para nos conectar com o quê? Não com uma pessoa transcendente que nos ama e se comunica conosco, mas com um enorme vazio. Vácuo.

Mark Rothko pintou vários painéis escuros, grandes, monocromáticos, para a capela Rothko, em Houston. O que ele estava dizendo com essas pinturas melancólicas e sombrias? A pessoa que encomendou as pinturas disse que expressam "o silêncio de Deus, o insuportável silêncio de Deus".

Pouco depois de terminar as pinturas, antes mesmo de a capela ser inaugurada, Rothko cometeu suicídio. Um misticismo com ninguém lá não é suficiente para dar um senso de importância e significado à vida.

Pós-modernismo

E quanto ao pós-modernismo? Como é expresso nas artes? Lembre-se de que o pós-modernismo é a afirmação de que não há "metanarrativa" ou enredo universal válido para todas as pessoas em todos os momentos. Cada comunidade tem sua própria história para atribuir sentido ao mundo. Como um artista expressaria essa ideia visualmente?

Recusando-se a dar qualquer concepção de conjunto coerente a uma obra de arte. Isso explica por que os artistas desconstrucionistas favorecem o pastiche ou a colagem – uma colcha de retalhos de imagens desconexas que desafiam qualquer tentativa de interpretação.

Por exemplo, as famosas colagens de Robert Rauschenberg, diz um historiador de arte, são "imagens justapostas de forma a sugerir incoerência aleatória, à qual o artista – e o observador – não pode atribuir ordem significativa alguma". O que Rauschenberg estava dizendo com essas imagens desconexas?

Que as "ocorrências aleatórias da vida (...) não podem ser criadas para caber em qualquer hierarquia inerente de significado".

A arquitetura pós-moderna tem sua própria versão de pastiche ou colagem. Como um jornalista coloca, o pós-modernismo "nos trouxe vigas suspensas, inacabadas, para fora das bordas de edifícios, arcos sem final e paredes que não encontram paredes". Ravi Zacharias descreve olhar para um edifício projetado por um arquiteto pós-moderno. "Eu tinha apenas uma pergunta", diz Zacharias. "Será que ele fez o mesmo com a fundação?"[5] Era um argumento apologético colocado em termos artísticos.

Seja na arte ou literatura, educação ou psicologia, matemática ou ciência, toda teoria ou movimento é inspirado por uma filosofia subjacente. Se você

dominar os princípios estratégicos apresentados neste livro, estará pronto para identificar e envolver-se criticamente com as ideias que moldaram o mundo ocidental em todas as áreas temáticas.

O que sacode a sua teologia?

A abordagem de Romanos 1 vai ajudá-lo até mesmo a destrinçar afirmações em teologia. Robert Garcia é um professor de Filosofia, mas, quando adolescente, frequentou um colégio luterano para estudar Teologia. Na época, a moda era a neo-ortodoxia (ou teologia dialética), um movimento para "desmistificar" a Bíblia, despojando-a dos seus elementos supostamente mitológicos. Inicialmente, o jovem calouro estava confuso.

Por que o ensino em sala de aula era tão diferente do que ele havia aprendido em casa e na igreja?

Por fim, Garcia descobriu que a neo-ortodoxia foi fortemente influenciada pela filosofia do existencialismo, e percebeu que a melhor maneira de compreender a *teologia* era caminhar até o departamento de *filosofia* e estudar o existencialismo que a tinha inspirado.

Essa foi uma ideia crucial. Praticamente toda forma de teologia foi influenciada, em algum grau, pela filosofia. Considere as principais escolas de teologia liberal. O liberalismo clássico do século 19 reformulou o Cristianismo nos termos do idealismo hegeliano e essencialmente identificou o Espírito Santo com o quase panteísta Espírito Absoluto de Hegel. A salvação foi redefinida como o desdobramento gradual dos propósitos de uma divindade imanente no e através do processo histórico e seria manifestada no reconhecimento progressivo da universal Paternidade de Deus e Irmandade do Homem – "a transformação do próprio mundo em uma Irmandade humana", nas palavras do clérigo liberal Lyman Abbott.[6]

Mais recentemente, a teologia da libertação redefiniu o Cristianismo em termos marxistas. Gustavo Gutiérrez, que cunhou o termo, escreve: "A teologia

da libertação categoriza as pessoas não como crentes ou descrentes, mas como opressores ou oprimidos."[7]

A teologia feminista reformula o Cristianismo em termos emprestados do feminismo secular. Elisabeth Schussler Fiorenza, diz uma hermeneuta feminista, "não apela à Bíblia como sua fonte primária, mas começa com a experiência e visão da libertação das próprias mulheres".[8]

Uma teologia popular em muitos seminários é a teologia do processo, um ramo da filosofia do processo. Com raízes no neoplatonismo (veja o Princípio 2), afirma que Deus está no mundo como a alma está no corpo. Assim, Deus não é infinito, mas finito. Deus não é onisciente (sabe tudo) ou onipotente (pode tudo). Esta é a resposta da teologia do processo para o problema do mal: Deus está fazendo o melhor que pode. Deus não tem o poder de prever o futuro ou de impedir que o mal aconteça.[9]

A vanguarda hoje é a teologia pós-moderna, inspirada, obviamente, pelo pós-modernismo. Como o pós-modernismo secular, ela nega que os seres humanos têm acesso a qualquer verdade universal e atemporal, mesmo nas Escrituras. Em *The End of Apologetics*, Myron Penner escreve: "Nós podemos, claro, dizer coisas objetivamente 'verdadeiras' diretamente – como, por exemplo, que hoje faz 27°C lá fora ou que Deus estava em Jesus Cristo reconciliando consigo o mundo. A questão, no entanto, é que, a princípio, esses tipos de 'fato' ou enunciados objetivos são apenas aproximadamente verdadeiros e são feitos a partir de uma perspectiva finita e contingente."[10]

Ao citar a Escritura (2Co 5.19), Penner está afirmando que até mesmo as declarações *bíblicas* são "feitas a partir de uma perspectiva finita e contingente".

Os homens estão presos no cárcere da linguagem, no final das contas.

Cristãos pós-modernos normalmente rejeitam a apologética, alegando que, se você usa razões e argumentos para defender a verdade bíblica, então se rendeu ao "modernismo iluminista". Todavia, a linha de raciocínio que ensinamos aqui em *A busca da verdade* é informada pela própria Escritura – o

que significa que suas raízes são *pré*-modernas e sua relevância é *trans*-histórica, aplicando-se a todas as culturas e períodos históricos.

Em todos os exemplos dados, as escolas liberais de teologia redefiniram a teologia cristã clássica no formato de uma filosofia baseada em ídolos. Contudo, continuam a empregar a terminologia teológica tradicional. Garcia me disse:

"Meus professores universitários insistiam em usar linguagem e termos cristãos ortodoxos, mas revestidos de significados importados de filosofias seculares.

Isso foi o que fez seu ensino tão desconcertante e enganador."

Além disso, teologias liberais não são ensinadas objetivamente, de forma a adquirirem uma compreensão crítica delas. Em vez disso, diz Garcia, são "ensinadas em um espírito triunfalista, como fontes de iluminação e liberação do 'ingênuo Cristianismo supernaturalista de seus pais'." Isso explica bastante sobre por que os alunos que estudam teologia nos principais seminários e universidades acabam, muitas vezes, rejeitando o Cristianismo ortodoxo que inicialmente carregavam.

Em todos os campos, os cristãos devem aprender técnicas de pensamento crítico. Caso contrário, podemos simplesmente absorver filosofias baseadas em ídolos da atmosfera intelectual.

Quando eu estava nos meus vinte e poucos anos, avançando no curso bíblico em Los Angeles, consegui um emprego como caixa em um banco.

Ali, éramos cuidadosamente treinados para discernir a diferença entre notas verdadeiras e falsas. Da mesma forma, todos nós devemos nos treinar para discernir a diferença entre visões de mundo, que são a moeda corrente do pensamento.

Critique e crie

No seu melhor, a apologética inclui não somente a *crítica* de ídolos, mas também a *criação* de alternativas que dão vida. Os cristãos costumam ter o

hábito de se definir por aquilo contra o que se levantam. No entanto, é mais eficaz oferecer algo melhor do que se opor ao que é errado – "vencer o mal com o bem" (Rm 12.21).

Se a ciência é usada com frequência para reforçar os argumentos a favor do materialismo e do determinismo, então os cristãos devem ter como objetivo fazer uma ciência melhor, mais exata. Se a literatura é utilizada para glamourizar o pecado e a ruína, então os cristãos devem acender sua imaginação para criar obras de ficção com maior qualidade, mais inspiradoras. Se os filmes e a música são veículos para "fisgar" emocionalmente as pessoas em visões de mundo hollywoodianas, então a melhor medida preventiva é criar formas de arte mais atraentes, mais belas, que expressem uma visão de mundo bíblica.

E se a filosofia pode levar ao ateísmo, a solução é criar modos de pensar mais sensatos, mais assertivos e mais verdadeiros. Como escreveu C. S. Lewis, "boa filosofia deve existir, se não por outra razão, porque a má filosofia precisa ser respondida".[11]

Eu tive estudantes de filosofia nas minhas aulas cujos pais e pastores os tinham advertido a *não* estudar o assunto, citando o alerta de Paulo de não serem "enredados" pela filosofia (Cl 2.8). Mas como Dallas Willard observa, quando a Escritura nos ordena a evitar "vã filosofia", isso não significa que devemos evitar *toda* a filosofia. Afinal, quando a Escritura nos ordena a evitar roupas indecentes, isso não significa que devemos evitar *toda* a roupa.[12] Em todas as áreas da vida, nosso objetivo deve ser combater o mal cultivando o bem.

Um livro completo para verdade completa

Uma grande barreira para o cultivo do bem em todas as áreas é que a cultura moderna reduz o Cristianismo a apenas uma parte da vida – a uma mensagem de salvação, dizendo-lhe como chegar ao céu. Como resultado,

poucos pensam no Cristianismo como uma visão de mundo que provê princípios fundamentais aplicáveis a tudo na vida.

No entanto, a própria Escritura ensina que o conhecimento de Deus fornece uma estrutura universal. Considere estas passagens: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Sl 111.10; Pv 1.7; 9.10; 15.33). Em Cristo estão "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2.3). O Cristianismo é a chave para "toda bondade, e justiça, e verdade" (Ef 5.9). Estas passagens estão realmente ensinando que o temor do Senhor é o princípio de *toda* a sabedoria, a chave para tudo o que é verdade? Essa afirmação parece radical.

Mas, agora que aprendemos sobre ídolos, é mais fácil compreender a afirmação bíblica. A Bíblia está simplesmente descrevendo como *todos* os sistemas de pensamento funcionam. Todos começam com algo que é considerado como definitivo, incondicional, divino – que, por sua vez, funciona como o tema que controla tudo o que se segue. O temor de algum "deus" é o início de toda cosmovisão apresentada. Neste contexto, o Cristianismo é como qualquer outra resposta para o enigma do universo.

Seus pressupostos fornecem a base lógica para tudo o que se segue.

É por isso que a Escritura insiste que toda a verdade começa com Deus.

A Bíblia relata o enredo da história universal, cósmica. Todo conhecimento verdadeiro encontra um lugar dentro de sua trama.

Allan Bloom, autor do livro best-seller *The Closing of the American Mind*, diz que durante grande parte da história americana, o conceito de uma verdade unificada veio da Bíblia, o que criou uma "cultura comum, que uniu o simples e o sofisticado, ricos e pobres, jovens e velhos (...) como o próprio modelo para uma visão da ordem da totalidade das coisas".

Mas, à medida que a Bíblia perde influência, o Ocidente está perdendo sua noção de qualquer verdade unificada. "A própria ideia de um livro tão completo está desaparecendo", lamenta Bloom – e, com ela, a ideia da verdade completa. Os pais mandam seus filhos à escola para aprenderem habilidades

especializadas para que consigam um emprego, mas perderam o ideal de torná-los pessoas completas, vivendo uma visão integrada da vida.

"Ao contrário do que normalmente se pensa, sem o livro, até mesmo a ideia do todo é perdida."[13]

Contudo, o conceito de verdade completa está sendo recuperado hoje – muitas vezes em lugares inesperados.

Crazy Crae: como nos libertamos?

"Deus me encontrou onde eu estava – calças largas e brincos." Com essas palavras, o célebre artista de hip-hop Lecrae Moore começa sua história.[14] Crescendo sem pai, ele experimentou uma infância de abuso e negligência. Encheu sua vida com drogas, roubos, álcool, sexo e gangues.

Era tão selvagem que seus amigos o apelidaram de "Crazy Crae".[15] Ele era o mau exemplo de todos os estereótipos da subcultura urbana.

O que foi necessário para trazê-lo ao Cristianismo foi alguém que não tinha medo daquela subcultura – que sabia que o verdadeiro problema de Lecrae não era sua cultura, mas seu pecado e decadência. Um homem branco chamado Joe amou o adolescente negro o suficiente para entrar em sua cultura e falar sua língua. Hoje, Lecrae é o presidente e cofundador da gravadora *Reach Records* e vencedor de vários Dove Awards e um Grammy.

Seu álbum *Anomaly* foi o primeiro a chegar ao topo de duas paradas da Billboard, Gospel Albums e Billboard 200.

Em uma palestra, Lecrae contou que um momento decisivo em sua vida foi quando ele compreendeu o que vem depois da conversão – quando entendeu que "o Cristianismo não é somente verdade religiosa, é a Verdade total".[16] Em outras palavras, a transformação real veio quando ele percebeu que os cristãos são chamados para arregaçar as mangas e desenvolver os possíveis resultados de uma cosmovisão bíblica na justiça e na política, na ciência e no ensino, na arte e na música – e em tudo na vida.

"Nós limitamos o Cristianismo à salvação e à santificação", disse ele. Mas "o Cristianismo é a verdade sobre tudo. Se você diz que tem uma cosmovisão cristã, isso significa que você vê o mundo através dessa lente – não apenas como as pessoas são salvas e do que devemos nos afastar."[17]

A mensagem de Lecrae é que não precisamos ter medo das diferenças culturais porque o Cristianismo possui os recursos para falar com todas as culturas. Citando meu livro *Total Truth*, Lecrae diz que os cristãos hesitam em ser sal e luz no mundo por estarem presos na divisão sagrado/secular. "Vivemos vidas fraturadas e fragmentadas. Igreja e família raramente se comunicam com nosso trabalho e vida pública. Nós navegamos entre dois mundos separados."[18]

"A maioria das religiões lhe diz não só como estar bem com Deus, mas como interpretar o mundo em que vivemos", explica Lecrae. "Historicamente, os cristãos têm sido bons na primeira função, 'salvar almas', mas não em ajudar as pessoas a interpretar o mundo que as rodeia. Nós limitamos a espiritualidade à salvação e santificação."

A salvação é o importantíssimo primeiro passo na vida cristã, é claro. "Mas lidamos com a política, a ciência, a economia, a bioética, a TV, a música e a arte? Normalmente, deixamos as pessoas à sua própria sorte. Não costumamos funcionar partindo de uma cosmovisão bíblica." Antes, "tendemos a usar lentes bifocais, metade enxergando as coisas como espirituais e metade como seculares".

De onde vem a divisão entre o sagrado e o secular? Não da Bíblia. Veio dos gregos. E a razão para isso é que eles achavam que a matéria era eterna.

"A grande divisão nasceu quando os filósofos gregos argumentaram que a matéria era pré-existente e eterna – que a matéria possuía a capacidade de resistir ao Criador", explica Lecrae. "Como cristãos, devemos refutar essa afirmação com a doutrina de que só Deus é pré-existente e eterno, *ex nihilo*.

Ele é a fonte de toda a criação." A premissa é que nenhuma parte da criação é inerentemente ruim ou má. "Tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável" (1Tm 4.4).

A maior parte do mal consiste em "uma perversão de coisas boas", explica Lecrae. "Deus nos deu o engenho e as ferramentas para fazer uma faca de açougueiro, para que possamos usá-la para assassinar ou servir comida aos desabrigados."[19]

Como podemos cicatrizar a divisão sagrado/secular, que marginaliza e enfraquece os cristãos? "Como nos libertamos dessa divisão que rouba o poder do evangelho para redimir todos os aspectos de nossas vidas?", Lecrae pergunta. A resposta é entender que "o Cristianismo é verdade salvadora e a verdade santificante, mas cremos que é Verdade total. É a verdade sobre todos os aspectos da vida, desde a economia à masculinidade e ao casamento.

Deus tem o entendimento correto sobre todas essas coisas".[20]

Isso não é apenas papo religioso para Lecrae. Ele tem trabalhado duro para entender como o princípio da verdade total aplica-se a seu próprio trabalho. Diferentemente de alguns cristãos que poderiam ser propensos a descartar a música hip-hop como sendo "do mal", ele está determinado a cultivar a criatividade e a perspicácia do gênero. Certa vez, Lecrae me disse que descobrir a verdade total enriqueceu sua arte – que o "libertou" para abordar todas as áreas da vida em suas letras. A música cristã é a música que aborda qualquer área de assunto a partir de um ponto de vista bíblico.

Os cristãos são chamados para ser embaixadores de Cristo (2Co 5.20) – e isso significa que precisamos nos preparar tão bem quanto qualquer profissional que trabalha em relações internacionais. Quando eu morava em Washington, D.C., conheci muitos estudantes pós-graduandos que se preparavam para ser embaixadores e diplomatas e descobri que eles eram bem familiarizados com o conceito de visão de mundo – não porque estavam lendo livros cristãos sobre o assunto, mas porque esta foi a ênfase de seus estudos de graduação secular. Seus cursos ensinaram que o fator crítico no envolvimento com uma cultura estrangeira não está em aprender a língua, mas a visão de mundo.

“A maioria das pessoas se sente intimidada por cosmovisões que não entende”, diz Lecrae. Para superar nossos medos, precisamos ser conduzidos pela compaixão por aqueles que estão sofrendo sob a tirania de falsos ídolos.

Em um rap intitulado “Truth”, Lecrae fala sobre aqueles dominados pelos “ídolos em seu coração”. Sua música tem o objetivo de libertar pessoas do poder de deuses falsos ao contrapor o poder da verdade.

Nos últimos anos, Lecrae tem liderado o movimento *Unashamed*, que parte do princípio de Romanos 1.16. Os artistas de hip-hop associados com Lecrae e com a gravadora Reach Records chegam a se nomear “grupo 116”

(Lecrae tem o número 116 tatuado em seu braço direito). O movimento *Unashamed* visa inspirar as pessoas a viverem a verdade bíblica com confiança em todas as áreas da vida.

Nenhuma área está fora dos limites. Nenhuma área é “assustadora” demais a ponto de você perder o controle sobre suas convicções cristãs. Deixe-me concluir com uma citação final de Lecrae: “O que precisamos perceber é que o Cristianismo é a verdade total, não apenas a verdade religiosa. Por ser verdade total, é relevante e aplicável a todas as áreas da vida.”[21]

Os cinco princípios estratégicos em *A busca da verdade* podem ajudá-lo a viver uma vida sem embaraço, seja no trabalho, na escola, ou com a sua família e amigos. Eles lhe darão as ferramentas para reconhecer o que há de certo e o que há de errado em qualquer visão de mundo – e então elaborar uma perspectiva bíblica e cheia de informação que seja tanto verdadeira quanto humana.

* APÊNDICE *

Romanos 1.1–2.16

1 1 Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para
o evangelho de Deus, 2 o qual foi por Deus, outrora, prometido por
intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, 3 com respeito a seu
Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi 4 e foi designado
Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos
mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor, 5 por intermédio de quem viemos
a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé,
entre todos os gentios, 6 de cujo número sois também vós, chamados para
serdes de Jesus Cristo.

7 A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes
santos,

Graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus
Cristo. 8

Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante
a todos vós, porque, em todo o mundo, é proclamada a vossa fé. 9 Porque
Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, é minha
testemunha de como incessantemente faço menção de vós 10 em todas as
minhas orações, suplicando que, nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me
ofereça boa ocasião de visitar-vos. 11 Porque muito desejo ver-vos, a fim de
repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados, 12 isto é,
para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos por

intermédio da fé mútua, vossa e minha. 13 Porque não quero, irmãos, que ignoreis que, muitas vezes, me propus ir ter convosco (no que tenho sido, até agora, impedido), para conseguir igualmente entre vós algum fruto, como também entre os outros gentios. 14 Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; 15 por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma.

16 Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; 17 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

18 A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; 19 porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. 20 Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; 21 porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. 22 Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos 23 e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.

24 Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; 25 pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!

26 Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; 27 semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade,

cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro.

28 E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, 29 cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, 30 caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, 31 insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. 32 Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.

2 1 Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas. 2 Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que praticam tais coisas. 3 Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus? 4 Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento? 5 Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, 6 que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: 7 a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; 8 mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. 9

Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego; 10 glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego. 11 Porque para com Deus não há acepção de pessoas.

12 Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados. 13 Porque os

simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. 14 Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. 15 Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se, 16 no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho.

* AGRADECIMENTOS *

Os pais de uma caloura da faculdade estavam à beira das lágrimas. Sua filha, de natureza doce, estava inscrita para aulas em uma faculdade cristã local.

Mas, depois de apenas um semestre, Alexandra (nome fictício) estava a um passo de virar as costas para toda a sua educação cristã.

Aula após aula, os professores apresentavam as mais recentes teorias seculares, levemente batizando-as ao assegurar aos alunos que Deus estava por trás de todas, de alguma forma. O que ficou na mente de Alexandra, porém, foi a visão secular do mundo, comunicada pelas teorias. Embora morasse em casa com seus pais, ela rapidamente se afastou deles. Quando a convidavam para discutir as teorias seculares que a menina estava aprendendo, ela, irritada, mostrava-lhes que os considerava desqualificados para responder ao que seus professores vinham ensinando em sala de aula.

Afinal de contas, *eles* tinham doutorado; *eles* eram os especialistas.

Felizmente, essa jovem se inscreveu para um curso em que meu marido, Rick, e eu estávamos lecionando. Lá, descobriu que o Cristianismo tem, sim, os recursos intelectuais para responder os desafios colocados pelas teorias seculares. É mais do que capaz de enfrentar o mercado intelectual. Dedico este livro a "Alexandra" e a todos os demais jovens que estão lutando, como eu fiz uma vez, para aprender como desafiar os ídolos de nossos dias.

É uma honra reconhecer amigos, familiares e colegas que doaram seu tempo e conhecimento para lerem *A busca da verdade* em forma de manuscrito e oferecem perspectivas incisivas sobre o texto: Jonas Erne, Douglas Groothuis, Ron Kubsch, Angus Menuge, J. P. Moreland, David Naugle, Roderich Nolte,

Dorothy Randolph, June Randolph, Dieter Pearcey, Michael Pearcey, Jenna Wichterman, Albert Wolters.

Além desses, quero agradecer aos meus alunos que trabalharam através de versões anteriores do livro; um grupo local da *Reasonable Faith*, organizado por David Tong, cujos membros passaram várias semanas se engajando em discussões vigorosas sobre o manuscrito; os alunos em um curso de férias baseado no manuscrito, organizado pela *Schola*, um grupo de ensino domiciliar coordenado por Kathy Hart e Patricia Samuelson; a *Southern Adventist University*, onde conduzi um seminário para professores sobre o material do livro; a *New Orleans Baptist Theological Seminary*, onde participei de uma conferência; e várias igrejas, universidades e seminários que me convidaram para dar palestras sobre o material. Por fim, agradeço a Paul Shockley, que me convidou para palestrar sobre o material do livro diversas vezes em suas aulas na *College of Biblical Studies,* em Houston, e também organizou um grupo de leitura para discutir o manuscrito. O *feedback* desse público foi inestimável para moldar a mensagem.

Um agradecimento especial ao meu marido, Rick, cuja perícia editorial melhorou o manuscrito de inúmeras maneiras.

Quero expressar minha gratidão à *Houston Baptist University*, especialmente ao presidente, Robert Sloan, e ao reitor, John Mark Reynolds, pela posição de professora e acadêmica em residência, o que me deu tempo para escrever *A busca da verdade*.

Muito obrigada à equipe da *David C. Cook*, especialmente ao editor associado Tim Peterson, por seu apoio e experiência na publicação e comercialização do livro.

Foi uma bênção trabalhar com Steve Laube como meu agente literário, que apoiou o projeto com competência e entusiasmo incansável.

Finalmente, tenho uma dívida de gratidão para com a minha família, que juntou-se em discussões animadas enquanto eu elaborava as ideias para *A busca da verdade*. Eles me apoiaram tanto com amor quanto com perspectivas.

Já dediquei livros anteriores a eles; senão o faria novamente.

* GUIA DE ESTUDO *

O objetivo deste guia de estudo é ajudá-lo a interagir mais profundamente com as ideias contidas em *A busca da verdade*. Ao parafrasear o que leu, em busca de suas próprias palavras para reiterar as ideias, você processará o material mais plenamente. Também irá conectar os novos conceitos que está aprendendo ao estoque de conhecimento que você já carrega, o que dá ao novo material maior poder de fixação.

A chave para fazer o melhor uso de um guia de estudo, então, não é simplesmente indicar seus próprios pontos de vista e opiniões. Quando você faz isso, está repetindo o que já sabe, em vez de aprender algo novo. Nosso pensamento é prolongado e aprofundado por meio do debate corpo a corpo com ideias pouco familiares. A estratégia mais eficaz é começar cada resposta fazendo referência ao texto. Primeiro, resuma o que leu. Em seguida, sinta-se à vontade para oferecer seus próprios pensamentos (algumas questões pedem especificamente suas opiniões).

O objetivo da apologética é aprender como comunicar suas convicções cristãs de forma mais clara e persuasiva. Ao preencher o guia de estudo, não pense apenas em obter as "respostas certas". Pense em como você explicaria a ideia para alguém que não aceita o Cristianismo. Use o guia de estudo como treino para conversas reais que em breve você terá.

Perguntas: para cada pergunta, escreva uma resposta do tamanho de um curto parágrafo. Subtítulos são dados para indicar a qual seção você deve recorrer ao responder cada pergunta. Algumas perguntas incluem várias partes; certifique-se de que sua resposta aborda todas elas.

Diálogos: muitas tarefas pedem que você componha modelos de possíveis diálogos. Este é o mesmo treinamento usado por apologetas profissionais, como Greg Koukl. Em uma conversa real, você não pode simplesmente despejar um parágrafo inteiro em alguém, mas deve desdobrar suas ideias pouco a pouco, em resposta às perguntas e objeções da outra pessoa. Então se esforce para que seus diálogos sejam o mais realistas possível a fim de se preparar para conversas reais com pessoas reais. Os diálogos não precisam ser longos (cerca de quatro comentários por personagem), mas devem refletir uma conversa plausível.

Cada diálogo deve começar com uma pessoa hipotética declarando uma objeção sobre o tema daquela tarefa. Pense em uma resposta que mantenha a discussão em andamento. Divirta-se dando nomes criativos a seus personagens.

Os diálogos o ajudarão a preencher a lacuna entre *saber* algo e saber como explicar isso para os outros.

Em sala de aula ou no grupo de discussão, os participantes devem levar duas cópias de cada diálogo e lê-los em voz alta de forma dramática com um parceiro (dependendo do tempo, você pode decidir que cada participante escolherá apenas um diálogo para apresentar, e usará os demais diálogos para responder perguntas comuns).

* PARTE UM *

"Perdi minha fé quando estava em uma faculdade evangélica"

Dê-me evidências / Evidências extraídas da vida

1. Certa vez, perguntaram ao filósofo ateu Bertrand Russell o que ele diria se morresse, estivesse diante de Deus e Deus lhe perguntasse: "Por que você não acreditou em mim?" Russell respondeu: "Eu diria: 'Evidências insuficientes, Deus! Evidências insuficientes!'" Resuma as provas de natureza física descritas no texto:

Origem do universo:
Origem da vida:

Você acha essa evidência persuasiva? Por quê?

Evidências extraídas da pessoalidade

2. Quais são os significados filosóficos dos termos *pessoal* e *não pessoal*?
Como o fato de os humanos serem seres pessoais funciona como evidência de Deus? Você acha essa evidência persuasiva? Por quê?

Os filhos dos ateus e seu Deus

3. Explique o conceito de graça comum. Quais são as consequências da graça comum para a apologética?

Cabo de guerra

4. O que é um "pecado epistemológico"? Você concorda que no cerne da condição humana está um pecado epistemológico (ou seja, pecado relacionado com conhecimento)? Por quê?

Como os seres humanos se escondem

5. "Certa vez, um professor ateu me disse que a Bíblia ensina politeísmo, porque o primeiro mandamento fala de 'outros deuses.'" Esta afirmação é feita com frequência em *websites* ateus. Pratique explicar o que o primeiro mandamento realmente significa para alguém que afirma que ele ensina politeísmo.

6. O texto diz que os pecados fáceis de diagnosticar, os que estão na superfície, são muitas vezes impulsionados pelo pecado mais escondido da idolatria. Pense em exemplos em sua própria vida. Discuta, caso se sinta confortável em fazê-lo.

Quando boas dádivas são deuses falsos

7. Como podem até mesmo as coisas boas se tornarem ídolos? Descreva algo de bom que você tenha sido tentado a transformar em um ídolo. Discuta, caso se sinta confortável em fazê-lo.

Ídolos têm consequências

8. O que significa a palavra grega *nous*? Como isso dá um significado mais rico para versículos bíblicos como estes: "Deus os entregou a uma disposição mental reprovável" (Rm 1.28); "Transformai-vos pela renovação da vossa mente" (Rm 12.2)? Acrescente seus próprios exemplos.

9. Hoje em dia, em debates sobre questões morais, como a homossexualidade, a maioria das pessoas utiliza a palavra *natureza* para se referir a padrões de comportamento observados entre os organismos no mundo natural. Qual é o significado mais antigo da palavra *natureza*, como na frase "natureza humana"? Como esse significado tradicional é expresso em Romanos 1?

Cinco princípios estratégicos

1º Princípio: identifique o ídolo

10. O texto diz que todas as religiões ou visões de mundo não bíblicas começam com um ídolo. Elas devem localizar uma causa eterna e não causada dentro da ordem criada. Explique por que, e liste alguns exemplos. Você consegue pensar em quaisquer exceções a esse princípio?

2º Princípio: identifique o reducionismo ídolo

11. Defina reducionismo. De que forma o reducionismo está como que tentando enfiar o universo inteiro dentro de uma caixa? Dê um exemplo.

12. Como o reducionismo afeta a perspectiva de alguém sobre a natureza humana? Em sua resposta, explique este princípio: "Todo o conceito de humanidade é criado à imagem de *algum* deus." Use o materialismo como um exemplo.

3º Princípio: teste o ídolo: ele contradiz o que sabemos sobre o mundo?

13. "Podemos estar confiantes de que toda cosmovisão baseada em ídolos *irá* falhar." Ela será incapaz de explicar o que é cognoscível através da revelação geral. Explique por quê. Ilustre usando o materialismo como exemplo.

14. Explique como toda visão de mundo baseada em ídolos leva as pessoas à dissonância cognitiva – uma lacuna entre o que sua cosmovisão lhes diz e o que sabem a partir da revelação geral.

15. Explique como o reducionismo é uma estratégia de supressão. Como é usado para suprimir a evidência de Deus da revelação geral?

4º Princípio: teste o ídolo: ele contradiz a si mesmo?

16. Defina absurdo autorreferencial. Dê um exemplo de como o argumento funciona.

17. Explique por que visões de mundo baseadas em ídolos refutam a si mesmas. O texto diz que os adeptos de cosmovisões reducionistas "precisam tomar emprestada a alta consideração da razão do Cristianismo, a fim de fundamentar sua própria visão." Explique o que isso significa.

5º Princípio: substitua o ídolo: faça uma defesa do Cristianismo

18. "Que poderosa imagem esta, de pessoas presas em dissonância cognitiva, esticando-se para agarrar verdades que suas próprias visões de mundo negam – verdades que somente uma cosmovisão bíblica suporta logicamente."

Desconstrua esta frase. Explique como pensadores seculares estão tentando agarrar-se a verdades que são logicamente suportadas apenas pelo Cristianismo.

Mentes libertas

19. *Diálogo*: quando *A busca da verdade* estava na forma de manuscrito, eu dei uma aula usando-o como texto. Um estudante, pai de pré-adolescentes, disse: "Seu livro está me condenando, ao mostrar que afugento meus filhos quando apresentam dúvidas sobre o Cristianismo. Fiz um compromisso de que, a partir de agora, ouvirei meus filhos e levarei suas perguntas a sério".

Mas outra estudante, uma jovem de El Salvador, rejeitou a ideia de apologética. Em sua opinião, o uso da razão para defender o Cristianismo é uma questão de "orgulho" e "carnal". "Os cristãos devem confiar no Espírito Santo", disse ela, citando Paulo: "Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?"; e "decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (1Co 1.20; 2.2).

Escreva um diálogo como se você estivesse falando com a jovem de El Salvador. Como você convenceria essa mulher que é válido os cristãos defenderem suas convicções?

* PARTE DOIS *

PRINCÍPIO 1
.....
Crepúsculo dos deuses

Deixando adolescentes vulneráveis

1. Resuma a pesquisa sociológica sobre jovens que relatam ter dúvidas ou perguntas. Você conhece alguém com dúvidas que está lutando para encontrar respostas? Você mesmo está lutando para tal?

Princípio 1: Identifique o ídolo

2. De que forma a palavra bíblica *coração* é frequentemente mal interpretada? Qual é o seu significado correto?

3. "O ateísmo não é uma crença. O ateísmo é simplesmente a ausência de uma crença em Deus ou deuses." Pelo fato de esta ser uma frase comum entre os ateus hoje, você deve saber como responder a ela. Com base no texto, o que poderia dizer?

4. Quais são as duas vantagens de usar o termo bíblico ídolo tanto para cosmovisões seculares quanto para religiosas (a segunda encontra-se sob o próximo subtítulo)?

Religião sem Deus

5. Ao ler o restante deste capítulo, elabore um diagrama como o apresentado aqui. Do lado esquerdo, escreva os elementos que a maioria das pessoas associa com religião. Do lado direito, explique por que essa característica não é uma parte necessária da definição de religião. Dê exemplos.

Definições comuns de religião	Por que essa não é uma definição adequada?

6. Por que Budismo, Taoísmo e Confucionismo são descritos como religiões ateístas?

Religião sem moralidade

7. Dê exemplos de religiões amorais e até mesmo imorais.

A busca pelo divino

8. Qual é a única coisa que caracteriza todas as religiões, bem como todas as filosofias seculares? Você consegue pensar em alguma exceção?

Os filósofos e seus deuses

9. Ao ler o restante deste capítulo, elabore um diagrama como o apresentado aqui. Do lado esquerdo, escreva o nome de cada ismo discutido. Do lado direito, identifique o ídolo correspondente. Volte e inicie pela seção intitulada “A busca pelo divino”.

Filosofia	Qual é o ídolo?

10. O que significa a palavra grega arché? Você concorda que as primeiras filosofias gregas qualificam-se como ídolos sob a definição em Romanos 1? Dê suas razões.

A igreja da física: ídolo da matéria

11. *Diálogo*: certa vez, tive uma discussão pelo Facebook com um jovem fã de Richard Dawkins, que estava indignado por eu ter sugerido que o secularismo tinha qualquer coisa em comum com a religião. Para aquele jovem rapaz, a religião denotava fé cega, enquanto a ciência representava a razão e os fatos. Imagine-se em uma conversa com um jovem assim. Escreva um diálogo no qual você nivela o campo de jogo ao mostrar que todos os sistemas de crenças compartilham a mesma estrutura básica.

12. Explique os passos lógicos que levam do materialismo ao determinismo econômico do Marxismo.

Hume encontra os klingons: ídolo dos sentidos

13. Como Data em Star Trek, os ateus geralmente acusam que o Cristianismo é "irracional" simplesmente por aceitar a existência de um reino além do mundo empírico. Com base no texto, como você poderia responder a essa acusação?

Dentro da matrix

14. *Diálogo*: explique para um empirista como a filosofia dele envolve uma crença divina.

Bacon sensacionalista, Descartes duvidoso

15. Um filósofo diz que as epistemologias iluministas configuraram "o ponto de vista em primeira pessoa" como o único caminho para a certeza.

Eles transformaram o ego no "local e árbitro do conhecimento". Explique o que isso significa e qual foi o resultado final.

Sinalizações ou becos sem saída

16. Filósofos como Karl Popper e John Herman Randall destacaram o "caráter religioso" das epistemologias do Iluminismo. Explique o que queriam dizer.

A prisão mental de Kant: ídolo da mente

17. O que foi a "revolução copernicana" de Kant? Qual foi seu substituto para Deus? Defina o solipsismo e explique por que as filosofias que começam dentro da mente humana terminam em solipsismo.

O artista como Deus: ídolo da imaginação

18. Descreva as evidências que mostram que, para os românticos, a imaginação era o substituto para Deus, e a arte, seu substituto para a religião.

A cura para filósofos cegos

19. Leia “Os cegos e o elefante”, de John Godfrey Saxe nas páginas seguintes. Como este texto ilustra a origem de ídolos?

“Os cegos e o elefante”

Eram seis homens do Hindustão
Inclinados a aprender muito,
Que foram ver o elefante
(embora todos fossem cegos)
De modo que cada um, por observação,
Pudesse satisfazer sua mente.

O *primeiro* aproximou-se do elefante,
E aconteceu de chocar-se
Contra seu amplo e forte lado
Imediatamente começou a gritar:
“Deus me abençoe, mas o elefante
É muito semelhante a um MURO!”

O *segundo*, pegando na presa,
Gritou: “Oh! O que temos aqui
Tão redondo, liso e pontiagudo?
Para mim, isto é muito claro.
Esta maravilha de elefante
É muito semelhante a uma LANÇA!”

O *terceiro* aproximou-se do animal
E aconteceu de pegar
A sinuosa tromba com suas mãos.
Assim, falou em voz alta:

“Vejo”, disse ele “o elefante
É muito semelhante a uma COBRA!”

O *quarto* esticou a mão, ansioso,
e apalpou em torno do joelho.
“Com o que este maravilhoso animal
Se parece é muito fácil”, disse ele:
“Está bem claro que o elefante
É muito semelhante a uma ÁRVORE!”

O *quinto*, por acaso, tocou a orelha,
E disse: “Até um cego
Pode dizer com o que ele se parece:
Negue quem puder,
Esta maravilha de elefante
É muito parecida com um LEQUE!”

O *sexto* mal havia começado
A apalpar o animal,
Pegou na calda que balançava
E veio ao seu alcance.
“Vejo”, disse ele, “o elefante
É muito semelhante a uma CORDA!”

E assim esses homens do Hindustão
Discutiram por muito tempo,
Cada um com sua opinião,
Excessivamente rígida e forte.
Embora cada um estivesse, em parte, certo,
Todos estavam errados!

A alegria do pensamento crítico

20. De que forma o Cristianismo confirma o que é bom e verdadeiro nestas filosofias?

Materialismo:

Racionalismo:

Empirismo:

Romantismo:

O bom, o verdadeiro e o pagão

21. “Paulo estava declarando a afirmação espantosa de que o Cristianismo oferece o contexto de significado para os gregos entenderem sua própria cultura.” Explique o que isso significa. Escolha um exemplo de nossa época atual e explique como o mesmo princípio pode ser aplicado.

PRINCÍPIO 2
.....
Como Nietzsche vence

Princípio 2: Identifique o reducionismo do ídolo

1. O texto argumenta que uma visão de mundo centrada no ídolo é sempre desumanizante. Explique por quê. Em sua resposta, inclua uma explicação sobre esta frase: "Todo conceito de humanidade é criado à imagem de *algum* deus."

Desumanize o seu próximo

2. O reducionismo não é apenas um conceito filosófico. Pense em como sua própria tendência de viver para os ídolos o levou a usar os outros para suas próprias necessidades e objetivos. Discuta, caso se sinta confortável em fazê-lo.

A ciência de trapacear

3. Leia a nota 4 para aprender sobre outro estudo que foi semelhante ao relatado na revista *Scientific American*. Como estes resultados confirmam Romanos 1? Leia a nota 5. De que maneira esses estudos implicitamente afirmam a realidade da liberdade de decisão?

A psicologia da supressão

4. Explique como o reducionismo funciona como uma estratégia para a supressão. Por que as pessoas suprimem tudo aquilo que não se encaixa na caixa de sua visão de mundo?

5. Por que uma cosmovisão centrada em ídolo sempre produz um dualismo ou dicotomia no pensamento das pessoas?

6. O texto diz que identificaremos o impacto desumanizador de duas visões de mundo (materialista e pós-modernista) em duas religiões e em duas teorias políticas. Ao ler o restante deste capítulo, elabore um diagrama como o apresentado aqui. Na linha horizontal superior, escreva o nome da cosmovisão ou religião a ser discutida. Sob a linha, responda a duas perguntas: Qual é o ídolo correspondente? Qual é a sua forma de reducionismo?

NOME		
ÍDOLO		
REDUCIONISMO		

Crick: "nada além de um bloco de neurônios"

7. Defina materialismo eliminativista. Qual é o raciocínio usado para chegar às suas conclusões? Como ele refuta a si mesmo?

"A irracionalidade mais profunda"

8. Galen Strawson escreve que o materialismo eliminativista mostra "que a capacidade da mente humana de ser agarrada pela teoria, pela fé, é verdadeiramente ilimitada" e revela "a mais profunda irracionalidade da mente humana". Desconstrua o que ele quis dizer. Descreva a resposta de Thomas Reid. O que você acha do ponto de vista de Reid?

A vingança dos românticos

9. *Diálogo*: o que Schopenhauer quis dizer quando disse que "O materialismo é a filosofia do sujeito que se esquece de considerar a si mesmo"? Alguns apologetas cristãos adaptaram este argumento para dar suporte a uma cosmovisão bíblica. Teste sua habilidade em utilizar o argumento em um diálogo imaginado com um materialista.

A superalma de Emerson

10. Defina neoplatonismo. Por que ele se qualifica como a crença em um ídolo? Leia a nota 26 e explique o que Paulo quer dizer quando escreve sobre a "plenitude" da divindade. Como ele está tomando o termo dos primeiros gnósticos e transferindo-o para o Cristianismo?

A Grande cadeia da existência, na época de Shakespeare: note que foi cristianizada para que o Um fosse identificado como o Deus da Bíblia e as entidades espirituais fossem identificadas como anjos. O neoplatonismo cristão foi amplamente difundido na Idade Média e no Renascimento.



A Grande cadeia da existência

A divindade evolutiva de Hegel

11. Explique como Hegel alterou a Grande cadeia da existência. Por que Nietzsche disse que "sem Hegel, não teria havido Darwin"?

12. Defina historicismo. Como o historicismo enfraquece a si mesmo? De que maneira Hegel faz uma exceção tácita para si? Como isso criou um novo problema?

Triunvirato de raça, classe e gênero

13. Explique a ligação lógica que leva de Hegel ao pós-modernismo. Qual é o ídolo no pós-modernismo?

Raízes do politicamente correto

14. *Diálogo*: converse com um pós-modernista a fim de mostrar em que vocês concordam e em que discordam. Argumente que o pós-modernismo é reducionista, que reduz as pessoas a produtos da sociedade, raça, classe, gênero, etc.

A queda do pós-modernismo

15. *Diálogo*: com base no texto, explique a um cristão pós-moderno as razões para não aceitar uma interpretação pós-moderna do Cristianismo.

O panteísmo contra você

16. *Diálogo*: muitas pessoas que adotam o panteísmo afirmam que ele dá maior significado à vida ao fazer com que nos enxerguemos como parte de um todo interligado. Em uma conversa com um amigo New Age, explique por que o panteísmo é reducionista e desumanizante e por que não dá às pessoas a dignidade e sentido que seu amigo busca.

O Islã contra a dignidade humana

17. *Diálogo*: pratique explicar a um muçulmano em que pontos o Cristianismo e o Islamismo concordam e em que diferem e por que a diferença é crucial.

Dos ídolos seculares aos campos de extermínio/de libertadores a déspotas

18. Descreva os ídolos seculares que levaram ao Nazismo e ao Comunismo, e suas consequências políticas. Na sua opinião, quais são os ídolos políticos de

hoje?

Mais do que sonha a sua filosofia

19. Que significado bíblico é mais frequentemente associado com a frase "envergonhar"? Como isso modifica nossa compreensão de Romanos 1.16?

20. Relembre este diagrama apresentado no livro.

A filosofia ocidental se divide em duas "famílias" filosóficas

ROMANTISMO
A caixa da mente

ILUMINISMO
A caixa das coisas

(A) Reveja os Princípios 1 e 2. Faça um diagrama como o apresentado aqui.

Sob ILUMINISMO, preencha todos os ismos que discutimos que pertencem à categoria iluminista (a tradição analítica). Sob ROMANTISMO, preencha todos os ismos que discutimos que pertencem à categoria romântica (a tradição continental). Ao ler o restante do livro, para cada ismo que encontrar, decida a qual tradição pertence e escreva aqui.

ROMANTISMO (tradição continental)

ILUMINISMO (tradição analítica)

Ao dominar essas duas categorias básicas será muito mais fácil compreender a diversidade de cosmovisões ocidentais modernas. Visões de

mundo não são um amontoado de ideias desconexas para memorizar, dominar e encaixar em uma tabela. Elas formam tradições em curso, que se movem ao longo do mesmo caminho, na mesma direção básica, seguindo o mesmo mapa – seja o mapa do Iluminismo ou o mapa do Romantismo. Ou você pode pensar neles como duas linhas genealógicas conectadas por semelhanças de família. Para atribuir sentido a qualquer visão de mundo em particular, o primeiro passo é identificar a linhagem da família a qual pertence e os temas comuns que compartilha.

(B) Quais são esses temas comuns? Para ajudá-lo a começar, segue um trecho do texto: "A tradição analítica tem suas raízes no Iluminismo e tende a destacar a ciência, a razão e os fatos. A tradição continental possui suas raízes no movimento romântico e procura defender a mente, o significado e a moralidade."

Elabore um segundo diagrama. Ao rever os Princípios 1 e 2, busque temas comuns ou semelhanças de família em cada uma das duas tradições e relate-as abaixo:

Temas de conexão na tradição continental

Temas de conexão na tradição analítica

PRINCÍPIO 3
.....
Atos seculares de fé

1. A nota 2 diz que o argumento sobre o mal falha logicamente. Explique por quê.

A gravidade do fato

2. O texto diz que, quando aplicamos o teste prático, podemos ter a certeza de que "todas as cosmovisões centradas em ídolos *serão* comprovadas como falsas". Explique por quê. Use o artigo da CNN como um exemplo.

Eu, robô – nós, máquinas

3. Os cristãos devem argumentar a favor da liberdade de decisão? Leia a nota 6. O que você acha? Explique a diferença entre predestinação e determinismo.

Princípio 3: Teste o ídolo: ele contradiz o que sabemos sobre o mundo?

4. Por que a liberdade de decisão é uma questão tão perdurável na filosofia? Quais habilidades distintamente humanas dependem da liberdade de decisão?

Você consegue pensar em quaisquer outras habilidades que dependem da liberdade de decisão além daquelas mencionadas no texto?

Por que secularistas não conseguem viver com o secularismo

5. Quais são algumas frases que demonstram que uma visão de mundo deu de frente com uma realidade que não consegue explicar? Como isso serve para provar como falsa a visão de mundo?

Secularistas indecisos/perdendo a verdade completa

6. Por que toda cosmovisão centrada em ídolos leva a uma dicotomia mental ou dualismo? De que maneira o dualismo é um sinal de que as evidências da revelação geral estão sendo suprimidas?

Um ato de dúvida

7. Já aprendemos o suficiente para detectar padrões importantes. Ao ler o restante deste capítulo, preencha um diagrama como o apresentado aqui. Volte para as seções intituladas "Por que secularistas não conseguem viver com o secularismo" e "Secularistas indecisos", assim você pode incluir Strawson e Slingerland no seu diagrama.

A. Liste o nome de cada pensador discutido no texto.

B. Liste o ismo que cada pensador adota.

C. Liste as frases que ele emprega que são indícios da revelação geral – as ideias que borbulham inescapável e irresistivelmente, não importando qual visão de mundo ele adote. Vou dar-lhe o primeiro: Galen Strawson diz que "não pode viver com" sua própria filosofia. A frase-chave é que o homem "não pode viver com". Uma cosmovisão deve ser um guia para viver no mundo. Quando as pessoas não podem viver com base em sua visão de mundo, isso

significa que deram de cara com o duro limite de uma realidade, que não se encaixa no sistema de pensamento que ela professa.

D. Liste as frases empregadas por ele que mostram que as evidências de revelação geral estão sendo suprimidas. Por exemplo, Marvin Minsky diz:

"Somos praticamente forçados a manter essa crença, mesmo que saibamos ser falsa." Ele está suprimindo uma verdade que é "forçado a manter", reduzindo-a à condição de uma mentira necessária – colocando-a no andar superior.

Nome	ismo	Indícios da revelação geral (frases)	Indícios da supressão (frases)

Quando terminar de preencher seu diagrama, responda a esta pergunta: Por que pensadores seculares suprimem a evidência da revelação geral?

O ateísmo contra a civilização

8. Smilansky reconhece que sua visão de mundo determinista é socialmente destrutiva. Explique por que o determinismo tem consequências socialmente nocivas. Como Smilansky propõe contornar essas consequências negativas? O que você acha dessa proposta?

A "insuportável" cosmovisão de Dawkins

9. Como Dawkins demonstra que bateu de frente contra a dura borda de uma realidade que não se encaixa em sua visão de mundo? Por que as consequências de sua cosmovisão seriam "intoleráveis"?

O dilema de Einstein

10. A frase "como se" sinaliza o quê? Por que Kant apresentou essa frase? Leia a nota 23 e explique por que até mesmo o trabalho científico de Einstein depende do poder de decisão.

O misticismo secular

11. Por que Francis Schaeffer declara que qualquer cosmovisão que contenha um dualismo epistemológico conduz ao "misticismo"? Explique como os exemplos no texto apoiam a alegação de Schaeffer.

Psicopatas darwinianos

12. O texto diz: "Podemos imaginar cosmovisões desmoronando ao longo de um *continuum*: quanto mais consistentemente as pessoas trabalharem fora da lógica de sua visão de mundo, mais reducionista será o resultado, maior será a distância e mais distante será o seu salto para dentro do misticismo irracional." De que forma Edward Slingerland exemplifica essa distância cada vez maior?

13. De que maneira os termos gregos para "nulo" e "insensato" lançam nova luz sobre como Romanos 1.21 pode ser aplicado às visões de mundo seculares de hoje? Como a declaração de Paulo de que aqueles que adoram ídolos são "indesculpáveis" pode ser aplicada a visões de mundo seculares?

Professor do MIT: meus filhos são máquinas

14. A visão de mundo de Brooks contradiz sua própria experiência vivida tão drasticamente que ele assume "sustentar dois conjuntos de crenças

inconsistentes". O texto chama isso de "tragédia da era pós-moderna". Por que isso é uma tragédia?

Chesterton: Cristianismo "bom demais para ser verdade"

15. Como uma percepção bíblica da humanidade leva a uma visão de mundo unificada e logicamente consistente? Explique por que Chesterton diz que secularistas rejeitam o Cristianismo não por ser uma teoria ruim, mas porque parece "bom demais para ser verdade".

Saindo do mapa pós-moderno

16. *Diálogo*: imagine que está conversando com um pós-modernista. Com base no texto, como você poderia argumentar contra o antirrealismo dele?

Não imponha seus fatos

17. De que forma a maioria das pessoas aplica seletivamente o pós-modernismo? Como isso leva a um dualismo ou dicotomia no modo como as pessoas pensam e agem? Se você já leu *Total Truth*, como essa dicotomia representa a divisão entre fato e valor?

A confissão de um professor de Harvard

18. O texto cita dois filósofos (Parfit e Harries) que admitem abertamente que carregam crenças inconsistentes. Resuma o que eles dizem. Em seguida, argumente provando que o Cristianismo oferece uma visão unificada da verdade. Tenha em mente que, como diz a introdução, você deve usar as respostas do guia de estudo para a prática de apologética com pessoas reais.

19. Explique as motivações religiosas que levaram Francis Crick e James Watson à sua busca por teorias reducionistas.

O secularismo é muito pequeno para os secularistas

20. *Diálogo*: o texto diz: "Devemos começar expressando solidariedade pelos seus desejos mais profundos de significado e importância – e, em seguida, mostrar que, em uma cosmovisão bíblica, esses anseios não são apenas ilusões ou ficções úteis, mas realidades vivas." Componha uma conversa ilustrando como seria isso.

PRINCÍPIO 4

.....

Por que cosmovisões cometem suicídio

1. Explique a engenharia reversa. Como os biólogos a utilizam? De que maneira ela fornece evidências do *design*?

2. Como o modo de pensar de Michael Ruse demonstra um exemplo de dissonância cognitiva?

Não é nenhuma cirurgia cerebral... mas espere, é sim!

3. Explique como o conceito de Freud de que religião é realização de anseios pode se voltar contra a sua própria teoria.

Testes em busca da verdade

4. Explique absurdidade autorreferencial. Explique *por que* visões de mundo baseadas em ídolos cometem suicídio.

Princípio 4: Teste o ídolo: ele contradiz a si mesmo?

5. Defina positivismo lógico. Como ele foi desacreditado? Hoje em dia, você ainda escuta opiniões emotivistas? Dê um exemplo.

6. Ao ler o restante deste capítulo, elabore um diagrama como o apresentado aqui. Para cada escola de pensamento que comete suicídio: indique o ismo; descreva sua forma de reducionismo; explique por que refuta a si mesma.

Comece com o positivismo lógico.

Nomeie o ismo	Descreva seu reducionismo	Como refuta a si mesmo?

Atingindo Marx

7. *Diálogo*: escolha uma das teorias discutidas nesta seção. Crie um diálogo realista com alguém que adota essa teoria. Ajude a pessoa a ver como a teoria enfraquece a si mesma.

Desacreditando os desacreditadores

8. Como visões de mundo reducionistas tentam evitar cometer suicídio? Como essa "solução" cria mais um problema?

9. O texto diz que "todas as visões de mundo têm de tomar uma epistemologia cristã emprestada – pelo menos no momento em que estão fazendo suas afirmações. Elas devem assumir tacitamente a confiabilidade da razão e da racionalidade, que só é suportada pela cosmovisão bíblica.

Elas precisam funcionar *como se* o Cristianismo fosse verdade, mesmo que o rejeitem". Resuma a base bíblica para a epistemologia e explique por que outras cosmovisões têm de pegá-la emprestada.

C. S. Lewis desmascara o materialismo

10. *Diálogo*: imagine uma conversa com um materialista. Ajude-o a ver que sua posição comete suicídio e, portanto, é insustentável e indefensável.

A evolução não pode sobreviver a si mesma

11. *Diálogo*: imagine uma conversa com um ávido defensor da epistemologia evolutiva. Desenvolva um diálogo realista no qual você explica como tal teoria enfraquece a própria base para a racionalidade – e, por isso, enfraquece a si mesma.

O ceticismo seletivo de Darwin

12. A passagem de Darwin sobre a sua "terrível dúvida" é geralmente mal interpretada para significar que ele mesmo percebeu que sua teoria se suicidara. Explique como Darwin aplicou sua dúvida seletivamente. Em seguida, explique por que o Darwinismo enfraquece não apenas a si, mas também a todo o empreendimento científico.

Por que a ciência é um "milagre"

13. *Diálogo*: você está falando com uma pessoa secular que insiste que o Cristianismo sempre se colocou no caminho da ciência e do progresso.

Explique como o Cristianismo forneceu os fundamentos filosóficos para o surgimento da ciência moderna. Em seguida, explique por que, ainda hoje, toda pessoa que quer seguir a ciência precisa adotar uma epistemologia derivada de uma cosmovisão cristã – pelo menos na prática.

Prisão pós-moderna

14. *Diálogo*: discuta de maneira educada e respeitosa com seu professor de literatura da universidade, que é um pós-modernista, mostrando-lhe que a teoria comete suicídio. Inclua em sua explicação o conceito de "contradição performativa".

Barthes apanhado

15. Explique o que significa "desconstrucionismo", a lógica por trás dele e como ele contém uma fatal contradição interna. De que forma os desconstrucionistas tentam evitar essa contradição? Essa tentativa funciona?

Pós-modernismo e terror

16. De onde veio a oposição de muitos pós-modernistas contra metanarrativas? O que propuseram como solução? Qual é o problema com essa solução? Por que o pós-modernismo leva à cumplicidade com o mal e a injustiça?

A tirania da diversidade

17. Explique como o pós-modernismo tornou-se imperialista e coercitivo. Descreva os exemplos que encontrar.

Perdendo seu ego

18. Explique a diferença entre a perspectiva do ego de um modernista e de um pós-modernista. De que maneira uma visão pós-moderna refuta a si mesma?

A Trindade para os pós-modernos

19. Treine explicar como o conceito cristão da Trindade oferece uma resposta melhor do que o modernismo ou o pós-modernismo para o equilíbrio entre indivíduo e comunidade.

Fuja do reducionismo

20. *Diálogo*: escolha um exemplo desta seção e imagine uma conversa em que você argumenta positivamente que o Cristianismo oferece respostas melhores do que qualquer visão de mundo concorrente.

PRINCÍPIO 5
.....
Ateus oportunistas

Princípio 5: Substitua o ídolo: faça uma defesa do Cristianismo

1. *Diálogo*: imagine uma conversa com alguém que adota o relativismo moral ou ceticismo ou alguma outra posição que você escolher. Crie um diálogo realista em que mostra a essa pessoa que o comportamento dela contradiz sua própria visão de mundo e que, na prática, ela "toma emprestado" da cosmovisão bíblica.

A confissão de Richard Rorty

2. Por que Richard Rorty se autonomeia um "ateu oportunista"? Você concorda que o Cristianismo é a única fonte de direitos universais? Por quê?

Leia a nota 8 para se contextualizar.

3. Ao ler o restante do capítulo, faça uma lista das verdades que os ateus oportunistas tomam emprestado do Cristianismo. Volte para o início do capítulo e inclua quaisquer exemplos que encontrar até este ponto. Quando tiver terminado, tome uma dessas verdades como exemplo e argumente de maneira convincente que o Cristianismo oferece a única base filosófica adequada.

4. *Diálogo*: o texto diz: "Os ateus frequentemente denunciam o Cristianismo como sendo duro e negativo. Mas, na realidade, ele oferece uma visão muito mais positiva da pessoa humana do que qualquer religião ou visão de mundo concorrente. Ele é tão atraente que os adeptos de outras cosmovisões continuam a vir buscar as partes que mais gostam."

Baseando-se no texto, como você poderia argumentar a favor do Cristianismo?

O que torna a ciência possível?

5. *Diálogo*: escreva um diálogo argumentando que (nas palavras de Paul Davies) "a ciência só pode prosseguir se o cientista adotar uma visão de mundo essencialmente teológica".

Um ateu denuncia o Humanismo

6. *Diálogo*: imagine ter uma conversa com alguém que é um "humanista" na definição de termo de John Gray. Seja convincente ao argumentar que a elevada visão da dignidade humana que essa pessoa possui é derivada do Cristianismo e é um caso de oportunismo. Leia a nota 13 para mais detalhes de Gray.

Nagel: Darwin "quase certamente falso"

7. Explique as razões que Thomas Nagel dá para dizer que "o conceito de natureza materialista neodarwinista é, quase certamente, falso".

8. Que razões Nagel dá para rejeitar o teísmo? Explique como ele está sendo um oportunista.

Problemas de um "ateu orgulhoso"

9. Raymond Tallis diz que "algo muito importante sobre nós é deixado inexplicado pela teoria evolutiva" – ou melhor, várias coisas. Escolha duas delas e, em suas próprias palavras, diga por que são "deixadas inexplicadas pela teoria evolutiva".

10. Escolha um exemplo de "reducionismo neuroevolutivo" (na arte, literatura, teoria jurídica, filosofia, economia, política, teologia ou qualquer outro campo), pesquise-o, e escreva uma descrição de suas alegações. Como você faria uma crítica dessas alegações?

11. Por que Tallis rejeita a neuroteologia tal como aplicada ao Cristianismo? Você acha que é uma boa objeção?

Dê-me daquela filosofia dos velhos tempos

12. O texto descreve vários exemplos de ateus que procuram roubar os benefícios espirituais e emocionais da religião. Escolha um, pesquise-o em maior profundidade e descreva como ele procura fazer com que as ideias seculares satisfaçam aspirações espirituais.

Uma missa para Charles Darwin

13. Defina cientificismo. Explique como vai além de qualquer coisa que a ciência poderia estabelecer.

14. De que maneira a própria evolução, por vezes, funciona como uma religião? Ouça um trecho da "Missa Charles Darwin". Este é o *Kirie eleison*

("Senhor, tende piedade"), com os versos substituídos por palavras de Darwin: www.gregorywbrown.com/missa-charles-darwin/.

Religião evolucionista

15. Qual é a definição que Stuart Kauffman dá de "Deus" e por que ele sequer mantém esta palavra?

16. Resuma a visão espiritualista da evolução de Jeremy Rifkin. De que modo os pontos de vista religiosos sobre a evolução dão indícios da revelação geral?

Perdendo fé, encontrando Deus/Bertrand Russell - minha referência

17. Faça duas listas, lado a lado. Baseando-se na minha história, liste as consequências de abandonar o Cristianismo. À esquerda, resuma o ensinamento cristão. À direita, resuma a visão secular que resulta quando o Cristianismo é abandonado.

Pense em outras consequências de desistir do Cristianismo, além das mencionadas no texto, e adicione-as à sua lista.

18. *Diálogo*: imagine uma conversa com alguém como eu era quando adolescente, pronta para desistir do Cristianismo. Escolha algumas das consequências descritas no texto e parafraseie-as em suas próprias palavras.

Gentilmente, ajude essa pessoa a reconhecer que as consequências de se abandonar o Cristianismo são profundas e incentive-a a pensar duas vezes sobre isso – como ninguém fez por mim!

Qual é a sua resposta?

19. O texto diz: “Quando as pessoas questionam o Cristianismo, muitas vezes a melhor resposta não é detê-las, mas precisamente o contrário.”

Explique por que, então escolha um exemplo e ilustre como essa abordagem pode acontecer.

Lição de *O sol é para todos*

20. O texto diz que conhecer as visões de mundo de outras pessoas deve ser motivado pelo amor por elas. Leitores de *A busca da verdade* me disseram que não haviam conectado a apologética com o amor antes. Pratique explicar a outra pessoa por que os dois estão ligados.

* PARTE TRÊS *

Como o pensamento crítico salva a fé

1. Chesterton escreveu que as ideias são, na verdade, *mais* perigosas para aqueles que não as tenham estudado – que uma nova opinião "flutuará para a sua cabeça como vinho para a cabeça de um abstêmio". Você concorda?

Por quê?

Igrejados, mas não preparados

2. Resuma em suas próprias palavras os cinco princípios estratégicos descritos em *A busca da verdade*.

Princípio 1

Princípio 2

Princípio 3

Princípio 4

Princípio 5

Secularismo oculto

3. Escolha um movimento na arte ou na literatura, pesquise-o e descreva em mais detalhes a visão de mundo que o motiva. Você pode usar *Saving Leonardo* para a sua pesquisa.

O que sacode a sua teologia?

4. Faça um diagrama como o apresentado aqui. No lado esquerdo, liste os nomes das escolas teológicas discutidas no texto e resuma os princípios básicos de cada uma. No lado direito, escreva qual filosofia influenciou cada uma delas. Você conhece outros exemplos de teologias que foram influenciadas por alguma escola de filosofia? Em caso positivo, explique.

Escola teológica	Qual filosofia ajudou a moldá-la?

5. Escolha uma forma de teologia liberal, pesquise-a, e descreva em mais detalhes a filosofia que a motiva.

Critique e crie

6. O texto diz: "Os cristãos costumam ter o hábito de se definir por aquilo contra o que se levantam. No entanto, é mais eficaz oferecer algo melhor do que se opor ao que é errado." Escolha um exemplo do texto, ou um que você pensar sozinho, e sugira princípios para ser uma força redentora naquela área da vida.

Um livro completo para verdade completa

7. Todos os sistemas de pensamento são estruturalmente iguais: começam com certas premissas fundamentais que colorem todo o resto. De que forma essa estrutura em comum ajuda a atribuir sentido à afirmação da Escritura que *toda* a verdade – e não apenas a verdade espiritual – começa com Deus?

Crazy Crae: como nos libertamos?

8. Você reconhece uma divisão entre sagrado e secular em seu próprio modo de pensar?

9. De onde vem essa divisão entre sagrado e secular?

10. O que você mais gostou na seção sobre Lecrae?

PROVA-MODELO

Total de pontos possíveis: 100

Nome:

_____

Escreva parágrafos curtos em resposta às seguintes perguntas.

1. Qual é o Princípio 1? (Pontos: 15)

Primeiro, informe qual é o princípio. Em seguida, explique-o em mais detalhes. Em sua resposta, não se esqueça de cobrir estas perguntas:

- O que é um ídolo, de acordo com Romanos 1?
- Dê pelo menos um versículo de Romanos 1 que apoie sua definição de ídolo.
- Dê pelo menos três exemplos de cosmovisões e seus respectivos ídolos.
- Use o poema dos cegos e o elefante para ilustrar o que um ídolo é.
- Adicione qualquer outra coisa que julgar ser importante para a aplicação do Princípio 1. Este é o ponto em que você tem a chance de mostrar tudo o que sabe além do que foi coberto nas perguntas.

2. Qual é o Princípio 2? (Pontos: 20)

Primeiro, informe qual é o princípio. Em seguida, explique-o em mais detalhes. Em sua resposta, não se esqueça de cobrir estas perguntas:

- O que significa o termo reducionismo?
- Por que visões de mundo baseadas em ídolos levam ao reducionismo?
- Dê uma passagem de Romanos 1 que explica por que os ídolos levam a uma perspectiva inferior e menos humana da humanidade.
- De que forma o processo de reducionismo explica por que os ídolos causam um mau tratamento das pessoas (a longa lista de comportamentos destrutivos no final de Rm 1)?
- Dê pelo menos três exemplos de reducionismo. Em cada caso, explique o que o ídolo é, e como ele leva ao reducionismo.
- Adicione qualquer outra coisa que julgar ser importante para a aplicação do Princípio 2.

3. Qual é o Princípio 3? (Pontos: 35)

Primeiro, informe qual é o princípio. Em seguida, explique-o em mais detalhes. Em sua resposta, não se esqueça de cobrir estas perguntas:

- O que é revelação geral?
- Como podemos usar a revelação geral para testar cosmovisões?
- Por que as visões de mundo baseadas em ídolos normalmente acertam em alguns pontos?
- Por que elas sempre erram em outros? Use o conceito de reducionismo em sua resposta.
- O que elas fazem com as coisas que não podem explicar?
- Como levam ao dualismo – manter duas visões inconsistentes e contraditórias?
- Qual conceito de Romanos 1 explica a motivação para a criação de um dualismo?

- Dê pelo menos três exemplos de pensadores cuja filosofia leva ao dualismo.
- Adicione qualquer outra coisa que julgar ser importante para a aplicação do Princípio 3.

4. Qual é o Princípio 4? (Pontos: 20)

Primeiro, informe qual é o princípio. Em seguida, explique-o em mais detalhes. Em sua resposta, não se esqueça de cobrir estas perguntas:

- O que significa uma visão de mundo ser autorrefutável (ser autorreferencialmente absurda, cometer suicídio)?
- Por que cosmovisões baseadas em ídolos são autorrefutáveis?
- Dê pelo menos três exemplos de visões de mundo que são autorrefutáveis. Em cada caso, explique por quê.
- De que maneira as pessoas tentam evitar o problema de cosmovisões autorrefutáveis? Por que a estratégia não funciona?
- Adicione qualquer outra coisa que julgar ser importante para a aplicação do Princípio 4.

5. Qual é o Princípio 5? (Pontos: 10)

Primeiro, informe qual é o princípio. Em seguida, explique-o em mais detalhes. Em sua resposta, não se esqueça de cobrir estas perguntas:

- Por que tantos não cristãos se aproximam e tomam emprestado do Cristianismo?
- Dê pelo menos três exemplos de oportunismo.
- De que maneira o oportunismo sugere um ponto de partida estratégico para a argumentação a favor do Cristianismo?
- Uma forma de realçar as características atraentes do Cristianismo é mostrar onde os secularistas tomam emprestado dele. Outra maneira

é questionar o que você perde quando o abandona. Escolha pelo menos dois elementos de uma cosmovisão cristã e explique as consequências de desistir deles.

- Adicione qualquer outra coisa que julgar ser importante para a aplicação do Princípio 5.

NOTAS

PARTE 1 - “Perdi minha fé quando estava em uma faculdade evangélica”

1 David Kinnaman escreve: “As mudanças espirituais e tecnológicas significativas ao longo dos últimos 50 anos tornam mais urgente o problema do abandono. Os jovens estão saindo mais cedo, ficando longe por mais tempo e, se voltam, são menos propensos a ver a igreja como uma parte de longo prazo de sua vida.” Citado em “Five Myths about Young Adult Church Dropouts”, Barna Group, 16 de novembro de 2011, www.barna.org/teens-next-gen-articles/534-five-myths-about-young-adult-church-dropouts.

2 Citado em Allen C. Guelzo, “The Return of the Will”, em *Edwards in Our Time: Jonathan Edwards and the Shaping of American Religion.* Sang Hyun Lee e Allen C. Guelzo (orgs.) (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), 133. O problema é que, embora Deus seja cognoscível através da revelação geral, os humanos detêm esse conhecimento e, portanto, necessitam de redenção – motivo pelo qual também precisamos da Bíblia, ou revelação especial, com sua mensagem de redenção.

3 Veja Robin Collins, “The Teleological Argument: An Exploration of the FineTuning of the Universe”, em *The Blackwell Companion to Natural Theology.* William Lane Craig e J. P. Moreland (orgs.) (Oxford: Blackwell, 2012).

4 Dennis Overbye, “Zillions of Universes? Or Did Ours Get Lucky?”. *New York Times*, 28 de outubro de 2003. Para contrariar os possíveis desfechos do ajuste fino, alguns cosmólogos propõem que existem múltiplos universos além do nosso (a hipótese de muitos mundos). A maioria desses universos seriam lugares escuros e sem vida, mas alguns poderiam, eventualmente, ter as condições adequadas para a vida – e o nosso só acontece de ser um deles. Isso é pura especulação, é claro, uma vez que é impossível saber se quaisquer outros universos realmente existem. “A teoria do multiuniverso requer tanta suspensão de descrença quanto qualquer religião”, comenta Gregg Easterbrook. “Junte-se à igreja que acredita na existência de objetos invisíveis do tamanho de 50 bilhões de galáxias de largura!” A única razão para se propor uma ideia tão absurda é que faz nosso próprio universo parecer um pouco menos como uma louca improbabilidade. Gregg Easterbrook, “The New Convergence”. *Wired*, dezembro de 2002.

5 George Greenstein, *The Symbiotic Universe: Life and Mind in the Cosmos* (Nova York: William Morrow, 1988), 85-90; e Paul Davies, “A Brief History of the Multiverse”, *New York Times*, 12 de abril de 2003. Em outro texto, Davies escreve que “a concorrência aparentemente milagrosa de valores

numéricos" para contrastes fundamentais da natureza é "a evidência mais convincente para um elemento de projeto cósmico". *God and the New Physics* (Nova York: Simon & Schuster, 1983), 189. Para mais informações sobre o ajuste fino, veja Guillermo Gonzalez e Jay Richards, *The Privileged Planet: How Our Place in the Cosmos Is Designed for Discovery* (Washington, DC: Regnery, 2004) e o meu livro *Total Truth: Liberating Christianity from Its Cultural Captivity* (Wheaton, IL: Crossway, 2004), 188-91.

6 Paul Davies, "The Secret of Life Won't Be Cooked Up in a Chemistry Lab", *Guardian*, 13 de janeiro de 2013. Antes disso Davies escreveu: "Tentar criar vida através da mistura de produtos químicos em um tubo de ensaio é como soldar interruptores e fios em uma tentativa de produzir o Windows 98. Não vai funcionar, pois aborda o problema no nível conceitual errado." "How We Could Create Life: The Key to Existence Will Be Found Not in Primordial Sludge, but in the Nanotechnology of the Living Cell". *Guardian*, 11 de dezembro de 2002.

7 Veja Stephen C. Meyer, *Signature in the Cell: DNA and the Evidence for Intelligent Design* (Nova York: HarperCollins, 2010).

8 Cícero, *Sobre a natureza dos deuses*, livro II, c. XXXVII; e "The Tusculan Disputations", trad. C. D. Yonge (Nova York: Harper, 1877), 39.

9 Veja minha análise em *The Soul of Science*, com coautoria de Charles Thaxton (Wheaton: Crossway, 1994), especialmente o capítulo 10; *Total Truth*, especialmente os capítulos 5 e 6; e *How Now Shall We Live?* , com coautoria de Chuck Colson e Harold Fickett (Wheaton: Tyndale, 1999), capítulos 6 a 10. Sobre os desdobramentos mais amplos do pensamento darwiniano sobre filosofia e cultura, veja *Total Truth*, capítulos 7 e 8, e *Saving Leonardo* (Nashville: B & H, 2010), capítulos 3 e 6.

10 Com a religião judaico-cristã "uma nova forma de pensar é introduzida no mundo ocidental". Seu Deus "é muito diferente das divindades das filosofias anteriores. Ele é um Deus pessoal, não um princípio abstrato". C. H. Perlman, *An Historical Introduction to Philosophical Thinking*, Kenneth Brown (trad.) (Nova York: Random, 1965), 96-97. "Para o pensamento greco-oriental, seja místico ou filosófico, a realidade fundamental é alguma força primal impessoal (...) uma substância divina inefável, imutável, impassível, que permeia o universo, ou melhor, é o universo." Em contrapartida, no pensamento bíblico, "Deus não é nem um princípio metafísico nem uma força impessoal (...) a religião hebraica afirma Deus como uma Pessoa transcendente". Will Herberg, *Judaism and Modern Man: An Interpretation of Jewish Religion* (Nova York: Boucher, 2007), 48.

11 Étienne Gilson, *God and Philosophy* (New Haven, CT: Yale University Press, 1941), 19-20, 37, 42.

12 Paul Bloom, "Religion Is Natural", *Developmental Science* 10, no. 1 (2007):147-51.

13 Citado em Martin Beckford, "Children Are Born Believers in God, Academic Claims". *Telegraph*, 24 de novembro de 2008.

14 C.S. Lewis, *Miracles* (Nova York: Harper Collins, 1974), 150.

15 Por volta da década de 1930, um novo campo chamado "sociologia do conhecimento" começou a investigar como até mesmo estudiosos e cientistas não conseguem se ajustar ao ideal de objetividade, mas são influenciados (muitas vezes inconscientemente) por suas expectativas e suposições prévias. A sociologia do conhecimento foi fundada pelo filósofo Max Scheler e pelo sociólogo Karl Mannheim.

16 Veja Thomas K. Johnson, *The First Step in Missions Training: How Our Neighbors Are Wrestling with God's General Revelation* (Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 2014), 23-24.

17 Veja Margaret Heffernan, *Willful Blindness: Why We Ignore the Obvious at Our Peril* (Nova York: Walker, 2011).

18 Johnson, *First Step*, 23.

19 David Powlison, "Idols of the Heart and 'Vanity Fair'". *Journal of Biblical Counseling*, 16 de outubro de 2009.

20 Da mesma forma, na carta de Paulo aos Colossenses, ele adverte contra "prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria" (Cl 3.5). Mais uma vez, a idolatria é o pecado que traz outros pecados.

21 *The Larger Catechism of Martin Luther*, Robert H. Fischer (trad.) (Filadélfia: Fortress, 1959), 9.

22 Citado em Pericles Lewis, *Religious Experience and the Modernist Novel* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010), 36. Para uma discussão mais completa da tendência de se tratar a arte como uma religião, que começou com o romantismo, consulte *Saving Leonardo*, capítulos 7 e 8.

23 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, edição de 1536 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995), 4.17.36.

24 "No mundo antigo, não havia um sistema bancário como conhecemos hoje e não havia dinheiro em papel. Todo o dinheiro era feito de metal, aquecido até que ficasse líquido, vertido em moldes e deixado até esfriar. Quando as moedas estavam frias, era necessário alisar as arestas irregulares. As moedas eram relativamente macias, e, claro, muitas pessoas as raspavam cuidadosamente. Em um século, mais de oitenta leis foram aprovadas em Atenas para parar a prática de reduzir esculpindo gradualmente as moedas em circulação." Esse dinheiro, que tinha menos do que o peso total, foi descrito como "reprovável". Donald Grey Barnhouse, *Romans: God's Glory* (Filadélfia: Evangelical Foundation, 1964), 18, citado em Blue Letter Bible, s.v. "*dokimos*," www.blbclassic.org/lang/lexicon/lexicon. cfm? Strongs=G1384&t=NASB.

25 Ao utilizar o termo *trocaram*, Paulo está ecoando um versículo do Antigo Testamento: "Em Horebe, fizeram um bezerro e adoraram o ídolo fundido. E, assim, trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho que come erva" (Sl 106.19-20). Um eco volta ainda mais até Gênesis 1.26, em que o mandato cultural dá aos humanos a gestão sobre o restante da criação. "Deus criou os humanos para 'dominarem' sobre essas criaturas, mas humanos caídos idólatras agora curvam-se perante as imagens de

animais." Richard B. Hays, *Echoes of Scripture in the Letters of Paul* (New Haven, CT: Yale University Press, 1989), 211, n. 26.

26 Richard B. Hays, *The Moral Vision of the New Testament: A Contemporary Introduction to New Testament Ethics* (Nova York: Harper One, 1996), 387. Sarah Ruden, uma erudita da cultura greco-romana, diz que a principal forma de comportamento homossexual que Paulo provavelmente observava em seus dias era a pederastia, mais frequentemente o abuso sexual de jovens escravos do sexo masculino por seus senhores, embora meninos nascidos livres também fossem vulneráveis a serem estuprados. Entre os gregos e romanos, o parceiro ativo era enaltecido como viril e masculino, mesmo quando agia de forma cruel e violenta, enquanto o parceiro passivo (a vítima) era considerado fraco e repugnante. Mas Paulo trata o parceiro ativo como igualmente culpado e degradado e, na verdade, condena a homossexualidade como uma forma de injustiça. Pelo fato de a pederastia ser aceita na cultura romana e de seus autores serem até mesmo admirados, o "público romano de Paulo (...) teria ficado surpreso ao ouvir que, dentre todas as coisas, a justiça era aplicável à homossexualidade". "No Closet, No Monsters? Paul and Homosexuality", em *Paul among the People: The Apostle Reinterpreted and Reimagined in His Own Time* (Nova York: Image Books, 2010).

27 Citado em *Soul of Science*, 184-85.

28 Roy Clouser, *The Myth of Religious Neutrality: An Essay on the Hidden Role of Religious Belief in Theories*, ed. rev. (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2005), 104.

29 Nem todas as formas de reducionismo são problemáticas. Em alguns casos, um bom conhecimento dos componentes de um sistema permite que se prevejam todas as propriedades importantes de um sistema como um todo. Ou seja, algumas coisas realmente são apenas a soma de suas partes. Tomemos, por exemplo, a teoria cinética dos gases. Como John Polkinghorne escreve, podemos usar "a teoria cinética dos gases para reduzir o conceito de temperatura (originado na termodinâmica da matéria bruta) à exata equivalência da energia cinética média das moléculas do gás" . *Interdisciplinary Encyclopedia of Religion and Science*, s.v. "Reductionism", G. Tanzella-Nitti e A. Strumia (orgs.), 2002, http://inters.org/reductionism.

30 Herman Dooyeweerd descreve como a absolutização leva ao reducionismo: aqueles que procuram pela realidade fundamental dentro da criação "tenderão a apresentar um aspecto da realidade (...) como a realidade em sua integralidade. Então, reduzirão todos os demais até o ponto em que todos se tornam diferentes manifestações do aspecto absolutizado (...) Pense no materialismo moderno, o qual reduz toda a realidade temporal a partículas de matéria em movimento. Considere a moderna filosofia naturalista de vida, que vê tudo unilateralmente em termos do desenvolvimento da vida orgânica (...) [Os seres humanos tendem] a absolutizar o relativo e deificar a criatura". *Roots of Western Culture: Pagan, Secular, and Christian Options* (Grand Rapids, MI, MI: Paideia Press, 2012), 42.

31 John Horgan, "More Than Good Intentions: Holding Fast to Faith in Free Will". *New York Times*, 31 de dezembro de 2002. Francis Schaeffer propôs esta analogia: Quando a visão de mundo de uma pessoa é "pequena" demais, é como tentar enfiar uma pessoa em uma lata de lixo – um braço ou uma perna

sempre ficará para fora. *True Spirituality,* em *The Complete Works of Francis A. Schaeffer* (Westches-ter: Crossway, 1982), vol. 3, 172-73.

32 John Searle, entrevistado por Jeffrey Mishlove , *Thinking Allowed: Conversations on the Leading Edge of Knowledge and Discovery*, 1998, www.williamjames.com /transcripts/searle.htm (itálico acrescentado).

33 O livro era Gene Edward Veith, *Postmodern Times: A Christian Guide to Contemporary Thought and Culture* (Wheaton, IL: Crossway, 1994) [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã com o título *Tempos Pós-modernos* (N. do E.)].

PARTE 2 - PRINCÍPIO 1 - Crepúsculo dos deuses

1 Albert M. Wolters, *Creation Regained: Biblical Basics for a Reformational Worldview* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), 4 [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã com o título *Criação restaurada* (N. do E.)].

2 Christian Smith e Melinda Lundquist Denton, *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* (Oxford: Oxford University Press, 2005), 89.

3 David Kinnaman, *You Lost Me: Why Young Christians Are Leaving Church… and Rethinking Faith* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2011), 190. Um estudo realizado pelo Seminário Fuller descobriu que o fator mais importante em identificar se os adolescentes manterão suas convicções cristãs na faculdade é se eles encontraram respostas às suas perguntas enquanto ainda estavam no colegial: "Quanto mais os estudantes universitários sentiam que tinham a oportunidade de expressar suas dúvidas enquanto estavam no ensino médio, mais elevados eram [seus] níveis de maturidade de fé e maturidade espiritual." Lillian Kwon, "Survey: High School Seniors 'Graduating from God'". *Christian Post*, 10 de agosto de 2006.

4 Bradley Wright, "If People Leave the Faith, When Do They Do It?". *Patheos*, 28 de janeiro de 2012, www.patheos.com/blogs/blackwhiteandgray/2012/01/if-people-leave-the-faith-when-do-they-do-it/. Wright cita um estudo mostrando que os mais propensos a deixar a fé estão entre as idades de 17 a 20 anos. Os próximos mais propensos a abandonar a fé são um ano ou dois mais jovens (idades entre 15 a 16 anos). Depois dos 20 anos de idade, os números diminuem ligeiramente e, em seguida, caem bastante depois dos 26 anos de idade.

5 Christian Smith, diretor do Centro de Estudo da Juventude e Religião na Universidade de Notre Dame, relata que os adolescentes de hoje muitas vezes definem a fé principalmente em termos de "suprir necessidades emocionais". Sua compreensão unidimensional é produto de "um clima cultural predominantemente relativista e privatizado", bem como de "líderes de jovens que não contestaram este clima". Citado em Chris Norton, "Apologetics Makes a Comeback among Youth". *Christianity Today*, 31 de agosto de 2011.

6 Norton, "Apologetics". Veja também Troy Anderson, "A New Day for Apologetics: People Young and Old Are Flocking to Hear – and Be Changed by – Winsome Arguments for the Christian Faith". *Christianity Today*, 2 de julho de 2008.

7 Um ídolo também pode ser algo que erroneamente pensam ser parte da criação – algo irreal ou imaginário, como alienígenas. A questão é que, *se fosse* real, seria algo menor que Deus, algo de dentro da ordem cósmica.

8 Terry Eagleton, *Culture and the Death of God* (New Haven, CT: Yale University Press, 2014), 119. Veja também Andrew Brown, "Religion without a Church? Humanism Almost Qualifies". *Guardian*, 12 de agosto de 2014. Herman Dooyeweerd observa que os ídolos resultam de uma "divinização da criatura" e da "absolutização do relativo". *New Critique of Theoretical Thought* (Ontário, Canadá: Paideia, 1984), I:58, 61, 176 e II:322, 572. Por exemplo, o materialismo mecanicista do Iluminismo resultou de "uma absolutização dos fenômenos mecânicos". *Roots*, 172-73. Reinhold Niebuhr definiu idolatria como a tendência de elevar "algum elemento da existência finito e contingente à eminência do divino", tratando-o "como o princípio fundamental de coerência e significado". *The Nature and Destiny of Man*, vol. 1 (Louisville: Westminster John Knox, 1996), 164-65. H. Richard Niebuhr também alertou quanto à "absolutização do que é relativo". *Christ and Culture* (Nova York: HarperCollins, 1951), 145. George Steiner diz que muitas filosofias modernas funcionam como "teologias substitutas". São propostas por "messias seculares" e expressam uma "nostalgia pelo absoluto". *Nostalgia for the Absolute* (Toronto: House of Anansi, 1974), 49. O capítulo 1 tem o título "The Secular Messiahs".

9 Timothy Keller, "Talking about Idolatry in a Postmodern Age". *Gospel Coalition*, abril de 2007, http://old.westerfunk.net/archives/theology/Talking%20About%20Idolatry%20in%20a%20Postmodern%20Age/.

10 É por isso que o filósofo David Naugle descreve visões de mundo como "visões do coração". *Worldview: The History of a Concept* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002), 268ss.

11 "Religiões ateístas (...) incluem religiões orientais, como o Budismo theravada, jainismo, Taoísmo e Confucionismo." Eric Steinhart, "On Atheistic Religion". *Patheos*, 8 de janeiro de 2012, www.patheos.com/blogs/camelswithhammers/ 2012/01/on-atheistic-religion-2/. Todavia, "as religiões sem deus(es) são sustentadas apenas por pequenas elites intelectuais, e as formas populares de Budismo, Confucionismo e Taoísmo abundam em deuses". Rodney Stark, "Why Gods Should Matter in Social Science". *Chronicle of Higher Education* 49, no. 39 (6 de junho de 2003). Na decisão da Suprema Corte no caso *Torcaso v. Watkins* (1961), o juiz Hugo Black declarou que "entre as religiões neste país que não ensinam o que, em geral, seria considerado uma crença na existência de Deus estão o Budismo, o Taoísmo, o movimento de cultura ética, o humanismo secular e outros"; e André Comte Sponville, *The Little Book of Atheist Spirituality* (Nova York: Penguin, 2006), 2.

12 Hermann Hesse, *Siddhartha*, Hilda Rosner (trad.) (Nova York: Bantam, 1951), 144. Ao mesmo tempo, muitas dessas religiões têm ensinamentos morais, por mais difícil que possa ser conciliá-los com sua metafísica. No hinduísmo, o conceito de karma envolve um conceito de justiça – boas ações causam bom karma e más ações causam mau karma; você colhe o que planta. É uma regra quase mecânica, quase como uma lei da física (por exemplo, para cada ação, há uma reação igual e oposta).

13 O jornalista Arthur Koestler observa que a visão oriental leva à "negação de uma lei moral universal" e, finalmente, à "cumplicidade passiva" com o mal. Ele ilustra a visão oriental com linhas de um dos mais antigos poemas Zen: "Não se preocupe com o certo e o errado / O conflito entre o certo e o errado / É a doença da mente." *The Lotus and the Robot* (Nova York: Macmillan, 1960), 272, 270.

14 Citado em Stark, "Why Gods Should Matter". Stark oferece uma grande quantidade de evidências adicionais: "Ambos, o fundador da antropologia britânica, Edward Burnett Tylor, e o fundador da sociologia britânica, Herbert Spencer, tomaram o cuidado de salientar que apenas alguns tipos de religião têm implicações morais. 'O animismo selvagem [religião] é quase desprovido desse elemento ético, que, para a educada mente moderna, é o próprio motor fundamental da religião prática', relatou Tylor. 'O animismo inferior não é imoral, é amoral.' Spencer também observou que muitas religiões ignoram a moralidade e foi ainda mais longe ao sugerir que algumas religiões ativamente incentivam o crime e a imoralidade: 'No presente momento na Índia, temos saqueadores como os Domras, entre os quais um roubo bem-sucedido é sempre celebrado com um sacrifício ao seu principal deus, Gandak.' (...) Em seu distinto estudo dos Manus da Nova Guiné, Reo Franklin Fortune contrastou os aspectos morais da religião deles com os da típica tribo, concordando que 'Tylor está inteiramente correto em afirmar que, nas regiões mais primitivas do mundo, a religião e a moralidade mantêm-se independentes'. Ruth Benedict também argumentou que generalizar a ligação entre religião e moralidade 'é compreender mal' a 'história das religiões'. Ela sugeriu que esta ligação provavelmente é comum apenas nas 'religiões éticas mais elevadas'. Ralph Barton informou que os Ifugaos ou Igorotes imputam suas próprias práticas de câmbio sem escrúpulos a seus deuses e aproveitam todas as oportunidades para enganá-los. Peter Lawrence descobriu que os Garia da Nova Guiné não têm nenhuma concepção de 'pecado' e 'nenhuma ideia de recompensas no próximo mundo para boas obras'".

15 Xenófanes, citado em Adam Drozdek, *Greek Philosophers as Theologians: The Divine Arche* (Burlington, VT: Ashgate, 2007), 15; e Agostinho, *Cidade de Deus*, livro 3, c. 3.

16 A cidade-Estado da antiga Cartago foi uma colônia fenícia localizada no que hoje é a Tunísia. Colônias fenícias na Sicília, Sardenha e Malta também praticavam o sacrifício de crianças, assim como o antigo Israel, o que foi fortemente denunciado por vários profetas do Antigo Testamento (Lv 20.2-5; Dt 12.31; 18.10; Jr 7.31; 19.4-5; 32.35; Ez 16.20-21; 20.26,31; 23.37). Revisionistas (principalmente da Tunísia) negaram que Cartago praticava o sacrifício de crianças, mas um novo estudo parece ter enterrado tal teoria. Sarah Griffiths, "Ancient Greek Stories of Ritual Child Sacrifice in Carthage Are True, Study Claims". *Daily Mail*, 23 de janeiro de 2014; e Maev Kennedy, "Carthaginians Sacrificed Own Children, Archaeologists Say". *Guardian*, 21 de janeiro de 2014.

17 Clouser, *Myth*, c. 2. Mesmo um deus criador pode não ser a realidade fundamental. O gnosticismo ensinou que dentro da ordem cósmica existem vários níveis de seres espirituais, da mais alta divindade até a menor divindade ou demiurgo. Foi esta divindade subordinada que criou o mundo material, onde os humanos vivem. Porque este mundo é o reino da morte, decadência e destruição, o demiurgo que o criou foi até mesmo considerado como sendo mau. Para ser preciso, o demiurgo não chegava a ser um

verdadeiro criador, mas apenas um arquiteto, porque os gnósticos consideravam a matéria como sendo eterna. Ele apenas deu forma à matéria desforme.

18 Há evidências de que muitas culturas antigas eram adeptas do monoteísmo antes de se tornarem politeístas, o que apoia a declaração de Paulo em Romanos 1, de que as pessoas rejeitam adoração ao Criador e a substituem pela adoração à criação. Para um estudo recente, consulte Winfried Corduan, *In the Beginning: A Fresh Look at the Case for Original Monotheism* (Nashville: B&H, 2013). Alguns eruditos acreditam que os antigos chineses adoraram uma divindade monoteísta antes da ascensão do Confucionismo, Taoísmo e Budismo. Veja Chan Kei Thong e Charlene L. Fu, *Finding God in Ancient China: How the Ancient Chinese Worshiped the God of the Bible* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009). John S. Mbiti estudou cerca de trezentos povos da África, concluindo: "Em todas estas sociedades, sem uma única exceção, as pessoas têm uma noção de Deus" como o Ser Supremo e Criador. *African Religions and Philosophy*, 2a ed. (Nova York: Praeger, 1969), 29. Geoffrey Parrinder também argumenta que a cultura indígena africana era monoteísta. *African Mythology* (Nova York: Peter Bedrick Books, 1991). No entanto, mesmo quando se ensina que existe um Deus supremo, a maioria das religiões tradicionais também ensina que existem espíritos de nível inferior ou divindades. Com frequência, essas religiões ensinam que o Deus Supremo foi alienado de seu povo e retirou-se deles, razão pela qual eles agora têm de aplacar os espíritos de baixo nível. A constatação de que muitas culturas cultivavam um monoteísmo original desacreditou a visão de inspiração hegeliana do século 19 de que as religiões evoluem de simples a complexas (a partir do animismo, através do politeísmo, ao henoteísmo e ao monoteísmo). Veja Gleason L. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1975). Sobre as consequências para as missões, consulte Don Richardson, *Eternity in Their Hearts: Startling Evidence of Belief in the One True God in Hundreds of Cultures throughout the World*, 2a ed. (Venture, CA: Regal, 1984).

19 Jonathan Petre, "And after Double Maths It Will Be… Paganism: Schools Told to Put Witchcraft and Druids on RE Syllabus." *Daily Mail*, 14 de abril de 2012.

20 "A Definition of Wicca." Church and School of Wicca, www.wicca.org/Church /define.html. Outro *website* diz: "Wiccanos acreditam que o espírito do Um, Deusa e Deus, existe em todas as coisas (...) [e] que devemos tratar todas as coisas da Terra como aspectos do divino." Herne, "What Is Wicca?", Celtic Connection, http://wicca.com/celtic/wicca/wicca.htm. Hoje em dia, há também pessoas que se consideram pagãs, mas são completamente seculares, tratando os deuses como símbolos psicológicos ou arquétipos junguianos. Podem ver a deusa, por exemplo, como um símbolo do poder feminino.

21 G. S. Kirk, J. E. Raven, M. Schofield, *The Presocratic Philosophers: A Critical History*, 2a ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1983), 150ss.; e Eric Temple Bell, *The Magic of Numbers* (Nova York: Dover, 1946), 85.

22 Veja *Total Truth*, apêndice 3, "The Long War between Materialism and Christianity."

23 Aristóteles, *Metafísica*, livro XI. 7; e Platão, *República*, livros VI e VII. No *Timeu*, Platão atribui a origem do mundo material a uma divindade pessoal, mas um deus de baixo nível ou subdivindade ou demiurgo (como no gnosticismo). Essa divindade de nível inferior não criou a partir do nada, mas

simplesmente injetou razão (formas racionais) em matéria crua. Como Reijer Hooykaas escreve, este é um criador cujas mãos estão atadas em dois aspectos: "Ele tinha de seguir não o seu próprio projeto, mas o modelo das eternas Ideias [Formas]; e, segundo, ele teve de colocar o carimbo das Ideias sobre uma matéria caótica e recalcitrante, a qual não criou sozinho ." *Religion and the Rise of Modern Science* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972), 3-4.

24 Brian J. Shanley em Tomás de Aquino, *The Treatise on the Divine Nature*, Brian J. Shanley (trad.) (Indianápolis: Hackett, 2006), 244 (itálico acrescentado). Irving Singer diz: "A escada da existência de Aristóteles começa com a *matéria pura* e culmina na *forma pura*." *The Nature of Love: Plato to Luther*, 2a ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2009), 108. Romano Guardini diz que os antigos jamais alcançaram a compreensão cristã da transcendência: "Para o homem do mundo antigo, porém, o próprio universo era o todo da realidade." Até mesmo os filósofos "não transcenderam o universo". "As essências absolutas [Formas] da filosofia antiga foram enredadas para sempre dentro da totalidade do ser a que deram estabilidade e eternidade." Por exemplo, o conceito de Bem de Platão "não foi separado do mundo; manteve-se imanente a ele como sua própria eternidade, como um 'além' dentro do conjunto final". Da mesma forma, "o Motor Imóvel de Aristóteles, ele mesmo imoto, trouxe toda a mudança no mundo. Em última análise, ele só tinha sentido quando relacionado com o todo do próprio universo eternamente em mudança". *The End of the Modern World* (Wilmington, DE: ISI Books, 1998), 1-3, 8. Dooyeweerd chama a divindade de Aristóteles de "ídolo". *New Critique*, I:122.

25 E. O. Wilson, *Consilience*: *The Unity of Knowledge* (Nova York: Vintage Books, 1998), 291. Wilson também escreve na página 60: "A natureza é organizada por simples leis universais da física, às quais todas as demais leis e princípios podem eventualmente ser reduzidos"; e Jerry Coyne, "Philosopher Thomas Nagel Goes the Way of Alvin Plantinga, Disses Evolution". *Why Evolution Is True* (blog), 13 de outubro de 2012, http://whyevolutionistrue.wordpress.com/2012/10/13/ philosopher-thomas-nagel-goes-the-way-of-alvin-plantinga-disses-evolution/.

26 John R. Searle. *Mind: A Brief Introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2004), 48; e Gordy Slack, "What Neo-Creationists Get Right". *The Scientist*, 20 de junho de 2008, 26. Dallas Willard, "What Significance Has 'Postmodernism' for Christian Faith?". www.dwillard.org/articles/artview.asp?artID=70.

27 "Tysonism". https://www.facebook.com/Tysonism.

28 Em termos de Marx, as relações econômicas constituem a base, enquanto todas as demais dimensões da sociedade são somente superestrutura. Veja meu capítulo sobre o Marxismo, "Does It Liberate?" in *How Now Shall We Live?* (Wheaton, IL: Tyndale, 1999), c. 24.

29 David Hume, *Inquiry Concerning Human Understanding*, Charles Hendel (org.) (Pearson, 1995), 80.

30 Um relatório sobre a pesquisa pode ser encontrado em Anthony Gottlieb "What Do Philosophers Believe?". *Intelligent Life*, primavera, 2010.

31 Veja Donald T. Williams, "Kahless and Christ: On Faith, Fictional and Factual". *While We're Paused* (blog), 11 de junho de 2012. Worf está expressando a divisão entre fato e valor, o que é um tema importante em todo o livro *Total Truth.*

32 "Simplesmente não há maneira de mostrar que os humanos podem adquirir conhecimento de realidades extramentais se estamos apenas diretamente conscientes das realidades mentais. Nem a razão nem a experiência nos permitirão construir uma ponte sobre o abismo entre nossa mente e o mundo externo que emerge se o representacionismo for verdade." C. Stephen Evans, *Natural Signs and Knowledge of God: A New Look at Theistic Arguments* (Oxford: Oxford University Press, 2010), 28.

33 *The Collected Works of John Stuart Mill*, John M. Robson (org.), vol. 9 (Toronto: University of Toronto Press, 1963-1991), 183. Veja Clouser, *Myth*, 144, 336.

34 Na filosofia, isso é frequentemente apelidado de o problema do cérebro numa cuba: como você sabe que não é, na verdade, apenas um cérebro em uma cuba que está sendo estimulado por impulsos elétricos administrados por um cientista louco para fazê-lo *pensar* que tem um corpo e que vive em um mundo real de pessoas e objetos?

35 David Hume, *A Treatise of Human Nature* (Create Space Independent Publishing Platform, 2012), 37.

36 Ernst Mach, *The Analysis of Sensations*, in John T. Blackmore, *Ernst Mach: His Life, Work, and Influence* (Berkeley, CA: University of California Press, 1972), 327n14. Veja a discussão de Mach em Clouser, *Myth*, 149-50.

37 Para ler sobre o impacto do empirismo e do racionalismo sobre a arte e a literatura, consulte *Saving Leonardo*, caps. 5 e 6.

38 Veja Richard H. Popkin, *History of Skepticism: From Erasmus to Spinoza* (Los Angeles: University of California Press, 1979); Harris Harbison, "The Struggle for Power", c. 3 em *The Age of Reformation* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1955).

39 Jeffrey Stout escreve: "A crise de autoridade fez uma quebra absolutamente radical com o passado parecer necessária. Portanto, a dúvida metódica solicitou transcendência completa de situação. Tentou tornar a herança da tradição irrelevante, para começar de novo do zero, para escapar da história." *The Flight from Authority: Religion, Morality, and the Quest for Autonomy* (Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1981), 67. Veja *Total Truth*, apêndice 1, "How American Politics Became Secularized"; *Saving Leonardo*, 137-40; e minha palestra "The Creation Myth of Modern Political Philosophy" (apresentada na Sixth Annual Kuyper Lecture, Washington, DC, 2000).

40 Citado em Michael Oakeshott, *Rationalism in Politics and Other Essays* (Indianapolis: Liberty, 1991), 15. Veja também A. W. Ward e A. R. Waller (orgs.) *The Cambridge History of English Literature* (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1919), 329.

41 Bacon é conhecido por sua expressiva frase que diz que um pouco de filosofia inclina a pessoa em direção ao ateísmo, mas "profundidade na filosofia" leva a pessoa à religião. *The Essays of Lord Bacon*

(Londres: Longman and Green, 1875), 64. Descartes, um católico devoto, estava tão certo de que Deus tinha revelado a ele a lógica irrefutável do cogito que prometeu fazer uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora de Loreto, na Itália, o que ele fez. Veja *Total Truth*, 39.

42 Robert C. Solomon, *Continental Philosophy Since 1750: The Rise and Fall of the Self* (Oxford: Oxford University Press, 1988), 5-6. Claro, de certa forma, todos devem começar com experiência consciente – com o que sabemos. Mas há uma diferença entre um ponto de partida experiencial e um ponto de partida lógico. Todos nós começamos a busca do conhecimento a partir de dentro da nossa própria experiência. Mas um ponto de partida lógico refere-se ao que consideramos mais definitivo e fundamental – a base para explicar toda a realidade.

43 Karl Popper, *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge* (Nova York: Routledge, 1963, 2002), 20-21 (itálico no original).

44 Randall acrescenta: "Seu ideal ainda era um *sistema de revelação*, apesar de terem abandonado o *método* de revelação." John Herman Randall, *The Making of the Modern Mind* (Nova York: Columbia University Press, 1940), 267 (itálico no original). Da mesma forma, Stout escreve que os primeiros filósofos modernos que desistiram da autoridade tradicional "apenas substituíram uma classe de afirmações privilegiadas por outra (...) Eles não estavam discutindo a necessidade epistemológica de *algo parecido* com autoridade sagrada". Stout, *Flight*, 75 (itálico no original).

45 Citado em *Saving Leonardo*, 95. Para contexto adicional, veja *Soul of Science*, 139-40.

46 Alvin Plantinga, "How to Be an Anti-Realist". *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association* 56, no. 1. (setembro de 1982): 48. Para saber mais sobre a revolução copernicana de Kant, consulte *Saving Leonardo*, 181-83.

47 Immanuel Kant, *Philosophical Correspondence1759–1799*, Arnulf Zweig (org. e trad.) (Chicago: University of Chicago Press, 1967), 254.

48 Anthony Kenny, *An Illustrated Brief History of Western Philosophy* (Malden, MA: Blackwell, 2006), 377. Como Dooyeweerd diz, o empirismo leva ao "niilismo epistemológico". *New Critique*, II:332.

49 Alan Jacobs, "Psychological Criticism: From the Imagination to Freud and Beyond", *Contemporary Literary Theory: A Christian Appraisal*, Clarence Walhout e Leland Ryken (orgs.) (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991), 99, 119, 98.

50 Ernest Lee Tuveson, *The Imagination as a Means of Grace* (Los Angeles: University of California Press, 1960). Para fontes das citações desta seção por Coleridge, Herder, Wordsworth, e Yeats, veja *Saving Leonardo*, 183.

51 Herman Dooyeweerd, *A New Critique of Theoretical Thought* (Ontário: Paideia, 1984), I:46.

52 B. R. Hergenhahn e Tracy B. Henley, *An Introduction to the History of Psychology* (Belmont, CA: Wadsworth, 2014). Toda teoria educacional é, de igual modo, a aplicação de uma filosofia: veja George

R. Knight, *Philosophy and Education: An Introduction in Christian Perspective*, 4a ed. (Berrien Springs: Andrews University Press, 2006). Até mesmo a matemática, supostamente o campo mais objetivo de todos, tem sido profundamente influenciada pela filosofia: Veja *Soul of Science*, cs. 6 e 7; Clouser, *Myth*, c. 7, e "Is There a Christian View of Everything, from Soup to Nuts?", *Pro Rege*, junho de 2003.

53 C. S. Lewis, *The Screwtape Letters* (Nova York: HarperCollins, 1996), 2.

54 Da edição de 1984.

55 Veja Richard Bauckham, *Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 2008). Da mesma forma, o Antigo Testamento contém eventos que foram públicos e abertos à investigação empírica. No confronto de Moisés com os sacerdotes egípcios, sua capacidade de operar milagres era a autenticação de que falava pelo verdadeiro Deus. No confronto entre Elias e os profetas de Baal no Monte Carmelo, um milagre altamente visível constituiu provas a favor do Deus verdadeiro. Veja também 2Pedro 1.16-17; Atos 1.21-22, 3.15; 4.20. Em nossos dias, a evidência empírica continua fornecendo alguns dos mais convincentes argumentos para a existência de Deus, como o argumento do *design*, os argumentos para a historicidade da ressurreição, e provas da confiabilidade da Escritura vindas da arqueologia e do estudo de manuscritos antigos.

56 A primeira citação é de Justino Mártir, *Second Apology*, c. 13. Sua exata frase foi: "Sejam quais forem as coisas justamente [ou verdadeiramente] ditas entre todos os homens, são elas propriedade nossa, dos cristãos." No entanto, a verdade mais plena, disse ele, é encontrada em Cristo. A segunda citação foi cunhada por Jerônimo. Veja E. K. Rand, *The Founders of the Middle Ages* (Nova York: Dover, 1928), 64.

PRINCÍPIO 2 - Como Nietzsche vence

1 O relato a seguir é de uma entrevista pessoal com John R. Erickson, juntamente com um artigo de Erickson intitulado "Assaltado por Nietzsche" (inédito) e seu livro de memórias, *Small Town Author* (inédito).

2 Leil Lowndes, "How Neuroscience Can Help Us Find True Love", *Wall Street Journal*, 14 de fevereiro de 2013. Veja também Helen Fisher, *Why We Love: The Nature and Chemistry of Romantic Love* (Nova York: Henry Holt, 2004).

3 Richard Rorty, "Thugs and Theorists", *Political Theory* 15, no. 4 (novembro de 1987): 564-80.

4 Eles também roubaram mais do que os participantes que foram submetidos a uma condição neutra com declarações de controle, tais como "cana de açúcar e beterrabas são cultivadas em 112 países". Jesse Bering, "Scientists Say Free Will Probably Doesn't Exist, but Urge: 'Don't Stop Believing!'", *Scientific American*, 6 de abril de 2010. Outra experiência é relatada aqui: "A crítica mais comum do reducionismo – a ideia de que somos um saco de neurônios e nada mais – é que ele nos levará a tratar nossos companheiros seres humanos como se (...) bem, como se fossem um saco de neurônios e nada mais. John Evans, um sociólogo de religião na Universidade da Califórnia, San Diego, preocupa-se em testar se a

crítica tem algum mérito (...) Ele fez uma série de perguntas destinadas a suscitar atitudes dos participantes em relação ao comportamento. Eram a favor de permitir experimentos em prisioneiros sem consentimento dos mesmos? Da venda de órgãos humanos para obter lucro? Permitir suicídio no caso de pessoas que queriam economizar dinheiro? Intervir para parar o genocídio? De fato, ele descobriu que os que nutrem uma visão reducionista – que negam a posição especial da espécie humana na natureza, que acreditam que o comportamento é determinado apenas por processos físicos – são muito mais propensos a concordar com o maltrato de humanos. Evans não pôde tirar conclusões sobre se é o determinismo que causa esses pontos de vista. Mas as correlações entre eles, disse ele, são inconfundíveis". Andrew Ferguson, "The End of Neurononsense", *Weekly Standard*, 20 de outubro de 2014.

5 Note que esses resultados de fato oferecem evidências de que a liberdade de decisão é real. Se eu o encorajar a acreditar que pode voar, você ainda não pode voar. Acreditar que tem a capacidade não torna voar mais fácil. Em contrapartida, como esses estudos mostram, acreditar que você tem o poder de não trapacear *torna* não trapacear mais fácil. Conclusão: acreditar não faz diferença quando você não tem o poder de fazer algo de qualquer maneira, mas parece ajudá-lo exercer um poder que você tem. Assim, estes resultados suportam a realidade da liberdade de decisão (agradeço a Angus Menuge por este ponto de vista).

6 Francis Schaeffer analisou a história do pensamento ocidental como uma série de dualismos. Veja *Escape from Reason* e *The God Who Is There*. A análise de Schaeffer foi inspirada por Herman Dooyeweerd, que identificou três dualismos principais no pensamento ocidental: o dualismo grego entre matéria e forma, o dualismo medieval entre natureza e graça e o dualismo kantiano entre natureza e liberdade (Kant definiu a natureza em termos de uma máquina mecanicista e material, enquanto definiu liberdade em termos de normas morais que os seres humanos escolhem para si). Veja Herman Dooyeweerd, *Roots* e *New Critique*, passim, e *In the Twilight of Western Thought*, c. 2 (Grand Rapids, MI: Paideia, 2012).

7 Nicholas Humphrey, "Consciousness: The Achilles Heel of Darwinism? Thank God, Not Quite", em John Brockman (org.), *Intelligent Thought: Science versus the Intelligent Design Movement* (Nova York: Vintage, 2006), 58.

8 Colin McGinn, "All Machine and No Ghost?", *New Statesman*, 20 de fevereiro de 2012.

9 Francis Crick, *The Astonishing Hypothesis: The Scientific Search for the Soul* (Nova York: Touchstone, 1994), 3; e Daniel Wegner, *The Illusion of Conscious Will* (Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2002). A entrevista com Wegner é por Dennis Overbye, "Free Will: Now You Have It, Now You Don't", *New York Times*, 2 de janeiro de 2007.

10 Steven Pinker, *How the Mind Works* (Nova York: Norton, 2009), 24, *passim*; e "Is Science Killing the Soul?", Edge.org., 7 de abril de 1999, www.edge.org3rd_culture/dawkins_pinker/debate_p9.html.

11 O exemplo encontra-se em Teed Rockwell, *Dictionary of Philosophy of Mind*, s.v. "Eliminativism", http://philosophy.uwaterloo.ca/MindDict/eliminativism.html.

12 Emergentismo pode ser considerado como o oposto do reducionismo. Em vez de alegar que os fenômenos de nível superior podem ser reduzidos para níveis mais baixos e menos complexos, afirma que os níveis inferiores podem dar origem a níveis mais elevados e mais complexos. Cientistas identificam dois tipos de emergência: fraca e forte. Um exemplo de emergência fraca é a água. À temperatura do ambiente, o hidrogênio e o oxigênio são gases. Se isso fosse tudo o que sabemos, talvez não esperássemos que o produto de sua reação química fosse um líquido (H O). Contudo, o resultado é completamente 2 determinado por leis ordinárias da natureza atuando sobre as condições físicas iniciais. Por outro lado, uma emergência forte é uma afirmação sobre fenômenos que não podem ser explicados pelas leis ordinárias da natureza, tais como a mente e a consciência. Como escreve o filósofo David Chalmers, forte emergência envolveria "fenômenos cuja existência não é dedutível dos fatos sobre a distribuição exata de partículas e campos ao longo do espaço e do tempo (juntamente com as leis da física)". Isso "sugere que as novas leis fundamentais da natureza são necessárias para explicar esses fenômenos". No entanto, ninguém descobriu essas "novas leis fundamentais da natureza" ("Strong and Weak Emergence", http://consc.net/papers/emergence.pdf.).

13 Veja J. P. Moreland, "The Argument from Consciousness", em *Debating Christian Theism*, J. P. Moreland, Chad Meister e Khaldoun A. Sweis (orgs.) (Oxford: Oxford University Press, 2013); e Douglas Groothuis, *Christian Apologetics: A Comprehensive Case for Biblical Faith* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2011), c. 17.

14 Evan Fales, "Naturalism and Physicalism", em *The Cambridge Companion to Atheism*, Michael Martin (org.) (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), 120. Fales tenta resolver o mistério simplesmente decretando que a consciência *deve* ser natural: "Uma vez que tais processos evidentemente *produziram* consciência (...) a consciência é evidentemente um fenômeno natural" (itálico no original).

15 Colin McGinn, *The Problem of Consciousness* (Oxford: Basil Blackwell, 1993), 45; e *The Mysterious Flame* (Nova York: Basic Books, 1999), 13-14.

16 Mark A. Bedau, "Weak Emergence", em J. Tomberlin (org.), *Philosophical Perspectives: Mind, Causation, and World*, vol. 11 (Malden, MA: Blackwell, 1997), 375-99. Para uma discussão detalhada das várias versões do emergentismo, veja J. P. Moreland, *Consciousness and the Existence of God: A Theistic Argument* (Nova York: Routledge, 2008).

17 Galen Strawson, *Real Materialism and Other Essays* (Oxford: Oxford University Press, 2008), 6 (itálico acrescentado).

18 Thomas Reid, An Inquiry into the Human Mind, Derek R. Brookes (org.) (University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 1997), 215-16.

19 O filósofo Jaegwon Kim soletra o problema. Por um lado, muitos filósofos que adotam o materialismo ou o naturalismo negam que a consciência seja real, sustentando que os estados mentais são ficções. Por outro lado, Kim escreve: "Contraste essa humilde posição de consciência na ciência e metafísica com a sua posição elevada na teoria de filosofia e valor moral." Quando os filósofos discutem o que é intrinsecamente bom, o que torna a vida digna de ser vivida, na maioria das vezes a resposta é felicidade,

ou amor, ou significado ou mesmo simplesmente prazer. Mas estes são todos aspectos da experiência consciente. "É um fato irônico que as qualidades sentidas da experiência consciente, talvez as únicas coisas que realmente importam para nós, são muitas vezes deixadas, no resto da filosofia, numa posição de "qualidades secundárias", na sombria zona entre o real e o irreal, ou mesmo totalmente ejetadas." *Physicalism, or Something Near Enough* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2005), 10-12.

20 Arthur Schopenhauer, *The World as Will and Representation*, vol. 2 (Mineola, NY: Dover, 1958), 13. Da mesma forma, o romancista católico Walker Percy escreve: "O Ego, desde a época de Descartes, tem sido bloqueado, separado de tudo no Cosmos, uma mente que professa entender corpos e galáxias, mas é (...) abandonada no cosmos, com o qual não tem nenhuma ligação." *Lost in the Cosmos: The Last Self-Help Book* (Nova York: Picador, 1983), 47.

21 Ian Barbour, *Issues in Science and Religion* (Nova York: Harper & Row, 1972), 67. Para mais detalhes sobre o panteísmo romântico, consulte M. H. Abrams, *Natural Supernaturalism: Tradition and Revolution in Romantic Literature* (Nova York: Norton, 1971). Buscando apoio científico, os românticos ataram-se ao trabalho de Leibniz, contemporâneo de Newton. Para Newton, tudo era composto de átomos, minúsculas partículas sólidas de matéria. Para Leibniz, tudo era composto de mônadas, pequeninos centros de energia espiritual ou mental. O termo *mônada* deriva do neoplatonismo, e Leibniz o empregava para dizer que a natureza é um vasto organismo imbuído de uma alma ou espírito. "Toda a natureza dos corpos não se esgota em sua extensão, isto é, seu tamanho, forma e movimento", escreveu ele. Em vez disso, "temos de reconhecer algo que corresponde à alma". Veja *Soul of Science*, 84.

22 Randall, *Making*, 419.

23 Walker Percy, *Signposts in a Strange Land* (Nova York: Picador, 1991), 278. O Papa João Paulo II era um filósofo treinado. "Ele ressalta que a separação radical entre as duas grandes correntes da filosofia ocidental [realismo contra idealismo] teve origem na absolutização de um dos dois aspectos da experiência humana" – ou na experiência externa (absolutizar o mundo material) ou experiência interna (absolutizar a consciência). Jaroslaw Kupczak, *Destined for Liberty: The Human Person in the Philosophy of Karol Wojtyla/John Paul II* (Washington, DC: Catholic University Press, 2000), 76. Veja também Rocco Buttiglione, *Karol Wojtyla: The Thought of the Man Who Became Pope John Paul II* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997), 68, 72. Para uma discussão mais ampla, veja meu capítulo *"Evangelium Vitae*: John Paul II Meets Francis Schaeffer", em *The Legacy of John Paul II: An Evangelical Assessment*, Tim Perry (org.) (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007).

24 Para uma análise mais completa dessas duas tradições filosóficas, traçando sua expressão através das artes e humanidades, consulte *Saving Leonardo*, caps. 4-9.

25 Arthur Lovejoy escreve que um aspecto notável do romantismo foi "um renascimento da influência direta do neoplatonismo". *The Great Chain of Being: A Study of the History of an Idea* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1964), 297. Paul Reiff escreve: "Se vamos falar de qualquer um como uma 'chave' para a compreensão do romantismo, apenas a um homem cabe tal mérito, Plotino", o fundador do neoplatonismo. Citado em Abrams, *Natural Supernaturalism*, 428. O neoplatonismo, que foi fundado

por Plotino, foi o principal caminho pelo qual o pensamento grego influenciou teólogos cristãos durante toda a Idade Média (incluindo Agostinho, Orígenes, Pseudo-Dionísio, João Escoto Erígena e os pais da Capadócia). Mesmo outras filosofias, como o aristotelismo, eram tipicamente lidas através de uma lente neoplatônica, até que escritos adicionais de Aristóteles tornaram-se disponíveis sob a forma de traduções para o árabe (século 12) e cópias gregas de Constantinopla (século 13). O neoplatonismo também foi o cerne da Academia Platônica em Florença, que tanto fez para lançar o Renascimento. No nascimento da ciência moderna, o neoplatonismo influenciou figuras tão diversas como os primeiros químicos Paracelso e Van Helmont, os astrônomos Copérnico e Kepler, e Leibniz e Newton (veja *Soul of Science*). Portanto, não é surpreendente que os românticos ainda consideravam o neoplatonismo como uma opção intelectual viável. Lloyd Gerson resume: "Nos escritos dos filósofos do Renascimento italiano, os humanistas dos séculos15 e 16, John Colet, Erasmo de Rotterdam, e Thomas More, os platônicos de Cambridge do século 17 e os idealistas alemães, especialmente Hegel, o pensamento de Plotino foi (às vezes não reconhecidamente) a base para a oposição à concorrente e cada vez mais influente tradição da filosofia científica." "Plotinus", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Edward N. Zalta (org.), verão de 2014 ed, http://plato .stanford.edu/archives/sum2014/entries/plotinus/.

26 Veja Lovejoy, *Great Chain*. Tecnicamente, neoplatonismo não é panteísmo, mas panenteísmo. Qual é a diferença? No panteísmo clássico, o mundo material é uma ilusão. No panenteísmo, o mundo material é real, mas é uma concretização do divino e imbuído de espírito. Como uma ilustração, pense em uma fonte em cascata no inverno congelante, quando a camada superior congela: o gelo é uma solidificação da água em si, enquanto a água continua correndo abaixo da superfície. Como uma essência não pessoal cria o mundo, uma vez que não pode agir ou desejar conscientemente? O neoplatonismo respondeu que o Um estava tão "cheio" de ser que ele simplesmente emanou outros seres automaticamente, por necessidade, sem qualquer intenção consciente, como o sol irradiando sua luz ou uma fonte jorrando água. Algumas dessas ideias estavam no ar cultural quando o Novo Testamento estava sendo escrito, especialmente no início do gnosticismo. Em Colossenses, quando Paulo fala de "tronos, dominações, principados, e autoridades", ele está se referindo às entidades espirituais (níveis mais altos) que emanam do Um, a partir da "plenitude" de seu ser. Na verdade, "plenitude" era um termo técnico (em grego: pleroma) que descreve a soma desses níveis espirituais mais elevados. Então, quando Paulo diz que em Cristo "habita, corporalmente, toda a plenitude [pleroma] da Divindade" (Cl 2.9), ele está se apropriando desse termo do gnosticismo, proclamando que toda a gama de divindade não reside em múltiplas emanações espirituais do Um, mas unicamente em Cristo.

27 Eagleton, *Culture and the Death of God*, 96; e Ralph Waldo Emerson, "The Over-Soul", em *Self-Reliance, the Over-Soul and Other Essays* (Claremont, CA: Coyote Canyon, 2010), 56.

28 Veja Lovejoy, "The Temporalizing of the Chain of Being", c. 9 em *Great Chain*, 242-87. A metáfora da escada rolante vem de Mary Midgley, *Evolution as a Religion* (Londres: Methuen, 1985). Nos capítulos que contribuí em *How Now Shall We Live?* mostro que diversas ideologias modernas são variações do mito da escada rolante, sobretudo o Marxismo e os muitos movimentos de libertação, que são suas ramificações. Veja os capítulos 23-29.

29 Friedrich Nietzsche, *The Gay Science*, livro 5, aforismo 357. Por causa de Hegel, muitos europeus já estavam pensando em categorias evolutivas antes de Darwin e estavam apenas à espera de alguém que preenchesse o espaço da peça biológica do quebra-cabeça; e Georg Wilhelm Friedrich Hegel, *Philosophy Works (3 in 1),* William Wallace (trad.) (Oxford: Clarendon Press, 1894), *Philosophy of Right*, seção 342. A palavra "mente" é a palavra alemã *Geist* (um cognato do inglês *ghost*) e é traduzida como "espírito" ou "mente".

30 John Herman Randall, *Philosophy after Darwin* (Nova York: Columbia University Press, 1977), 8.

31 "Assim como o ideal da ciência clássica absolutizou o aspecto de movimento mecânico, o ideal da ciência histórica absolutizou o aspecto da história." Dooyeweerd, *Roots*, 183. Para precursores do historicismo de Hegel, veja John Passmore, "Progress by Natural Development: From Joachim to Marx", c. 11, em *The Perfectibility of Man*, 3 ed. (Indianápolis: Liberty Fund, 2000).

32 Passmore, *Perfectibility*, 369.

33 Steven Pinker, "The Trouble with Harvard", *New Republic*, 4 de setembro de 2014.

34 Solomon, *Continental Philosophy*, 57. Por exemplo, para Hegel, a moralidade não era "uma questão de princípio racional, mas parte de uma vida de valores, sentimentos e costumes compartilhados" dentro de comunidades específicas (70); e Hegel, *Philosophy of Right*, seção 344. "O idealismo de Hegel via a história como um desdobramento do espírito absoluto através de um processo dialético necessário, e este quadro deixou pouco espaço para a liberdade ou para a importância das pessoas individuais." Thomas Williams e Jan Olof Bengtsson, "Personalism", em *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 12 de novembro de 2009.

35 A secularização do pensamento de Hegel foi, em parte, trabalho de seus seguidores, muitos dos quais eram materialistas, como Marx (Marx gostava de dizer que ele "virou Hegel do avesso", ao propor que as forças materiais moldam as ideias, em vez de o contrário). Outros progressivamente diminuíram a Mente Absoluta. Primeiro, tornaram-na consciência humana: consciência humana absolutizada pela fenomenologia (Husserl falou de consciência como "ser absoluto"). Então, tornaram-na consciência individual: o existencialismo tratava o ego como absoluto (Merleau-Ponty escreveu: "Eu sou a fonte absoluta"). Veja Solomon, *Continental Philosophy*, cs. 9, 12.

36 Para Hegel, "o indivíduo só pode existir como tal dentro de comunidades específicas. O indivíduo é um produto em vez de uma premissa da ordem social". David West, *Introduction to Continental Philosophy*, 2a ed. (Malden, MA: Polity, 2010), 40. Para Hegel, até mesmo o Cristianismo é apenas uma forma mitológica de falar sobre a evolução da consciência: o verdadeiro significado da sequência narrativa da morte e ressurreição de Jesus "é que representa a negação da consciência individual (morte) e (...) a passagem da consciência individual ao espírito geral, que é a consciência comunitária (ressurreição)". Hans Frei, *The Eclipse of Biblical Narrative: A Study in Eighteenth and Nineteenth Century Hermeneutics* (New Haven, CT: Yale University Press, 1974), 318.

37 Dooyeweerd, *Roots*, 179. Dooyeweerd estava escrevendo antes da ascensão do pós-modernismo, mas viu claramente que as mesmas tendências já eram evidentes no romantismo: "O romantismo substituiu o evangelho do *indivíduo* autônomo e indefinido [do Iluminismo] pelo evangelho da *comunidade* autônoma e individual." *Roots*, 178-79.

38 Stanley J. Grenz, *A Primer on Postmodernism* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 199), 8. Terry Eagleton afirma que, no pós-modernismo, a cultura "funciona como uma espécie de absoluto". Ele acrescenta que, neste sentido, o pós-modernismo se mostra como um sucessor para o idealismo, para quem "cultura é um nome secular para Deus". *Culture and the Death of God*, 191, 77. Rorty, "Solidarity or Objectivity", em *Objectivity, Relativism, and Truth* (Cambridge: Cambridge University Press, 1991), 23.

39 Don Cupitt, *Is Nothing Sacred? The Non-Realist Philosophy of Religion* (Nova York: Fordham University Press, 2002), 34. De acordo com J. P. Moreland e William Lane Craig, as duas principais correntes de pensamento ocidental são "naturalismo iluminista e antirrealismo pós-moderno". *Philosophical Foundations for a Christian Worldview* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003), 1.

40 Nietzsche, "On Truth and Lie in a Nonmoral Sense" (1873), *Philosophy and Truth: Selections from Nietzsche's Notebooks of the Early 1870s*, Daniel Breazeale (trad. e org.) (Atlantic Highlands, NJ: Humanities, 1979), 88.

41 O filósofo Roger Scruton escreve: "A suposição de que não há certeza em primeira pessoa, o que fornece um ponto de partida para a investigação filosófica (...) foi finalmente removida do centro da filosofia." *A Short History of Modern Philosophy: From Descartes to Wittgenstein* (Nova York: Taylor & Francis, 2002), 292. Veja a discussão por Roger Lundin, "Interpreting Orphans: Hermeneutics in the Cartesian Tradition", em *The Promise of Hermeneutics* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999).

42 Katherine Timpf, "Harvard Plans 'Mandatory Power and Privilege Training' for Poli-Sci Students", *Campus Reform*, 13 de maio de 2014.

43 "Seria de se esperar que qualquer jovem precoce o suficiente para ler Kant teria a capacidade de reconhecer o contexto histórico e de abordar criticamente afirmações que soem antiéticas, intolerantes, ou cientificamente antiquadas aos seus ouvidos modernos. Seria de se esperar que os pais que compram Kant para seus filhos pudessem fazer o mesmo sem repreensão dos editores." Josh Jones, "Publisher Places a Politically Correct Warning Label on Kant's *Critiques*", *Open Culture*, 20 de março de 2014.

44 Dallas Willard, "What Significance Has 'Postmodernism' for Christian Faith?", www.dwillard.org/articles/artview.asp?artID=70.

45 Richard Rorty, *Contingency, Irony, and Solidarity* (Cambridge: University of Cambridge Press, 1999), 22.

46 Rorty, *Contingency*, 21.

47 Dooyeweerd, *New Critique*, I:58, n. 3.

48 Nirvana "é um estado sem e além do desejo ou existência pessoal, individual". "Apesar das diferenças consideráveis entre estas duas religiões (e do pluralismo dentro de cada religião), a experiência de iluminação tanto do nirvana (Budismo) quanto do moksha (hinduísmo) exige a negação da individualidade e da personalidade." A existência pessoal do indivíduo "é dissolvida no divino impessoal". Groothuis, *Christian Apologetics*, 385-87.

49 Ivan Granger, "Li Po – The Birds Have Vanished into the Sky [the title of the poem]", *Poetry Chaikhana Blog*, 18 de março de 2013, www.poetry-chaikhana .com/blog/2013/03/18/li-po-the-birds-have-vanished-into-the-sky-2/. Granger continua: "A 'montanha' é finalmente reconhecida como seu verdadeiro Eu, seu único ego, eterno." Ou seja, seu ego individual se dissolve na divindade panteísta.

50 Lit-sen Chang, *Zen-Existentialism: The Spiritual Decline of the West*, citado em Walter R. Martin, *Kingdom of the Cults*, revisado, atualizado e expandido (Grand Rapids, MI, MI: Bethany, 2003), 309.

51 Um movimento filosófico chamado personalismo destacou que as cosmovisões iluminista e romântica desumanizam a pessoa: "O personalismo (...) só surgiu no contexto da ampla reação crítica contra o que pode ser chamado de várias filosofias *impersonalistas* que passaram a dominar o iluminismo e o romantismo sob a forma de versões racionalistas e românticas de panteísmo e idealismo (...) Assim, o personalismo surgiu como uma reação a modos de pensar impersonalistas, que foram percebidos como desumanizantes. A dinâmica impessoal do panteísmo moderno e do monismo, em ambas as suas formas, racionalista e romântica, está por trás de muitas filosofias modernas que o personalismo combate, idealistas e materialistas (...) Certas características distintivas que geralmente definem o personalismo como tal podem ser discernidas. Estas incluem uma insistência sobre a diferença radical entre as pessoas e as não pessoas e sobre a irredutibilidade da pessoa a fatores impessoais espirituais ou materiais." Williams and Bengtsson, "Personalism", *Stanford Encyclopedia of Philosophy.*

52 No Corão, o anjo Gabriel é retratado afirmando que está "confirmando escrituras anteriores" (Sura 2.97). Tais escrituras anteriores são a Torá hebraica, os Salmos de Davi, e os Evangelhos de Jesus Cristo (Sura 4.163; 5.44-48).

53 Sura 4.171.

54 Seyyed Hossein Nasr, *Islam: Religion, History, and Civilization* (Nova York: HarperOne, 2002), 3, 6; e veja *Total Truth*, apêndice 2. O filósofo francês René Guénon (que se converteu ao Islã) argumentou que o conceito do divino como um Absoluto não pessoal é um núcleo comum que une neoplatonismo no Ocidente, *hinduísmo no Oriente, e Islã no Oriente M* édio. Veja Parviz Morewedge (org.) , *Neoplatonism and Islamic Thought: Studies in Neoplatonism, Ancient and Modern*, vol. 5 (Nova York: SUNY, 1992); Majid Fakhry, *Al-Farabi, Founder of Islamic Neoplatonism: His Life, Works and Influence* (Rockport: Oneworld, 2002); e Ian Richard Netton, *Muslim Neoplatonists: An Introduction to the Thought of the Brethren of Purity* (Ikhwan Al-Safa') (Nova York: Routledge, 2003). Um resumo útil por Netton pode ser encontrado em "Neoplatonism in Islamic Philosophy", Islamic Philosophy Online, www.muslimphilosophy.com/ip/rep/H003.htm.

55 C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: HarperOne, 2000), 174. A mesma fraqueza intelectual assola o unitarianismo e o deísmo, que têm funcionado para muitas pessoas no Ocidente como trampolins temporários, saindo de um forte teísmo cristão para o completo ateísmo.

56 Robert Letham, *The Holy Trinity: In Scripture, History, Theology, and Worship* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2004), 444-46. Da mesma forma, o teólogo Peter Toon escreve: "A compreensão cristã de personalidade flui a partir da doutrina cristã das três pessoas que são Deus (...) Se Deus é simplesmente uma mônada, então ele não pode ser ou conhecer a personalidade. Para ser pessoal, a alteridade deve estar presente juntamente com a unidade, o um deve estar em relação com outros." *Our Triune God: A Biblical Portrayal of the Trinity* (Vancouver: Regent College Publishing, 1996), 241. Veja também Anthony Thiselton, "Further Issues on 'Interpreting God': Christology and Trinity", c. 23, em *Interpreting God and the Postmodern Self: On Meaning, Manipulation and Promise* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995). Henri Blocher comenta: "Se Deus é pego na bipolaridade perene do Um e dos Muitos (...) ele não pode reivindicar verdadeira independência, primazia absoluta e supremidade. Ele é definido em referência a outro princípio que não ele mesmo e está incluído em conjunto com o mundo plural em uma totalidade mais ampla – ele é *correlativo*. Para Deus ser autárquico, autossuficiente, "autônomo (...) ele precisa ser a fundação tanto da unidade quanto da diversidade, mantendo-as eternamente dentro de si mesmo". Ou seja, Deus deve ser uma Trindade. "Immanence and Transcendence in Trinitarian Theology", em *The Trinity in a Pluralistic Age: Theological Essays on Culture and Religion*, Kevin J. Vanhoozer (org.) (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997).

57 Williams e Bengtsson, "Personalism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Isso explica por que muitos filósofos islâmicos adotaram o neoplatonismo, com o seu conceito não pessoal do divino Um.

58 Udo W. Middelmann, "The Islamization of Christianity", Francis A. Schaeffer Foundation, www.theschaefferfoundation.com/footnote4_1.php.

59 "Ninguém pensou que é importante para as crianças compreender o significado do Corão – afinal, até mesmo adultos, até mesmo os grandes teólogos, compreendem apenas trechos de seu significado total. O importante na educação era a memorização da Palavra de Deus. As palavras faladas devem ser aprendidas de cor de maneira que sua recitação torne-se natural (...) Sempre foi reconhecido que a mais essencial aprendizagem formal era a memorização da palavra divina, independentemente de seu significado ser entendido." Sachiko Murata e William C. Chittick, *The Vision of Islam* (Nova York: Paragon, 1994), xvi, xviii, xxxvii-xxxviii. Os sociólogos nos dizem que um foco no ritual mecânico é típico de religiões que têm uma concepção menos pessoal de Deus. Essas religiões tendem a enfatizar a precisão no desempenho de rituais e fórmulas sagradas (aplacar os deuses torna-se semelhante a magia, o que envolve manipulação de forças, não interação com um ser pessoal). Em contraste, as religiões que têm um Deus altamente pessoal se preocupam menos com a precisão nos rituais porque um Ser pessoal com conhecimento das intenções internas do adorador responderá a súplica improvisada e a oração espontânea. Veja Stark: "Why Gods Should Matter in Social Science". Veja também Justin L. Barrett, "Smart Gods, Dumb Gods, and the Role of Social Cognition in Structuring Ritual Intuitions", *Journal of Cognition and Culture* 2, no. 3 (2002): 183-93.

60 Richard Schweder, "Atheists Agonistes", *New York Times*, 27 de novembro de 2006.

61 Veja Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karei Bartošek, Jean-Louis Margolin, *The Black Book of Communism* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990). Veja também R. J. Rummel, *Death by Government* (New Brunswick, NJ: Transaction 1996); e Jung Chang e John Halliday, *Mao: The Unknown Story* (Nova York: Random, 2006).

62 Gilson, *God and Philosophy*, 136.

63 Aldous Huxley, *The Devils of Loudun* (Nova York: HarperCollins, 1952), 123.

64 John Gray, "The Atheist Delusion", *Guardian*, 14 de março de 2008.

65 Esses jugos escravizantes podem até mesmo ser demoníacos. A Bíblia frequentemente trata ídolos como fachadas para as forças espirituais. No Antigo Testamento, o salmista diz que os israelitas sacrificavam seus filhos aos demônios: "Imolaram seus filhos e suas filhas aos demônios (...) que sacrificaram aos ídolos de Canaã" (Sl 106.37-38). No Novo Testamento, Paulo adverte que os sacrifícios pagãos são "oferecidos aos demônios" (1Co 10.19-20 NVI). O que essa franca linguagem sobrenatural quer dizer? Muitas filosofias tratam o mal como uma mera privação do bem, como o escuro é a ausência de luz. Mas aqueles que sofreram sob regimes opressivos e sanguinários muitas vezes falam da experimentação do mal como uma força malévola ativa. O pastor romeno Richard Wurmbrand, que ficou preso por autoridades comunistas durante catorze anos, relata que os guardas torturavam os detentos, gritando: "Nós somos o diabo". Richard Wurmbrand, *Tortured for Christ* (Basingstoke, UK: Marshall Pickering, 1983) 35. Em suma, o bem e o mal não são meras abstrações. Da mesma forma que a bondade tem a sua fonte em um Ser pessoal, assim, também, muito do mal no mundo está ligado a poderosos seres pessoais.

66 Isaiah Berlin, *The Roots of Romanticism* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1999), 3.

67 G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Rockville, MD: Serenity, 2009), 54.

68 Johnson, *First Step*, 33.

69 Veja Hays, *Echoes*, 38.

PRINCÍPIO 3 - Atos seculares de fé

1 Deborah Mitchell escreve em um blog sob o nome TXBlue08. "Why I Raise My Children without God", CNN iReport, 14 de janeiro de 2013, http://ireport.cnn.com/docs/DOC-910282. Mitchell é a autora de *Growing Up Godless: A Parent's Guide to Raising Kids without Religion* (Nova York: Sterling Ethos, 2014).

2 O argumento da autora da CNN sobre o mal falha logicamente também. Se o meu argumento contra Deus é que o mundo tem muita injustiça e crueldade, isso pressupõe um padrão moral pelo qual

podemos identificar a injustiça. Mas um universo puramente material não gera padrões morais. Diz-nos apenas o que é, não o que *deveria* ser. Sendo assim, o materialismo não fornece uma base para dizer que o mundo é injusto. Além disso, se os humanos não são nada além de complexas máquinas bioquímicas, então chamar suas ações de más é ilógico. As máquinas não têm a capacidade de escolher o bem ou o mal, nem nós as responsabilizamos por suas ações.

3 O fenomenologista Edmund Husserl é a origem da maioria dessas frases. Veja Richard Kearney, *Modern Movements in European Philosophy*, 2a ed. (Manchester: Manchester University Press, 1994), 13-15. Dooyeweerd aplica os termos "experiência pré-teórica" ou "experiência ingênua". Isto não é o mesmo que "realismo ingênuo" ou uma cópia da teoria do conhecimento; em vez disso, refere-se a um "dado pré-teórico, correspondendo com a estrutura integral" da experiência. *Twilight*, 14. A epistemologia reformada concebe mais ou menos a mesma ideia em seu conceito de conhecimento "propriamente básico" – aquilo que sabemos imediatamente, não como resultado de inferência lógica ou argumento discursivo. A epistemologia reformada, por sua vez, foi inspirada, em parte, pelo realismo do senso comum de Thomas Reid, que argumentou que existem verdades "que a constituição de nossa natureza nos leva a crer, e das quais estamos sob uma necessidade de ter como certas nas preocupações comuns da vida, sem sermos capazes de dar uma razão para elas". *Inquiry*, 33. Para mais detalhes, consulte *Total Truth*, capítulo 11.

4 Dooyeweerd, *New Critique*, I:83 e *Twilight*, 14. Através da experiência concreta pré-teórica, os humanos têm acesso a "inegáveis situações" na "ordem cósmica" – inegáveis porque "forçam a si mesmas em todo mundo". E "é a tarefa comum de todas as escolas e tendências filosóficas explicá-las". *New Critique*, I:115-16; II:71-73.

5 J. P. Moreland, *The Recalcitrant Imago Dei: Human Persons and the Failure of Naturalism* (Londres: SCM, 2009), 4.

6 Alvin Plantinga escreve: "Algumas pessoas pensam que o próprio João Calvino, o *fons et origo* da Reforma, aceitou o determinismo. Mas isso está longe de ser claro. Claro, Calvino endossa a predestinação: mas o determinismo não segue. Predestinação, como Calvino a vê, tem a ver com a salvação, não com se eu posso livremente optar por dar um passeio esta tarde." Plantinga, "Bait and Switch", *Books and Culture*, janeiro/fevereiro de 2013. O mesmo se passa com Lutero, que escreveu *The Bondage of the Will* argumentando que os seres humanos não podem fazer nada para contribuir para a sua salvação. Mas não significa que não possamos escolher o que vestir hoje.

7 Sean Carroll, "Free Will Is as Real as Baseball", *Cosmic Variance* (blog), *Discover*, 13 de julho de 2011, http://blogs.discovermagazine.com/cosmicvariance/2011/07/13/free-will-is-as-real-as-baseball/#.VHSb7r4ULyx. Carroll está parafraseando John Searle, *Freedom and Neurobiology: Reflections on Free Will, Language, and Political Power* (Nova York: Columbia University Press, 2004), 11.

8 C. S. Lewis invoca o mesmo argumento em sua discussão de moralidade em *Mere Christianity*, o qual se baseia no fato de que os homens, inevitável e irresistivelmente, fazem julgamentos morais – e, portanto, seria melhor encontrar uma filosofia que contabilize esse comportamento: em suas palavras, "somos

forçados a acreditar em um verdadeiro certo e errado" (7). A moralidade está entre aquelas "coisas que somos *obrigados* a pensar" (14). "Gostemos ou não, acreditamos na Lei da Natureza" (8). "Nós *não podemos nos livrar* da ideia [da Lei Moral], e a maioria das coisas que dizemos e pensamos sobre os homens seria reduzida a absurdo se o fizéssemos" (20). Por exemplo, se não reconhecermos o certo e o errado verdadeiros, então "todas as coisas que dissemos sobre a guerra [ou seja, os males do Nazismo] eram um disparate" (5) (todos os itálicos acrescentados). O argumento de Lewis (embora não o declare explicitamente) é que existem certas maneiras de pensar e agir que são intrínsecas à natureza humana, e que essa experiência humana base deve indicar nossa filosofia. Resumindo, é melhor encontrar uma filosofia que faz sentido de como os humanos inevitavelmente comportam-se.

9 Citado em Saul Smilansky, *Free Will and Illusion* (Oxford: Clarendon, 2000), 169. Fundamentalmente, o poder de escolha é simplesmente a capacidade de redirecionar o curso dos acontecimentos. Todo o mundo de artefatos humanos – cidades e edifícios, tecnologia e computadores, livros e filmes – dá eloquente testemunho da capacidade humana de utilizar forças naturais para criar coisas que a natureza, agindo por conta própria, não criaria. Dooyeweerd observa que o conceito de cultura humana "significa, essencialmente, a livre formação da matéria". *Roots*, 21.

10 Smilansky, *Free Will*, 284, 166.

11 Rick Lewis diz: "A natureza da consciência é um problema filosófico que tem alcançado protagonismo, principalmente nos últimos anos." "Consciousness", *Philosophy Now*, julho/agosto de 2014. Uma terceira posição, a qual é comum entre filósofos, é chamada compatibilismo, que aceita o determinismo enquanto afirma que os humanos, ainda assim, possuem poder de decisão. Que tipo de poder de decisão? A definição dos compatibilistas de uma ação livre é aquela impulsionada de dentro, a partir dos desejos e razões, sem restrições externas. Mas esses desejos e motivos internos são considerados determinados. Todos os nossos estados mentais surgem de outros estados fora de nossas mentes e, portanto, fora de nosso controle. Não é isso o que as pessoas comuns querem dizer com poder de decisão. Por exemplo, ao discutir o compatibilismo de Daniel Dennett, Michael Norwitz escreve: "Há um sacrifício em que ele perde a noção de nossos pontos de vista habituais, de senso comum do que são a mente e o livre-arbítrio. Dennett afirma que está praticando filosofia da linguagem comum, mas eu suspeito que ele tem sido um acadêmico por tanto tempo que se esqueceu do que interessa às "pessoas comuns." O compatibilismo de Dennett vem "à custa de não abordar realmente aquilo com o que nos preocupamos quando nos preocupamos se temos poder de decisão, ou responsabilidade." "Free Will and Determinism", *Philosophy Now*, julho/agosto de 2014.

12 Galen Strawson, entrevistado por Tamler Sommers, "You Cannot Make Yourself the Way You Are", *The Believer*, março de 2003. Por "livre-arbítrio radical", Strawson diz que quer dizer o uso comum do termo: "Eu quero dizer aquilo que quase todos pensam sobre isso. Quase todos os seres humanos acreditam que são livres para escolher o que fazer, de tal maneira que possam ser verdadeira e genuinamente responsáveis por suas ações no mais forte sentido possível (...) e assim, moralmente responsáveis quando questões morais estão em pauta."

13 Galen Strawson, "On Free Will", *Richmond Journal of Philosophy* 4, verão de 2003.

14 Johnson, *First Step*, 11.

15 Edward Slingerland, *What Science Offers the Humanities: Integrating Body and Culture* (Nova York: Cambridge University Press, 2008), 6, 218, 289-95 (itálico no original).

16 Às vezes, o termo *dualismo* é usado para descrever o ensino bíblico de corpo e alma, mas a diferença crucial é que, na visão bíblica, essas duas coisas são complementares, não contraditórias. Nas palavras de Paulo, o corpo é o "homem exterior", o meio pelo qual nos relacionamos com o mundo material, enquanto a alma é o "homem interior" (2Co 4.16). Na morte, os humanos passam por uma separação temporária de corpo e alma, mas é por isso que a morte é chamada de "o último inimigo" (1Co 15.26) – porque separa o que Deus projetou para ser unificado. E na nova criação, eles serão reunificados, eternamente.

17 Julie Reuben, *The Making of the Modern University: Intellectual Transformation and the Marginalization of Morality* (Chicago: University of Chicago Press, 1996), 17.

18 Marvin Minsky, *The Society of Mind* (Nova York: Simon & Schuster, 1986), 307 (itálico no original na primeira parte da citação, itálico acrescentado na última parte da citação).

19 Um "ato existencialista" significa afirmar que, por motivos racionais, a vida não tem sentido e, ao mesmo tempo, declarar – sem razões racionais – que tem. "Por um lado, o existencialista procura manter-se fiel à sua visão original da insignificância e inutilidade de tudo (...) por outro, sua gritante realidade pessoal é que ele se encontra incapaz de apropriar-se da verdade do niilismo existencial, e incapaz de afirmá-lo como a sua verdade pessoal (...) é neste ponto que ele se agarra ao artifício do compromisso, na esperança de salvar-se da desilusão niilista através de um salto desesperado em direção a uma fé que irá restaurar o propósito e o significado ao seu mundo despedaçado." R. W. K. Paterson, *The Nihilistic Egoist: Max Stirner* (Oxford: 1971), 238.

20 Smilansky, *Free Will*, 6, 145, 187. Para o que Smilansky quer dizer com "moralmente necessária", veja 7-8, 153, 158, 278. Nós "não podemos viver" com base no determinismo: 154, 170, 246, 296. Nós "devemos" promover a ilusão do poder de decisão: 187-88 (itálico no original).

21 A avaliação é de Tom Clark, "The Viability of Naturalism", Naturalism.org, www.naturalism.org/resource.htm. Da mesma forma, Matt Ridley escreve em seu livro best-seller *Genome*: "A total responsabilidade pelas ações é uma ficção necessária, sem que a qual a lei tropeçaria, mas é uma ficção do mesmo jeito." *Genome: The Autobiography of a Species in 23 Chapters* (Nova York: HarperCollins, 1999), 309.

22 Richard Dawkins, "Let's All Stop Beating Basil's Car", *Edge*, http://edge.org /response-detail/11416.

23 As observações de Dawkins foram feitas em uma sessão de perguntas e respostas em uma livraria na área de Washington, DC. Elas estão descritas em *Saving Leonardo*, 152-53. Claro que nem mesmo o conceito de uma máquina em mau funcionamento tem lugar na filosofia materialista de Dawkins, porque implica teleologia – que algo tem um propósito ou padrão que não está a cumprir. Dawkins está tentando

evitar a linguagem moral do bem e do mal, mas o conceito de mau funcionamento requer algum padrão de bom funcionamento.

24 Citado em Walter Isaacson, *Einstein: His Life and Universe* (Nova York: Simon & Schuster, 2007), 391, 392 (itálico acrescentado). O que Einstein ignorou é que até mesmo seu trabalho científico depende de poder de decisão: "Se Einstein não tivesse poder de decisão em algum sentido significativo, ele não poderia ter sido responsável pela teoria da relatividade – ela teria sido um produto de processos de nível inferior, não de uma mente inteligente escolhendo entre possíveis opções." George Ellis, entrevistado por John Horgan, "Physicist George Ellis Knocks Physicists for Knocking Philosophy, Falsification, Free Will", *Scientific American*, 22 de julho de 2014.

25 Immanuel Kant, *Critique of Pure Reason*, Werner Pluhar (trad.) (Indianápolis: Hackett, 1996), A811. Exemplos adicionais do raciocínio de Kant de *como se*: na teologia, nunca poderemos saber se Deus é a causa do mundo, mas podemos ver "todos os objetos *como se* pautassem sua origem a partir de tal arquétipo" (CRP A673 / B701). Na cosmologia, nunca poderemos saber se o mundo tem um começo ou um fim, mas somos capazes de funcionar "*como se* tivesse um começo absoluto, através de uma causa inteligível" (CRP A685 / B713). Nós não podemos saber se existe um Criador, mas podemos "considerar todas as conexões no mundo de acordo com princípios de uma unidade sistemática, *como se* tivessem surgido a partir de um único ser abrangente, como causa suprema e suficiente." (CPR A686 / B714). Na psicologia, não podemos explicar a alma ou o ego, mas nós podemos "conectar todas os aspectos, todas as ações e receptividade de nossa mente, *como se* a mente fosse uma simples substância que persiste com a identidade pessoal" (CRP A672 / B700). Veja Howard Caygill (org.), *A Kant Dictionary*, s.v. "As-if" (Oxford: Blackwell Publishing, 1995), 86. Kant nomeia o raciocínio *como se* de "princípios reguladores". O químico e filósofo Michael Polanyi denuncia o pensamento *como se* como uma forma de prevaricação – a "moderna prevaricação intelectual sistematizada pela primeira vez por Kant em seus princípios reguladores". Ele explica por que: "O conhecimento que temos como verdadeiro e também vital para nós é menosprezado porque não podemos explicar sua aceitação em termos de uma filosofia crítica. Então nos sentimos no direito de continuar usando esse conhecimento, mesmo enquanto lisonjeamos nosso senso de superioridade intelectual depreciando-o. E vamos em frente, contando com firmeza nesse conhecimento desprezado para orientar e atribuir sentido às nossas perguntas mais exatas, enquanto fingimos que somente estas atingem nossos padrões de rigor científico." *Personal Knowledge: Towards a Post-Critical Philosophy* (Nova York: Routledge, 1962), 354.

26 Eric Baum, *What Is Thought?* (Cambridge, MA: MIT Press, 2004), 433-34. "Nem mesmo errado" é uma frase cunhada pelo físico Wolfgang Pauli. Certa vez, ao ler um artigo de um jovem físico, Pauli comentou: "Este trabalho é tão ruim que nem mesmo é errado." Em outras palavras, passa bem longe de quaisquer respostas possíveis.

27 McGinn, "All Machine and No Ghost?" (itálico acrescentado).

28 Francis Schaeffer, *The God Who Is There*, parte de *Francis A. Schaeffer Trilogy* (Wheaton, IL: Crossway, 1990), seção 2, cs. 2-4.

29 Slingerland, *What Science Offers*, 255, 289. Slingerland, "Mind-Body Dualism and the Two Cultures", em *Creating Consilience: Integrating the Sciences and the Humanities*, Edward Slingerland e Mark Collard (orgs.) (Oxford: Oxford University Press, 2012), 83, 84.

30 Rodney Brooks, *Flesh and Machines: How Robots Will Change Us* (Nova York: Pantheon, 2002), 174. Para mais informações sobre os temas deste capítulo, consulte *Total Truth*, edição guia de estudo, e meu artigo "Intelligent Design and the Defense of Reason", em *Darwin's Nemesis: Phillip Johnson and the Intelligent Design Movement*, William A. Dembski (org.) (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006).

31 Sobre a forma como ídolos levam a dualismos e desarmonias, Dooyeweerd diz: "A ordem cósmica aprova um julgamento interno sobre as absolutizações teóricas" de filosofias baseadas em ídolos. "A ordem-mundial divina (...) vinga-se em cada deificação" da criação temporal. *New Critique*, II:334, 363. Isto é, à medida que Deus entrega as pessoas a seus ídolos, suas filosofias contradizem cada vez mais a própria ordem cósmica.

32 G. K. Chesterton, *The Everlasting Man* (São Francisco: Ignatius, 1993), 143, 141. Porém, ironicamente, esses mesmos secularistas afirmam ser "pensadores livres". Bobagem, Chesterton responde. Devemos protestar vigorosamente quando secularistas "fecham todas as portas da prisão cósmica para nós, com um estrondo de ferro eterno, e nos dizem que nossa emancipação é um sonho e nosso calabouço uma necessidade; e então, calmamente, viram-se e dizem-nos que eles possuem um pensamento mais livre".

33 Schopenhauer, *The World as Will and Representation*, 421.

34 Rorty, *Contingency, Irony, and Solidarity*, 3.

35 Dallas Willard, "Truth in the Fire", apresentado no C. S. Lewis Centennial, Oxford, 21 de julho de 1998, www.dwillard.org/articles/artview.asp?artID=68.

36 Rorty, *Contingency*, 5.

37 William Lane Craig, "God Is Not Dead Yet", *Christianity Today*, 3 de julho de 2008 (itálico no original). Explicar esta dicotomia entre fatos e valores é um tema importante de *Total Truth.*

38 Ernest Gellner, *Legitimation of Belief* (Nova York: Cambridge University Press, 1974), 193-95.

39 "Seeking Christian Interiority: An Interview with Louis Dupré", *Christian Century,* 16-23 de julho de 1997.

40 Derek Parfit, "Reductionism and Personal Identity", em *Philosophy of Mind: Classical and Contemporary Readings*, org. David J. Chalmers (Oxford: Oxford University Press, 2002), 661 (itálico acrescentado).

41 Karsten Harries, "The Theory of Double Truth Revisited", em *Politics of Practical Reasoning: Integrating Action, Discourse, and Argument*, Ricca Edmondson e Karlheinz Hulser (orgs.) (Lanham, MD: Lexington, 2012), (itálico acrescentado).

42 Francis Crick, entrevistado por Roger Highfield, "Do Our Genes Reveal the Hand of God?", *Telegraph*, 20 de março de 2003.

43 Francis Schaeffer chamou esta estratégia de "retirar o telhado" – remover o escudo de negação que as pessoas erigem para se proteger das perigosas e inquietantes consequências de sua própria visão de mundo. Veja *The God Who Is There*, 140-42.

PRINCÍPIO 4 - Por que cosmovisões cometem suicídio

1 O relato a seguir é de uma entrevista pessoal com Michael Egnor, juntamente com um artigo de Egnor. "A Neurosurgeon, Not a Darwinist", *Forbes*, 5 de fevereiro de 2009.

2 Michael Ruse, *Darwin and Design: Does Evolution Have a Purpose?* (Harvard: Harvard University Press, 2003), 268 (itálico acrescentado).

3 Darwin propôs o mecanismo de variação mais seleção natural como o meio pelo qual as forças materiais possam mimetizar os efeitos do *design*. Como escreve o historiador Neal C. Gillespie, Darwin esperava mostrar "como a adaptação cega e gradual poderia falsificar o aparentemente intencional projeto" dos seres vivos, que na superfície parece tão obviamente "uma função da mente". *Charles Darwin and the Problem of Creation* (Chicago: University of Chicago Press, 1979), 83-85.

4 Czesław Miłosz, "The Discreet Charm of Nihilism", *New York Review of Books*, 19 de novembro de 1998 (itálico acrescentado).

5 Greg Koukl, "Suicide: Views That Self-Destruct", c. 7 em *Tactics: A Game Plan for Discussing Your Christian Convictions* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009).

6 Há uma exceção. A análise de ídolos nos diz que toda cosmovisão diviniza uma parte da criação e denigre o restante. Sendo assim, a única visão de mundo que não denigre a razão é a que a diviniza – ou seja, o racionalismo. Claro, o racionalismo tem outros problemas (por exemplo, não consegue explicar onde a razão vem), mas ele não se autodestrói, porque não reduz a razão a algo menor que a razão.

7 O positivismo lógico também é chamado de verificacionismo. Craig continua: "Sua queda significou que os filósofos estavam livres mais uma vez para enfrentar os problemas tradicionais da filosofia que o verificacionismo havia suprimido. Acompanhando este ressurgimento do interesse em questões filosóficas tradicionais, veio algo completamente inesperado: um renascimento da filosofia cristã." Craig, "God Is Not Dead Yet."

8 Veja a seção sobre Marxismo em *Total Truth*, 134-37, e meu capítulo sobre Marxismo em *How Now Shall We Live?*, c. 24. Embora o Marxismo tenha sido desacreditado na esfera econômica, imitações neomarxistas são endêmicas, especialmente em universidades. Movimentos radicais de libertação de muitos tipos aplicam as categorias marxistas de análise.

9 “A origem da mentira sagrada é a sede de poder.” Friedrich Nietzsche, *The Will to Power*, Walter Kaufmann e R. J. Hollingdale (trads.) (Nova York: Random House, 1967), seção 142.

10 Skinner rejeitou o próprio conceito de “inteligência consciente”, alegando que “teóricos da evolução (...) nunca mostraram como uma variação *não física* poderia surgir para ser selecionada por contingências *físicas* de sobrevivência.” “Can Psychology Be a Science of Mind?”, *American Psychologist*, novembro de 1990 (itálico acrescentado).

11 Paul Ricoeur apelidou o triunvirato de Marx, Nietzsche e Freud “os mestres da suspeita”, e a frase pegou. Esses pensadores praticavam uma “hermenêutica da suspeita” que tratava declarações comuns como expressões de “falsa consciência”. Veja *Freud and Philosophy*, D. Savage (trad.) (New Haven, CT: Yale University Press, 1970).

12 Alvin Plantinga, *Where the Conflict Really Lies: Science, Religion, and Naturalism* (Oxford: Oxford University Press, 2011), 271.

13 Slingerland, *What Science Offers*, 257.

14 C. S. Lewis, “Is Theology Poetry?” em *The Weight of Glory* (Nova York: HarperCollins, 1976), 139; and *Case for Christianity*, 32. Veja também Victor Reppert, *C. S. Lewis's Dangerous Idea: In Defense of the Argument from Reason* (Downers Grove: InterVarsity, 2003); e Stewart Goetz e Charles Taliaferro, “The Argument from Reason”, apêndice em *Naturalism* (Grand Rapids, MI, MI: Eerdmans, 2008).

15 Lewis, *Miracles*, 36; e a frase “observador angelical” é de Charles Taylor, Hegel (Cambridge: Cambridge University Press, 1975), 564.

16 John Gray, *Straw Dogs: Thoughts on Humans and Other Animals* (Nova York: Farrar, Straus, and Giroux, 2003), 26. Da mesma forma, Edward O. Wilson escreve: “Tudo o que foi aprendido empiricamente sobre a evolução (...) sugere que o cérebro é uma máquina montada não para entender a si mesma, mas para sobreviver.” *Consilience: The Unity of Knowledge* (Nova York: Vintage, 1998), 105. Mais recentemente, John Gray finalmente reconheceu o problema: “Se a mente humana evoluiu em obediência aos imperativos da sobrevivência, que razão há para pensar que ela pode adquirir o conhecimento da realidade, quando tudo o que é necessário a fim de reproduzir a espécie é que os seus erros e ilusões não sejam fatais? A filosofia puramente naturalista não pode explicar o conhecimento que acreditamos que possuímos.” Gray ainda cita Arthur Balfour, a quem C. S. Lewis creditou como fonte de sua própria crítica do naturalismo como sendo autodestrutivo. “A solução de Balfour era que o naturalismo é autodestrutivo: os seres humanos podem ter acesso à verdade somente porque a mente humana foi moldada por uma mente divina. Argumentos semelhantes podem ser encontrados em uma série de filósofos contemporâneos, principalmente Alvin Plantinga. Mais uma vez, não é preciso aceitar a solução teísta de Balfour para ver a força de seu argumento. Um relato rigorosamente naturalista da mente humana provoca uma visão muito mais cética do conhecimento humano do que é comumente reconhecido.” “The Closed Mind of Richard Dawkins”, *New Republic*, 2 de outubro de 2014.

17 Francis Crick, *The Astonishing Hypothesis: The Scientific Search for the Soul* (Nova York: Touchstone, 1994), 262. Esta ideia não é nova. Em 1903, o filósofo F. C. S. Schiller escreveu que a razão humana não passa de "uma arma na luta pela existência e um meio de alcançar a adaptação." "The Ethical Basis of Metaphysics", em *Humanism: Philosophical Essays* (Londres: Macmillan, 1903), 7-8.

18 Baum, *What Is Thought?* , 226. Steven Pinker, *How the Mind Works* (Nova York: W. W. Norton, 1997), 305. Mais uma vez, essa ideia não é nova. O filósofo Charles Peirce escreveu: "Provavelmente é mais vantajoso para o animal ter sua mente preenchida com visões agradáveis e encorajadoras, independentemente de sua verdade; e assim (...) a seleção natural pode ocasionar uma tendência falaciosa de pensamento." "The Fixation of Belief", *Popular Science Monthly* 12 (novembro de 1877).

19 Leon Wieseltier, "The God Genome", *New York Times*, 19 de fevereiro de 2006. Alvin Plantinga escreve que "o que a evolução garante é (no máximo) que nos comportamos de determinadas maneiras – para promover a sobrevivência (...) Ela não garante uma maioria de crenças verdadeiras ou verossímeis". *Warrant and Proper Function* (Nova York: Oxford University Press, 1993), 218. O filósofo Roger Trigg escreve: Para a evolução, "não importa se uma crença é verdadeira ou falsa, contanto que seja útil, de um ponto de vista genético". *Philosophy Matters* (Oxford: Blackwell, 2002), 83. Veja também Angus Menuge, *Agents under Fire: Materialism and the Rationality of Science* (Nova York: Rowman & Littlefield, 2004).

20 Thomas Nagel, *The Last Word* (Oxford: Oxford University Press, 1997), 135-36 (itálico no original). Veja também Douglas Groothuis, "Thomas Nagel's 'Last Word' on the Metaphysics and Rationality of Morality", *Philosophia Christi* (series 2) 1, no. 1 (1999).

21 O contexto das observações de Darwin revela claramente a natureza seletiva de seu ceticismo. De uma carta pessoal: "No entanto, você tem manifestado minha convicção íntima, embora muito mais vívida e claramente do que eu poderia ter feito, de que o universo não é resultado do acaso. Mas então comigo, a terrível dúvida sempre surge sobre se as convicções da mente do homem, a qual foi desenvolvida a partir da mente de animais inferiores, são de qualquer valor ou de todo confiáveis. Alguém confiaria nas convicções da mente de um macaco, se houver alguma convicção em tal mente?" C. R. Darwin to William Graham, 3 de julho de 1881, Darwin Correspondence Project, www.darwinproject.ac.uk/letter/entry-13230. Da *Autobiografia* de Darwin: "Outra fonte de convicção na existência de Deus, relacionada com a razão e não com os sentimentos, me impressiona como tendo muito mais peso. Isso decorre da extrema dificuldade ou mesmo impossibilidade de conceber este imenso e maravilhoso universo, incluindo o homem, com a sua capacidade de olhar muito para trás e longe para o futuro, como resultado do acaso ou da necessidade. Portanto, quando reflito, sinto-me compelido a olhar para a Primeira Causa como tendo uma mente inteligente em algum grau análogo ao do homem; e mereço ser chamado de teísta. "Esta conclusão estava forte em minha mente na altura em que, tanto quanto me lembro, escrevi *A origem das espécies*; e é desde então que, muito gradualmente, com muitas oscilações, tem se tornado mais fraca. Mas então surge a dúvida – pode a mente do homem, que se desenvolveu, como eu acredito plenamente, a partir de uma mente tão inferior como que a possuída pelo menor animal, ser confiável quando chega a essas grandiosas conclusões? Não podem estas ser resultado da conexão entre causa e efeito que nos parece uma condição necessária, mas provavelmente depende

apenas da experiência herdada? Também não devemos ignorar a probabilidade de a inculcação constante de uma crença em Deus na mente das crianças produzir um efeito tão forte e, talvez, herdado em seu cérebro ainda não totalmente desenvolvido, que seria tão difícil para eles abandonar a sua crença em Deus como para um macaco abandonar seu medo e ódio instintivo de uma cobra" "Recollections of the Development of My Mind and Character", Darwin Online, http://darwin-online.org.uk/content/frameset ?pageseq=116&itemID=CUL-DAR26.1-121&viewtype=side.

22 Stephen Jay Gould, *Ever Since Darwin: Reflections in Natural History* (Nova York: Norton, 1977), 12–13.

23 Kenan Malik, "In Defense of Human Agency", em *Consciousness, Genetics, and Society* (Stockholm: Ax:son Johnson Foundation, 2002).

24 Citado em Victoria Gill, "Big Bang: Is There Room for God?", *BBC News*, 19 de outubro de 2012. C. S. Lewis descreveu a evolução como um "grande mito" e disse: "O mito me pede para acreditar que a razão é simplesmente o subproduto imprevisto e involuntário de um processo irracional em um estágio de seu devir sem fim e sem rumo. Assim, o conteúdo do mito arranca de mim o único motivo pelo qual eu poderia acreditar que o mito fosse verdade. Se minha própria mente é um produto do irracional – se o que parecem ser meus mais claros raciocínios são apenas a maneira que uma criatura condicionada como eu sou é obrigada a sentir-se – como devo confiar em minha mente quando ela me fala sobre Evolução?" "The Funeral of a Great Myth", em *Christian Reflections* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1967), 89. Em outro texto, Lewis escreve que aqueles que descrevem o pensamento humano "como um fenômeno evolutivo" sempre têm de fazer "uma exceção tácita" para seu próprio pensamento – pelo menos no momento em que estão fazendo a declaração. *Miracles*, 36.

25 Phillip E. Johnson escreve: "Nós ainda vemos os reducionistas descrevendo complacentemente a crença religiosa, quer como um meme ou como o produto de um 'módulo de Deus' no cérebro, sem perceber que estão serrando o galho em que eles próprios estão sentados. Se a matéria impensada causa os pensamentos que os materialistas *não* gostam, então o que causa os pensamentos que eles *gostam*?" *The Wedge of Truth: Splitting the Foundations of Naturalism* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000), 149 (itálico no original).

26 Richard Cohen, "Alternative Interpretations of the History of Science", em *The Validation of Scientific Theories*, Philipp G. Frank (org.) (Boston: Beacon, 1956), 227; e Christopher Kaiser, *Creation and the History of Science* (Grand Rapids, MI, MI: Eerdmans, 1991), 10.

27 Veja como Johannes Kepler expressou a ideia: o mesmo Deus que fundou o mundo de acordo com as normas matemáticas "também dotou o homem com uma mente que pode compreender estas normas". Por quê? "Deus quis que percebêssemos [essas leis matemáticas] quando nos criou à sua imagem, a fim de que possamos tomar parte em seus próprios pensamentos." Citado em Robert Nadeau, *Readings from the New Book on Nature* (Amherst: University of Massachusetts Press, 1981), 28. Veja também *The Soul of Science*, caps. 3 e 6.

28 Eugene Wigner, "The Unreasonable Effectiveness of Mathematics in the Natural Sciences", em *Mathematics: People, Problems, Results*, vol. 3, Douglas M. Campbell e John C. Higgins (orgs.) (Belmont, CA: Wadsworth International, Brigham Young University, 1984). Veja minha discussão em *The Soul of Science*, 159.

29 Morris Kline, *Mathematics: The Loss of Certainty* (Nova York: Oxford University Press, 1980), 35.

30 A citação é de Hans-Georg Gadamer, *Truth and Method* (Nova York: Continuum, 1989), 459. Semelhantemente, Roland Barthes escreve: "Para nós, também, é a linguagem que fala, não o autor." "The Death of the Author", em *Image—Music—Text* (Nova York: Hill and Wang, 1977). Martin Heidegger escreve: "A linguagem fala (...) O homem age como se fosse o modelador e mestre da linguagem, quando, na verdade, ela continua sendo o mestre do homem." *Poetry, Language, Thought* (Nova York: HarperCollins, 1971), 194, 144 . Foi Wittgenstein quem redefiniu questões de filosofia como questões de linguagem, "transformando questões kantianas sobre a razão para aquelas sobre a linguagem." Solomon, *Continental Philosophy*, 148.

31 Jean-François Lyotard, *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*, Geoff Bennington e Brian Massumi (trads.) (Mineápolis: University of Minnesota Press, 1984, originalmente publicado em francês em 1979), 36. Lyotard toma emprestado o termo *jogos de linguagem* de Wittgenstein e diz: "O que ele quer dizer com este termo é que cada uma das várias categorias do enunciado pode ser definida em termos de regras que especifiquem as suas propriedades e os usos que podem ser colocados – exatamente da mesma forma como o jogo de xadrez é definido por um conjunto de regras que determinam as propriedades de cada uma das peças, em outras palavras, a maneira correta de movê-las" (10).

32 A acusação de que o pós-modernismo "fica preso em uma contradição performativa" foi feita por Jurgen Habermas, *Philosophical Discourse of Modernity* (Cambridge, MA: MIT Press, 1987).

33 Barthes, "Death of the Author"; e Derrida, citado em Solomon, *Continental Philosophy*, 201.

34 Barthes, "Death of the Author".

35 Alan Jacobs, "Deconstruction", *Contemporary Literary Theory: A Christian Appraisal*, org. Clarence Walhout e Leland Ryken (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991), 192.

36 Nas palavras do professor de literatura John Ellis, "o compromisso do erudito sobre raça-gênero-classe para com as suas verdades (...) é tão rígido quanto poderia ser". *Literature Lost: Social Agendas and the Corruption of the Humanities* (New Haven, CT: Yale University Press, 1997), 191.

37 Mark C. Taylor, *Disfiguring: Art, Architecture, Religion* (Chicago: University of Chicago Press, 1992), 261. Taylor está se referindo especificamente à arquitetura, embora generalize para outras artes: "Na medida em que o autor-arquiteto é feito à imagem de Deus, a morte de Deus sugere o desaparecimento do autor-arquiteto."

38 Lyotard, *Postmodern Condition*, 81-82; e Eagleton, *Culture and the Death of God*, 192.

39 West, *Introduction to Continental Philosophy*, 40.

40 Jacobs, "Deconstruction", 190.

41 *Chronicle of Higher Education*, 27 de junho de 1997, B13, citado em Carl P. E. Springer, "The Hermeneutics of Innocence: Literary Criticism from a Christian Perspective", Leadership U, www.leaderu.com/aip/docs/springer .html#ref6.

42 Frank Lentricchia, "Last Will and Testament of an Ex-Literary Critic," *Lingua Franca,* setembro/outubro de 1996, 64.

43 Bruno Latour, "Why Has Critique Run Out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern", *Critical Inquiry*, 30 (inverno de 2004): 237-39. Como Latour comenta, "Uma coisa é clara: nenhum de nós, leitores, gostaria de ver os *próprios* objetos mais queridos tratados desta forma" (itálico no original).

44 Karen Swallow Prior, "'Empathetically Correct' Is the New Politically Correct", *Atlantic,* 23 de maio de 2014.

45 Jean-Paul Sartre, "Existentialism and Humanism", em *The Modern Tradition: Backgrounds of Modern Literature*, Richard Ellmann e Charles Fiedelson Jr. (orgs.) (Nova York: Oxford University Press, 1965), 828.

46 Michel Foucault, "Nietzsche, Genealogy, History", em *The Foucault Reader*, Paul Rabinow (org.) (Nova York: Pantheon, 1984), 81, 94. O filósofo é John McCumber, *Time and Philosophy: A History of Continental Thought* (Montreal: McGill-Queen's University Press, 2011), 323. Um exemplo pode ser útil: Judith Butler ilustra tanto a dissolução do sujeito quanto a ideia de que o ego é um produto da identidade do grupo. Ela argumenta que uma pessoa não tem um gênero de identidade essencial – na verdade, não há nenhum "sujeito estável" para que "tenha" um gênero. Em vez disso, o gênero está continuamente sendo criado através dos próprios atos pelos quais se expressa: "O gênero está sempre em construção (...) Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero (...) a identidade é constituída de forma performativa, pelas próprias 'expressões' que consideramos como sendo o seu resultado." Além disso, o "gênero cruza com modalidades raciais, de classe, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas." *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (Nova York: Routledge, 1990), 25, 3.

47 Veja *Total Truth*, 132-33, 138, e 408, n. 17.

48 Da edição de 1984.

49 A primeira parte da citação é de uma entrevista com Slavoj Žižek no *The Believer*, de julho de 2004. A segunda parte da citação é de Slavoj Žižek, *The Fragile Absolute, or Why Is the Christian Legacy Worth Fighting For?* (Londres: Verso, 2002), 129.

50 Veja Dennis Hollinger, "The Church as Apologetic: A Sociology of Knowledge Perspective", em Christian Apologetics in a Postmodern *World*, Timothy R. Phillips e Dennis L. Okholm (orgs.) (Downers

Grove, IL: InterVarsity, 1995), 183.

51 Francis Schaeffer, *The Mark of the Christian*, 2a ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006), *passim*.

52 A visão inferior do materialismo sobre o mundo material tem poderosas consequências reais para questões como o aborto e a homossexualidade. Veja *Saving Leonardo*, c. 3, e "Transgender Politics vs. the Facts of Life", The Pearcey Report, www.pearceyreport.com/archives/2013/07/nancy_pearcey_transgender_politics_vs_facts_of_life.php.

53 Alvin Plantinga, *Warrant and Proper Function* (Nova York: Oxford University Press, 1993), esp. c. 5, "Perception".

54 Veja *The Soul of Science*, cap. 1.

PRINCÍPIO 5 - Ateus oportunistas

1 "Barna Survey Examines Changes in Worldview among Christians over the Past 13 Years", 6 de março de 2009, www.barna.org/barna-update/21-transformation/252-barna-survey-examines-changes-in-worldview-among-christians-over-the-past-13-years#.VC1nu_ldWSo. Só uma pergunta na pesquisa aborda um genuíno problema de visão de mundo: a crença "de que a verdade moral absoluta existe".

2 Hume, *Inquiry*, 77. Hume consistentemente coloca a razão (filosofia) contra a natureza ("instinto ou impulso natural"), queixando-se de que a natureza nos impede de seguir nossos pensamentos até suas conclusões lógicas. Veja *Treatise of Human Nature*, 101.

3 Johnson, *First Step*, 25. Esta seção baseia-se em uma palestra minha intitulada "Sexual Identity in a Secular Age", apresentada em 5 de agosto de 2013, na Houston Baptist University, Summer in the City lecture series.

4 Alexis de Tocqueville, *Democracy in America: Historical-Critical Edition of "De la démocratie en Amérique",* vol. 3, Eduardo Nolla (org.), James T. Schleifer (trad.) (Indianápolis: Liberty Fund, 2010), 733.

5 Friedrich Nietzsche, *The Will to Power*, seção 765.

6 Luc Ferry, *A Brief History of Thought: A Philosophical Guide to Living* (Nova York: Harper Perennial, 2011), 77 (itálico no original).

7 Richard Rorty, "Moral Universalism and Economic Triage", apresentado no Second Unesco Philosophy Forum, Paris, 1996. Reproduzido no *Diogenes*, vol. 44, issue 173 (1996).

8 Richard Rorty, "Postmodernist Bourgeois Liberalism", *Journal of Philosophy* 80, no. 10 (outubro de 1983): 583-89. "Oportunismo" é o que chamei de "trapaça filosófica" em *Total Truth*, 319-21. Francis Schaeffer chama de "trapaça intelectual" "A Review of A Review", *The Bible Today*, outubro de 1948, 7-9. Robert Kraynak, professor de ciência política, observa que o número de pessoas que estão sendo

oportunistas é cada vez maior: "O que é tão estranho sobre nossa época é que a exigência de respeito dos direitos humanos e da dignidade humana está *aumentando*, mesmo quando as bases para essas demandas estão desaparecendo. Em particular, as crenças no homem como uma criatura feita à imagem de Deus (...) estão sendo substituídas por um materialismo científico que compromete o que é nobre e especial sobre o homem e pelas doutrinas do relativismo, que negam a moralidade objetiva necessária para embasar a dignidade humana." "Justice without Foundations", *New Atlantis*, www.thenewatlantis.com/publications/justice-without-foundations. Kraynak acrescenta: "Relativistas pós-modernos como Rorty e darwinistas como Dennett e Pinker têm compromissos com a justiça social, entendida como democracia, direitos humanos e respeito pela dignidade humana, que são completamente incompatíveis com os seus pontos de vista filosóficos e científicos. A evolução darwiniana não suporta a democracia e os direitos humanos ou a dignidade inerente do indivíduo – se suporta algum tipo de código moral, é um código do forte dominando o fraco" (http://darwinianconservatism.blogspot.com/2012/01/kraynaks-nietzschean-attack-on.html).

9 A. R. Hall, *The Scientific Revolution, 1500–1800: The Formation of the Modern Scientific Attitude* (Boston: Beacon, 1954), 171-72. Além disso, o conceito de leis da natureza não foi considerado metafórico, uma mera figura de retórica, mas literalmente verdadeiro. Como explica o historiador John Randall, "as leis naturais eram consideradas como verdadeiras leis ou comandos, decretos do Todo-Poderoso, literalmente obedecidas sem um único ato de rebeldia". John Herman Randall, *The Making of the Modern Mind* (Nova York: Columbia University Press, 1940), 274.Veja também Stephen F. Mason, *A história das Ciências*, publicado originalmente sob o título *Main Currents of Scientific Thought* (Nova York: Collier Books, 1962), 173, 182.

10 Mary Midgley, "Does Science Make Belief in God Obsolete? Of Course Not", John Templeton Foundation,www.templeton.org/belief/.

11 Paul Davies, "Physics and the Mind of God: The Templeton Prize Address", *First Things* 55 (agosto/setembro de 1995): 31-35.

12 Muitas pessoas erroneamente pensam que a ciência surgiu somente após o Iluminismo ter libertado a Europa de sua antiga influência cristã – que a ciência é, portanto, um produto do secularismo. Não é assim. O sociólogo de religião Rodney Stark chega a ponto de dizer: "O 'Iluminismo' [foi] concebido inicialmente como uma manobra de propaganda por ateus e humanistas militantes que tentaram reivindicar o crédito da ascensão da ciência." *For the Glory of God: How Monotheism Led to Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003), 123.

13 John Gray, *Straw Dogs* (Farrar, Straus and Giroux, 2007), xi-xii, xiii, 4, 49. Gray argumenta que a totalidade do liberalismo ocidental é, na verdade, parasitária sobre o Cristianismo. Ele afirma, por exemplo, que a elevada perspectiva do liberalismo sobre a pessoa humana é derivada diretamente do Cristianismo: "O Humanismo liberal herda várias crenças-chave cristãs – sobretudo, a crença de que os seres humanos são categoricamente diferentes de todos os outros animais." Nenhuma outra religião suscitou a convicção de que os humanos têm uma dignidade única. Pense nisso desta maneira: se Darwin tivesse anunciado sua teoria da evolução na Índia, China ou Japão, dificilmente teria causado grandes

reboliços. “Se – juntamente com centenas de milhões de hindus e budistas – você nunca tivesse acreditado que os homens são diferentes de tudo o mais no mundo natural por terem uma alma imortal, seria difícil ficar agitado por conta de uma teoria que mostra quanto temos em comum com outros animais.” A alta visão ocidental da dignidade humana e dos direitos humanos é diretamente emprestada do Cristianismo. “A cosmovisão secular é simplesmente a opinião cristã sobre mundo, com Deus deixado de lado,” Gray conclui. “O humanismo não é uma alternativa à crença religiosa, mas sim uma versão degenerada e inconsciente dela.” John Gray, “Exposing the Myth of Secularism”, *Australian Financial Review*, 3 de janeiro de 2003. Em outro artigo, Gray escreve: “A ideia de livre-arbítrio que informa noções liberais de autonomia pessoal tem origem bíblica (pense na história do Gênesis). A crença de que exercer o livre-arbítrio é parte do ser humano é um legado de fé.” Assim, praticamente todas as variedades de ateísmo hoje “são um derivado do Cristianismo.” Gray, “The Atheist Delusion”, *Guardian*, 14 de março de 2008. Para ler mais, consulte *Total Truth*, 320.

14 Thomas Nagel, *Mind and Cosmos: Why the Materialist Neo-Darwinian Conception of Nature Is Almost Certainly False* (Oxford: Oxford University Press, 2012), 48-52.

15 Nagel, *Mind and Cosmos*, 18-19. Nagel escreve que precisamos de uma visão alternativa do cosmos que faça “mente, significado e valor tão fundamentais quanto matéria e tempo-espaço em um relato do que existe” (20). Veja também Thomas Nagel, “The Core of ‘Mind and Cosmos’”, *New York Times*, 18 de agosto de 2013.

16 Nagel, *Mind and Cosmos*, 128. “Nagel foi imediatamente instigado e (simbolicamente) espancado até a morte por todos os principais punks, valentões e puxa-sacos do submundo filosófico. Atacar Darwin é o pecado contra o Espírito Santo que os cientistas devotos ensinaram a nunca perdoar.” David Gelernter, “The Closing of the Scientific Mind”, *Commentary*, 1º de janeiro de 2014.

17 Thomas Nagel, *The Last Word* (Oxford: Oxford University Press, 1997), 130-31. Nagel propõe que o mesmo problema de autoridade cósmica “é responsável por grande parte do cientificismo e reducionismo de nosso tempo”.

18 Nagel, *Mind and Cosmos*, 15. Meu objetivo é “não oferecer uma alternativa”, mas apenas mostrar por que uma alternativa é necessária (12). “Tudo o que pode ser feito a esta altura na história da ciência é argumentar em favor do reconhecimento do problema, não oferecer soluções” (33). Nagel espera encontrar uma explicação que envolva algum tipo de teleologia (propósito) imanente no cosmos material, para evitar a necessidade de um Determinador transcendente. Ele escreve sobre sua “preferência intelectual sem justificativas” para uma teleologia imanente, ou o que chama de “teleologia naturalista”. “A minha preferência por uma explicação imanente natural é congruente com meu ateísmo” (12, 26, 93). Ele admite que não está confiante de que o conceito de “teleologia sem intenção faz sentido” (93), e seu palpite está correto: não faz. Uma filosofia que Nagel considera – mas não abraça – é a ideia de uma mente que permeia o universo a partir de dentro. Este ponto de vista é chamado pampsiquismo. É a noção neoplatônica de que tudo é permeado por uma forma rudimentar de mente ou consciência. O pampsiquismo está sendo reavivado hoje especialmente entre os proponentes do pensamento do processo e da teologia do processo. Eles argumentam que a vida e a consciência não poderiam emergir da matéria

pura. Portanto, deve haver alguma forma rudimentar de vida e consciência, mesmo nos níveis mais baixos da matéria. Leia esta descrição por um adepto: "O tipo de pampsiquismo que eu acho interessante é aquele desenvolvido em um sistema global por Alfred North Whitehead, Henri Bergson, Charles Hartshorne, David Ray Griffin e muitos outros durante o século 20. Está crescendo em popularidade, mas ainda é um ponto de vista minoritário. A ideia básica é que todos os componentes do universo possuem pelo menos algum tipo rudimentar de consciência ou experiência, que são apenas palavras diferentes para subjetividade ou percepção (...) Nenhum pampsiquista moderno que eu conheça argumenta que uma cadeira ou uma pedra é consciente. Em vez disso, as moléculas que compõem a cadeira ou a rocha presumivelmente possuem um tipo muito rudimentar de consciência." Tam Hunt, "The C Word – Consciousness – and Emergence", *Santa Barbara Independent*, 8 de janeiro de 2011. No recente livro *Consciousness and Its Place in Nature*, o filósofo britânico Galen Strawson defende o pampsiquismo, que também tem sido apoiado pelo filósofo australiano David Chalmers e pelo físico de Oxford, Roger Penrose.

19 Raymond Tallis, *Aping Mankind: Neuromania, Darwinitis, and the Misrepresentation of Humanity* (Durham: Acumen, 2011), 212-13 (itálico no original).

20 Tallis, *Aping Mankind*, 317. Sobre neuroética, Tallis está citando Paula Churchland em Neurophilosophy. Sobre neuroeconomia, veja, por exemplo, Dan Monk, "Nielson (NLSN) clients use neuroscience to craft better commercials", WPCO Cincinnati. Copyright 2013 Scripps Media.

21 Tallis, *Aping Mankind*, 332; 59-71 e c. 8; e 348.

22 Emily Wax, "Thinking Man's Therapy", *Washington Post*, 22 de agosto de 2011.

23 Eagleton, *Culture and the Death of God*, 204.

24 Luc Ferry, *A Brief History of Thought: A Philosophical Guide to Living* (Nova York: Harper, 2011), 6.

25 Pierre Hadot, *Philosophy as a Way of Life* (Oxford: Blackwell, 1995), 103, 83.

26 Pierre Hadot, *Plotinus, or the Simplicity of Vision* (Chicago: University of Chicago Press, 1993, originalmente publicado em francês em 1989), 75-76.

27 Alain de Botton , "Can Tolstoy Save Your Marriage?", *Wall Street Journal*, 18 de dezembro de 2010; Samuel Muston, "Too Cool for Night School?", *Independent*, 9 de janeiro de 2014. Para uma revisão do livro de Botton, consulte Douglas Groothuis, "Religion for Atheists: A Nonbeliever's Guide to the Uses of Religion", *Denver Journal*, 16 (24 de janeiro de 2013).

28 André Comte-Sponville, *The Little Book of Atheist Spirituality*, Nancy Huston (trad.) (Nova York: Penguin, 2006).

29 "Britain's First Atheist Church", *Huffington Post UK*, 1º de julho de 2013; e "Atheist 'Mega-churches' Take Root across US, World", *Newsmax*, 10 de novembro de 2013.

30 Wilfrid Sellars, *Science, Perception, and Reality* (Atascadero, CA: Ridgeview, 1991), 173; e Bertrand Russell, *Science and Religion* (Oxford: Oxford University Press, 1935), 235.

31 John Gray, "A Point of View: Can Religion Tell Us More Than Science?", *BBC News*, 16 de setembro de 2011.

32 Michael Bond, "Atheists Turn to Science during Times of Stress", *New Scientist*, 7 de junho de 2013.

33 W. R. Thompson, "Introduction", em Charles Darwin, *Origin of Species* (Nova York: Dent, 1956), 12.

34 "A evolução, semelhantemente à religião, envolve determinadas suposições *a priori* ou metafísicas, as quais, em algum nível, não podem ser comprovadas empiricamente." Michael Ruse, "Nonliteralist Antievolution", AAAS Symposium: "The New Antievolutionism", 13 de fevereiro de 1993, Boston, www.leaderu.com/orgs/arn/orpages/or151/mr93tran.htm. Cf. Tom Woodward, "Ruse Gives Away the Store", http://simpleapologetics.com/tomwoodward.html.

35 A peça foi composta por Gregory Brown. Assista uma apresentação aqui: www.gregorywbrown.com/missa-charles-darwin/.

36 Stuart Kauffman, "Beyond Reductionism: Reinventing the Sacred", *Edge*, 12 de novembro de 2006. Kauffman continua: "Este Deus traz consigo um senso de unidade, união com toda a vida e nosso planeta – expande a nossa consciência e parece naturalmente conduzir a um potencial ético global maior de maravilha, admiração, responsabilidade dentro dos limites delimitados de nossa capacidade, para toda a vida e sua casa, a Terra, e mais além ao explorarmos o Sistema Solar (...) Devemos usar a palavra Deus? É nossa escolha. A minha é um tímido 'sim'. Eu quero que Deus signifique a vasta criatividade incessante do único universo que conhecemos, o nosso." Francis Schaeffer advertiu que palavras religiosas indefinidas como "Deus" podem ser usadas para as conotações deles para manipular as pessoas emocionalmente. Veja *The God Who Is There* e *Escape from Reason.*

37 Visões como a de Kauffman às vezes são rotuladas como naturalismo religioso. Exemplos de naturalismo religioso incluem Jerome A. Stone, Religious Naturalism Today (Nova York: State U. of New York Press, 2008); Chet Raymo, When God Is Gone, Everything Is Holy: Making of a Religious Naturalist (Notre Dame, IN: Sorin Books, 2008); Loyal Rue, Religion Is Not about God (Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2006).

38 Jeremy Rifkin, *Algeny* (Nova York: Viking, 1983), 188, 195, 244.

39 C. S. Lewis, *The Abolition of Man* (Nova York: HarperCollins, 1947), 29.

40 Richard Dawkins, *River Out of Eden: A Darwinian View of Life* (Londres: Orion, 1995), 155.

41 Sobre solipsismo, veja o Princípio 1 neste livro. O filósofo Stephen Thornton diz que grande parte da filosofia moderna levaria ao solipsismo, se cumprida até sua conclusão lógica: "Embora nenhum grande filósofo tenha explicitamente abraçado o solipsismo, isso pode ser atribuído à inconsistência de grande parte do raciocínio filosófico. Muitos filósofos têm fracassado em aceitar as consequências lógicas de seus

próprios compromissos e preconceitos mais fundamentais. As fundações do solipsismo estão no cerne da opinião de que o indivíduo obtém seus próprios conceitos psicológicos (pensar, querer, perceber, e assim por diante) de 'seus próprios processos, ' ou seja, por abstração da 'experiência interior.' " "Essa perspectiva, ou alguma variante dela, tem sido sustentada por muitos, se não pela maioria dos filósofos desde que Descartes fez da busca egocêntrica pela verdade o objetivo primário do estudo crítico da natureza e dos limites do conhecimento. Neste sentido, o solipsismo está implícito em muitas filosofias do conhecimento e da mente desde Descartes e qualquer teoria do conhecimento que adota a abordagem egocêntrica cartesiana como estrutura básica de referência é inerentemente solipsista." "Solipsism and the Problem of Other Minds", *The Internet Encyclopedia of Philosophy*, www.iep.utm.edu/solipsis/."

42 Bertrand Russell, "A Free Man's Worship", 1903, em *Mysticism and Logic* (Nova York: Routledge, 1986).

43 De um debate entre William B. Provine e Phillip E. Johnson na Universidade de Stanford, 30 de abril de 1994, intitulado "Darwinism: Science or Naturalistic Philosophy?", www.cjas.org/~leng/provine.txt.

44 Lewis acrescenta que a fome pela verdade irá "forçá-lo não para propor, mas para *viver através* de uma espécie de prova ontológica" da existência de Deus. Lewis, *The Pilgrim's Regress: An Allegorical Apology for Christianity, Reason and Romanticism* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1981), 204-5(itálico acrescentado).

45 Bradley Wright, "Why Do Christians Leave the Faith? The Fundamental Importance of Apologetics", *Patheos*, 17 de novembro de 2011; "Why Do Christians Leave the Faith? The Problem of Responding Badly to Doubt", *Patheos*, 1º de dezembro de 2011; e "Why Do Christians Leave the Faith? The Relative Unimportance of Non-Christians", *Patheos*, 8 de dezembro de 2011. Veja também Larry Taunton, "Listening to Young Atheists", *Atlantic*, 6 de junho de 2013.

46 Harper Lee, *To Kill a Mockingbird* (Nova York: Grand Central, 1960), 39.

47 Ravi Zacharias e R. S. B. Sawyer, *Walking from East to West* (Grand Rapids, MI, MI: Zondervan, 2006), 36.

48 "What I Wish I'd Known before I Went to University", *Beyond Teachable Moments* (blog), 25 de junho de 2014, http://beyondtm.wordpress.com/2014/06/25 /what-i-wish-id-known-before-i-went-to-university/?
utm_content=bufferb7f07&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer.

PARTE 3 - Como o pensamento crítico salva a fé

1 Nancy Pearcey, "How Critical Thinking Saves Faith", *The Pearcey Report*, 22 de dezembro de 2010. Quando a revista *Christianity Today* publicou o artigo, os editores mudaram o título para "How to Respond to Doubt", www.christianitytoday.com/women/2010/december/nancy-pearcey-how-to-respond-to-doubt.html?paging=off.

2 G. K. Chesterton, *Heretics* (Radford, VA: Wilder, 2007 [1905]), 115.

3 Para mais detalhes, juntamente com as fontes, para os movimentos de arte descritos na seção seguinte, consulte *Saving Leonardo*, capítulos 4-9.

4 Essas palavras são de uma descrição de pinturas todas pretas por Ad Reinhardt. Walter Smith, "Ad Reinhardt's Oriental Aesthetic", *Smithsonian Studies in American Art 4*, no. 3/4 (verão-outono de 1990). Veja também Jack Flam, "Ad Reinhardt's Black Paintings, the Void, and Chinese Painting", *Brooklyn Rail*, 16 de janeiro de 2014.

5 Ravi Zacharias, *Can Man Live without God?* (Nashville: Thomas Nelson, 1994), 21.

6 Citado em Richard M. Gamble, *The War for Righteousness: Progressive Christianity, the Great War, and the Rise of the Messianic Nation* (Wilmington, DE: Intercollegiate Studies Institute, 2003), 30.

7 Gustavo Gutiérrez, "Two Theological Perspectives: Liberation Theology and Progressivist Theology", *The Emergent Gospel: Theology from the Developing World*, orgs. Sergio Torres e Virginia Fabella (Londres: Geoffrey Chapman, 1978), *Papers from the Ecumenical Dialogue of Third World Theologians*, Dar es Salaam, Tanzania, 5-12 de agosto de 1976, 227-55, nota 241.

8 Elisabeth Schüssler Fiorenza, Bread Not Stone: The Challenge of Feminist Biblical Interpretation (Boston: Beacon, 1984), 145.

9 Veja William Hasker, "The Problem of Evil in Process Theism and Classical Free Will Theism", *Process Studies* 29, no. 2 (outono-inverno de 2000).

10 Myron Penner , *The End of Apologetics: Christian Witness in a Postmodern Context* (Grand Rapids, MI: Baker, 2013), 99. Penner oferece algumas qualificações: o fato de que o conhecimento humano é "finito, falível, e contingente" não significa que as verdades do evangelho sejam, portanto, "*falsas* ou *relativas* de algum modo absoluto e final" (120, itálico no original). Contudo, ao longo do livro, Penner endossa pensadores e conceitos pós-modernos de forma acrítica, o que torna problemático explicar a forma que (como ele timidamente escreve) "por fim, pode ser possível falar sobre a verdade cristã" (40).

11 C. S. Lewis, "On Learning in Wartime", em *The Weight of Glory* (Nova York: Macmillan, 1980), 28.

12 Dallas Willard, "The Redemption of Reason" (palestra, Biola University, La Mirada, CA, 28 de fevereiro de 1998), www.dwillard.org/articles/artview.asp?artID=118.

13 Allan Bloom, *The Closing of the American Mind* (Nova York: Touchstone, 1987), 58.

14 Lecrae, entrevistado por Dustin Stout, "Lecrae on Engaging Culture for Jesus: #R12", ChurchMag, 24 de outubro de 2012, http://churchm.ag/r12-lecrae-engaging-culture/.

15 "Entrevista: Lecrae Talks about Going from 'Crazy Crae' to Christian Rapper", *Complex*, 8 de junho de 2012.

16 Lecrae Moore, "Because Jesus Lives, We Engage Culture", Resurgence Conference, 9-10 de outubro de 2012, http://cdn.theresurgence.com/files/R12_Newsprint_web.pdf. Para outros textos em que Lecrae

cita *Total Truth*, veja The Liberty University Convocation, 22 de março de 2013, www.youtube.com/watch?v=aCVBUA8SMTs; Matt Perman, "Lecrae and the Doctrine of Vocation", *What's Best Next*, 6 de outubro de 2013, http://whatsbestnext.com/2013/10/lecrae-doctrine-vocation/.

17 Citado em Emma Green, "Lecrae: 'Christians Have Prostituted Art to Give Answers'", *Atlantic*, 6 de outubro de 2014.

18 Para ler o contexto das citações nesta seção, consulte *Total Truth*, 35, 75-76, 83-84.

19 Citado em Andrew Greer, "Lecrae: Defying Gravity", *Today's Christian Music*, 1º de setembro de 2012.

20 Citado em Chad Bonham, "A Conversation with Christian Hip-Hop Artist Lecrae", Beliefnet, http://features.beliefnet.com/wholenotes/2012/06/a-conversation-with-christian-hip-hop-artist-lecrae.html#ixzz2IjfeLe91.

21 Lecrae, entrevista, "We Engage Culture for Jesus," Encouragements through the Word, 4 de março de 2013, http://encouragementsthroughtheword.wordpress.com/2013/03/04/we-engage-culture-for-jesus-an-interview-of-christian-artist-lecrae/.